

GENES, GIANTS, MONSTERS AND MEN



AUTHOR OF BABYLON'S BANKSTERS

JOSEPH P. FARRELL

THE SURVIVING ELITES OF THE COSMIC WAR
AND THEIR HIDDEN AGENDA

[T.ME/NARRADORLIVROS](https://t.me/narradorlivros)

GENES, GIANTS, MONSTERS AND MEN

THE SURVIVING ELITES OF THE COSMIC WAR
AND THEIR HIDDEN AGENDA

JOSEPH P. FARRELL



FERAL HOUSE

Índice

Título

PageReconhecidos

emasIntrodução

I. - CONSEQUÊNCIAS PÓS-BELLUM:

Um - O ENIGMA DE KOLDEWEY E O DILEMA DE DELITZSCHA.

O ENIGMA DE KOLDEWEY: O SIRRUSH

B. DILEMA DE DELITZSCH: BABEL E BIBEL

Dois - MARDUK MEDIU A ESTRUTURA DO FUNDO:

A. UM PROFESSOR DE OXFORD derruba o padrãoMODELO: ALEXANDER THOM, O TRABALHO DELE, ...

B. A ELITE OCULTA E O CENÁRIO DA GUERRA CÓSMICA

C. THECOSMICWAR:MARDUKMEASURED

A

ESTRUTURA DO

PROFUNDOD.

CONCLUSÕES

Três - AS TECNOLOGIAS DE REVELAÇÃO ESPECIAL:

A. DAVID KORESH OUVE A VOZ DE DEUS... OU FOI APENAS CHARLTON HESTON?

B. MANIPULADORES DA MENTE: MENTE MANIPULAÇÃO TECNOLOGIAS

C. OS TEMPLOS DE TORÇÃO DA ANTIGUIDADE: UM PRIMITIVO TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO...

D. OS REVELADORES DE RELIGIÃO:
O'BRIEN'S CONSIDERAÇÃO TECNOLÓGICA DO...

Quatro - ELITE COM AGENDAS:

II. - GENES E GIGANTES, OU,

Cinco - AS GUERRAS DO GENOMA:

A. UMA VISÃO GERAL DA GUERRA GENÔMICA MODERNA: ACORRIDA ENTRE O GENOMA HUMANO...

B. TECNOLOGIAS E LEGALIDADES

C. AS POTENCIALIDADES DA ENGENHARIA GENÉTICA

D. A GUERRA DO GENOMA "MESOPOTAMIANO": OS O'BRIENS NOVAMENTE

Seis - UMA CONEXÃO DE DIVERSOS: A.

OS CÓDIGOS DENTRO DO

CÓDIGO

B. DE VOLTA ÀS TÁBUAS DE DESTINOS

C. GIGANTES, E "A CONSPIRAÇÃO ARQUEOLÓGICA"

D. CONCLUSÕES: FAZENDO ESTOQUE ATÉ AGORA

III. - MONSTROS E HOMENS

Sete - O RETORNO DO SIRRUSH:

A. GREGOS, GIGANTES, MONSTROS E GUERRA
B. ÍNDIOS, GIGANTES, MONSTROS E GUERRA

Eight - UMA MEMÓRIA DO HOMEM DO PASSADO:

A. VÉSPERA MITOCONDRIAL E SEUS SETE EUROPEUS
FILHAS

B. CRONOLOGIA EVOLUCIONÁRIA DAS ORIGENS DEO
HOMEM E O PROBLEMA CRONOLÓGICO

C. RESOLUÇÕES CRONOLÓGICASE
AGENDAS:ALGUMAS ESPECULAÇÕES

BIBLIOGRAFIA

Companhiapágina pyright



*“Acho que somos propriedade.
Devo dizer que pertencemos a algo:
Que uma vez esta terra foi Terra de Ninguém, que
outros mundos exploraram e colonizaram aqui, e
lutaram entre si pela posse,
mas que agora é propriedade de algo:
Que algo possui esta terra - todos os outros advertiram.*

...

*“Suspeito... que tudo isso é conhecido, talvez há séculos, por
alguns nesta terra, um culto ou ordem,
membros dos quais funcionam como guias para o resto de
nós, ou como escravos ou supervisores superiores, dirigindo-
nos de acordo com as instruções recebidas - de algum outro
lugar -
em nossa misteriosa utilidade.”*

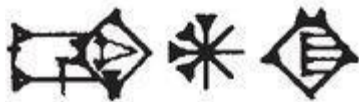
— Charles Fort, *The Book of the Damned*, 1919, p. 163

Acima de tudo, para
SCOTT DOUGLAS de HART:

Um verdadeiro mestre, adepto e poeta de
profundos mistérios, que atravessou comigo o

Rubicão:

Qualquer coisa que eu possa dizer, qualquer
gratidão que eu possa expressar, é simplesmente
inadequada para você;
Você é um verdadeiro



E para
TRACY S. FISHER:
Você é, e sempre será, muita saudade.

RECONHECIMENTOS

Cada livro como este é o produto desse intrincado cálculo da interação humana. É fruto de conversas entre amigos íntimos com interesses e perspectivas comuns, de “conversas” com livros escritos há muito tempo por autores há muito esquecidos, que ainda no imediatismo dos meios de informação estão sempre presentes para nós.

este livro não é diferente. Os autores de outros tempos e de tempos mais recentes são encontrados em seu texto principal, mas as conversas com amigos que, à sua maneira, contribuíram para muitos dos insights deste livro são um assunto diferente, e essas pessoas devem ser mencionadas. George Ann Hughes e eu nos conhecemos há cerca de três anos através de sua transmissão na Internet, The Byte Show. O que começou como uma relação profissional se transformou em uma amizade onde o livre fluxo de ideias é sempre primordial, e muitos de seus insights estão registrados aqui. Obrigado, Jorge Ana.

O mesmo, da mesma forma, deve ser dito para meu amigo Richard C. Hoagland, que também em muitos e-mails e telefonemas nos últimos dois anos fez suas próprias observações e contribuições para este livro, particularmente em como as anomalias espaciais se encaixam no quadro maior. Espero ter feito justiça aos pensamentos dele aqui. Obrigado, Ricardo.

Acima de tudo, houve um amigo, o Dr. Scott D. deHart, cuja constância como amigo em alguns dos períodos mais sombrios de minha vida foi inabalável, e cujas conversas ao longo deste último terço de minha vida tive a honra e privilégio de conhecê-lo, contribuíram tão poderosamente para as ideias aqui apresentadas que, na verdade, ele é co-autor e colaborador igual. Muitas das ideias, particularmente nas duas últimas partes do livro, refletem as conversas que tivemos na última década. Para ele e para essas conversas e sua amizade, e em muitos casos orientação, nenhuma palavra de gratidão é suficiente, mas mesmo assim digo de qualquer maneira: obrigado, Scott.

Joseph P.
FarrelSpearfish, Dakota
do Sul
2010

Introdução



COMO DAR SENTIDO aos textos antigos, à genética moderna, às lendas de monstros e gigantes, aos fósseis, às origens do homem e às tentativas de algumas religiões de obscurecer tudo isso? Como sintetizar tudo isso? É possível falar em um sopro de gigantes, monstros, textos antigos e evolução?

Fazer essas perguntas destaca o problema, e o problema são os textos, o que queremos dizer com eles e o que achamos que eles significam.

Praticamente todo mundo com meio cérebro, e que não foi lobotomizado pelo sistema de “educação” americano ou submetido às drogas psicodélicas e eletrochoques entorpecentes de seus currículos universitários maçantes, professores ainda mais maçantes, e seus “livros didáticos” que contêm sem textos primários, concorda-se que algo está errado com nosso modelo padrão de história, particularmente o mais antigo. Apenas um acadêmico universitário, por exemplo, poderia acreditar que a humanidade existiu por cerca de 150.000 anos (se acreditarmos nos geneticistas), e não fazendo nada além de “caçar e coletar”, e então, de repente, e sem motivo explicável, decidiu inventar civilizações como a Suméria (e todas as suas ramificações mesopotâmicas) e o Egito a partir de um pano inteiro, empreender construções monumentais de zigurates ou pirâmides, inventar calendários, agricultura, rodas, escrita,

Conseqüentemente, quando se trata disso, temos uma escolha entre contos de fadas ou, se preferir, entre mitologias ou dogmas.

Podemos acreditar nos encantamentos hipnóticos de professores de biologia, história e antropologia acenando com suas varinhas e produzindo vídeos animados fofos da sopa primordial evoluindo gradualmente para uma vida orgânica complexa (peixes), cujas barbatanas gradualmente se transformam em membros à medida que rastejam para fora da sopa na areia (répteis) e, à medida que a animação gerada por computador prossegue,

gradualmente se transformando em uma verdadeira cornucópia de progresso evolutivo ao longo de “bilhões de anos” (insira a voz de Carl Sagan aqui).

Ou podemos começar a levar a sério o que aquelas sociedades antigas – que de repente surgiram do nada e quase ex nihilo – disseram que aconteceu. Lá o quadro é igualmente desconcertante, pois quase imediatamente somos confrontados com contos selvagens de gigantes, monstros, homens e até – se lermos os textos de uma certa maneira – com manipulação genética e extraterrestres, e um elenco de personagens que abrangem todo o espectro. da nobreza a uma disposição e comportamento genocida que faria um Stalin ou um Hitler parecerem modelos de virtude, contenção e compaixão.

De fato, a comparação com Stalin e Hitler é apropriada, pois se lermos certos textos antigos da Suméria ou da Índia, encontraremos repetidamente tais personagens, sejam deuses ou homens, engajados em uma luta titânica pelo poder que acabou resultando em um “guerra cósmica” e suas consequências. No entanto, se acreditarmos nas histórias antigas, os monstros, gigantes e manipulações permaneceram depois que a guerra acabou, espalhando-se junto com algumas das tecnologias pelas quais foi travada, mas sem consistência. Por exemplo, encontramos tanto os Anunnaki sumérios quanto os Nephilim hebreus gerando descendentes quiméricos e gigantes com mulheres humanas, e ainda assim o contexto em que a história é contada – “politeísmo” sumério versus “monoteísmo” hebraico – muda drasticamente e implica uma ocultação agenda (ou agendas) por trás de cada versão da história.

Este livro analisa as coisas do ponto de vista do segundo conto de fadas; ou seja, assume que uma “guerra cósmica” muito antiga foi travada dentro do nosso próprio sistema solar, por uma civilização com extensão interplanetária, e que se baseava neste planeta, a Lua, Marte e vários satélites dos gigantes gasosos. Como detalhei em outro lugar, aquela guerra foi tão destrutiva que a civilização que a travava quase foi exterminada, deixando suas elites sobreviventes para pegar os pedaços da melhor maneira possível e começar a longa e lenta escalada de volta a um nível semelhante de desenvolvimento científico e tecnológico.¹ O curso dessa guerra, e suas consequências, foi povoado por um panteão bizarro de deuses, de gigantes – a descendência quimérica dos “deuses” e do homem – e por monstros ainda mais quiméricos e, claro, por humanos. Essas e as questões implícitas mais profundas de uma ciência genética sofisticada existente em tempos muito antigos constituem os motivos óbvios deste livro. São os portais pelos quais

entraremos no tema central deste livro, que é

adquirir uma compreensão preliminar das agendas das elites que sobreviveram à guerra cósmica e à catástrofe e traçar uma ampla cronologia de suas atividades.

Assim, nosso foco está tanto nas elites quanto em suas agendas no pós-guerra e, com isso, certos pressupostos metodológicos estão implícitos. Assumimos, por exemplo, que:

1. As elites sobreviveram, tanto em bolsões espalhados pela superfície da Terra, quanto possivelmente em bolsões totalmente fora deste planeta em outros corpos celestes, onde quer que estivessem;

2. Como todas as elites, estas tinham certas agendas, algumas das quais precisavam ser implementadas imediatamente para garantir sua sobrevivência e a da humanidade, e algumas das quais eram de natureza mais a longo prazo, como mover a civilização por passos progressivos de volta para um nível semelhante de realizações tecnológicas e científicas como antes da guerra. Isso exigiria uma extensão global para tal civilização, e todas as armadilhas da sociedade civilizada, incluindo, especialmente, a agricultura e o comércio.

a. Para a condução do comércio, especialmente, seria necessário um sistema preciso de pesos e medidas, e isso teria que ser de extensão bastante universal e, além disso, capaz de reprodução simples e precisa em qualquer lugar do planeta. É um problema típico de “otimização do engenheiro”: como alguém faria isso dentro das restrições impostas por ferramentas relativamente simples e primitivas que provavelmente eram as únicas ferramentas que restaram depois que a Guerra Cósmica quase destruiu a infraestrutura de qualquer alta civilização que já existiu? , e fazê-lo derivando um método que seria extremamente preciso, em qualquer lugar da Terra? Os sistemas mais óbvios e disponíveis seriam aqueles baseados na relativa constância dos fenômenos astronômicos e geodésicos. Como veremos no texto principal,

b. Da mesma forma, como ferramentas de coesão, conquista e um grau considerável de ofuscação, as religiões foram promovidas pelas mesmas elites, e à medida que o comércio e o contato entre civilizações cresceram – muitas vezes promovidos pelas mesmas elites – também mudaram as agendas religiosas, muitas vezes violentamente, mas com a mesma frequência sutilmente. E aqui, sugestivamente, havia recriações notáveis de uma tecnologia perdida pela qual oráculos e revelações podiam, até certo ponto, ser encenados e coordenados. Esta não é uma afirmação ou afirmação de que todas as religiões daquele período pós-guerra, e que reivindicam um fundamento oracular ou revelador, são produtos de uma “tecnologia oracular”, mas apenas que algumas delas poderiam ser.

3. O leitor atento terá notado ainda outra suposição implícita, que é que, para que tais elites pós-Guerra Cósmica funcionem com objetivos de longo alcance, elas devem necessariamente operar não apenas de maneira coordenada, mas de maneira contínua ao longo do tempo e ao longo da história.² Eles terão, em suma, seus descendentes modernos, e estes também evidenciarão suas próprias agendas, e embora não os abordemos com frequência neste livro, nós os encontraremos em ação nos três primeiros capítulos. Rastrear as afiliações e os traços dessas elites nos tempos antigos é, obviamente, quase impossível se se espera desenterrar “listas de membros secretos” cuneiformes. Mas pode-se abordar a tarefa olhando para as políticas e práticas das elites conhecidas daqueles tempos, e aí o quadro se torna muito sugestivo, se não completamente persuasivo: o comércio, a religião e a própria civilização estavam nas mãos de um clero astronômico-astrológico. — completo com toda a prostituição homossexual e heterossexual do templo que o acompanhou — e essa elite trabalhou com frio cálculo nos bastidores para levantar e destruir civilizações inteiras em busca de seu objetivo final: o restabelecimento de uma civilização global. Esse objetivo tinha que ser alcançado, se a humanidade quisesse retornar às estrelas e restabelecer contato com parte daquela humanidade pré-Guerra Cósmica – seus “primos” – com quem havia perdido contato.

Essa lista de pressupostos metodológicos implícitos pode ser resumida por uma série de questões simples que serão abordadas neste livro: por que tal agenda (ou agendas) existe, quem está por trás dela e qual é o seu objetivo?

propósito? O que as histórias antigas e a ciência moderna dizem ou implicam sobre essa agenda? O que eles dizem pode ser harmonizado? Talvez por último, mas não menos importante, qual é a conexão entre essa agenda e a “guerra cósmica dos deuses” que a precedeu?

Tais questões também destacam os temas tecnológicos deste livro, para sugerir que as elites existiam com uma agenda para manipular a humanidade em massa via genética, tecnologias e religião, e fazê-lo por um grande período de tempo a fim de alcançar um milênio. O objetivo distante sugere que pelo menos tecnologias e técnicas rudimentares deveriam estar em vigor e, portanto, procuraremos evidências dessas coisas no registro arqueológico e nos próprios textos. Além disso, já assumi a existência de uma Civilização Muito Alta que travou uma guerra cósmica interplanetária e até explodiu um planeta em nosso sistema solar, em meu livro anterior *The Cosmic War*. Além disso, como argumentei em *Babylon's Banksters*, há evidências abundantes de que essas elites eram totalmente internacionais em extensão,³ As implicações dessas afirmações são bastante óbvias, pois uma civilização capaz de explodir planetas inteiros implica uma sofisticação tecnológica. Mas tal sofisticação também implica um nadir similar de desenvolvimento que já existiu em termos de engenharia social e tecnologias para manipular o próprio homem, ou seja, manipular sua mente, seu cérebro e seus próprios processos vitais – seu DNA.

Suponho, portanto, no corpo principal deste trabalho, que algumas dessas tecnologias, e particularmente as de manipulação cérebro-mente, possivelmente sobreviveram por um breve período após aquela Guerra Cósmica, ou que ao menos foram reconstruídas de forma rudimentar. Assim, a mera existência da possibilidade do uso de tais tecnologias na antiguidade revela não apenas as agendas possíveis dessas elites, mas também levanta a possibilidade vexatória de que as grandes “revelações”, começando com Abrão/Abraão e Moisés, e as religiões ali fundadas não passavam de produções de uma tecnologia, e para servir a uma agenda mais ou menos escondida dos manipulados. Como será visto no corpo principal deste trabalho, a leitura de textos antigos à luz da tecnologia moderna inevitavelmente coloca um problema significativo para a apologética religiosa das religiões reveladas. A tarefa deste livro, entretanto, não está na apologética, mas na sinótica; a tarefa

não é resolver o dilema apologético, mas o mais completamente possível colocar as questões e os problemas.⁴

Esses tipos de perguntas abrem toda a noção do que é um “texto” e como ele pode ser interpretado. Como escrevi no antecessor deste livro, *The Cosmic War*:

A consideração cuidadosa das questões descritas acima e dos parâmetros do próprio “cenário de guerra interplanetária” também revelará os tipos de evidências a serem consideradas...: (1) física, (2) as evidências materiais de artefatos anômalos, (3) evidências e mecanismos de destruição planetária e, finalmente, e de forma alguma o menos importante, (5) evidências textuais e “lendárias” de textos, mitos e tradições orais e monumentos físicos e glifos antigos. “Texto”, em outras palavras, é entendido neste livro no sentido mais amplo, como incluindo todas essas coisas.⁵

Nosso foco neste livro está obviamente no último desses cinco pontos, tanto no “texto” no sentido próprio de artefatos escritos reais, mitos e tradições orais, quanto nos próprios monumentos físicos e em como eles podem iluminar aqueles agendas e seus propósitos.

Mas agora uma nova consideração entra em cena, e esse é o significado de “monumento” ou “artefato” dentro do contexto das suposições metodológicas acima sobre “textos”, pois ficará evidente com uma pequena consideração, que o próprio DNA é um monumento, um artefato, um texto que pode ser decodificado através das técnicas de decodificação da genética moderna. Este passo, uma vez iniciado, produz curiosas anomalias próprias, pois leva a conexões ainda mais profundas com outras tradições e textos mais ocultos; também leva a conexões profundas entre a física desses monumentos anômalos, as manipulações do DNA registradas nessas histórias antigas e os próprios textos. Existem, por assim dizer, “códigos” dentro do “código”, e alguns desses códigos eram talvez conhecidos em tempos muito antigos, uma relíquia, um legado dessa cultura científica sofisticada que se desintegrou. Há, como veremos, uma ligação direta e sugestiva entre o DNA humano e o próprio meio físico, e vem de um tempo e lugar insuspeitos.

Como tal, este livro, como todos os meus livros sobre sabedoria antiga, doutrina esotérica e ciência, é um livro de alta especulação. É especulação, com certeza, mas continua sendo especulação, no entanto. Neste caso, porém, há um fator adicional, que é a sua natureza superficial, pois para explorar qualquer um dos tópicos aqui delineados de qualquer forma, mesmo que quase completa, seria necessário um livro para cada tópico. Consequentemente, este livro é apenas uma visão panorâmica sinótica. É um ensaio exploratório sobre como esses assuntos pós-Guerra Cósmica podem ser vistos com lucro; portanto, não é forçosamente uma dissertação sobre todas as maneiras possíveis de vê-lo.

Joseph P.
FarrelSpearfish, Dakota
do Sul
2010

EU.

CONSEQUÊNCIAS PÓS-BELLUM:

UMA ANTOLOGIA DE ANOMALIAS

“Quando falamos de supressão de provas, não estamos nos referindo a conspiradores científicos realizando uma conspiração satânica para enganar o público. Em vez disso, estamos falando de um processo social contínuo de filtragem de conhecimento que parece bastante inócuo, mas tem um efeito cumulativo substancial. Certas categorias de evidência simplesmente desaparecem de vista, em nossa opinião injustificadamente.”

— Michael A. Cremona, “Introdução e Agradecimentos”, de *The Hidden History of the Raça Humana*, pág. xvii.

“Além do processo geral de filtragem de conhecimento, também parece haver casos de supressão mais direta.”

— Michael A. Cremona, “Introdução e Agradecimentos”, de *The Hidden History of the Raça Humana*, pág. xviii.

Um

O ENIGMA DE KOLDEWEY E O DILEMA DE DELITZSCH



“No início, essa criatura fabulosa foi classificada junto com os touros alados com cabeça humana e outros monstros fabulosos da mitologia babilônica, mas pesquisas profundas gradualmente forçaram o professor a uma conclusão bem diferente.”

— Ivan T. Sanderson⁶

ROBERT KOLDEWEY, famoso arquiteto alemão e arqueólogo “amador”, enfrentou um problema. Um grande problema. No mundo intelectual do século XIX, o mito de que todos os mitos antigos não passavam de mitos estava rapidamente desmoronando. Von Schliemann provaria que a antiga Tróia, longe de ser uma invenção da imaginação helênica hiperativa e bastante épica de Homero, realmente existiu, pois foi ele quem, usando pistas do “mito” de Homero, realmente a desenterrou. Opa. Desculpe, academia. Errado de novo.

Koldewey também entrou nessa busca tipicamente alemã para verificar a realidade dos mitos antigos não apenas desenterrando a Babilônia de sua tumba de areia, mas os verdadeiros “jardins suspensos” lendários.⁷ uma das sete maravilhas do mundo antigo e o igualmente impressionante Portão de Ishtar da Babilônia. Ele foi um dos principais arquitetos, na verdade, do que se tornaria uma espécie de obsessão arqueológica com a região para os alemães, e eles estão lá desde então, vasculhando as areias da Mesopotâmia em busca de pistas para o

história real da humanidade. E esse era o problema, pois quanto mais fundo cavavam, mais estranha aquela imagem se tornava. E no caso de Koldewey, o problema era ainda mais agudo, pois o problema era uma imagem.

O problema era uma foto, ou para ser mais preciso, as idéias que ele estava nutrindo sobre aquela foto, pois uma coisa era sustentar que Tróia e Babilônia realmente existiam, mas isso? Poderia ser? E se sim, o que pensaria o mundo acadêmico? Ele esteve sob o sol do deserto por muito tempo? Ele tinha um toque de Wahnsinn? Ele era talvez ein bisschen Verrückt? Ele certamente deve ter se perguntado essas coisas, dados os pensamentos que estava concebendo, sem mencionar o fato de que ele estava realmente pensando em publicar esses pensamentos. Mas a insanidade da Primeira Guerra Mundial ainda se alastrava... talvez ninguém notaria (até que fosse tarde demais) se ele apenas introduzisse uma “idéia” pouco ortodoxa e não acadêmica em um estudo acadêmico e arqueológico sério. Afinal, ele não precisa comentar sobre suas implicações, que foram muitas e profundas. Ele poderia deixar comentários para os outros.

E foi exatamente isso que ele fez em um livro publicado em Leipzig em 1918. O livro foi inocentemente intitulado *Das Ishtar-Tor in Babylon, The Ishtar*

Portão na Babilônia. E como o próprio Portão de Ishtar, o livro de Koldewey será nosso portal para um problema muito épico e muito babilônico.

A. O ENIGMA DE KOLDEWEY: O SIRRUSH

A imagem, ou melhor, o baixo-relevo, que estava causando tanto sofrimento ao bom professor Koldewey era esta, o animal do meio de cada lado do Portão de Ishtar da Babilônia, cuja reconstrução é mostrada abaixo:



O Portão Reconstruído de Ishtar da Babilônia

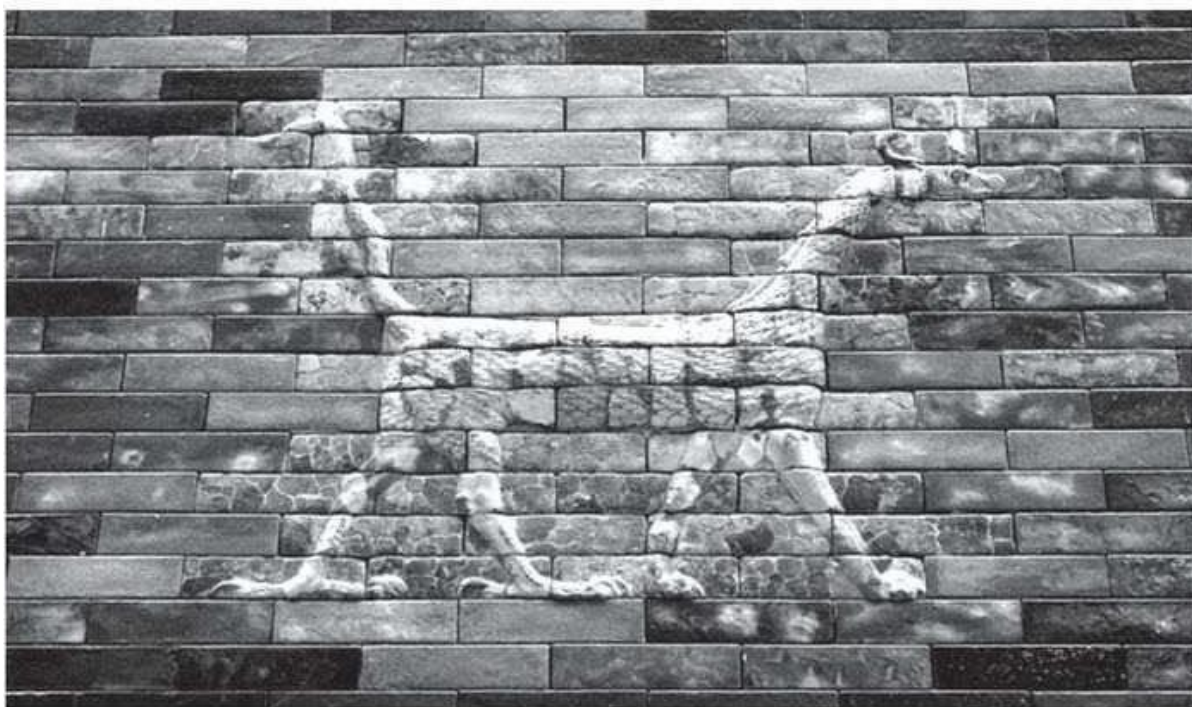
E um close-up do lado esquerdo revelará o problema:



Detalhe dos relevos de animais do portão de Ishtar

Observe que os relevos superior e inferior, como tantos outros relevos na arte babilônica e assíria, são de gado de aparência bastante convencional ou outros animais muito comuns. Mas isso não era problema do professor Koldewey. O problema é o relevo do meio, aparecendo como aparece entre dois touros de aparência muito normal.

Um olhar mais atento a esse relevo do meio está em ordem:



A Criatura da Babilônia: O Sarrush

Enquanto a cabeça dessa criatura – seja ela qual for – está um pouco obscurecida na foto, apenas os pés devem nos dizer, como disseram a Koldewey, que “temos um problema”, pois as “patas” dianteiras se parecem um pouco com as patas de um grande felino, enquanto as “garras” traseiras parecem as garras de algum pássaro gigantesco.

Como se isso não bastasse, há uma longa cauda em “espiral”...



Cauda Espiral da “Criatura da Babilônia”

...um corpo longo e fino que parece ter penas ou escamas...



O Corpo de Longas Escamas ou Penas da “Criatura da Babilônia”

... e no topo de tudo estava a cabeça de um dragão ou serpente de algum tipo:



Cabeça de Dragão da “Criatura da Babilônia”

No entanto, o problema para Koldewey (e todos os outros desde então, como veremos em breve) não era que os babilônios tivessem dado total liberdade a seus vãos artísticos de fantasia; o problema era que eles aparentemente não tinham, pois a criatura, conhecida como “Sirrush”, apareceu bem no meio de outras criaturas conhecidas como auroques que eram evidentemente reais e, embora agora também estejam extintas, não eram extinto nos tempos babilônicos. O problema era o contexto muito real em que o fantástico e bizarro “Sirrush” apareceu. Mas esse não foi o único problema.

Koldwey escreveu:

Uma criação de outro tipo essencialmente diferente nos confronta no “dragão”. Este é o sirrush da lenda, ou como é frequentemente referido hoje, o Mus-rushu, que Delitzsch chama de “serpente esplêndida”.

O corpo esguio, a cauda com linhas onduladas, o pescoço esguio e solene semelhantemente íngreme com sua pequena cabeça coberta de escamas... destaca-se melhor na reprodução de cores. O traje escamoso mostra-se nas patas traseiras para baixo até o meio das canelas. Observa-se escamas diagonais maiores no abdome. As pernas dianteiras se assemelham às de um tipo de gato de pernas longas, talvez uma pantera. As patas traseiras são as de um pássaro de

presa.... Na ponta da cauda pode-se observar uma pena curvada, como em um escorpião. A cabeça é inteiramente a de uma cobra com a boca fechada da qual se projeta uma língua bifurcada. Ele também possui um grande chifre vertical e proeminente do qual um apêndice espirala ou se enrola. Atrás nos “bigodes” cai um tufo de três mechas de cabelo, retratadas como três longas mechas em espiral....

Este estranho animal, com as características acima enumeradas, conforme o portfólio de imagens de Jastrow da religião da Babilônia e da Assíria, foi encontrado na mais antiga arte babilônica e preservou essas características inalteradas por milênios. Assim, não se pode dizer que é uma produção fantástica, uma imagem quimérica da arte babilônico-assíria.⁸

Em outras palavras, havia uma criatura com as patas dianteiras de um grande gato, as patas traseiras de um pássaro, com uma cauda curva com o que parecia ser uma picada de escorpião, um corpo longo e escamoso, uma cabeça de cobra, da qual cresceu uma buzina! E essa criatura apareceu nas obras de arte da região com incrível consistência ao longo dos milênios, e no contexto de outras criaturas muito reais, uma das quais eram os agora extintos auroques (sobre os quais mais em breve). Não poderia ser, concluiu Koldewey, apenas a produção quimérica de uma febril imaginação artística mesopotâmica, pois nos casos em que tais criaturas mitológicas foram encontradas na arte babilônica, elas mostraram uma grande mudança ao longo do tempo; o sirrush não.

Koldewey tentou racionalizar a aparência estranha da criatura por várias comparações com as características de dinossauros conhecidos, e concluiu, um pouco menos do que convincente, que “Quando se encontra uma imagem como o nosso sirrush na natureza, deve-se considerá-la como pertencente à ordem de dinossauros e, de fato, da subordem dos ornitópodes”.⁹ No entanto, seria difícil encontrar dinossauros com as patas dianteiras de um gato, as patas traseiras de aves de rapina, com caudas em espiral e espinhos de escorpião e cabeças de cobra crescendo chifres, tudo em uma criatura fantástica. Koldewey propôs um dinossauro, o iguanodonte, que de fato tinha patas traseiras semelhantes a um pássaro, como sendo uma combinação próxima ao sirrush.¹⁰ Mas isso não torna o dilema mais palatável, uma vez que isso significaria que muito depois de os dinossauros terem sido extintos de acordo com a teoria evolucionária padrão, os antigos babilônios os representavam no contexto claro de outras criaturas muito reais e muito vivas criaturas, os

auroques.

Para piorar ainda mais as coisas, Koldewey até pareceu a Koldewey que o sirrush poderia ter sido a base por trás de pelo menos uma história bíblica, contada nas versões gregas do livro de Daniel, e conhecida como Bel e o Dragão:

E naquele mesmo lugar havia um grande dragão, que eles da Babilônia adoraram. E o rei disse a Daniel: Queres também dizer que isto é de bronze? eis que ele vive, ele come e bebe; você não pode dizer que ele não é um deus amoroso: portanto, adore-o.¹¹

Na história, Daniel mata o dragão envenenando-o. Mas o sirrush e os problemas que ele representava não podiam ser eliminados tão facilmente, pois lá estava ele, corajosamente estampado nos tijolos esmaltados do Portão de Ishtar que o próprio Koldewey havia desenterrado.

O renomado naturalista Ivan T. Sanderson resumiu o enigma de Koldewey desta forma:

(Apesar) de sua sólida formação teutônica, o professor Koldewey tornou-se cada vez mais convencido de que não era uma representação de uma criatura mítica, mas uma tentativa de retratar um animal real, um exemplo do qual havia sido mantido vivo na Babilônia nos primeiros dias por os sacerdotes. Depois de muito pesquisar nas profundezas de sua alma científica, ele até se atreveu a afirmar na imprensa que esse animal era um dos dinossauros herbívoros e com pés de pássaros, muitos dos quais haviam sido reconstruídos a partir de restos fósseis. . Ele ressaltou ainda que tais restos não foram encontrados em nenhum lugar na Mesopotâmia ou perto dela e que o “Sirrush” não poderia ser uma tentativa babilônica de reconstruir o animal a partir de fósseis. Seus caracteres, como mostrados na arte babilônica desde os primeiros tempos, não haviam mudado, e exibiam grandes detalhes em escamas, chifres,¹²

Então, lá estava, e o enigma era extraordinário, de qualquer maneira que alguém o cortasse.

Para que não tenhamos perdido, no entanto, cabe a nós refazer os passos da lógica de Koldewey a fim de expor o enigma com toda a força de sua

implicações:

1. Não havia restos fósseis perto da Babilônia pelos quais os babilônios pudessem ter reconstruído artisticamente uma criatura tão fantástica;

2. O dinossauro mais parecido com o sirrush era o iguanodonte, mas, novamente, não havia restos de tal criatura perto da Babilônia que permitisse uma reconstrução artística;

3. O sirrush apareceu em toda a arte mesopotâmica com incrível consistência, enquanto outras criaturas mitológicas e quiméricas representadas na arte da região variaram ao longo do tempo;

4. O sirrush apareceu em um contexto com outros animais realmente existentes, a saber, os agora extintos auroques; e assim,

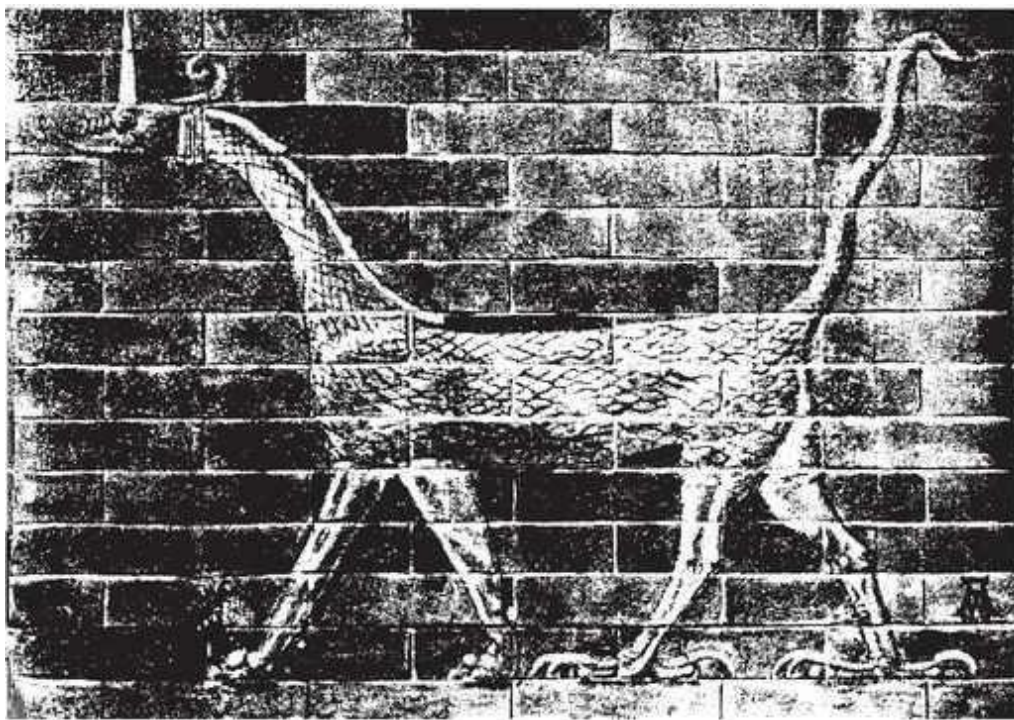
5. Ou os babilônios conseguiram encontrar algum tipo de dinossauro muito depois de terem sido extintos; ou,

6. O sirrush, apesar de uma semelhança generalizada com o iguanodonte, era algum outro tipo de criatura bizarra e quimérica desconhecida da paleontologia moderna, mas, no entanto, realmente existente.

E ainda por cima, a criatura pode até ter sido a base de uma famosa história dos apócrifos bíblicos.



Robert Koldewey, 1855-1925



Vista esquerda do Sarrush

No entanto, enquanto o professor Koldewey estava ocupado cavando todos os tipos de problemas para os fundamentalismos acadêmicos padrão da história antiga e da evolução da vida, outro alemão estava colocando problemas de um tipo diferente, para um tipo muito diferente de fundamentalismo.

B. O DILEMA DE DELITZSCH: BABEL E BIBEL

Friedrich Delitzsch (1850–1922) foi um notável assiriologista alemão que teve a distinção de ter causado uma tempestade internacional de controvérsias que levou nada menos do que os esforços do Kaiser Wilhelm II, atuando em sua qualidade de bispo-chefe da Igreja Luterana Alemã , para carimbar.

A controvérsia começou inocentemente.

O estudioso de Cambridge CHW Johns, em sua “Introdução” de 1903 às palestras de Delitzsch, resumiu seu início bastante inocente da seguinte maneira:

O anúncio de que o professor Friedrich Delitzsch, o grande assiriólogo, havia sido autorizado a proferir uma palestra sobre as relações entre a Bíblia e os resultados recentes da pesquisa cuneiforme, na augusta presença do Kaiser e da Corte, naturalmente causou grande sensação; primeiro na Alemanha e, como um círculo mais amplo, onde quer que os homens sintam interesse no progresso da Ciência. A palestra foi devidamente proferida em 13 de janeiro de 1902, e repetida em 1º de fevereiro.

Alguns relatos do teor geral do discurso chegaram ao mundo exterior, e era evidente que estavam envolvidos assuntos de maior interesse. No devido tempo apareceu um pequeno livro com o texto da palestra, adornado com uma série de imagens impressionantes dos monumentos antigos. Este foi o agora célebre *Babel und Bibel*.¹³

O título era elegante, enfatizando a estreita relação entre os resultados dos estudos cuneiformes e os fatos mais familiares da Bíblia.¹⁴

Pode-se facilmente imaginar a cena: o Kaiser resplandecente em seu uniforme, seus marechais e ministros ao seu redor, sentado em cadeiras ornamentadas, ouvindo o distinto professor elaborar suas descobertas e conclusões.

Mas então, de acordo com Johns, os acontecimentos tomaram um rumo decididamente estranho. De fato, “foi, portanto, um choque de surpresa descobrir que trélicas estavam sendo emitidas”. Isso não foi tudo:

Uma rápida sucessão de artigos, resenhas e respostas apareceu em jornais e revistas, e toda uma multidão de panfletos e livros. Estes consideraram a palestra de muitos e variados pontos de vista, principalmente com reprovação. Os campeões dos aprendizados mais antigos a atacaram de todos os lados. Mesmo aqueles que se adiantaram em admitir nada além de um lado humano na história e literatura de Israel estavam ansiosos para cair no novo pretendente ao favor público; e, para espanto de muitos, surgiu uma literatura zum Streit um Babel und Bibel.

À medida que os ecos desse conflito chegaram aos nossos ouvidos, parecemos concluir que os altos críticos, geralmente conhecidos por seus hábitos destrutivos, estavam agora empenhados em defender, de alguma forma, a Bíblia contra os ataques de um arqueólogo e erudito cuneiforme. Isso parecia uma inversão da ordem da natureza. Estávamos acostumados a considerar o arqueólogo, especialmente o assiriólogo, como alguém que havia resgatado grande parte da história bíblica do ceticismo dos críticos literários.¹⁵

Mas então, para piorar ainda mais as coisas, Delitzsch foi convidado a dar mais uma palestra na presença do Kaiser Wilhelm e sua corte.



Kaiser Guilherme II de Hohenzollern

E foi aí que o “inferno cuneiforme” se desencadeou, exigindo a intervenção imperial pessoal do Kaiser para acalmar a controvérsia:

Mas agora chegaram até nós relatos de natureza muito inquietante. Nossos jornais souberam de seus correspondentes que um ataque muito direto foi feito à Sagrada Escritura, e mesmo, não foi obscuramente sugerido, às doutrinas fundamentais da fé católica. A tempestade irrompeu novamente na Alemanha e se espalhou também para cá. Ficamos sabendo, para nosso espanto, não percebendo exatamente a posição do Kaiser como Summus Episcopus, que ele achou por bem endereçar uma carta, cujo texto apareceu no Times de 25 de fevereiro.

Que palestras, mesmo sobre um assunto tão interessante, pudessem levar a medidas de tão alta política de Estado era uma garantia de que o assunto

ultrapassou os círculos de erudição e pesquisa e tornou-se uma questão de preocupação nacional. Não podíamos nos dar ao luxo de permanecer mais tempo na ignorância do que havia mexido tão profundamente com nossos aliados.¹⁶

Exatamente o que Delitzsch disse ao Kaiser e sua corte, e por que todos, de “crentes da Bíblia” a “cétricos mais críticos”, tão exercitados que exigia uma carta do próprio Kaiser, na qualidade de “mais alto bispo” na Igreja Luterana, para reprimir?

Se olharmos para o pequeno esboço biográfico de Delitzsch na enciclopédia online Wikipedia, começamos a ter alguma aproximação:

Friedrich Delitzsch especializou-se no estudo das línguas antigas do Oriente Médio e publicou vários trabalhos sobre a língua, história e cultura assírias. Ele é lembrado hoje por sua crítica acadêmica do Antigo Testamento bíblico. Em uma palestra controversa de 1902 intitulada “Babel e a Bíblia”, Delitzsch sustentou que muitos escritos do Antigo Testamento foram emprestados de antigos contos babilônicos, incluindo as histórias da Criação e do Grande Dilúvio. Durante os anos seguintes, houve várias traduções e versões modificadas da “Babel e da Bíblia”. No início da década de 1920, Delitzsch publicou as duas partes *Die große Täuschung* (A Grande Decepção), que era um tratado crítico sobre o livro de Salmos, profetas do Antigo Testamento, a invasão de Canaã, etc. ¹⁷

Claramente, o programa de Delitzsch era total, como seu trabalho intitulado *The Great Deception* implica, mas esse programa foi enunciado pela primeira vez em suas palestras perante o Kaiser e sua corte, as palestras que eventualmente se tornaram *Babel e Bíblia*.

O próprio Delitzsch colocou o assunto assim no início de sua primeira palestra:

Qual é o objetivo desses trabalhos em terras distantes, inóspitas e perigosas? Para que fim esse trabalho caro de vasculhar montes de muitos milhares de anos, de cavar fundo na terra

em lugares onde não há ouro ou prata? Por que essa rivalidade entre as nações para garantir, cada uma por si, essas colinas desoladas - e quanto mais, melhor - para escavar? E de que fonte, por outro lado, deriva o interesse abnegado, sempre crescente, que é mostrado em ambos os lados do oceano, nas escavações na Babilônia e na Assíria?

Para qualquer pergunta há uma resposta que, se não exaustiva, ainda assim nos diz em grande parte a causa e o objetivo: é a Bíblia.¹⁸

Observe cuidadosamente tanto o que Delitzsch insinuou quanto o que ele *realmente disse* aqui.

Primeiro, Delitzsch deu a entender que as escavações na Mesopotâmia tiveram uma relação direta com nossa compreensão das origens de nossa civilização judaico-cristã e, em menor grau, também com a civilização do mundo islâmico. Mas em segundo lugar, e mais importante, ele declarou explicitamente que o controle de tais locais de escavação era uma questão de grande rivalidade de poder, já que eram precisamente essas nações que pretendiam controlar tais locais em todo o Oriente Médio, e isso implica que poderia haver ser uma agenda oculta por trás dos propósitos aparentemente inocentes da escavação arqueológica. O que essa agenda pode ser se tornará cada vez mais evidente em um momento.

Delitzsch entrelaçou a versão real publicada de suas palestras com uma série de imagens que apontavam claramente para alguma origem ou influência Babilônica-Assíria-Suméria profunda em muitas das histórias do Antigo Testamento:

Podemos apontar para um antigo selo cilíndrico babilônico? Aqui, no meio, está a árvore com frutos pendurados; à direita o homem, a ser reconhecido pelos chifres, símbolo de força, à esquerda a mulher; ambos estendendo as mãos para o fruto, e por trás da mulher a serpente. Não deveria haver uma conexão entre esta antiga representação babilônica e a história bíblica da Queda?¹⁹

Ele então reproduz esta representação da impressão do selo cilíndrico:



Representação Babilônica do Selo Cilindro da Queda do Homem²⁰

Havia outros paralelos artísticos sugestivos entre as imagens cristãs populares e a antiga arte babilônica e assíria. Por exemplo, havia uma representação do rei assírio Assurbanipal matando um leão, muito semelhante às representações de São Jorge matando o dragão:



Rei Assurbanipal matando um leão²¹

O tema foi repetido, de forma diferente, com o deus Ninurta/Marduk empunhando poderosos raios para matar um “dragão” quimérico:



Ninurta/Marduk Matando o Dragão com Raios²²

Vale a pena citar o comentário de Delitzsch:

É interessante notar que ainda há um eco dessa disputa entre Marduk e Tiamat no Apocalipse de João, onde lemos sobre um conflito entre o Arcanjo Miguel e a “Besta do Abismo, a Velha Serpente, que é o Diabo”. e Satanás.” Toda a concepção, presente também na história do cavaleiro São Jorge e seu conflito com o dragão, história trazida pelos cruzados, é manifestamente babilônica.²³

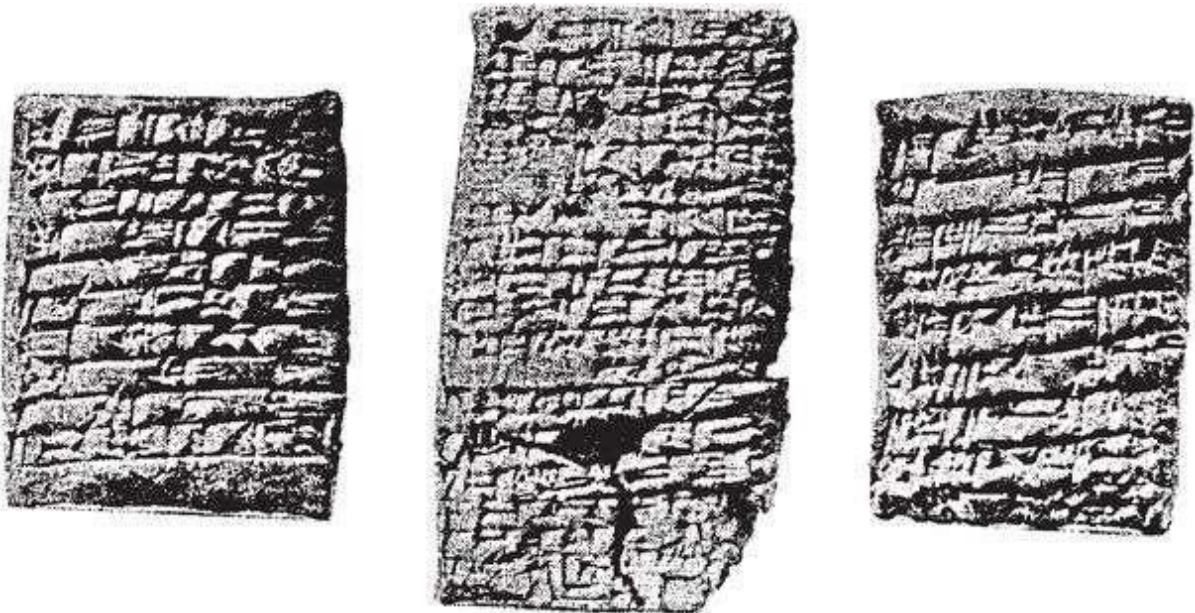
Como argumentei em outro lugar, a luta entre Marduk e Tiamat pode ser, na verdade, as memórias vagamente lembradas de uma guerra cósmica ou interplanetária real travada em tempos muito antigos com tecnologias extraordinárias.²⁴ Na época de Delitzsch, com as descobertas de Nikola Tesla e outros inventores já transformando o mundo, teria sido um passo fácil para as elites dessas grandes potências ler os antigos textos sumérios, babilônicos e assírios e concluir que eles continham indícios de uma tecnologia perdida de vasto poder e, portanto, tem-se uma explicação para as possíveis motivações ocultas da corrida que essas nações mostraram para controlar os vários sítios arqueológicos.²⁵

1. As Tábuas Cuneiformes e um Nome Fora do Lugar para Deus

Mas, de longe, a evidência e o comentário mais sensacional que Delitzsch produziu em sua palestra foi um conjunto de tabuinhas cuneiformes.

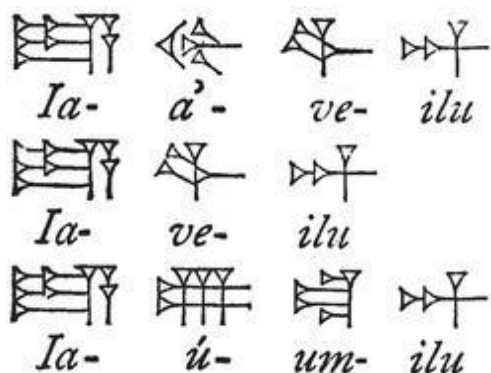
O que há para ser visto nesses tablets? serei perguntado. Argila frágil e quebrada sobre a qual estão riscados caracteres pouco legíveis! Isso é verdade, sem dúvida, mas eles são preciosos por esta razão: eles podem ser datados com certeza, eles pertencem à época de Hamurabi,²⁶ um em particular ao reinado de seu pai Sin-mubalit. Mas são ainda mais preciosos por outra razão: contêm três nomes que, do ponto de vista da história da religião, são da maior importância...²⁷

...e aqui, ele coloca uma fotografia das tabuletas:



Fotografia de Delitzsch de três tábuas cuneiformes datadas da época do rei Hamurabi²⁸

O que interessava a Delitzsch — e, portanto, a nós — eram três nomes cuneiformes que estavam no centro da controvérsia entre o famoso assiriólogo, por um lado, e todos os críticos céticos e fundamentalistas bíblicos, por outro:



Os três nomes cuneiformes no centro da controvérsia²⁹

Notavelmente, os três nomes continham a palavra raiz “Ia” e em um caso significativo, o nome “Iave” ou, para hebraizá-lo, “Yahveh”, o nome próprio de Deus, o misterioso “tetragrammaton” que era, de acordo com o relato em Êxodo 3, falado ou revelado a Moisés após o Êxodo do Egito alguns séculos depois! Em suma, não havia nada de especial no nome “Yahweh” ou “Iave”.

2. A Hipótese Documental: Astruc para DeWette

Pode-se ter uma noção das enormes implicações da descoberta de Delitzsch - pelo menos para os literalistas bíblicos do período - colocando uma questão óbvia: qual era um nome próprio supostamente exclusivamente hebraico para Deus fazendo em textos cuneiformes manifestamente muito mais antigos do que o livro de Êxodo, e em um contexto muito não-hebraico, muito sumério?

Mas e os problemas que ela colocava aos altos críticos literários? Por que eles se ofenderam com as tabuinhas cuneiformes de Delitzsch? Responder a essa pergunta requer uma pequena excursão em uma teoria crítica chamada “a Hipótese Documentária”, ou como também é conhecida, a “Hipótese de Graf-Wellhausen” ou a “teoria JEDP”. Em sua forma moderna reconhecível, essa teoria sustenta que os primeiros cinco livros do Antigo Testamento – o “Pentateuco” ou “Torá” – foram compostos de diferentes “fontes” documentais subjacentes indicadas pelas quatro letras J, E, D e P. A teoria começou na França iluminista com as observações do médico francês Jean Astruc.

Astruc notou que no texto hebraico dos dois primeiros capítulos do Livro do Gênesis, cada capítulo se referia a Deus por um nome diferente, Elohim (אלהים), traduzido “Deus” na versão Autorizada, foi o nome usado no capítulo um, e Yahweh (יהוה), traduzido “SENHOR” (em maiúsculas) na versão Autorizada no capítulo dois. Para explicar essa diferença, Astruc raciocinou que Moisés, ao compor os “relatos da criação” (que ele assumiu que ambos os capítulos representavam), de fato utilizou duas fontes independentes, ou “documentos”.³⁰ Ao argumentar assim, ele forneceu o primeiro princípio metafísico e filológico que guiaria os estudos subsequentes para elaborar a Hipótese Documental de pleno direito: diferentes nomes divinos indicam a presença no texto existente de diferentes fontes subjacentes para esse texto.

Em 1853, quase um século depois, o crítico alemão Herman Hupfeld estenderia esse princípio à sua conclusão lógica: diferenças dentro de

passagens de estilo geral ou vocabulário constituíam uma base suficiente para postular diferentes fontes documentais subjacentes das quais essas diferenças estilísticas derivam. Com “o Princípio Astruc” e o “Corolário Hupfeld”, uma agenda crítica própria foi colocada e fortalecida, pois agora os vários nomes de Deus poderiam vir, com uma certa elegância descarada e nominalista, representar algo completamente mundano em vez de por alguma propriedade metafísica característica de Deus; eles vieram, dentro da fenomenologia histórica da própria hipótese, para representar apenas os documentos-fonte dos quais o texto final existente supostamente derivaria. Os nomes divinos, por assim dizer, eram apenas as revelações de documentos-fonte não mais existentes, que eram a tarefa da erudição crítica discernir e desembaraçar. E os alemães, mais do que ninguém, foram os que mais se engajaram nesse processo.

Vale a pena parar para considerar as implicações de tudo isso como possíveis manifestações de mais uma agenda. Ao capacitar o próprio crítico, com todas as suas ferramentas especializadas de conhecimento das línguas originais, filologia e outros textos antigos, foi feito um fim completo em torno dos magistérios e doutrinas eclesiásticas existentes e, adicionalmente, a totalidade do Antigo Testamento veio a ser visto dentro de tais círculos como a criação especial ao longo de séculos do sacerdócio e da elite hebraica, com uma reverência ocasional às origens egípcias para grande parte disso.³¹

De qualquer forma, uma vez que os dois primeiros capítulos do Gênesis foram submetidos ao “Princípio Astruc” e ao “Corolário Hupfeld”, não havia nada logicamente que impedisse sua aplicação a outras passagens da Torá.³² De fato, foi Johann Gottfried Eichhorn quem primeiro estendeu o critério de Astruc dos nomes divinos como indicando documentos de fontes separadas para o restante do livro de Gênesis e nos dois primeiros capítulos do livro de Êxodo, em sua Introdução ao Antigo Testamento, publicado na Alemanha entre 1780 e 1783. Este trabalho lhe rendeu o epíteto duradouro como sendo o “pai da crítica do Antigo Testamento”.³³ O que havia de novo com Eichhorn era o acoplamento do princípio filológico de Astruc com a nova suposição de que Moisés não era o autor de nenhuma Torá ou dos “Cinco Livros de Moisés”. Em outras palavras, foi Eichhorn quem de fato realizou o empoderamento do estudioso crítico e a agenda que o acompanha, pois se Moisés não foi o autor desses livros, e eles foram, ao contrário, a compilação editorial de fontes feitas ao longo do tempo, então seguiu que um

uma tarefa massiva de reinterpretação e reconstrução histórica teria de ser empreendida. No caso de Eichhorn, a “agenda antiga” em ação no texto era simples: ele sustentava que a antiga teologia hebraica havia evoluído ou desenvolvido de um politeísmo primitivo para um monoteísmo pessoal avançado, uma evolução que, por sua vez, implicava uma data pós-mosaica para o surgimento da Torá em sua forma textual final.

Uma vez que a Torá não era mais a obra de “Moisés”, ou, em outras palavras, de um autor, o caminho ficou claro para os críticos questionarem a composição e, portanto, a unidade e integridade metafísica e moral da Torá. De fato, à medida que a elaboração da Hipótese Documental prosseguiu ao longo do final do século XVIII e ao longo do século XIX, à medida que o pressuposto da autoria unitária desmoronou, a descoberta de contradições textuais, morais e metafísicas dentro dela cresceu em proporção inversa. Com Eichhorn, então, temos a divisão de Astruc de duas “fontes”, a fonte J ou javista, e a fonte E ou eloísta, estendida por todo o livro de Gênesis e nos capítulos um e dois de Êxodo.

Um dos primeiros a buscar as implicações do abandono da autoria de Mosaic por Eichhorn foi Wilhelm ML DeWette na primeira metade do século XIX. Ele sustentou que o Livro da Lei que foi descoberto em 621 aC durante o reinado do rei Josias, conforme relatado em II Reis 22, era de fato o livro de Deuteronômio. DeWette argumentou que, uma vez que o rei Josias e o sumo sacerdote Hilkiah estavam preocupados em abolir santuários e locais de sacrifício localizados e centralizar o culto no Templo de Jerusalém, então, segundo seu argumento, o livro que foi “descoberto” havia de fato sido deliberadamente composta para esse fim por um agente do Templo, e sua descoberta foi encenada no momento apropriado. Para DeWette, toda a produção, em outras palavras, estava a serviço de uma agenda oculta, a saber, centralizar o culto, solidificando assim o reino e enriquecendo os tesouros reais e do templo. Os leitores do meu livro anterior, *Babylon's Banksters*, lembrarão que era precisamente em aliança com os antigos templos que a antiga fraternidade bancária muitas vezes escondia suas próprias agendas.³⁴ Mas, como veremos no capítulo três, possivelmente há agendas tecnológicas ainda mais ocultas em ação nessa manobra. De qualquer forma, isso apontou a data do livro de Deuteronômio para 621 aC³⁵ Com

A “descoberta” de DeWette, o terceiro documento, D para o documento “deuteronomista”, havia sido encontrado. Agora temos J, E e D.

3. A hipótese do documentário: a “revolução copernicana” de Hupfeld

Com a obra *Die Quellen der Genesis* (As Fontes do Gênesis) do já citado Herman Hupfeld em 1853, ocorreu a “revolução copernicana” na história da Hipótese Documental.³⁶ Sua contribuição para a evolução da hipótese foram três novos princípios de exame da Torá e um documento fonte recém-descoberto, por isso vale a pena dedicar algum tempo para examinar Hupfeld mais detalhadamente.

O primeiro componente da “revolução copernicana” de Hupfeld foi que, ao submeter o documento “E” previamente isolado a um novo exame filológico, ele descobriu que havia porções de “E” que, com exceção do próprio nome divino “Elohim”, de outra forma, assemelhava-se muito ao documento “J” em dicção, estilo e foco temático. Assim, havia algumas partes de “E” que, no esquema histórico da hipótese emergente, pareciam ser materiais tão cedo quanto a de “J”. Hupfeld foi obrigado, portanto, a separar “E” em mais dois documentos, um “E” anterior que se assemelha a “J”, que ele chamou de “E1, e o resto de “E” que

tornou-se "E2", ou mais simplesmente, o original "E". Havia agora quatro documentos, exibindo mais ou menos a seguinte ordem cronológica: E1EJD. Foi este E1 que se tornou o documento “sacerdotal” ou “P” posterior, e

doravante será referido como tal. Com essa mudança nos símbolos, a ordem dos documentos passa a ser PEJD.

Como se isso já não fosse suficientemente confuso, a esse aparato Hupfeld acrescentou um segundo, e talvez o mais importante, princípio no arsenal de pressupostos da crítica do Antigo Testamento, pois sustentava que os documentos assim distinguam-se pelos critérios de vocabulário diferente, dicção, e o interesse tinha integridade; isto é, eles não só poderiam ser distinguidos dentro do texto existente da Torá, mas na verdade recuperados e reconstruídos como documentos separados daquele texto. O texto, em suma, poderia ser reescrito. (Fale sobre agendas!) Esta suposição foi postulada sem dúvida pela necessidade percebida por parte da crítica do Antigo Testamento para justificar

suas reconstruções cada vez mais radicais da história hebraica primitiva com uma medida de verificabilidade “científica”.

Em terceiro lugar, Hupfeld postulou a existência de um “editor”, ou Redaktor, designado como “R” no crescente cálculo não proposicional do crítico, um “R que editou as partes do texto em “E” que se assemelhavam a “J”. que, de acordo com a teoria, deveria ter pertencido a “J” para começar, exceto pelo fato da presença do nome Elohim e não Yahweh! Se isso não for confuso o suficiente, pode ser reafirmado para tornar a confusão ainda mais explícita: “R” estava por trás da fusão de “P” e “E2” em “E”. Este “R” foi, portanto, verdadeiramente uma dádiva de Deus, um literal Redaktor ex machina, pois “sempre que a teoria se deparava com os fatos ou contrariava os dados reais do próprio texto, a trapalhada de R (o redator anônimo) era trazida para salvar a situação.”³⁷ Essa suposição do redator indica o impasse dialético no qual a teoria estava chegando rapidamente, pois a descoberta de “P” contradiz a suposição do próprio Hupfeld sobre a integridade e recuperabilidade dos documentos originais; pois se “P” que se assemelhava tanto a “J” na dicção só pudesse ser postulado postulando um redator – que é introduzido precisamente para explicar as semelhanças entre os “documentos” – então a integridade dos documentos de origem entra em colapso, por que a integridade depende das diferenças de estilo e vocabulário para começar! Em outras palavras, o redator de Hupfeld cumpre exatamente a mesma função de um autor utilizando fontes, que é onde a teoria começou.

4. A Hipótese Documental: Karl Heinrich Graf e Julius Wellhausen

A redução final foi alcançada na obra de Karl Heinrich Graf em 1866. Como Hupfeld havia dividido “E” em “P” e “E”, Graf, por sua vez, distinguiu dentro de P entre duas outras fontes. Ele alegou ter descoberto material em “P” que só poderia ter sido escrito após a legislação deuteronômica supostamente descoberta pelo rei Josias em 621 aC. Assim, havia algum “P” que só poderia ter vindo de um período posterior a “D”. No entanto, também havia material histórico em “P” que só poderia ter vindo de um período anterior a “D”. Assim, P (E1 de Hupfeld) tornou-se “P1” e “P2”. Assim, a ordem cronológica das camadas mais antigas para as mais recentes de documentos de origem era P1 (o P realmente antigo), E, J, D e P2 (o P legalista ou sacerdotal).

A separação de Graf de “P” em duas fontes diferentes de “P” não iria durar. Em 1869, o crítico holandês Abraham Keunen argumentou que P era uma fonte unificada, pois as partes legal e legislativa não podiam ser separadas das históricas sem resultar em completa confusão, pois o bom entendimento de uma exigia a outra. Mas, como Graf havia estabelecido razoavelmente bem que a legislação sacerdotal ocorreu após o exílio babilônico, todo o documento P deve ter sido composto após a descoberta de “D” em 621. Essa foi uma “maneira gentil e crítica” de dizer que a maioria das leis da Torá eram realmente o produto de um sacerdócio pós-exílico. Era uma maneira gentil de dizer que, em vez de essas leis serem a base do judaísmo talmúdico, o inverso era verdadeiro; O judaísmo talmúdico foi a base dessas leis da Torá.

De qualquer forma, com a derrubada de Graf da separação de P e sua datação para um período posterior a D, apenas um componente final precisou ser adicionado, e esse foi o componente de que o documento J era o produto do

Hebreus quando eles adoravam seu deus tribal local, Yahweh, e assim, a ordem dos documentos entrou em sua ordem cronológica agora padronizada: JEDP. Foi esta ordem que Julius Wellhausen deu em sua reconstrução maciça da história hebraica antiga em seu trabalho agora clássico sobre o assunto, Introdução à História de Israel.

5. A cúspide crítica de uma Agenda

Em poucas palavras, e independentemente de seus muitos problemas, os altos críticos que elaboraram a Hipótese Documentária talvez estivessem corretos em uma coisa: eles suspeitavam que por trás das histórias bíblicas e das razões piedosas apresentadas nelas para vários eventos, havia um segredo oculto. agenda de uma elite oculta, manifestando-se, ainda que vagamente, nas diferenças filológicas e temáticas entre várias passagens. Para esses críticos, muitos dos quais haviam deixado de acreditar em qualquer tipo de Deus, a crítica e a suspeita de “uma agenda” em ação nos textos tornou-se uma maneira plausível de ler esses textos e mantê-los no cânone da cultura ocidental. . Se alguém aceita por uma questão de argumento que isso é verdade, então talvez eles estivessem muito alheios às implicações de sua própria percepção,

*6. As questões de uma Agenda em ação com os críticos: o comentário
Ctran4e de Weishaupt e um papel iluminista oculto no Antigo
Testamento*

Crítica?

Os críticos podem ter olhado mais perto de casa para o possível trabalho de uma agenda em seu próprio meio, além de uma por trás dos textos que estavam examinando, e essa possível agenda pode ser apontada ao notar que a alta crítica do Antigo Testamento, particularmente nas mãos de um Eichhorn, começou no sul da Alemanha no século XVIII, uma época e lugar repletos do que se tornaria um sinônimo de conspirações e agendas: a Maçonaria Iluminada da Universidade de Ingolstadt professor de Direito Canônico, Adam Weishaupt , mais conhecido como o fundador dos Illuminati da Baviera.

No entanto, existem motivos sérios para considerar uma possível relação entre os dois. Tanto a Maçonaria quanto a crítica da época compartilhavam uma pressuposição básica com respeito ao Pentateuco, a saber, que a antiga história do homem e de Israel como registrada ali era, na melhor das hipóteses, uma compilação alegórica de outras tradições anteriores, tradições deliberadamente omitidas ou obscurecidas por o texto bíblico existente.

Mais importante, era o objetivo declarado de Adam Weishaupt e seus Illuminati “adquirir a direção da educação – da administração da igreja — da cátedra e do púlpito” e para “conquistar os revisores e jornalistas” para difundir as opiniões iluministas e, portanto, parece altamente provável que os estudos bíblicos tenham sido o principal alvo dessa agenda.

Ainda mais importante, o próprio Weishaupt se refere uma vez, nos escritos capturados pelo governo bávaro, à sua própria “história da vida dos patriarcas” que, embora aparentemente não exista mais, indica seu profundo interesse pelos estudos bíblicos, e saber As predileções de Weishaupt, podemos facilmente adivinhar que essa história dificilmente estava de acordo com a ortodoxia católica ou luterana do período.

Os Illuminati de fato deram grandes passos no recrutamento de clérigos proeminentes para o dia. Escritos iluministas capturados listam como membros da ordem um “Baader, professor”, um “Barhdt, clérigo” e um “Danzer, cânone”, que provavelmente são Franz Xavier von Baader (1765-1841), Karl Friedrich Barhdt (1741). –1792), professor de arqueologia bíblica em Erfurt, e Jacob Danzer (1743–1796), professor de teologia moral e pastoral em Salzburgo, um refúgio de atividades dos Illuminati.³⁸

Mas talvez o mais importante, Weishaupt se gaba em uma de suas cartas: “Quem teria pensado que um professor em Ingolstadt se tornaria o professor do professor de Goettingen e dos maiores homens da Alemanha?” Goettingen, na época em que Weishaupt escreveu sua carta, era a casa do professor do Antigo Testamento Michaelis e de seu aluno mais célebre, Eichhorn.

7. O Trovão Explosivo do Dilema de Delitzsch

Então, por que “O Dilema Distintivo de Delitzsch” foi um trovão tão explosivo que seus ecos reverberam até nossos tempos em obscuros debates acadêmicos?

Então, como se pode resumir o “dilema distintivo de Delitzsch”?

1) Por um lado, a clara implicação dos nomes cuneiformes de Delitzsch contendo a raiz “Ia” e mesmo “Iave” séculos antes da epifania de Moisés na Sarça Ardente, conforme relatado em Êxodo capítulo 3, é que não havia nada inerentemente especial sobre o nomear “Yahweh” em si, uma vez que era conhecido muito antes do Êxodo, e que por sua vez rebaixou a passagem do Êxodo do status que sempre teve dentro da teologia judaica e cristã como uma revelação monoteísta especial, desafiando os fundamentalismos literalistas conservadores; e,

2) Por outro lado, a presença do nome em tabuinhas claramente datadas de um período de tempo de Hamurabi também significava que as cuidadosas reconstruções cronológicas da Hipótese Documentária – o “novo fundamentalismo” dos críticos – estavam, na melhor das hipóteses, em bases muito instáveis, ou claramente duvidosa e espúria na pior das hipóteses.

Mas havia uma outra implicação:

3) A presença de tais nomes em tabuinhas cuneiformes muito antigas também implicava que o texto bíblico foi de fato editado, mas de uma maneira muito diferente e com um propósito muito diferente daquele proposto pelos críticos superiores que defendiam a Hipótese Documentária. De fato, como o próprio Delitzsch apontou, a presença dos temas “Guerra Cósmica” e “Queda do Homem” na arte babilônica, temas paralelos nas histórias bíblicas, sugeria que a edição era indiscriminada e presente em todo o mundo.

textos e obras de arte da região. Sugeriu, em outras palavras, que havia uma agenda em funcionamento em todos os textos da região – bíblicos ou não – e que para aprender o que era essa história e essa agenda, seria preciso reconstruir essa história por um processo crítico cuidadoso.

Quando colocamos essas considerações nas implicações das reflexões de Koldewey sobre o sirrush, obtemos uma lista ainda mais expandida de implicações, pois não apenas a história bíblica e a história mais ampla da religião e da cultura são afetadas, também, e da mesma forma, é a própria história da ciência e da tecnologia. Isso implica que a “agenda” mencionada anteriormente, a agenda em ação na edição cuidadosa dos textos, pode estar tentando esconder algo sobre quatro coisas: Deus, o homem, a religião e a própria ciência.

O sirrush de Koldewey com sua estranha e bizarra mistura de características serpentinadas, ornitológicas e felinas aponta o caminho, pois com a moderna ciência da genética, a criação de tais criaturas quiméricas surge como uma realidade cada vez mais viável, uma realidade que os antigos textos da Mesopotâmia também implicava uma vez que existiu, e até implicava o uso e manipulação de uma tecnologia para alcançá-lo. Poderia tudo ter sido uma agenda de desorientação maciça, um caso de prestidigitação projetado para fazer a grande maioria da humanidade procurar em outro lugar, enquanto uma elite informada, olhando para textos antigos e vendo uma ciência e tecnologia perdidas, estava realmente cavando e arranhando as areias do deserto na tentativa de recuperar e reimplantar essa tecnologia perdida?

Essa possibilidade informa o restante deste livro, e para ela nos voltamos agora.

Dois

MARDUK MEDIU A ESTRUTURA DO FUNDO:

MEDIDAS MEGALITICAS E A “REFORMA” SUMÉRIA



“E [Marduk] mediu a estrutura das profundezas.”

— *Enuma Elish, Tablet 4*^{[S9](#)}

“Na realidade, não há sistemas de medição convencionais em uso comum hoje que não tenham uma dívida com o sistema megalítico original e integrado.”

— *Christopher Knight e Alan Butler*^{[40](#)}

SE ALGUÉM DEVE ACREDITAR no antigo épico da “guerra cósmica” da Babilônia, o Enuma Elish,^{[41](#)} então, quase imediatamente após a conclusão dessa guerra, Marduk, o vencedor do malvado vilão Tiamat, partiu para “medir a estrutura das profundezas”. A reação quase subconsciente da mente a esse pedaço de informação é rir e descartar a declaração como mais uma prova de que o Enuma Elish não é nada além de um pouco da antiga imaginação de ficção científica da Mesopotâmia enlouquecida, sem base nas realidades das necessidades de uma “limpeza” pós-guerra dos escombros.

Nada, porém, poderia estar mais longe da verdade.

Antes de prosseguir para descobrir essa “verdade”, no entanto, é necessário reiterar três das suposições feitas neste livro que se relacionam diretamente com nosso exame do assunto deste capítulo.

Em primeiro lugar, assumimos que uma “elite” sobreviveu a essa guerra, espalhada por vários lugares do planeta Terra e possivelmente em outros lugares do espaço local. Em segundo lugar, assumimos que essas elites tinham agendas, tanto abertas quanto ocultas, e que entre as abertas estava o restabelecimento mais rápido possível das necessidades básicas da civilização e a extensão global mais rápida possível delas. Dada a devastação causada por aquela antiga “guerra cósmica”, no entanto, esse objetivo necessariamente teve que operar ao longo de séculos e milênios de esforço meticuloso. Tal esforço e objetivo de longo alcance, portanto, exigiam que essas elites sobreviventes tivessem que se organizar – e seu conhecimento – de tal maneira que pudessem preservar esse objetivo e a base de conhecimento, mesmo que os fundamentos desse conhecimento fossem perdidos no curto prazo. ⁴² As possíveis agendas ocultas já foram mencionadas no capítulo anterior, pois “O enigma de Koldewey” e o “Dilema de Delitzsch” apontam para as possíveis manipulações ocultas das tecnologias sobreviventes, e muito possivelmente da própria religião, como alguns dos meios para realizar esse longo meta de prazo.

Assim, chegamos ao terceiro e último componente das suposições que incidem diretamente sobre este capítulo, ou seja, que alguns fragmentos da tecnologia e do conhecimento científico, por mais rudimentares que sejam, sobreviveram àquela antiga guerra cósmica e foram colocados em uso imediato para restabelecer e preservar os elementos de civilização necessários para a sobrevivência e o progresso humano.

Essa suposição destaca em relevo a perigosa “lacuna da história” nos modelos acadêmicos padrão da pré-história humana, pois, como muitas pessoas sabem, as sociedades notavelmente estáveis, avançadas e altamente integradas do Egito e da Suméria surgiram repentinamente e com muito pouco antecedente

preparação. Eles estavam lá de repente. Foi nessa “lacuna da história” que um professor de Oxford entrou, mostrando que de fato houve “preparação” e que essa preparação foi feita por uma elite, que foi deliberadamente coordenada e notavelmente consistente em sua disseminação pela Europa. e Oriente Médio.

A. UM PROFESSOR DE OXFORD DEVOLVE O MODELO PADRÃO: ALEXANDER THOM, SEU TRABALHO, E SUAS IMPLICAÇÕES

O nome desse professor era Alexander Thom, e o trabalho que ele fez foi nada menos que brilhante. Tão brilhante foi, de fato, que seus resultados continuam a ser questionados (um eufemismo educado para “rejeitado”) pelas comunidades de história, antropologia e arqueologia dentro da academia. De fato, Thom não era um historiador profissional, antropólogo ou arqueólogo, e isso era parte do problema. Ele era um engenheiro e um matemático, e como o engenheiro Christopher Dunn, que tanto irritaria egiptólogos e antropólogos ao afirmar que a Grande Pirâmide era uma máquina,⁴³ As conclusões de Thom iriam de encontro aos pressupostos reverenciados da antropologia, arqueologia e historiografia sobre a antiga história pré-clássica da humanidade. O trabalho de Thom é relativamente difícil de encontrar, mas os autores britânicos Christopher Knight e Alan Butler são dois pesquisadores que o estudaram minuciosamente e popularizaram suas descobertas, expandindo-as e adicionando insights próprios consideráveis e, portanto, seus trabalhos serão acompanhados de perto aqui .

Nascido no ano de 1894 na Escócia, Thom frequentou a Universidade de Glasgow e depois voltou para lá como professor de engenharia. Durante a Segunda Guerra Mundial, Thom trabalhou para o governo britânico e, após o término da guerra, retornou à academia, desta vez assumindo um cargo de professor de engenharia na Universidade de Oxford, onde permaneceu até se aposentar em 1961. Assim muitos outros associados à Universidade de Oxford Thom desenvolveram um interesse pela “pré-história” do homem, suspeitando que nem tudo estava bem com o “modelo padrão”:

O interesse de Thom em estruturas megalíticas começou em sua Escócia natal, onde ele notou que tais locais pareciam ter alinhamentos lunares. Dentro

No início da década de 1930, ele decidiu estudar alguns dos locais e iniciou um processo de levantamento cuidadoso que levaria quase cinco décadas. Além de suas palestras, Alexander Thom era um engenheiro altamente talentoso por direito próprio e aprendeu sozinho a topografia, o que lhe permitiu observar mais locais megalíticos - e com mais detalhes

— do que qualquer um antes ou depois.⁴⁴

Nessa concentração em engenharia de perto e observações de levantamento de estruturas antigas, Thom era muito parecido com outro famoso contemporâneo, Sir William Flinders Petrie, o agrimensor por excelência do planalto de Gizé, no Egito.

As escavações e o trabalho de levantamento de Thom levaram cinco décadas, pesquisando pontos turísticos

dos esqueléticos e impressionantes círculos de pedra da ilha de Orkney, no extremo norte da Escócia, até as gigantescas avenidas de pedras em sua marcha congelada pelos campos da Bretanha na França... [onde] Thom passou cada um e todos os verões por quase cinco décadas medindo cuidadosamente e fazendo anotações. Juntamente com a família, amigos e associados, ele gradualmente construiu um banco de dados maior, sobre conquistas megalíticas na construção, do que qualquer um antes ou depois.⁴⁵

Thom acabou publicando os resultados de seus estudos e levantamentos em um artigo escrito em 1951 para o Journal of the British Astronomical Association. O artigo intitulava-se “As Observações Solares do Homem Megalítico”. E nos três anos seguintes, Thom expandiu isso adicionando mais três artigos para o Journal of the Royal Statistical Society, além de publicar três livros sobre suas descobertas.⁴⁶

Quase tão logo ele publicou seu primeiro artigo, os resmungos de descontentamento foram ouvidos de arqueólogos e antropólogos, e na época de seus artigos e livros finais, esse resmungo havia se transformado em um silêncio ensurdecedor após uma onda inicial de rejeição obstinada. Como Knight e Butler afirmam o caso: “A diferença de abordagem entre Thom e o

comunidade arqueológica geral é fundamental”,⁴⁷ e se resume a uma “colisão de técnicas”.⁴⁸

Bem, os arqueólogos poderiam ter reclamado, pois, em essência, o que Thom fez foi provar que os construtores megalíticos supostamente “primitivos” da Grã-Bretanha eram profundos astrônomos, agrimensores e engenheiros por direito próprio. Exatamente o que Thom fez para ganhar a ira dos arqueólogos? Ele havia feito “uma afirmação surpreendente”:

Ele sustentou que descobriu que as estruturas deixadas pelo homem da Idade da Pedra foram construídas usando uma unidade de medida padrão que era tão precisa que ele poderia identificar seu valor central com uma precisão menor que a largura de um fio de cabelo humano. A ideia de que essas pessoas simples da pré-história pudessem ter alcançado tal precisão contrariava toda a visão de mundo da maioria dos arqueólogos.⁴⁹

Mas esse não era o único problema, pois essa unidade de medida, espalhada por toda a Bretanha na França e nas ilhas britânicas, era consistente nessa precisão e, além disso, baseava-se - como veremos em breve - em dados astronômicos e geodésicos extremamente precisos. observação. Como poderia ser, então, que “as pessoas supostamente não sofisticadas da Idade da Pedra da Grã-Bretanha possuíssem um sistema de medição totalmente integrado baseado em uma profunda compreensão do sistema solar”?⁵⁰

Este, é claro, era o verdadeiro problema, pois implicava uma base de conhecimento sofisticada a partir da qual os locais antigos foram construídos, e isso, é claro, levantava a temida possibilidade de que algo muito mais sofisticado por meio de uma civilização tivesse pré-existido na Idade da Pedra. povos. Em suma, o trabalho de Thom levantou a temida possibilidade da palavra “A”, de “Atlantis”. De qualquer forma, essa unidade padrão de medida astronômica e geodésica Thom chamou de “A Quintal Megalítico”, e tornou-se uma bandeira em torno da qual se reuniram os defensores da teoria de uma civilização preexistente e sofisticada. De fato, sua mera existência colocava uma espécie de problemática historiográfica para as visões padrão do desenvolvimento da civilização humana, pois “se ele estava errado, o assunto da estatística precisa de uma reavaliação fundamental; mas se suas descobertas fossem confiáveis, o assunto da arqueologia precisa de uma reavaliação igualmente cuidadosa. Além disso, se Thom estava certo, o desenvolvimento da civilização humana pode ter que ser reescrito!”⁵¹ Cavaleiro

e Butler rapidamente determinou que “a única esperança de resolver o problema, de uma vez por todas, era tentar encontrar uma razão pela qual esse comprimento de unidade teria significado para os construtores neolíticos e, em seguida, identificar uma metodologia para reproduzir tal comprimento. em locais diferentes”.⁵²

E é aqui que o mistério se torna ainda mais intrigante!

1. Thom's Megalithic Yard e as expansões de Knih e Butler

Para ver quão intrigante é o mistério, devemos primeiro saber exatamente quais eram as “medidas megalíticas” de Thom.

Thom identificou o uso de uma unidade padrão que ele chamou de 'Megalithic Yard' (MY), que ele especificou como sendo igual a 2,722 pés +/- 0,002 pés (0,82966 m +/- 0,061 m). Ele alegou que também havia outras unidades relacionadas usadas repetidamente, incluindo meio e duplo Megalithic Yards e um comprimento de 2,5 MY que ele apelidou de Megalithic Rod (MR). Em uma escala menor, ele descobriu que os construtores megalíticos usaram uma quadragésima parte de uma jarda megalítica, que ele chamou de 'polegada megalítica' (MI) porque era 0,8166 de uma polegada moderna (2,074 cm). O sistema funcionou assim:

$$1 \text{ MI} = 2,074 \text{ cm}$$

$$20 \text{ MI} = \frac{1}{2} \text{ MEU}$$

$$40 \text{ MI} = 1 \text{ MI}$$

$$100 \text{ MI} = 1 \text{ RM.}^{53}$$

Mas não havia apenas sistema nessa antiga estrutura de medida, havia uma consistência incrível em uma área muito grande:

O trabalho vitalício de Alexander Thom e sua redescoberta do Megalithic Yard resultaram em uma conclusão impressionante que criou um paradoxo imediato - como um povo primitivo poderia construir com tanta precisão? Por que eles fizeram isso e como eles fizeram isso? Thom não fez nenhuma tentativa de responder a essas perguntas. Ele relatou sua análise de engenharia e deixou os aspectos antropológicos para outros explicarem. Ele comentou que não conseguia entender como esses construtores transmitiram as Jardas Megalíticas tão perfeitamente ao longo de dezenas de milhares de milhas quadradas e através de vários milênios e ele

*reconheceu que as varas de medição de madeira não poderiam ter produzido o nível infalível de consistência que ele havia encontrado.*⁵⁴

Como de fato eles fizeram isso? E muito mais importante, por quê?

O problema colocado por essas questões só se aprofunda quando se considera a visão arqueológica e antropológica padrão de onde vieram as medidas antigas:

De acordo com Thom, as unidades que ele descobriu eram extraordinárias porque eram cientificamente exatas. Acredita-se que praticamente todas as unidades de medida conhecidas desde os sumérios e egípcios antigos até a Idade Média foram baseadas em partes médias do corpo, como dedos, mãos, pés e braços, e, portanto, eram bastante aproximadas.⁵⁵

Em outras palavras, as medidas de Thom, registradas em vários milhares de milhas quadradas na Grã-Bretanha e na França, e registrando uma precisão dessa antiga unidade de medida com a largura de um cabelo humano, desmentiram as suposições arqueológicas de que as medidas antigas se baseavam sempre. - várias partes do corpo! Algo completamente diferente estava em jogo!

2. Os métodos a. Teoria do “Antigo Bureau of Ctandards” de Thom

Este fato colocava um problema intrigante, a saber, poderia uma “engenharia reversa” do método pelo qual os construtores megalíticos supostamente primitivos derivaram uma medida tão precisa e consistente?

Uma teoria que tenta fazer isso é – por falta de uma expressão melhor — a teoria do “antigo Bureau of Measures”. O próprio Thom não conseguiu explicar a precisão consistente do Megalithic Yard sobre uma teoria tão grande e, a princípio, propôs a teoria do “antigo Bureau of Measures”:

Esta unidade estava em uso de uma extremidade da Grã-Bretanha para a outra. Não é possível detectar por exame estatístico quaisquer diferenças entre os valores determinados nos círculos inglês e escocês. Deve ter havido um quartel-general de onde foram enviadas varas padrão (uma vara pode ser de dois tipos, mas neste contexto há pedaços de madeira cortados para representar a Quinta Megalítica)... O comprimento das varas na Escócia não pode ser diferente daquela na Inglaterra por mais de 0,03 polegada (0,762 mm) ou a diferença teria aparecido. Se cada pequena comunidade tivesse obtido o comprimento copiando a vara de seu vizinho ao sul, o erro acumulado teria sido muito maior do que isso.⁵⁶

Mas havia um grande problema com essa teoria, e Knight e Butler são rápidos em apontá-lo:

Naquela época, os dados de Thom não podiam ser explicados por nenhum mecanismo conhecido por estar disponível para as pessoas do final da Idade da Pedra, a não ser assumir que todas as hastes foram feitas no mesmo lugar e entregues à mão para todas as comunidades da Escócia e da Inglaterra. . Eventualmente, ele encontraria a unidade em uso desde as Hébridas até o oeste da França, o que faz com que a teoria da fábrica da régua central pareça mais

improvável. Ele também achou impossível imaginar por que essas primeiras comunidades queriam trabalhar com uma unidade padrão exata.⁵⁷

Em outras palavras, a unidade estava espalhada por uma área muito grande para a teoria do “antigo Bureau of Standards” explicar isso. Deixaremos a exposição completa da resposta à pergunta de por que esse povo primitivo da Idade da Pedra teria querido “trabalhar com uma unidade padrão exata” para um ponto posterior deste capítulo.

Assim, efetivamente, voltamos à estaca zero: como esses povos “primitivos” da Idade da Pedra chegaram a tal unidade de medida e a reproduziram com precisão infalível em uma área tão ampla? A resposta para isso, de acordo com Knight e Butler, é bastante surpreendente, e aponta para uma elite oculta e dificilmente “primitiva” agindo como uma mão orientadora e trabalhando nos bastidores.

3. Geometrias Celestes e o Método do Pêndulo

A questão de por que um povo tão primitivo precisaria de uma unidade de medida tão precisa espalhada por uma área tão ampla é, no entanto, crucial para entender como eles a reproduziram. Knight e Butler colocam esse problema metodológico da seguinte maneira: “Vimos que a única esperança de resolver a questão, de uma vez por todas, era tentar encontrar uma razão pela qual esse comprimento de unidade teria significado para os construtores neolíticos, e em seguida, identificar uma metodologia para reproduzir tal comprimento em diferentes locais.”⁵⁸ Idealmente, isso significava que “o que nossos matemáticos megalíticos precisavam era de um método de reproduzir o Pátio Megalítico que fosse simples de usar, muito preciso e disponível para pessoas dispersas por uma grande distância e por um enorme período de tempo”.⁵⁹ Era o problema de otimização do engenheiro clássico, pois qualquer que fosse esse método, tinha que ser um método que também “garantisse que a unidade de comprimento não mudaria ao longo do tempo ou da distância física”.⁶⁰ e isso significava, é claro, que com toda a probabilidade, a unidade foi fundada em algo com uma base bastante constante “no mundo natural”⁶¹ que não mudariam ao longo do tempo ou da localização física.

Isso, é claro, implicava que a resposta estava nas estrelas e na própria Terra. E se este for o caso, então a unidade mais óbvia imediatamente conhecida por tais observadores “primitivos” seria um “dia”, e é aí que começa a base última do método de reproduzir uma unidade de medida precisa:

Existem várias maneiras de definir um dia e os dois tipos principais são o que hoje chamamos de dia 'solar' e dia 'sideral'. Um dia solar é aquele medido a partir do zênite (o ponto mais alto) do Sol em dois dias consecutivos. O tempo médio da passagem diária do Sol ao longo do ano é chamado de 'dia solar médio' - é esse tipo de dia que usamos para nossa cronometragem hoje. Um dia sideral é o tempo que leva para uma revolução do planeta, medido pela observação de uma estrela retornando ao

o mesmo ponto no céu em duas noites consecutivas. Esta é uma revolução real porque não é afetada pelo movimento secundário da órbita da Terra ao redor do Sol. Este dia sideral, ou período de rotação, é 236 segundos mais curto do que um dia solar médio, e ao longo do ano esses segundos perdidos somam exatamente um dia extra, dando um ano de pouco mais de 366 dias siderais em termos de rotação da Terra em torno de seu eixo.

Em suma, qualquer um que medisse a rotação da Terra observando as estrelas saberia muito bem que o planeta gira um pouco mais de 66 vezes em um ano, portanto, esse número teria grande significado para esses observadores de estrelas. Se eles considerassem cada volta completa da Terra como sendo um grau do grande círculo do céu, dentro do qual o Sol, a Lua e os planetas se movem, então eles também aceitariam logicamente que há 366 graus em um círculo.

Realmente existem 366 graus no círculo mais importante de todos eles

- a órbita anual da Terra do Sol. Qualquer outra coisa é uma convenção arbitrária. Pareceu-nos que isso era tão lógico que o círculo de 60 graus pode ter sido um ajuste posterior para tornar a aritmética mais fácil, pois é divisível por muito mais números do que o número "real" de graus em um ano. Em outras palavras, o círculo da geometria tornou-se de alguma forma separado do círculo do céu.⁶²

Observe cuidadosamente a implicação dessas observações, pois o sistema natural de uma medida celeste e geodésica envolveria algum sistema de círculo de 366 graus, enquanto em algum ponto posterior - em grande parte por causa do cálculo aritmético simplificado - um sistema modificado ou temperado foi colocado no lugar por "alguém". Este é um ponto significativo e será retomado mais adiante neste capítulo.

Mas como esse sistema "original" de 366 graus foi derivado por tais povos primitivos? Procurando reconstruir os processos de pensamento dos construtores megalíticos, Knight e Butler chegaram a algumas conclusões muito práticas:

[É] altamente provável que eles também percebam que o nascer do sol ao longo do ano se move exatamente como um pêndulo. No equinócio da primavera (atualmente por volta de 21 de março), o Sol nascerá para o leste e, em seguida, subirá um pouco mais ao norte a cada dia até o solstício de verão (21 de junho), quando para e inverte sua

direção de volta ao equinócio de outono e

para o solstício de inverno, altura em que subirá bem para o sul. O comportamento do Sol ao longo de um ano, visto da Terra, cria exatamente o mesmo modelo de frequência de um pêndulo. Ele exhibe uma taxa de mudança mais rápida no centro e diminui gradualmente até os extremos do solstício, onde para e inverte a direção.⁶³

Assim, o primeiro problema foi “intrigar com a questão de como qualquer unidade de tempo poderia ser convertida em uma unidade linear”.⁶⁴ A resposta estava no movimento do Sol durante um ano: o pêndulo. De certa forma, o mesmo pode ser dito do movimento de planetas próximos, como Vênus, pois usando a “máquina” muito primitiva de um pêndulo e escolhendo um ponto de referência fixo no céu e contando os batimentos ou oscilações do pêndulo quando uma estrela escolhida se movia entre pontos fixos de observação no horizonte.

O pêndulo era uma máquina pronta e simples, facilmente dentro das capacidades tecnológicas dos construtores megalíticos e, além disso, tão intimamente ligado às propriedades “invariáveis” da própria Terra que formava a base perfeita para a precisão das medidas megalíticas em tantos ampla uma área. A razão para isso é simples, pois o pêndulo liga diretamente o campo gravitacional da Terra, a noção de tempo como frequência de batimento e a conversão de ambos para uma medida linear:

O tempo que um pêndulo leva para balançar é governado por apenas dois fatores: a massa da Terra e o comprimento do pêndulo do fulcro... ao centro de gravidade do peso. Nada mais é de importância significativa. A quantidade de esforço que a pessoa que segura o pêndulo coloca no balanço não tem influência no tempo por balanço, porque um movimento mais poderoso produzirá um arco amplo e uma velocidade de deslocamento mais alta, enquanto um balanço de baixa potência fará com que o peso se desloque. menor distância a uma velocidade reduzida. Da mesma forma, o peso do peso do objeto no final da linha é irrelevante – um peso mais pesado ou mais leve simplesmente mudará a relação velocidade/distância sem afetar o tempo do balanço.

A massa da Terra é um fator constante... e

assim

em uma área do tamanho das Ilhas Britânicas, qualquer pessoa balançando um pêndulo por um número conhecido de oscilações em um período fixo de tempo terá quase exatamente o mesmo comprimento de pêndulo.⁶⁵

Portanto, o método era simples: se alguém erigisse dois marcadores no círculo do horizonte, espaçados em $\frac{1}{366}^{\circ}$ de grau, e depois observasse uma estrela selecionada passar entre eles e, por tentativa e erro com comprimentos de pêndulo, eventualmente um comprimento seria encontrado que produziria uma meia jarda megalítica quando balançada 366 vezes enquanto a estrela passasse entre os pólos. E este seria o caso independentemente de onde se estivesse, e produziria esse comprimento com precisão infalível.⁶⁶ Não havia absolutamente nenhuma necessidade de um “antigo Bureau of Standards”.

4. Números bonitos: os cismas 366-, 365- e 360-De4ree

O sistema de 366 graus também tem uma estreita conexão com uma medida geodésica, ou seja, a circunferência polar da Terra. Como Knight e Butler colocaram, “o valor mais comum citado” para a circunferência polar da Terra é “40.008 quilômetros”, que se converte facilmente em “48.221.838 jardas megalíticas (MY)”.⁶⁷ Assumindo que esses antigos construtores megalíticos dividiram cada grau em 60 minutos de arco e cada minuto em seis segundos de arco, eles são capazes de determinar que um grau (ou $\frac{1}{366}$ th) da circunferência polar da Terra era de 131.754 jardas megalíticas, e um minuto ($\frac{1}{60}$ th) desse valor era de 2.196 jardas megalíticas. Isso, como eles admitiram, “não parecia muito emocionante”.⁶⁸ Mas então, quando se dividia o minuto por um segundo, ou $\frac{1}{60}$ de uma parte, o resultado final “foi realmente notável” pois rendeu 366 jardas megalíticas!⁶⁹

Este resultado surpreendente está ligado a mais uma medida antiga, desta vez o chamado “Pé Minóico” da ilha de Creta. Observando que o “Professor J. Walter Graham da Universidade de Princeton” havia feito a descoberta de “uma unidade padrão de comprimento” que havia sido usada “no projeto e construção de palácios em Creta datados do período minóico, por volta de 2000 aC, Graham apelidou de esta unidade um 'pé minóico' que ele afirmou ser igual a 30,36 centímetros.”⁷⁰ Knight e Butler então fizeram a descoberta que ligava essa medida a todo o sistema megalítico de 366 graus que haviam encontrado na Grã-Bretanha:

Imagine nossa surpresa quando percebemos que um segundo de arco no suposto sistema Megalítico (366 MY) é igual a 303,6577 metros - que são exatamente 1.000 pés minoicos (dado que Graham não forneceu um nível de precisão maior que um décimo de milímetro). Esse ajuste pode ser apenas uma coincidência muito, muito estranha - mas deve-se notar que vários pesquisadores agora acreditam que a cultura minóica de Creta teve contato contínuo com as pessoas que foram os construtores megalíticos das Ilhas Britânicas.⁷¹

Mas isto não foi tudo.

Estava em uso na Grécia antiga uma unidade de medida conhecida como pé “olímpico” ou “geográfico”, que, “por consenso geral” mede “o que pode parecer à primeira vista 30,861 centímetros sem sentido”. E isso levantou relações ainda mais peculiares para Knight e Butler, pois expôs uma relação oculta entre o sistema megalítico de 366 graus e nosso agora mais familiar sistema de 360 graus:

Imediatamente notamos algo especial sobre a relação entre o pé minoico e o pé grego posterior. Com uma precisão extremamente próxima de 99,99%, uma distância de 366 pés minoicos é o mesmo que 360 pés gregos! Isso foi incrível, e tínhamos certeza de que não era uma coincidência. As duas unidades não precisavam ter nenhum relacionamento inteiro - ainda assim, elas se relacionam de maneira megalítica para suméria...⁷²

Em outras palavras, a Suméria - que foi a origem do nosso moderno sistema de 360 graus - entrou em cena e de uma maneira que conectou os dois sistemas, os sistemas de 366 e 360 graus.

A ligação é evidente a partir do próprio sistema numérico sumério, que era um sistema sexagesimal, ou seja, baseado em unidades de seis, dezenas e sessenta, e seus múltiplos, formando números como 36, 360, 3600, e 36.000 números muito “sumérios”. Como já observamos, parece que os antigos, ao derivar o sistema de 366 graus para começar, notaram que o trânsito do sol ao longo de um ano era de aproximadamente 365,25 dias, e simplesmente arredondaram esse número para o próximo número inteiro, 366. Os sumérios, que influenciaram os egípcios, modificaram ou temperaram todo o sistema criando o sistema de 360 graus em uso até hoje, para facilitar o cálculo. Em outras palavras, à primeira vista, parece que houve, em certo ponto da pré-história, uma “reforma suméria” do sistema megalítico. Esta é a posição de Knight e Butler, a saber, que o sistema megalítico é o mais antigo, e a “reforma suméria” uma modificação posterior dele. Mas, como veremos mais adiante neste capítulo, há evidências

— de um lugar muito incomum, que o sistema de 360 graus estava em uso por muito tempo

antes que os sumérios ou construtores megalíticos da Grã-Bretanha estivessem em cena!

Mas qualquer que fosse a relação cronológica entre os dois sistemas, havia, no entanto, uma relação matemática, como evidenciado pela relação do minoano com o pé grego, o primeiro representando uma medida baseada no sistema 366, e o segundo baseado no sistema 360. O problema era, o que era?⁷³ Foi simplesmente um caso de que “o círculo de 360 graus pode ter sido um ajuste posterior para tornar a aritmética mais fácil...”?⁷⁴ Ou havia algo mais no trabalho além disso?

Knight e Butler rapidamente descobriram qual era a relação matemática, e a relação era a de duas constantes absolutamente críticas e fundamentais, as de f , com valor de 1,618, e π , com o valor de 3,14. Simplificando, 360 dividido por 5 é igual a 72, e 366 dividido por $\pi \times f$ também é igual a 72. Embora a divisão por 5 possa parecer arbitrária, não é, pois a constante f gera a bem conhecida sequência de Fibonacci — 1, 2, 3, 5, 8, 13 e assim por diante — onde os dois primeiros números somam o próximo número, então esses dois para o próximo e assim por diante. Então cinco está na “série harmônica”, por assim dizer, de f .

Então Knight e Butler fizeram outra conexão surpreendente entre os dois sistemas. Observando que os henges de Thornborough apontavam para o monte em Lincoln a uma distância de 127 quilômetros, e descobrindo que os dois locais estavam separados por exatamente um grau megalítico, ou seja, 366 x 60 x 6 jardas megalíticas um do outro, por latitude e exatamente um grau de distância pelo moderno sistema de longitude significava, com efeito, que por um período de tempo os construtores megalíticos parecem ter usado o 366 para medir a longitude e o sistema de 360 graus para medir a latitude.⁷⁵ A “reforma suméria” na qual se baseia todo o nosso sistema moderno, em outras palavras, consistiu em nada mais do que o uso do sistema de 360 graus para medir ambos.

5. O Próximo Ctep: Medidas de Volume e Wei4ht

Tendo assim encontrado os meios pelos quais uma unidade precisa de medida linear foi reproduzida com tanta precisão em uma área tão ampla - ou seja, através do uso de um pêndulo para contar os batimentos entre marcadores no círculo do horizonte colocados a um grau de distância em 366 graus sistema - e, assim, convertendo a medida de tempo em uma medida linear de distância, o próximo problema foi introduzir unidades precisas de medida de volume e peso com base nessa mesma medida linear. “Tal movimento teria sido um importante alicerce para o comércio, que por sua vez foi um passo fundamental para a verdadeira civilização.”⁷⁶ Em outras palavras, a base necessária para o comércio internacional são unidades precisas de medida de volume e peso, e essa precisão só pode ser garantida baseando as unidades de medida na constância relativa dos movimentos celestes e nas propriedades geodésicas da própria Terra.

O problema foi facilmente resolvido realizando o que os físicos chamam de “rotação dimensional”, ou seja, simplesmente pegando a medida linear, uma unidade de uma dimensão, e girando-a em duas dimensões (assim medindo a área) e, finalmente, em três dimensões, medindo assim o volume. Em suma, os antigos simplesmente “cubravam” suas jardas megalíticas, meia jarda e assim por diante, para formar as medidas de volume.

Mas quando isso foi feito, Knight e Butler começaram a fazer outra série surpreendente de descobertas.

No nosso caso, as unidades lineares teriam que estar em Polegadas Megalíticas, que Thom identificou como sendo um quadragésimo de uma Jarda Megalítica, igual a 2,07415 centímetros. Tomando a liderança do sistema métrico, Chris primeiro considerou um cubo com lados de um décimo de uma jarda megalítica — ou seja, quatro polegadas megalíticas (MI). Em termos métricos este acabou por ter uma capacidade de pouco mais de meio litro, com 571,08 centímetros cúbicos.⁷⁷

Esse resultado - um estranho paralelo entre um antigo sistema de medida megalítico e o métrico moderno - foi estranho, mas dificilmente convincente por si só.

6. Antecipações antigas e megalíticas dos cismas imperiais e métricos

Mas então o problema tornou-se agudo e foi revelado por uma conversa entre os co-autores Alan Butler e Chris Knight. Reproduzo aqui, porque suas reações certamente teriam sido minhas, e muito provavelmente qualquer outra pessoa está fazendo os experimentos e executando os números. A conversa começa com o autor Chris Knight:

"...Acho que temos um problema."

"Que tipo de problema?" Alan queria saber.

"O problema de explicar o aparentemente impossível", disse Chris. "Comecei verificando esferas com diâmetros de 5, 10 e 20 polegadas megalíticas e também produzem volumes bastante próximos do quartilho, do galão e do alqueire. O nível de precisão não é tão bom quanto os cubos porque a esfera de 5 (polegadas megalíticas) continha 1,027 litros, o que ainda é o mais próximo que qualquer pessoa no mundo real precisaria. Mas uma rápida verificação das regras que regem as relações entre cubos e esferas revelou que, com uma precisão de 99,256 por cento, um cubo com um lado de 4 unidades terá o mesmo volume que uma esfera com um diâmetro de 5 unidades, o que fez as descobertas estranho, mas matematicamente compreensível."

Alan ficou intrigado, mas intrigado.

"Se não há mistério sobre a esfera da pinta, por que você disse que tinha que explicar o impossível?" ele perguntou.

"O que eu disse até agora é a parte fácil desta conversa, porque meu próximo teste me levou do bastante estranho ao ridículo. O que você acha que uma esfera de 6 MI e 60 MI de diâmetro suportaria em termos de peso de água?"

“Eu não posso adivinhar. O que eles guardam?” Alan perguntou, com não pouca impaciência.

“Bem, a esfera de 6 MI comporta um litro e pesa um quilo, então a esfera de 60 MI 10 x 10 x 10 vezes mais, comporta um metro cúbico e pesa uma tonelada métrica. E é incrivelmente preciso também.”

Alan riu alto ao telefone.

“Ha ha, muito engraçado...” Ele fez uma pausa. — Você está brincando, não é? “Não. Dá uma olhada, Alan. Os números não mentem. O encaixe é melhor mais de 99% de precisão e quando testei os mesmos princípios usando polegadas e centímetros modernos para as esferas, não houve resultados significativos. Algo realmente estranho está acontecendo aqui.”⁷⁸

Em outras palavras, quando polegadas imperiais modernas ou centímetros métricos foram usados para construir esferas e cubos, não houve “nenhum resultado significativo”. Mas quando a antiga polegada megalítica foi usada para construir cubos e esferas, o resultado foi, no caso dos cubos, unidades modernas imperiais britânicas de volume e, no caso das esferas, unidades métricas modernas de volume e peso! Em outras palavras, ambos os sistemas de volume imperial e métrico modernos pareciam estar relacionados às unidades de medida antigas precisamente como sendo baseadas em cubagem e esferização. E pesquisas posteriores revelaram que mesmo os pesos imperiais pareciam ser derivados do cubo de uma unidade de um décimo do comprimento da jarda megalítica.⁷⁹

Mas, a fim de demonstrar a sugestão de que pode de fato haver uma ligação real entre os dois sistemas, uma ligação originária de tempos antigos, seria necessário reproduzir uma antiga unidade de medida que tenha uma semelhança com um ou outro sistema. De fato, havia uma unidade assim, que os sumérios chamavam de “duplo kush”, com aproximadamente 99,88 centímetros de comprimento, que, curiosamente, fazia o comprimento de um pêndulo de um segundo para uma cronometragem precisa.⁸⁰

Tudo isso era uma evidência convincente de que não havia apenas uma raiz e relação profundamente antigas entre os modernos sistemas métricos e imperiais britânicos de volumes e pesos, mas que essa raiz e relação se

originavam de uma unidade de medida linear megalítica que era cúbica e

“esfera”. Tudo isso sugeria, em outras palavras, como os próprios Knight e Butler comentaram, que alguém queria muito “dar um salto” na civilização e criar as condições necessárias para o “comércio internacional”, alguém como uma elite oculta.

E é aí que a história dessa elite oculta, e suas agendas ocultas, toma outro rumo surpreendente.

B. A ELITE OCULTA E O CENÁRIO DA GUERRA CÓSMICA

1. A Elite Antiga: Astronomia, Finanças e o Deus do Milho versus o Deus da Dívida

Knight e Butler não estavam cegos para as implicações de suas descobertas, e postularam a existência de tal elite oculta, uma mão orientadora, conduzindo o homem megalítico inevitavelmente e inexoravelmente ao longo do caminho para (ou, como veremos, de volta) para a civilização. Como, de fato, era possível “que as pessoas supostamente não sofisticadas da Idade da Pedra da Grã-Bretanha possuíssem um sistema de medição totalmente integrado baseado em uma profunda compreensão do sistema solar?”⁸¹

Enquanto investigavam os locais britânicos onde Thom descobriu o Megalithic Yard, Knight e Butler logo encontraram uma resposta para essa pergunta, e foi uma resposta com implicações profundamente significativas. Por exemplo, o fato de que havia tantos desses sítios megalíticos espalhados pelas Ilhas Britânicas, e que cada um parecia ter sido projetado para algum propósito astronômico, sugeria que “poderia ter havido uma rede nacional”⁸² algum tipo de lugar. E uma rede implica na organização e coordenação de um seleto grupo de pessoas. Em suma, implica uma elite.

Um desses locais em particular intrigou Knight e Butler, e isso foi em Skara Brae, na Ilha Orkney. Isso os intrigou porque

pode muito bem ter sido uma 'universidade' megalítica para a formação de sacerdotes-astrônomos. A datação por radiocarbono mostrou que foi ocupada entre aproximadamente 3215-2655 aC, quando forneceu uma série de quartos interligados, cada um com móveis de pedra correspondentes, incluindo cômodas, camas, áreas de cozinha e banheiras de pedra seladas para lavar. Arqueólogos identificaram que sigilo, segurança e encanamento também são aparentes no local. Um esconderijo secreto havia sido encontrado sob a cômoda de pedra e um buraco para uma barra de travamento estava localizado em ambos os lados das portas. Além disso, também foi escavado um ralo de lavatório projetado para escoar excrementos ao longo de tubulações de madeira e para o mar....

.... Como a ilha não tinha nada para trocar, a única resposta razoável para este enigma arqueológico é que os habitantes eram um grupo de elite que era apoiado pela boa vontade de uma comunidade mais ampla à distância.

Skara Brae também revelou alguns artefatos que se mostraram impossíveis de entender. Pequenos objetos de pedra primorosamente esculpidos incluem duas bolas: uma de 6,2 centímetros e outra de 7,7 centímetros de diâmetro. A sua finalidade é desconhecida e a decoração profunda parece ser impossível de criar sem ferramentas de metal, como o engenheiro James Macauley descobriu quando tentou reproduzi-las usando a tecnologia conhecida da época.⁸³

Em outras palavras, Skara Brae era basicamente a confirmação da existência de uma elite apoiada, que além disso tinha acesso a algum tipo de tecnologia avançada de metal e pedra que não era comum à sociedade em geral que a apoiava.

Skara Brae também é esclarecedor por outro motivo, que Knight e Butler não mencionam, pois se houvesse uma elite guiando uma humanidade pós-guerra cósmica de volta à longa escada para a civilização, dois dos passos essenciais que seriam necessários para fazer assim como (1) estabelecer um sistema de pesos e medidas reproduzíveis com precisão ao longo do tempo e em qualquer ponto da Terra por meio de métodos relativamente simples, e (2) estabelecer um centro ou centros para treinar pessoas nas técnicas apropriadas de derivação dessas medidas via observação astronômica.

Skara Brae, em outras palavras, é testemunho não apenas da existência dessa elite, mas também de suas agendas, por

Sem um meio de medir peso e volume, o comércio permanece em um nível de troca, onde cada transação deve ser avaliada apenas por avaliação visual. A capacidade de identificar uma quantidade conhecida torna a compra e a venda um processo muito mais científico, pois pode ser repetido com precisão vez após vez. O uso de unidades de peso mutuamente aceitas significava que os negócios poderiam ser feitos a longo prazo, porque seria desnecessário ver a mercadoria primeiro para avaliar sua quantidade.⁸⁴

E, portanto, estamos na presença de mais uma agenda dessa elite, pois enquanto não houver um sistema de medida preciso que possa ser fácil e simplesmente reproduzido em qualquer lugar da terra, o comércio e a civilização que existiriam ficariam confinados a muito pequenos locais. áreas. Assim, a presença de uma “universidade megalítica” sugere fortemente que estamos na presença de uma elite que está tentando fomentar o comércio na maior área possível para criar as condições necessárias e fundamentais para o surgimento de uma civilização global. Estamos, portanto, frente a frente com essa conexão profundamente antiga entre as elites financeiras ocultas dos tempos antigos e os sacerdócios dos templos de astronomia aos quais me referi em meu livro anterior, *Babylon's Banksters*,⁸⁵ pois essa aliança estava presente mesmo antes do surgimento das altas civilizações da Suméria e do Egito. Essa elite, com sua aliança da astronomia com uma agenda política e financeira oculta, de fato criou essas civilizações.

Uma breve palavra sobre esse sacerdócio astronômico-financeiro megalítico está em ordem, para que seu lugar dentro do contexto mais amplo de meus livros anteriores seja mal interpretado. Como observei em *Babylon's Banksters*, a ideia inicial e mais antiga de dinheiro era que era simplesmente uma unidade de troca emitida pelo próprio estado contra o excedente de produção nos armazéns estatais. À medida que essa produção se expandia, a oferta de dinheiro crescia; à medida que se contraía, a oferta de dinheiro se contraía. Mas o ponto crucial a observar é que o dinheiro foi emitido como recibo da produção do Estado e, portanto, foi emitido sem dívidas. Como a probidade do Estado era representada precisamente por aquele sacerdócio astronômico-financeiro que de fato o havia criado, a emissão de “moeda legal” – para usar a linguagem moderna – era frequentemente associada ao templo. Assim, inicialmente,

No entanto, como também detalhei em *Babylon's Banksters*, essa elite logo foi infiltrada por outra, ou cooptada, e seus próprios membros foram corrompidos a partir dessa “adoração ao Deus do milho e política monetária” inicial e se voltaram para uma filosofia de emissão de monopólio privado de dívida como dinheiro. Ou para colocar a mudança na política monetária em termos das imagens religiosas do templo mais uma vez, a adoração passou do Deus do milho para o Deus do contrato e da dívida, para o Deus a quem uma dívida era devida e um serviço devido. Ver a política monetária em termos tão religiosos é revelar o segredinho sujo que começou a

apoderar-se da cultura humana como resultado dessa mudança na elite que começou a ocorrer na Suméria e na Babilônia, pois como se sabe, os bancos só podem emitir principal, não juros, e assim à medida que a circulação da dívida monetizada cresce e substitui a circulação de dinheiro real, a dívida só aumenta para muitos, para o lucro de poucos no topo da pirâmide e esquema Ponzi. Ou, para colocar em sua última expressão religiosa, a humanidade chega aos trancos e barrancos na situação inevitável em que uma dívida infinita, ou pelo menos praticamente irreparável, é devida a Deus, ou aos deuses, exigindo um tesouro infinito para pagar.⁸⁶ Para ser o mais sucinto possível, as duas políticas monetárias se manifestam como consequências espirituais da adoração de dois deuses muito diferentes, e vice-versa.⁸⁷

Temos, então, essa elite inicial, e depois outra que serpenteia em direção ao original, desviando sua política monetária, mantendo muitas das agendas originais, incluindo a da criação de uma civilização global.

2. A Elite Maçônica e o Conhecimento da “Antiguidade Muito Hi4h”

A presença das medidas megalíticas sugeria, como se viu, uma elite com uma agenda, uma agenda que incluía sua própria autopreservação e continuidade no tempo. Knight e Butler colocam o ponto desta forma:

De fato, o fato de as unidades megalíticas terem uma relação quase perfeita com as medidas modernas sugere fortemente que houve uma continuidade desse conhecimento através da Grande Muralha da História... Isso nos trouxe aos inventores da escrita e à primeira nação conhecida de comerciantes internacionais, os sumérios...⁸⁸

A Grande Muralha da História a que se referem Knight e Butler é a “muralha do silêncio” entre a Idade Megalítica e as primeiras civilizações. Mas, como veremos, esse muro é consideravelmente mais alto e maior do que eles imaginam. Sua importância, no entanto, é a mesma: que relação havia entre os construtores megalíticos e suas medidas, e a Suméria? Claramente havia uma persistência de informações por toda a Grande Muralha da História, implicando que uma elite havia levado essas informações adiante.

Como os próprios Knight e Butler apontam, no entanto, eles não foram os únicos a perceber as implicações; o outro não era outro senão o terceiro presidente dos Estados Unidos, o maçom Thomas Jefferson. Jefferson investigou sistemas de pesos e medidas logo após a América conquistar a independência política da Grã-Bretanha e, como Knight e Butler, fez uma série semelhante de descobertas sobre pesos e medidas em uso na Grã-Bretanha e na França, como fizeram Knight e Butler, e essas descobertas o levaram a algumas conclusões bastante surpreendentes:

Que circunstâncias da época, ou propósitos de troca ou comércio, exigiram essa combinação de pesos e medidas, com os assuntos a serem trocados ou comprados, não devem ser verificados agora. Mas um conjunto triplo de proporções exatas representando pesos, medidas e

as coisas a serem pesadas e medidas, e uma relação tão integral entre pesos e medidas sólidas, deve ter sido o resultado de projeto e cálculo científico, e não uma mera coincidência de acaso.

.... Mas a harmonia aqui desenvolvida no sistema de pesos e medidas ... corroborada por um uso geral, desde a antiguidade muito alta, disso, ou de um peso quase semelhante sob outro nome, parecem provas mais fortes de que isso é legal peso...⁸⁹

Knight e Butler decidiram seguir o exemplo de Jefferson e ver se seu comentário sobre “alta antiguidade” tinha alguma possibilidade de verdade.

Tomando a sugestão de uma antiga tradição suméria que falava do mundo sendo medido em sementes de cevada,⁹⁰ Knight e Butler decidiram ver se havia alguma verdade possível na tradição suméria. Ao fazer isso, eles descobriram a base final do sistema numérico sexagesimal sumério: a massa da própria Terra!

Como a tradição suméria afirmava que o peso da Terra era medido em sementes de cevada, Knight e Butler começaram com o valor padrão da massa métrica da Terra, $5/9763 \times 1024$ quilogramas. Eles então converteram essa figura em uma unidade de peso suméria com base na cubagem do kush sumério. Uma vez em cubos e cheio de água, isso se tornou a unidade de massa suméria chamada “duplo mana”, que pesava 996,4 gramas. Isso significava que havia $5,9979 \times 1024$ manas duplos na massa da Terra.⁹¹

Seu comentário sobre a natureza surpreendente do que se segue deve agora ser citado para permitir que seu significado completo seja absorvido:

Este número é tão próximo de 6 seguido por 24 zeros que se destaca como sendo muito estranho, principalmente tendo em mente que não poderíamos ter certeza do tamanho “exato” pretendido do double-kush. Claro, pode ser uma coincidência, mas continua sendo um fato que o peso do mundo é apenas uma parte em 2.850 de ser precisamente:

6.000.000.000.000.000.000.000.000 de manas duplas sumérias.

Se não fosse pelo fato de que este número se conforma tão espetacularmente com o sistema de contagem sumério/babilônico de base 60, não o teríamos relatado. Mas é um pensamento tentador que esta unidade antiga possa ter uma relação com a massa da Terra, seja por algum cálculo brilhante ou devido a algum experimento prático que produziu o resultado por um mecanismo desconhecido para os criadores – ou para o mundo moderno. Além disso, sabíamos que os sumérios consideravam que havia 21.600 sementes de cevada para um mana duplo, então também podemos nos aventurar a dizer que o planeta inteiro é igual a 1.296×1026 sementes de cevada – o que dá o seguinte resultado:

Uma fatia de um grau da Terra = 360×1024 sementes
de cevada Uma fatia de um minuto da Terra = 6×1024
sementes de cevada Uma segunda fatia da Terra = 1023
sementes de cevada.

Assim, uma seção de um segundo do nosso planeta pesa o mesmo que 100.000.000.000.000.000.000.000 sementes de cevada incrivelmente organizadas. Simplesmente surpreendente!⁹²

Mas o problema estava apenas começando!

Já tendo percebido a base dos sistemas imperial e métrico nas medidas megalíticas, Knight e Butler decidiram tentar um experimento semelhante para a massa da Terra no sistema imperial. Feito isso, obtiveram os seguintes resultados:

1 seção de grau megalítico da Terra = 360×1020 libras 1
seção de minuto megalítico da Terra = 6×1020 libras
1 seção de segundo megalítico da Terra = 1020 libras⁹³

Sua conclusão apontava inevitavelmente para a existência de algo antes da Suméria e para uma elite oculta que havia repassado essas unidades de medida celeste e geodésica:

Isso ainda pode ser uma coincidência dupla e ultrajante, mas as chances de ambos os sistemas se encaixarem como uma luva quase perfeita e tendo em mente o método de cálculo sumério de base 60, fizeram com que parecesse impossível. Alguém no passado distante parece ter conhecido a massa da Terra com um número muito preciso.

... A relação entre o peso da libra e o duplo-mana (praticamente um quilograma) com a massa da Terra não parecia compatível com o nível de sofisticação dos povos megalíticos ou dos sumérios. Algum outro grupo desconhecido poderia ter desenvolvido os princípios que vemos em uso e depois os ensinado a essas culturas incipientes? O salto da humanidade através da Grande Muralha da História é devido a alguma supercultura que não deixou nenhum outro traço de si mesma? Pela primeira vez começamos a teorizar sobre a estranha possibilidade de um grupo cuja existência só pode ser deduzida pelo conhecimento que deixaram para trás.⁹⁴

Mas se civilizações como a Suméria e o Egito foram capazes de produzir tais sistemas e mantê-los com precisão, não seria inconsistente ignorar o que eles próprios dizem sobre suas próprias origens? E eles dizem, de fato, que nos primeiros estágios de seu desenvolvimento - um desenvolvimento que se estende muito além dos construtores megalíticos e em centenas de milênios antes disso, de acordo com a Lista de Reis Sumérios⁹⁵ – que eles foram de fato fundados por “reis-deuses” que lhes ensinaram as artes da civilização, artes que teriam incluído sistemas precisos de pesos e medidas. Além disso, a simples extensão da presença de tais medidas, da Grã-Bretanha à Suméria, também sugeriria que estamos na presença de uma elite que está espalhada – ou que se espalhou intencionalmente – pela superfície de uma ampla área da Terra. como uma espécie de sacerdócio “internacional paleoantigo” de astrônomos-comerciantes.

C. A GUERRA CÓSMICA: MARDUK MEDIDA A ESTRUTURA DAS PROFUNDIDADES

Então, como toda essa atividade de medição nos tempos antigos se encaixa no cenário da “Guerra Cósmica”? Que agendas poderia revelar além daquelas já sugeridas, a saber, que uma elite estava com pressa para estimular o comércio com base em unidades de medida confiáveis e reprodutíveis com base em observações astronômicas?

A resposta a essas perguntas é sugerida por uma breve declaração que ocorre no final da quarta tabuinha do chamado épico da criação babilônica, o Enuma Elish. A afirmação é que “O Senhor”, isto é, o deus babilônico Marduk, “mediu a estrutura do Abismo”.⁹⁶ Mas o contexto revela por que isso foi necessário e o que se entende dentro do contexto por “o Abismo”:

47. (Marduk) enviou os ventos que ele havia criado, os sete deles;
48. para perturbar as partes internas de Tiamat, eles o seguiram.
49. Então o Senhor levantou o raio, sua arma poderosa,
50. Ele subiu na carruagem, a tempestade sem igual para terror,
51. Arreou-o e colocou-o sob o jugo de quatro cavalos,
52. Destrutivo, feroz, esmagador e rápido de ritmo ...⁹⁷
58. Com um brilho avassalador sua cabeça foi coroada...
- ...
65. E o Senhor se aproximou, ele olhou para as partes internas de Tiamat...⁹⁸
75. Então o Senhor (levantou) o raio, sua arma poderosa...

76. (e contra) Tiamat, que estava em fúria, assim ele enviou (a palavra):

77. “(Tu te engrandeceste, te exaltaste nas alturas,

78. e teu (coração te incitou) a chamar para a batalha...”⁹⁹

...

87. Quando Tiamat ouviu essas palavras,

88. Ela era como uma possuída, ela perdeu a razão

89. Tiamat soltou gritos penetrantes selvagens,

90. ela estremeceu e estremeceu até seus alicerces...

...

95. O Senhor estendeu sua rede e a pegou,

96. e o vento maligno que estava atrás dele ele soltou em seu rosto.

97. Quando Tiamat abriu a boca em toda a sua extensão,

98. Ele dirigiu no vento maligno, enquanto ela ainda não tinha fechado os lábios.

99. Os ventos terríveis encheram seu corpo...

...

101. Ele pegou a lança e estourou o corpo dela,

102. Ele cortou suas partes internas, ele perfurou (seu) coração.

...

129. E o Senhor estava nas partes traseiras de Tiamat,

130. e com sua clava impiedosa ele esmagou o crânio dela.¹⁰⁰

...

137. Ele a dividiu como um peixe em duas metades....

...

143. E o Senhor mediu a estrutura do Abismo.¹⁰¹

Esses versos, na minha opinião, falam menos de um “épico de criação” baseado em uma cosmologia dualista, um dualismo alegorizado como uma guerra (a interpretação acadêmica padrão), do que de uma guerra real, onde “Tiamat” é o nome de um planeta real que já existiu dentro do nosso sistema solar. Assim vistos, os versos são uma indicação distorcida, embora ainda assim clara, de uma tecnologia sofisticada e, portanto, de uma civilização sofisticada com uma física muito sofisticada. Afirmei esta interpretação da seguinte forma:

Acredito que essas passagens revelam uma sequência notavelmente precisa do que a destruição de um planeta por uma arma “escalar” empregando um pulso longitudinal ou tensão acústica no próprio meio implicaria, até a cavitação acústica e grandes exhibições eletrostáticas, assinaturas do uso de tal arma em poder extremo. Observemos a sequência:

a. Os “ventos” são enviados para “perturbar” ou desestabilizar as “partes internas” de Tiamat, o núcleo planetário (vv. 47-48);

b. O “relâmpago” é então desencadeado no planeta (já desestabilizado) dos “quatro ventos”, ou seja, de todas as direções (vv. 49-50)....

c. Esses “raios” são então aparentemente direcionados para esse núcleo desestabilizado, sugerindo que um pulso súbito e extremo é administrado (vv. 58, 65, 75-78);

d. Tiamat responde com gritos e treme e estremece até “suas próprias fundações”, ou seja, experimenta terremotos ou cavitações acústicas muito fortes em todo o planeta, até o seu núcleo (vv. 95, 97);

e. Tiamat parece incapaz de quebrar a ressonância com a arma (vv. 97-98) quando Marduk estende a rede e lança o “vento” ou pulso final (v. 98);

f. Tiamat atinge instabilidade máxima em seu núcleo e manto planetário (cc. 98-99);

g. Marduk perfura a crosta e libera as enormes energias que se acumularam no planeta através das cavitações acústicas, resultando em uma explosão colossal com todo o planeta.

como combustível, mais ou menos como estourar um balão cheio de pressão extrema (vv. 101-102, 137).

Tudo isso implica a existência de uma física sofisticada o suficiente para “medir a estrutura do Abismo” (v. 143), e torná-lo uma arma...

Outro comentário é talvez justificado por esta discussão. Deve-se notar que Marduk “mede a estrutura do Abismo” após a destruição de Tiamat. Isso teria sido necessário em termos do tipo de física sugerida, já que a destruição de um corpo de tamanho planetário na órbita aproximada do cinturão de asteróides exigiria um ajuste nas medidas astronômicas do sistema solar, uma vez que sua existência celeste mecânica e geometria foi quebrada.¹⁰²

Para resumir o que está sendo argumentado no contexto da Guerra Cósmica, temos o seguinte:

1. Uma vez existiu uma física pela qual era possível explorar as geometrias do meio físico local na medida em que era possível explodir um planeta inteiro em um ato de guerra;

2. Que a física só poderia ser acessada por medidas precisas das “profundezas” ou do espaço local e sua mecânica celeste;

3. Após a destruição causada por aquela Guerra Cósmica, foi necessário que as elites sobreviventes restabelecessem rapidamente medidas precisas da mecânica celeste sobrevivente por duas razões:

- a. Se a civilização voltasse a um estado semelhante de desenvolvimento com acesso a essa física mais uma vez, necessariamente essa civilização teria que ser global em extensão, e isso só poderia ser alcançado através do restabelecimento gradual do comércio global, que em por sua vez dependia de unidades de medida precisas, uniformes e consistentes, que por sua vez só poderiam ser estabelecidas “medindo a estrutura do Abismo”, e é precisamente isso que vimos acontecer nas medidas megalíticas.

b. Se a tecnologia que tornou possíveis armas tão temíveis fosse reconstruída, novamente, isso exigiria medidas precisas da “estrutura das Profundezas”.

Assim, talvez estejamos na presença de duas agendas ocultas de longo prazo, e muito possivelmente na presença de duas elites com objetivos de longo prazo muito diferentes, com uma elite querendo restaurar o mesmo nível de civilização que existia antes da guerra, e o outro querendo restabelecer as temíveis tecnologias que tornaram essa guerra possível e, assim, restaurar, ou reivindicar, sua própria hegemonia. No mínimo, então, as medidas megalíticas e sua propagação auto-evidente por uma elite oculta – como Knight e Butler mostraram – é uma demonstração da primeira agenda. Como descobriremos nas próximas páginas, no entanto, há ampla evidência que sugere que outra elite está trabalhando para propósitos que não são tão benignos. E isso nos traz de volta à Suméria e às sugestões dessa física mais profunda.

1. As questões básicas de uma física mais profunda

Como vimos, a base principal das antigas unidades de medida era a conversão de uma medida regular de tempo em uma unidade de medida linear por meio de um simples “método do pêndulo”. Então, pelo processo de cubagem ou “esfera” dessa medida linear, essa unidade de medida linear foi convertida em unidades de medida de volume e, quando esses cubos ou caixas foram preenchidos com uma quantidade de uma substância conhecida, como água, unidades de medida de massa, reproduzindo assim unidades de medida simples e elegantemente precisas com base em fenômenos astronômicos conhecidos invariantes sobre a superfície da Terra.

Mas Knight e Butler não deixaram que as coisas ficassem ali, pois a observação de que o tempo e a medida linear estavam profunda e intimamente ligados foi, é claro, um dos insights profundos de Albert Einstein e sua teoria da relatividade especial. Sentindo que as medidas antigas possivelmente apontavam para o conhecimento de uma física muito mais profunda, eles decidiram submeter as medidas sumérias ao “teste ácido” para determinar se, de fato, seu conhecimento poderia ter vindo de um mundo muito mais antigo e muito mais sofisticado. , civilização:

Ao longo de nossa investigação, tentamos não prejudicar o que é e não é possível para uma cultura antiga alcançar. Nós simplesmente tentamos deixar os dados nos levarem para onde quer que eles nos levem. Mas neste ponto estávamos começando a ficar com os pés frios. Parecíamos estar descobrindo complexidades que certamente devem ter vindo de uma sociedade altamente desenvolvida com habilidades científicas avançadas. Com esse pensamento desconfortável em nossas mentes, decidimos tentar o próximo experimento mais óbvio envolvendo a propriedade mais fundamental do universo – a velocidade da luz.

Os sumérios poderiam ter entendido o quão rápido a luz viaja? De acordo com o conhecimento atual, a luz viaja a 299.792.458 metros por segundo no vácuo, o que se traduz em unidades sumérias como 600.305.283 kush.

....

Decidimos olhar para o que é conhecido sobre a velocidade do nosso próprio planeta enquanto orbita o Sol e descobrimos que o círculo quase perfeito da trajetória da Terra é de 938.900.000.000 metros, que é percorrido em um ano de 365,2596425 dias. Esses números parecem notavelmente inexpressivos, mas o próximo cálculo nos deixou olhando para a calculadora incrédulos. Ficamos surpresos ao descobrir que todos nós viajamos em nossa jornada anual a uma velocidade de 60.000 kush por segundo. Como um nível adicional de estranheza, essa velocidade é um décimo de milésimo da velocidade da luz.

A resposta padrão dos matemáticos a números que parecem incrivelmente elegantes é bocejar, porque eles acreditam que todos os números são igualmente prováveis e os dígitos reais dependem da base numérica e da convenção de medição empregada. Eles estão certos. Mas eles assumem que todas as unidades de medida são meramente uma convenção sem qualquer realidade física subjacente. E esse não é o caso dos sistemas megalíticos ou mesopotâmicos.¹⁰³

A conclusão deles foi tão inevitável quanto surpreendente:

Neste caso, o segundo e o kush parecem ser muito mais do que uma abstração conveniente porque têm todas as características de serem fundamentais para as realidades do ambiente terrestre. Eles têm um valor em um nível nunca concebido pela ciência moderna. Chegamos à conclusão de que é mais do que razoável acreditar que os sumérios, ou mais provavelmente seus mestres desconhecidos, compreendiam tanto a massa da Terra, sua velocidade orbital e até a velocidade da luz, e projetaram unidades que tinham um relacionamento inteiro com todos eles.¹⁰⁴

Dizer que esse era o caso – que havia uma civilização pré-existente semeando seu conhecimento na civilização e cultura suméria – é dizer que há uma física profunda em suas unidades de medida e uma elite que as propagou.

Para ver por que, precisamos apenas lembrar o fato de que essas unidades de medida foram baseadas na “massa e rotação da Terra”.¹⁰⁵ e sempre que acoplamos a ideia de massa e rotação, estamos lidando forçosamente com o conceito de

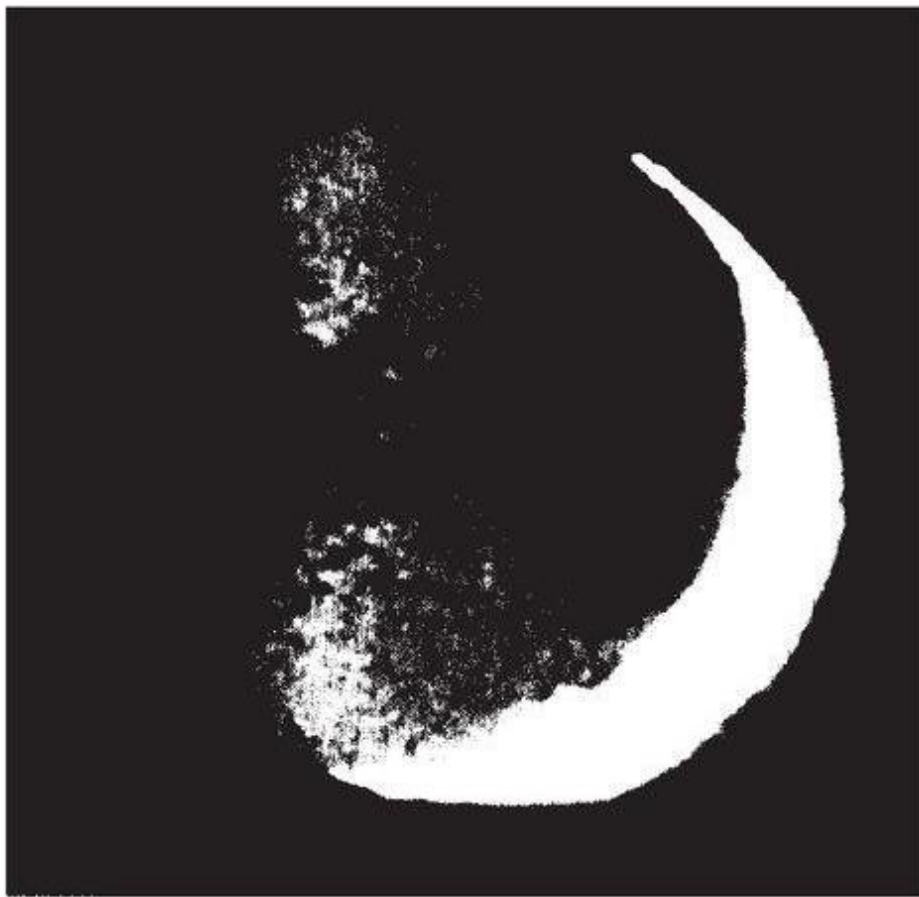
torção. A torção tem sido um “tema de física” de muitos dos meus livros, [106](#) mas para nossos propósitos aqui podemos entender a torção como a espiral, dobra e pregas do tecido do espaço-tempo em torno de qualquer massa rotativa. Se alguém deseja desenhar uma imagem mental do que a torção realiza, a analogia de torcer uma lata de refrigerante vazia como um pano de prato é útil. À medida que se torce a lata, a lata espirala, dobra e dobra, e as extremidades da lata se aproximam. Nesta analogia, a lata representaria o espaço-tempo.

2. Os mistérios “cumerianos” do Deep Cpace

Mas existe alguma outra confirmação de que a conclusão de Knight e Butler — que os sumérios derivaram seu conhecimento de outra pessoa, alguém muito mais antigo e muito mais avançado — do que mera coincidência numérica? De fato existe, e vem do renomado investigador de anomalias espaciais Richard C. Hoagland, ou melhor, de algumas fotografias muito notáveis da NASA de um objeto fazendo algumas coisas muito “sumérias”.

Esse objeto é a "lua" de Saturno, Jápeto e as notáveis - ou melhor, incompreensíveis e inacreditáveis - fotografias tiradas pela sonda Cassini da NASA. No que é sem dúvida uma de suas peças mais fascinantes de análise e discussão de imagens da NASA, Hoagland reproduziu as seguintes imagens da Cassini em um artigo intitulado “A Moon with a View”. Como ficará evidente para quem olhar as fotos, a “lua” de Saturno Jápeto não é uma lua, é um corpo artificial de 1.400 quilômetros de largura.

A primeira prova desse fato é que Jápeto, ao contrário das “luas”, tem bordas extraordinariamente retas quando vistas em destaque pela luz do Sol:



Bordas retas de Júpiter

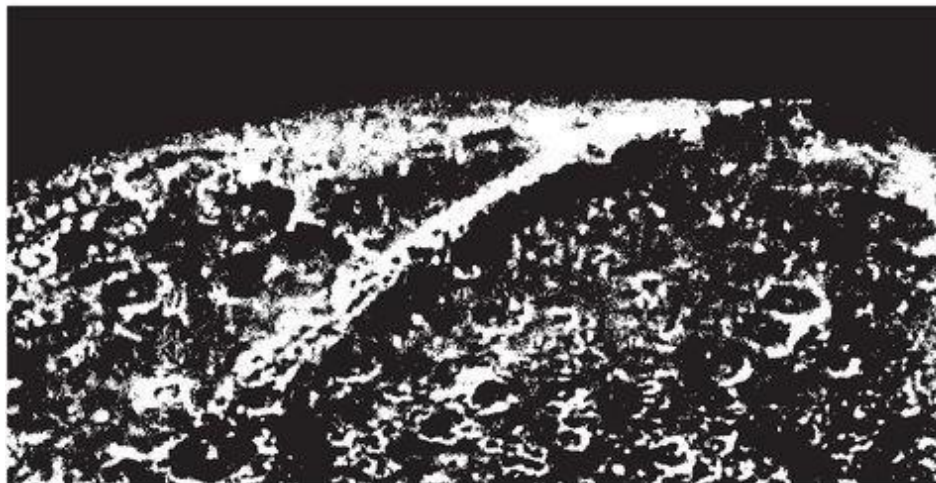
E em close-up, estes são ainda mais evidentes:



Bordas retas de Júpiter em close-up

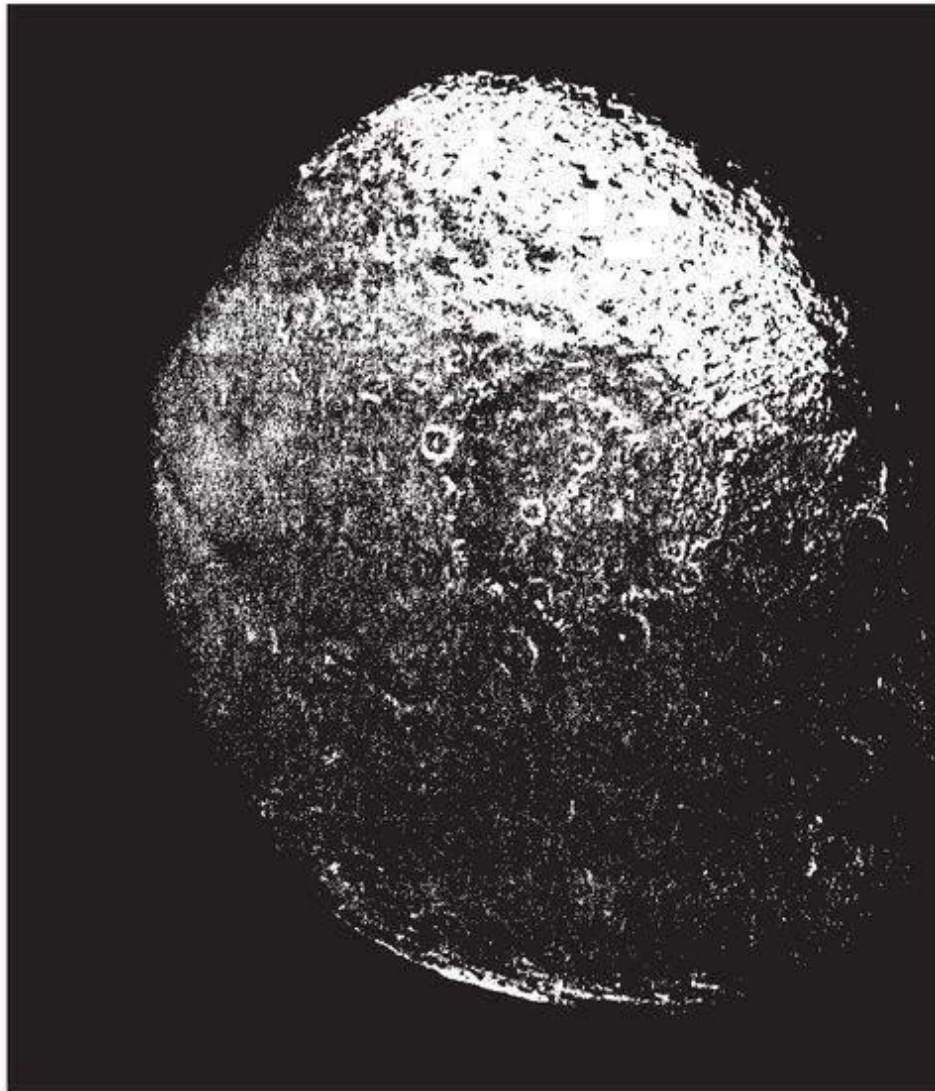
Mas essa não é a única dificuldade. Os problemas realmente maiores são os três *cumes paralelos* que percorrem a circunferência de seu equador, uma área geológica

impossibilidade:



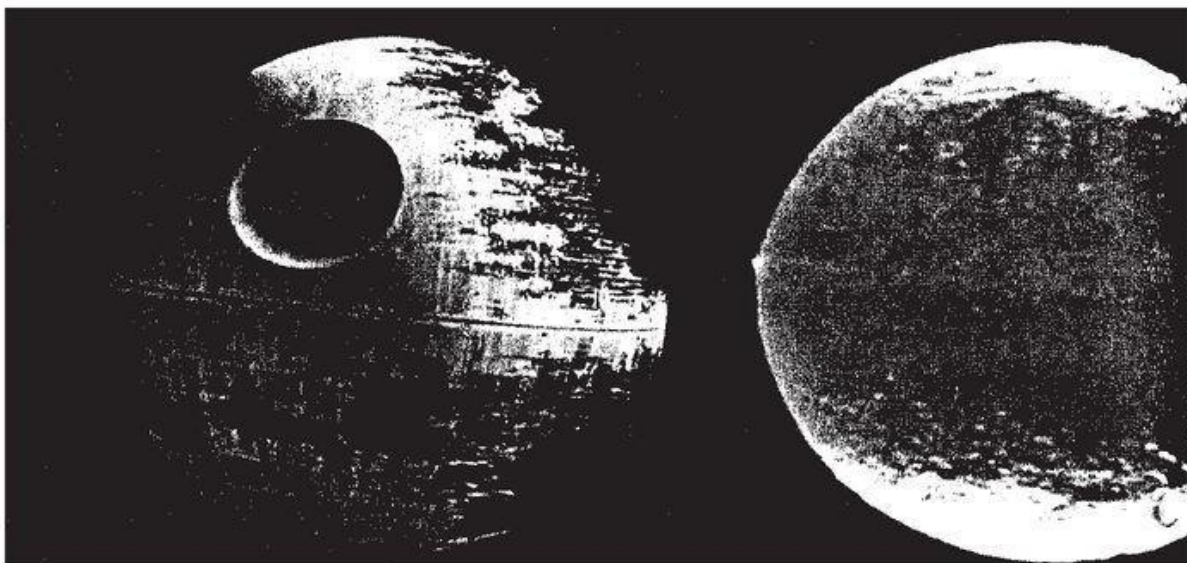
As cristas paralelas equatoriais de Júpiter

Como se isso não bastasse, quando visto de frente, Júpiter exibe uma grande “cratera” de formato hexagonal logo acima dessas “cumes” equatoriais:



A “cratera” hexagonal de Júpiter

Se essa imagem parece assustadoramente familiar, é porque é, e Hoagland foi rápido em identificar sua semelhança com algo muito mais sinistro na cultura popular recente: “Estrela da Morte” de George Lucas de seus famosos épicos de filmes de Guerra nas Estrelas:



Comparação Iapetus-Death Star de Richard C. Hoagland¹⁰⁷

Nada disso, porém, chega nem perto de comparar com o que Jápeto é *fazendo*, e como está fazendo isso.

Como Hoagland observa em seu artigo, Jápeto está fazendo algumas coisas muito estranhas ao orbitar Saturno. Na verdade, as coisas estranhas são sua órbita em torno de Saturno. Como a própria lua massiva da Terra, a órbita de Jápeto em torno de Saturno é um círculo quase perfeito. E também como a lua da Terra, Jápeto gira em torno de seu próprio eixo de tal forma que o mesmo hemisfério está sempre voltado para Saturno! E ao contrário de todas as outras luas de Saturno, Jápeto está inclinado 15 graus em relação ao seu equador. Mas isso não é tudo. É melhor permitir que Hoagland fale por si mesmo aqui:

Uma vez admitida a (surpreendente) possibilidade de que Jápeto possa ser uma “lua” artificial – e pode ter sido deliberadamente inserida em uma órbita tão estranha – a natureza “coincidental” de sua inclinação única e íngreme (em relação a outras Saturnianas de tamanho similar). luas – Dione, Rhea, etc.) vai embora.

Mas, igualmente “coincidente” é a forma da órbita inclinada de Jápeto... e sua distância precisa de Saturno. A órbita de Jápeto é extremamente próxima de ser circular - com uma excentricidade de apenas 0,0283 partindo de um círculo perfeito em pouco menos de 3%. (Em comparação, a excentricidade orbital da nossa Lua... é 0,0549 ou ~6%... essencialmente duas vezes mais excêntrica que Jápeto!)

Para uma órbita quase circular e de inclinação muito alta ter se formado por “acaso aleatório” é realmente uma coincidência – se o agente para alcançar essa baixa excentricidade e a alta inclinação é suposto ser o mesmo evento colisional “aleatório”, quando Jápeto foi formando.^{[108](#)}

Como observei em outro lugar, essa mecânica orbital no caso de nossa própria Lua levou alguns cientistas, particularmente na Rússia, a concluir que o próprio satélite da Terra existe em uma órbita artificial e deliberadamente criada, como também levou alguns a argumentar que nossa própria Lua pode ser um corpo artificial.^{[109](#)}

Mas, como Hoagland brinca, “há mais”:

O leitor atento terá notado, pelas referências anteriores, que Jápeto orbita um pouco menos de 60 raios de distância de Saturno (59,09) raios, para ser exato...). Essa discrepância, 0,15% - no modelo artificial que precisamente 60 raios foram originalmente planejados - representaria o quanto Jápeto derivou desde que foi "estacionado" (como uma "estação" projetada) na órbita de Saturno. Essa taxa de deriva, devido às marés de Saturno/sol, ou outras forças... poderia dar outra maneira de estimar - além da contagem de crateras - aproximadamente "quando" todo esse cenário de fato ocorreu. ^{[110](#)}

Como observei em outro lugar, o que Hoagland está se referindo é o fato de “que Jápeto orbita Saturno a cerca de três milhões de milhas do planeta, que é quase exatamente sessenta vezes o raio de Saturno”.^{[111](#)} A essa altura, esse número - sessenta - deve soar muito familiar, pois é toda a base do sistema numérico sexagesimal sumério! Hoagland é rápido em ver isso, pois “aquela distância 'ideal' de Jápeto de Saturno apenas 'acontece' também ser a base 60 ... de repente aparecendo na primeira civilização suméria na Terra cerca de 6.000 anos atrás...”^{[112](#)} Para ser o mais sucinto possível: parece que alguém “estacionou” Jápeto em uma órbita ao redor de Saturno usando a própria base de um sistema sexagesimal que só surgiu na Terra algum tempo depois, e assim, que pode realmente haver uma conexão cultural entre a Suméria e um corpo artificial em nosso sistema solar a milhões de milhas da Terra!

3. Um enigma cronológico

Tudo isto situa a origem das medidas megalíticas, e o provável papel de uma elite na sua derivação, num contexto inteiramente diferente, e levanta questões cronológicas profundas e espinhosas. Como esbocei em meu livro anterior, *The Cosmic War*, se tal guerra interplanetária ocorreu, provavelmente ocorreu cerca de 3,2 milhões de anos atrás.¹¹³ Mas a atividade de medição representada pelos construtores megalíticos, na melhor das hipóteses, representa uma atividade que começou não antes de 10.000 a 12.000 anos atrás,¹¹⁴ e no caso dos construtores megalíticos britânicos, uma atividade apenas alguns milhares de anos mais velha que a Grande Pirâmide.¹¹⁵ Isso coloca o problema cronológico em grande relevo, pois presumivelmente essa atividade de medição teria começado logo após a conclusão da guerra, mas as evidências sugerem que ela começou cerca de três milhões de anos depois. Embora não haja uma maneira fácil de contornar esse problema, é possível que tal atividade tenha começado quando essas elites sobreviventes pensaram que a população da Terra havia sido restaurada a um nível suficiente para garantir suas atividades na criação das necessidades da civilização. No entanto, o problema permanece, e pode haver fatos ainda não descobertos que preencheriam essa longa lacuna de forma mais plausível.

D. CONCLUSÕES

Então, o que se pode concluir da existência das medidas megalíticas e sua incrível base em medidas astronômicas precisas? O que se pode concluir da presença de medidas sumérias na mecânica orbital da “lua” Jápeto de Saturno? Que agenda ou agendas eles divulgam vagamente? Do que foi examinado até agora, podemos confortavelmente concluir o seguinte:

1. A mera existência das medidas megalíticas, sua precisão, a inclusão nelas de dados astronômicos e físicos precisos e sofisticados - incluindo a velocidade da luz e a massa da Terra - apontam para a existência de uma elite sobrevivente de uma civilização pelo menos tão avançado como o nosso.

Esta observação requer alguns comentários. Em *Babylon's Banksters: The Alchemy of Deep Physics, High Finance, and Ancient Religion*, notei que as políticas de troca de barras do antigo Ocidente – Babilônia, Roma e assim por diante – eram estranhamente coordenadas com as políticas de troca de barras do antigo Oriente – Índia e China. Isso, observei, levaria inevitavelmente ao surgimento de uma classe internacional de mercantilismo e comércio de ouro. Fiz então duas perguntas: “É possível que, em vez de tal classe ter surgido como consequência de tais políticas governamentais e comércio, o inverso seja verdadeiro? É possível que existisse tal classe de “corretores internacionais de ouro” que criaram essas políticas em várias partes do mundo, políticas que aumentariam seu próprio poder e riqueza? Se então, ¹¹⁶ A resposta pode ser dada agora, pois em vista do fato de que tal elite precisaria de unidades de medida precisas para poder realizar comércio, o surgimento precoce do uso de tais medidas muito antes do surgimento das civilizações clássicas obriga a a conclusão de que

de fato, essa elite preexistia a essas políticas e às culturas que as criaram por vários milênios. Além disso, como veremos no último capítulo deste livro, há uma evidência significativa de que o próprio comércio existia muito antes do estabelecimento dessas unidades de medida nos tempos neolíticos.

2. A existência de uma lua artificial — Jápeto — estacionada em uma órbita muito “suméria” em torno de Saturno sugere fortemente que o nível de realização científica e tecnológica dessa civilização era muito superior ao nosso;

3. A elite ou elites que sobreviveram àquela antiga destruição cósmica eventualmente se envolveram na “re-medição da estrutura das Profundezas”, um passo necessariamente revelando duas agendas possíveis e, portanto, duas elites possivelmente concorrentes:

a. O estabelecimento de unidades precisas de medida de distância, volume e peso só poderia ser realizado pela constância da observação astronômica, e era um passo necessário para o estabelecimento de um comércio suficiente para sustentar civilizações avançadas e, eventualmente, restaurar uma civilização global. A restauração de tal civilização era necessária para que essas elites voltassem a um apogeu semelhante de desenvolvimento social e científico. Se esta agenda representa a de uma elite, então pode-se concluir que a agenda é relativamente benigna, sendo simplesmente uma de conduzir a humanidade para, ou de volta a, um nível semelhante de desenvolvimento social, espiritual e científico;

b. A medição precisa das “Profundezas” também foi um passo necessário para a restauração da ciência e tecnologia sofisticadas com as quais essa antiga “Guerra Cósmica” foi travada, e possivelmente também para o uso de quaisquer tecnologias que sobreviveram dessa guerra. Se esta agenda representa a agenda de uma elite diferente, então pode-se concluir que esta agenda é maligna e com o único propósito de aumentar o poder da elite que a persegue, readquirindo a tecnologia da hegemonia. Escusado será dizer que esta atividade também exigiria o restabelecimento do comércio e da civilização, por isso torna-se difícil separar essas duas elites

e suas agendas — se é que existem duas — com base apenas na atividade de medição.

Até agora, é claro, temos evidências apenas da atividade de medição e, portanto, da agenda da primeira ou benigna elite. É quando nos voltamos para considerar a outra grande preocupação dessa elite “pós-Guerra Cósmica” – religião — que a trama e as agendas comecem a engrossar consideravelmente.

Três

AS TECNOLOGIAS DE REVELAÇÃO ESPECIAL:

MANIPULADORES DA MENTE, TEMPLOS DE TORÇÃO E REVELADORES DE RELIGIÃO



“...Em 1975, o Dr. Joseph Sharp, do Walter Reed Army Institute of Research, expandiu o trabalho de Frey em um experimento onde o sujeito

– neste caso, o próprio Sharp – ‘ouviu’ e entendeu as palavras faladas proferidas através de um análogo de micro-ondas pulsado das vibrações sonoras do falante.”

— Martin Cannon¹¹⁷

“Em alguns pacientes, a estimulação elétrica do lobo temporal exposto produziu a percepção da música. Ocasionalmente era uma determinada melodia que podia ser reconhecida e sussurrada pelo sujeito, e em alguns casos era como se um rádio ou disco estivesse sendo tocado na sala de cirurgia. O som não parecia ser uma lembrança, mas se assemelhava a uma experiência real em que se ouviam instrumentos de uma orquestra ou palavras de uma música.”

— José MR Delgado, MD¹¹⁸

Quando se introduz a assunção de uma civilização muito antiga, muito alta, com uma ciência e tecnologia superior à nossa, no quadro da história antiga e das civilizações da Suméria e do Egito, toda a base de interpretação de seus monumentos e textos muda, pois as possibilidades de interpretação – e agendas em ação nos bastidores – aumentam exponencialmente. Em nenhum lugar isso é mais verdadeiro do que a própria religião, pois se alguém assume a existência de tal sofisticação científica, então necessariamente assume a existência do que poderia ser chamado de “tecnologias oraculares da revelação especial”, ou pelo menos da possibilidade de construí-las. .

Um evento nos tempos modernos destaca, como nenhum outro, as possibilidades das “tecnologias oraculares da revelação” e das implicações dessas tecnologias para as reivindicações das antigas revelações. Que as tecnologias atualmente existem para manipular a mente, as emoções, e fazê-lo à distância, não há mais dúvida. Mas o que a maioria das pessoas não percebe é que essas tecnologias foram muito além da indução de estados psicológicos generalizados por meio da estimulação fisiológica direta do cérebro humano. Essas tecnologias agora são capazes de fazer as pessoas pensarem que estão vendo visões específicas e ouvindo vozes que dizem coisas específicas. São tecnologias poderosas que, usadas em conjunto ou não com outras tecnologias,

O problema ético colocado pela existência de tais tecnologias é ainda mais agravado quando se considera os problemas morais que elas geram, ou seja, quando se considera o que essas “revelações especiais” podem estar dizendo às pessoas para fazerem, seja para si mesmas ou para os outros. Além disso, sua possível existência e uso nos tempos antigos apresenta problemas teológicos e apologéticos difíceis para as religiões que reivindicam uma base nas revelações especiais dadas a indivíduos isolados, conforme registrado em várias escrituras sagradas de várias religiões.

Esboçar tal caso, no entanto, é cheio de dificuldades, uma vez que tão poucas pessoas sabem da existência de tais tecnologias, muito menos do grau de perfeição que se sabe que elas exibem, muito menos do grau real de desenvolvimento que permanece envolto em segredo. . Menos ainda estão cientes da

conjuntos de dados distintos que estranhamente conectam os detalhes de revelações e oráculos especiais antigos reivindicados com as capacidades dessas tecnologias modernas. Assim, vamos esboçá-los o mais completamente possível e, em seguida, nos voltamos para os argumentos inusitados e pontos de dados que conectam as tecnologias modernas às indicações de seu possível uso nos tempos antigos. Mais uma vez, o leitor é lembrado do que foi dito no prefácio deste livro: essas possibilidades de interpretação são levantadas para destacar os problemas iminentes para a apologética religiosa, e esses problemas só vão crescer e aumentar, não diminuir, com o tempo, à medida que a tecnologia sofisticação da sociedade moderna revela cada vez mais possibilidades interpretativas em textos antigos.

O evento moderno que destaca as perigosas potencialidades de tais tecnologias no contexto da religião é o cerco ao complexo do Ramo Davidiano em Waco, Texas, em 1993.

A. DAVID KORESH OUVÉ A VOZ DE DEUS... OU SÓ CHARLTON HESTON?

David Koresh, líder do complexo religioso Ramo Davidiano em Waco, Texas, era (segundo a história oficial) um homem que reivindicava um status especial e único como líder dentro de sua comunidade.¹¹⁹ De acordo com alguns artigos de jornais e revistas, ele se via como um verdadeiro segundo Messias, exclusivamente conectado à mente e aos pensamentos de Deus. De uma posição tão privilegiada dentro de sua comunidade, ele levou seus seguidores a uma conflagração ruínosa e morte... ou assim diz a história.

Mas poucas pessoas agora se lembram que, durante as inúmeras entrevistas de “porta-vozes oficiais” nas principais redes, esses porta-vozes não fizeram segredo de que várias formas de guerra psicológica estavam sendo implantadas contra os Ramo Davidianos sitiados dentro de seu complexo, de tudo, desde música rock alta sendo tocada 24 horas por dia, a outras técnicas de “indução”.

Uma dessas técnicas foi exposta pelo pesquisador Jon Ronson em um livro que recentemente virou filme, *The Men Who Stare at Goats*, e nos permite entrar no tópico das “tecnologias oraculares da revelação”, ou, para colocar de forma mais sucinta e direta, a manipulação da mente. A pergunta que inspirou sua caçada, e que eventualmente o levou ao Ramo Davidiano, era inocente o suficiente: “Havia”, ele perguntou, “em algum lugar lá fora, um rastro de patentes para tecnologias de som subliminar, ou tecnologias de frequência, que simplesmente desapareceu no mundo secreto do governo dos Estados Unidos?”¹²⁰ A resposta que ele encontrou não foi tão inocente:

Em 27 de outubro de 1992, o Dr. Oliver Lowery, da Geórgia, recebeu a Patente US 5.159.703. Sua invenção foi algo que ele chamou de Sistema de Apresentação Subliminar Silenciosa:

“Um sistema de comunicação silencioso no qual as portadoras não aurais, na faixa de frequência de áudio muito baixa ou muito alta do espectro de frequência ultrassônica adjacente, são moduladas em amplitude ou frequência com a inteligência desejada e propagadas acusticamente ou vibracionalmente, para indução em o cérebro, normalmente através do uso de alto-falantes, fones de ouvido ou transdutores piezoelétricos. As portadoras moduladas podem ser transmitidas diretamente em tempo real ou podem ser convenientemente gravadas e armazenadas em meios mecânicos, magnéticos ou ópticos para transmissão atrasada ou repetida ao ouvinte.”¹²¹

Observe a frase eufemística “modulado com a inteligência desejada” e a referência igualmente eufemística ao “ouvinte” dessas “apresentações subliminares” moduladas em amplitude e frequência, pois a modulação de amplitude e frequência são, obviamente, os dois tipos de modulação em uso em rádios AM e FM, e a própria modulação é simplesmente o termo chique para a informação que está sendo codificada nas ondas de rádio, ou seja, para a informação que você ouve quando liga o rádio. Assim, a frase “modulado com a inteligência desejada” realmente significa simplesmente “modulado com a informação desejada” que está sendo “apresentada subliminarmente” ao “ouvinte”.

Qual era a “inteligência desejada” ou “informação” a ser apresentada subliminarmente ao “ouvinte”? Segundo Ronson,

Os seguintes estados emocionais poderiam, de acordo com Lowery, ser induzidos por sua invenção:

*Emoções positivas:*contentamento, dever, fé, amizade, esperança, inocência, alegria, amor, orgulho, respeito, amor próprio e adoração.¹²²

Esta é uma lista interessante por si só, dada a nossa hipótese de que tais tecnologias podem estar por trás de certas revelações especiais nos tempos antigos. Mas e as emoções “negativas”? A lista de Lowery aqui é tão perturbadora quanto as chamadas “positivas”:

*Emoções negativas:*raiva, angústia, ansiedade, desprezo, desespero, pavor, embaraço, inveja, medo, frustração, pesar, culpa, ódio, indiferença,

indignação, ciúme, pena, raiva, arrependimento, remorso, ressentimento, tristeza, vergonha, rancor, terror e vaidade.¹²³

Mas não acabou aí, como Ronson logo descobriu.

Apenas quatro anos depois, em 13 de dezembro de 1996 para ser mais preciso, Ronson descobriu que a empresa de Lowery, chamada Silent Sounds Inc., havia postado uma mensagem em seu site que fez uma leitura muito perturbadora:

“Todos os esquemas [agora] foram classificados pelo governo dos EUA e não temos permissão para revelar os detalhes exatos... fazemos fitas e CDs para o governo alemão, mesmo os países da antiga União Soviética! Tudo com a permissão do Departamento de Estado dos EUA, é claro... O sistema foi usado em toda a Operação Tempestade no Deserto (Iraque) com bastante sucesso.”¹²⁴

Aparentemente, a invenção do Dr. Lowery encontrou alguns “compradores” bastante interessantes – os Estados Unidos, a Alemanha e os “ex-países soviéticos” – bem como alguns “ouvintes” bastante singulares, presumivelmente civis e soldados iraquianos durante a Primeira Guerra do Golfo.

Mas o que tudo isso tem a ver com David Koresh e os “malvados” Branch Davidians sitiados em Waco, Texas, prontos para irromper e atacar os tanques M1A1 Abrams com seus rifles de assalto?

Ronson se aprofundou com o Dr. Lowery, e logo Lowery mencionou o nome de um pesquisador russo que havia inventado uma tecnologia muito semelhante, o Dr. Igor Smirnov.

Procurei o Dr. Smirnov. Encontrei-o em Moscou. Eu me correspondia com seu escritório, e seu assistente (Dr. Smirnov fala pouco inglês) me contou a seguinte história curiosa.

É uma história que o FBI nunca negou.

Igor Smirnov não estava prosperando na Moscou pós-Guerra Fria de 1993. Suas finanças eram tão sombrias que quando a máfia russa apareceu em seu laboratório uma noite, tocou a campainha marcada, um tanto ameaçadoramente, “Instituto de Psicocorreção” e disseram a Igor que pagariam

se ele pudesse influenciar subliminarmente certos empresários relutantes a assinar certos contratos, ele quase aceitou sua oferta. Mas no final parecia muito assustador e antiético e ele recusou os gângsteres. Seus clientes regulares - os esquizofrênicos e os viciados em drogas - podem ter sido maus pagadores, mas pelo menos não eram a máfia.

O dia-a-dia de Igor no início dos anos 1990 era mais ou menos assim: um viciado em heroína aparecia em seu laboratório muito chateado porque era um futuro pai, mas por mais que tentasse, ele se importava mais com a heroína do que com o feto. filho. Então ele se deitava em uma cama, e Igor o bombardeava com mensagens subliminares. Ele os mostrava em uma tela na frente dos olhos do viciado e os explodia através de fones de ouvido, disfarçados por ruído branco, e as mensagens diziam “Seja um bom pai. A paternidade é mais importante que a heroína.” E assim por diante.

Este era um homem uma vez festejado pelo governo soviético, que - dez anos antes - o havia instruído a explodir suas mensagens silenciosas contra as tropas do Exército Vermelho a caminho do Afeganistão. Essas mensagens diziam: “Não fique bêbado antes da batalha”.¹²⁵

Então, no entanto, a história começou a ficar muito interessante e, com ela, as implicações de tais tecnologias para alegações de revelação se multiplicam como coelhos:

Mas os dias de glória já se foram em março de 1993 - o mês em que Igor Smirnov recebeu um telefonema, do nada, do FBI. Ele poderia voar para Arlington, Virgínia, imediatamente? Igor Smirnov ficou intrigado e bastante surpreso e pegou um avião.

A comunidade de inteligência dos EUA espionava Igor Smirnov há anos. Parecia que ele tinha conseguido criar um sistema para influenciar as pessoas de longe – colocando vozes em suas cabeças, alterando remotamente sua visão da vida – talvez sem que os sujeitos sequer soubessem que isso estava sendo feito com eles. A pergunta era: Igor poderia fazer isso com David

*Koresh? Ele poderia colocar a voz de Deus na cabeça de David Koresh?*¹²⁶

Neste momento, vale a pena fazer uma pausa para fazer um balanço da situação e algumas técnicas cruciais usadas pelo Dr. Smirnov.

Em primeiro lugar, deve-se notar que a tecnologia do Dr. Smirnov foi levada muito a sério, não apenas pelo antigo governo soviético, mas pelo FBI americano. Em segundo lugar, deve-se notar também que o FBI não hesitou em implantar essa tecnologia em cidadãos americanos. Em terceiro lugar, e finalmente, deve-se notar também que o FBI tinha um uso específico em mente para essa tecnologia no caso de Koresh: queria que Smirnov convencesse Koresh de que ele estava recebendo outra revelação, ouvindo a voz do próprio Deus, enquanto na realidade, a voz que estava sendo ouvida era apenas a agenda oculta do FBI. O padrão – o de uma elite na posse de uma tecnologia que está usando para uma agenda oculta, escondendo-a atrás da “voz de Deus” – tem suas próprias implicações óbvias e perturbadoras para a hipótese da possível existência e uso de tais tecnologias em tempos antigos.

Mas deve-se notar também dois fatos básicos sobre a tecnologia - e a técnica - usada pelo Dr. Smirnov, pois as técnicas ópticas e auditivas foram usadas simultaneamente e em conjunto. A BBC até publicou uma pequena reportagem sobre dois “psicólogos” russos não identificados que foram trazidos pelo FBI. Durante a reportagem, o equipamento dos russos foi mostrado, incluindo luzes piscantes na televisão, pois o repórter afirmou que várias palavras-chave foram transmitidas em ruído branco para o “ouvinte”. Podemos nos referir a esses dois pontos de dados e técnicas significativos como as técnicas de “luzes piscando” e “sons estranhos”.¹²⁷

De qualquer forma, o que aconteceu com a tentativa do FBI de recrutar o Dr. Smirnov e sua tecnologia para uso durante o massacre de Waco?

O FBI levou o Dr. Smirnov de Moscou para Arlington, Virgínia, onde ele se viu em uma sala de conferências com representantes do FBI, da CIA, da Agência de Inteligência de Defesa e da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada.

A ideia, explicaram os agentes, era usar as linhas telefônicas. Os negociadores do FBI negociariam com Koresh como de costume, mas, no fundo, a voz silenciosa de Deus diria a Koresh o que quer que o FBI quisesse que Deus dissesse.

Dr. Smirnov disse que isso era possível.

Mas então a burocracia se infiltrou nas negociações. Um agente do FBI disse que estava preocupado que o empreendimento pudesse de alguma forma levar os membros do Ramo Davidiano a cometer suicídio em massa. O Dr. Smirnov assinaria algo no sentido de que se eles se matassem como resultado da voz de Deus sendo implantada subliminarmente em suas cabeças, ele assumiria a responsabilidade?

Dr. Smirnov disse que não assinaria algo assim. E assim a reunião terminou.

Um agente disse ao Dr. Smirnov que era uma pena que não tivesse dado certo. Ele disse que eles já haviam cooptado alguém para tocar a voz de Deus.

Se a tecnologia do Dr. Smirnov tivesse sido colocada em prática em Waco, disse o agente, Deus teria sido interpretado por Charlton Heston.¹²⁸

Se for verdade - e não há razão para não acreditar na pesquisa de Ronson - então este relato lança muita luz não apenas sobre as possibilidades perturbadoras da tecnologia de manipulação da mente, mas também sobre as agendas das elites que a usariam, pois observe que a sugestão sutil é que o FBI talvez estivesse pensando em colocar a “sugestão” na mente de Koresh para que todos dentro de seu complexo cometessem suicídio em massa à la Jim Jones e o culto do Templo do Povo. Se isso tivesse acontecido, não teria sido a primeira vez que a voz de “Deus” instou a matança em massa por meio de um porta-voz que recebeu uma “revelação”. Mas voltaremos a isto depois.

B. OS MANIPULADORES DA MENTE: TECNOLOGIAS DE MANIPULAÇÃO DA MENTE

Mas o Dr. Smirnov estava de fato correto? A tecnologia poderia realmente ser usada para induzir as pessoas a ouvir a “voz de Deus” e, por implicação, vê-lo também? Essas tecnologias poderiam ser usadas, adicionalmente, para induzir estados emocionais de obediência voluntária e para suprimir a consciência e a vontade individual, se não para alterá-la completamente? É aqui que a história e suas implicações se tornam ainda mais – para cunhar um trocadilho – incompreensíveis.

1. O Cenário de Abdução Alienígena e a Desconexão Moral

Martin Cannon é um pesquisador que reuniu os artigos e livros mais salientes sobre o controle da mente e os compilou em um exame intrigante do suposto fenômeno de “abdução alienígena” em um artigo da Internet intitulado “The Controllers: A New Hypothesis of Abdução alienígena.”¹²⁹ No entanto, as implicações filosóficas de suas observações certamente vão muito além dos contêineres de “abdução alienígena” e levantam sérias questões para toda a perspectiva de revelações religiosas como um fenômeno tecnologicamente manipulado. Cannon observa que no campo da ufologia

o termo “abdução” passou a se referir a uma experiência infinitamente confusa, ou matriz de experiências, compartilhada por um número vertiginoso de indivíduos, que afirmam que viajantes das estrelas os arrancaram de suas camas ou os arrancaram de seus carros, e os submeteu a interrogatórios, exames quase-médicos e períodos de “instrução”. Normalmente, diz-se que essas sessões ocorrem dentro de naves alienígenas; frequentemente, as histórias incluem detalhes aterrorizantes que lembram as torturas infligidas nos campos de extermínio da Alemanha. Os abduzidos muitas vezes (embora nem sempre) perdem toda a memória desses eventos; eles se encontram de volta em seus carros ou camas, incapazes de explicar as horas de “tempo perdido”.¹³⁰

Mas o fato mais estranho que parece ser uma característica comum de todas essas histórias é que “muitos abduzidos, apesar de todas as suas agonias vividamente lembradas, afirmam amar seus algozes alienígenas”.¹³¹ Em outras palavras, há uma “desconexão moral” entre a experiência real em si e os sentimentos que suas vítimas experimentam ou lembram em relação a seus perpetradores, reações que, em circunstâncias normais, pessoas normais não sentiriam. Como será visto posteriormente, essa “desconexão moral” é uma característica comum em ocorrências “pós-revelação” dentro da religião, e mesmo assim, quando “comuns”

as emoções parecem surgir dentro do “experimentador” religioso, elas são rapidamente tratadas por uma variedade de técnicas.

2. A falsa dialética, a navalha de Occam e suas implicações

Cannon sustenta que uma falsa dialética de possibilidades interpretativas foi deliberadamente criada em torno do fenômeno de abdução, uma dialética criada precisamente para desviar a atenção de uma possível interpretação que explica o fenômeno e suas origens reais. Essa dialética é entre os “crentes extraterrestres”, por um lado, e os “céticos de abdução” que sustentam que nada além de pesadelos particularmente vívidos está ocorrendo por outro: o mito do OVNI forneceu uma história de capa eficaz para uma história inteiramente outro tipo de mistério. Retire-se da dialética Crente/Cético, e você verá a terceira alternativa.”¹³² Essa terceira alternativa é considerar que (1) o fenômeno em si é muito real, mas (2) o que o produziu foi uma tecnologia e agenda terrestre, não extraterrestre:

Suponho que os abduzidos foram abduzidos. No entanto, eles também estão vomitando fantasia – ou, mais precisamente, eles receberam um conjunto de mentiras para repetir e acreditar. Se minha hipótese for verdadeira, então devemos aceitar o seguinte: o sequestro é real. O medo é real. A dor é real. A instrução é real. Mas os homenzinhos cinzentos de Zeta Reticuli não são reais; são construções, máscaras de Halloween destinadas a disfarçar os rostos reais dos controladores. Os sequestradores não podem ser visitantes do Além; em vez disso, podem ser um sintoma do carcinoma que escurece nosso corpo político.¹³³

Essa dialética “crente-cética” é fortemente sugestiva de um método semelhante que acredito ter sido colocado em prática para controlar as possibilidades interpretativas de outro famoso evento relacionado a OVNI: o incidente de Roswell em julho de 1947.

Lá, mais uma vez, as possibilidades interpretativas foram rapidamente promulgadas pela Força Aérea do Exército dos Estados Unidos em poucas horas uma da outra, pois sustentava que o que havia caído e o que havia recuperado eram ou

(1) um disco voador (com todas as suas implicações “extraterrestres”), ou (2) um mero

balão meteorológico. Esses dois pólos estabeleceram o que chamo de “A Dialética de Roswell”.¹³⁴ O que ambas as dialéticas são projetadas para fazer é ocultar a possibilidade de explicações tecnológicas muito terrestres para os dois eventos e ocultar as possíveis agendas que essas tecnologias podem sugerir.

Essa dialética imediatamente revela sérias ramificações para as possibilidades tecnológicas de explicação de várias “revelações especiais” na história religiosa, pois basta substituir a palavra “Deus” no pólo “ET” da dialética para revelar mais uma possibilidade de travar interpretações em dois pólos mutuamente exclusivos para ocultar uma terceira alternativa tecnológica possivelmente oculta: Deus se opõe ao “ceticismo”, isto é, ao ateísmo e ao agnosticismo com suas banalizações “puramente mundanas” do que os textos antigos afirmam sobre suas “revelações” especiais.

Cannon afirma essa dificuldade em relação à navalha de Occam:

Certamente, não estamos sendo tacanhos se pedirmos aos pesquisadores que esgotem todas as explicações terrestres antes de olhar para o céu.

É verdade que essa explicação em particular pode, a princípio, parecer tão bizarra quanto o próprio fenômeno. Mas convido o leitor cético a examinar o trabalho de George Estabrooks, um teórico seminal sobre o uso da hipnose na guerra e um veterano do Projeto MKULTRA.¹³⁵ Certa vez, Estabrooks se divertiu durante uma festa hipnotizando secretamente dois amigos, que foram levados a acreditar que o primeiro-ministro da Inglaterra acabara de chegar; As vítimas de Estabrooks passaram uma hora conversando e até servindo bebidas ao estimado visitante. Para os ufólogos, este incidente levanta uma questão inescapável: se as artes mesméricas podem evocar com sucesso um primeiro-ministro inexistente, por que um representante das Plêiades não pode ser induzido de forma semelhante?¹³⁶

E da mesma forma, se primeiros-ministros e pleiadianos inexistentes podem ser induzidos, por que não a Sarça Ardente de Moisés ou as visões de Gabriel de Maomé, e assim por diante?

Há ainda outra implicação espinhosa colocada pela existência de tais tecnologias e técnicas para apologética religiosa, e esse é o “problema de descarté”. Durante a era do controle mental inicial da CIA

experimentos, havia um problema: como “descartar” as vítimas dos experimentos e assim manter os experimentos em segredo? Como o assassinato direto era considerado moralmente repugnante, a solução rapidamente se transformou em apagar a memória do evento ou implantar contextos inteiramente falsos nas mentes das vítimas para interpretá-lo. Assim começou um capítulo totalmente novo na experimentação de controle mental, a saber, como apagar memórias seletivas e substituí-las por falsas? E aqui, uma experiência de “Deus” funcionará tão bem quanto uma experiência com “ET”, levantando ainda mais possibilidades.

3. Métodos eletrônicos de manipulação da mente

Então, quais são exatamente as tecnologias conhecidas de manipulação da mente? Como eles funcionam? E quais são suas capacidades? Já vimos, em nosso exame de seu uso planejado e real em David Koresh e no Ramo Davidianos, alguns deles. Os vários meios podem ser convenientemente divididos em duas categorias: (1) os “leves”, envolvendo técnicas de manipulação da mente em canais de possibilidades interpretativas, como foi observado no caso da canalização dialética das interpretações de “abduções alienígenas” e o incidente de Roswell; e (2) as “duras”, envolvendo manipulações tecnológicas reais da mente por vários meios. Nossa concentração aqui será sobre os meios tecnológicos, em oposição às técnicas.

Nos próprios estudos da CIA sobre as técnicas e tecnologias de manipulação da mente - que podemos supor ser um modelo bastante representativo do trabalho realizado em outras nações - praticamente todo o espectro foi experimentado, desde técnicas "leves" como hipnose, drogas, a criação e manipulação de cultos religiosos, percepção extra-sensorial (PES), privação sensorial e condicionamento, a tecnologias “duras” como o uso de micro-ondas, implantes cerebrais, psicocirurgia e todas as combinações possíveis delas.¹³⁷ Esses experimentos incluíram projetos para

o “apagamento da memória, resistência hipnótica à tortura, soros da verdade, sugestão pós-hipnótica, indução rápida de hipnose, estimulação eletrônica do cérebro, radiação não ionizante, indução de micro-ondas de “vozes” intracerebrais e uma série de tecnologias.¹³⁸

Qualquer que tenha sido a “host de tecnologias ainda mais perturbadoras”, é crucial notar aqui o uso de micro-ondas para induzir a “audição” real de vozes no cérebro humano. A implicação, tanto para o “ET

cenário de abdução” e para as potencialidades tecnológicas de “manipulação da revelação” são bastante óbvias.

a. Campos eletromagnéticos, implantes e abordagens combinatórias

Os primeiros tipos de manipulação elétrica do cérebro incluíam a implantação direta de componentes eletrônicos no cérebro. Observando que os abduzidos “muitas vezes descrevem operações nas quais agulhas são inseridas no cérebro” e “mais frequentemente ainda, eles relatam a implantação de objetos estranhos através das cavidades nasais”, Cannon observa que, à medida que os pesquisadores de abdução saltam para a conclusão extraterrestre dessas circunstâncias bizarras, eles “não conseguiram se familiarizar com certos avanços pouco anunciados na tecnologia terrestre”.¹³⁹

Os implantes dos abduzidos sugerem fortemente uma linhagem tecnológica que pode ser atribuída a um dispositivo conhecido como “stimoceiver”, inventado no final dos anos 50 e início dos anos 60 por um neurocientista chamado José Delgado. O stimoceiver é um eletrodo de profundidade em miniatura que pode receber e transmitir sinais eletrônicos através de ondas de rádio FM. Ao estimular um receptor de estímulo corretamente posicionado, um operador externo pode exercer um surpreendente grau de controle sobre as respostas do sujeito.

O exemplo mais famoso do stimoceiver em ação ocorreu em uma praça de touros de Madri. Delgado “ligou” o touro antes de entrar no ringue, totalmente desprotegido. Furioso pelo sangue, o touro atacou o médico – então parou, pouco antes de alcançá-lo. O técnico que virou toreador havia parado o animal simplesmente apertando um botão em uma caixa preta, segurada na mão.¹⁴⁰

Este episódio, relatado muitas vezes na literatura de controle mental, demonstrou de forma palpável as potencialidades das tecnologias, mesmo no final da década de 1950, por isso é uma questão simples de extrapolar o que poderia ser feito agora, décadas depois, depois de bastante dinheiro, pesquisa, e mão de obra, e aqueles dispostos a jogar a moralidade e a humanidade pela janela para alcançar avanços.

Delgado pressionou sua pesquisa e, em 1973, conseguiu relatar que “a estimulação por rádio de diferentes pontos na amígdala e no hipocampo ... visões coloridas e outras respostas.”¹⁴¹ Observe que em 1973, o contato direto de um dispositivo implantado no cérebro não era mais necessário; os efeitos, incluindo “visões coloridas”, podem ser induzidos remotamente à distância por meio de direcionamento eletromagnético de certas regiões do cérebro.

Esses tipos de descobertas logo deram início a uma nova busca dentro das tecnologias de manipulação da mente, tecnologias que poderiam induzir efeitos auditivos, visuais e emocionais específicos em um alvo individual ou de grupo.

De acordo com um relatório da [Defense Intelligence Agency] divulgado sob a Lei de Liberdade de Informação, as microondas podem induzir mudanças metabólicas, alterar funções cerebrais e interromper padrões de comportamento. [O Projeto Pandora] descobriu que as micro-ondas pulsadas podem criar vazamentos na barreira hematoencefálica, induzir convulsões cardíacas e criar desorganização comportamental. Em 1970, um cientista da RAND Corporation relatou que as microondas poderiam ser usadas para promover insônia, fadiga, irritabilidade, perda de memória e alucinações.

Talvez o trabalho mais significativo nesta área tenha sido produzido pelo Dr. W. Ross Adey da University of Southern California. Ele determinou que o comportamento e os estados emocionais podem ser alterados sem eletrodos – simplesmente colocando o sujeito em um campo eletromagnético. Ao direcionar uma frequência portadora para estimular o cérebro e usar modulação de amplitude para “moldar” a onda em uma imitação de uma frequência EEG desejada, ele conseguiu impor um ritmo teta de 4,5 cps em seus sujeitos – uma frequência que ele mediu anteriormente no hipocampo durante a aprendizagem de evitação.¹⁴²

Observe novamente que tudo o que é necessário é arrastar uma onda para um cérebro alvo na frequência desejada de um eletroencefalograma normal e esse processo pode ser usado para infligir perda de memória, alucinações (ter visões) e até mesmo infligir ataques cardíacos de uma distância, e não deixe nenhuma evidência aparente de que isso foi feito!

b. A indução remota de transe e “Hearin4 Voices”

Mas tais tecnologias e técnicas foram levadas ainda mais longe no trabalho feito na década de 197!

O transe pode ser induzido remotamente – mas pode ser dirigido? sim. Lembre-se das vozes intracerebrais... de Delgado. O mesmo efeito pode ser produzido pela “onda”. Frey demonstrou no início da década de 1960 que as micro-ondas podiam produzir estrondos, assobios, zumbidos e outras estáticas intracerebrais (esse fenômeno é agora chamado de “efeito Frey”); em 1973, o Dr. Joseph Sharp, do Walter Reed Amy Institute of Research, expandiu o trabalho de Frey em um experimento em que o sujeito - neste caso, o próprio Sharp - "ouvia" e entendia palavras faladas transmitidas por meio de um análogo de microondas pulsado de as vibrações sonoras do alto-falante.

Dr. Robert Becker comenta que “Tal dispositivo tem aplicações óbvias em operações secretas projetadas para enlouquecer um alvo com 'vozes' ou entregar instruções indetectáveis a um assassino programado”. Em outras palavras, agora temos, com o apertar de um botão, a tecnologia para infligir um 4asli4ht eletrônico – ou para criar um verdadeiro Candidato da Manchúria. De fato, a primeira capacidade poderia efetivamente disfarçar a segunda. Quem vai ouvir as vítimas, quando as alucinações induzidas eletronicamente relatam exatamente paralelas aos sinais clássicos da esquizofrenia paranóide e/ou epilepsia do lobo temporal?¹⁴³

Em outras palavras, todas as tecnologias estão agora em vigor para induzir em um alvo humano, via radiação de micro-ondas de frequências particulares, todas as características das revelações religiosas: exibições de luzes deslumbrantes, sons incomuns, música e até vozes se comunicando em palavras reais. .

No entanto, não para por aí, pois essas tecnologias, combinadas com a técnica “suave” da hipnose, produziram resultados ainda mais surpreendentes:

Talvez as revelações mais sinistras, no entanto, digam respeito ao misterioso trabalho de JF Schapitz, que em 1974 apresentou um plano para explorar a interação de frequências de rádio e hipnose. Ele propôs o seguinte:

“Nesta investigação será mostrado que a palavra falada do hipnotizador pode ser transmitida por energia eletromagnética modulada diretamente nas partes subscientes do cérebro humano – isto é, sem empregar nenhum dispositivo técnico para receber ou transcodificar as mensagens e sem a pessoa exposta a tal influência tendo a chance de controlar a entrada de informações conscientemente”.

Ele esboçou um experimento, inocente em seus efeitos imediatos, mas assustador em suas implicações, em que os sujeitos seriam implantados com a sugestão subsciente de deixar o laboratório e comprar um item específico; essa ação seria desencadeada por uma determinada palavra ou ação de sugestão. Schapitz tinha certeza de que os sujeitos racionalizariam o comportamento – em outras palavras, o sujeito aproveitaria qualquer desculpa, por mais tênue que fosse, para atribuir suas ações ao trabalho do livre-arbítrio...

O trabalho de Schapitz foi financiado pelo Departamento de Defesa. Apesar dos pedidos da FOIA, os resultados nunca foram revelados publicamente.¹⁴⁴

Em outras palavras, além de ter todas as “tecnologias de indução de revelação”, se os experimentos de Schapitz fossem bem-sucedidos – e sua classificação continuada sugere que foram – então essas tecnologias também poderiam ser usadas para induzir certas ações em resposta a essas “revelações.” Todos os efeitos dessas técnicas e tecnologias, descobriu-se ainda, poderiam ser amplificados pela presença de um implante na vítima.¹⁴⁵

c. Dissolução Eletrônica da Memória: Tempo Missin4 e História Missin4

Como observado anteriormente, um dos principais problemas que as primeiras pesquisas sobre manipulação da mente encontraram foi o problema do “descarte”, ou seja, como os perpetradores dos experimentos manteriam os experimentos em segredo? Uma forma, é claro, era simplesmente mandar matar os participantes, mas a outra, apagar certas partes de sua memória, era um “método” mais eficiente e que, se os meios para isso pudessem ser desenvolvidos, teria seu próprios benefícios no arsenal de manipulação da mente. O objetivo era “EDOM”, ou “Dissolução Eletrônica da Memória”. É realizado por nada mais complicado do que o “bloqueio da transmissão sináptica em certas áreas do cérebro”,¹⁴⁶ semelhante ao que acontece em um acidente vascular cerebral comum. O efeito, mais uma vez, pode ser produzido pelo “bloqueio” eletromagnético dos sinais das vias neurais, com o resultado de que há um “apagamento da memória da consciência” em “certas áreas do cérebro”.¹⁴⁷ O resultado é a “memória perdida”, que, se olharmos de outra maneira, nada mais é do que o fenômeno “tempo perdido” dos abduzidos, pois apagando a memória, apaga-se o tempo, e apagando o tempo – se realizado em um grande o suficiente de pessoas, um está forçosamente apagando a história.¹⁴⁸

Sem certas memórias, o contexto de uma pessoa – ou de um grupo de pessoas – para interpretar eventos e tomar decisões inevitavelmente mudará, então o apagamento da memória também pode ser visto como um meio de manipulação social com o objetivo de produzir uma determinada classe de ações. Novamente, as implicações óbvias para as supostas “tecnologias de revelação” são bastante óbvias.

Mas há outra possibilidade que tal manipulação eletromagnética da mente possa ter, e dentro do contexto da possibilidade de armas verdadeiramente destruidoras de planetas, é assustadora, pois é preciso perguntar: uma pessoa normal e sã pressionaria um botão e explodiria um planeta? , à la célebre “Estrela da Morte” de George Lucas em seu filme épico Guerra nas Estrelas? Provavelmente não. O que é necessário não é mais um “soldado normal”, mas um insano:

Sempre houve recrutas para as tarefas mais perigosas; que necessidade de hipnose?

A necessidade, de fato, é absoluta.

O campo de batalha moderno tem pouco lugar para o soldado tradicional. O armamento avançado requer um nível crescente de sofisticação técnica, que por sua vez requer um operador de cabeça fria. Mas o combatente humano demais - embora capaz de atos extraordinários de coragem sob as condições mais estressantes imagináveis - não possui reservas inesgotáveis de sangue-frio... Como Richard Gabriel, o excelente historiador do papel da psiquiatria na guerra, escreve:

“A guerra moderna tornou-se tão letal e tão intensa que apenas os já insanos podem suportá-la.”

....

De acordo com Gabriel, os militares pretendem enfrentar esse desafio criando o “soldado químico”, um zumbi drogado de designer em uniforme de combatente. [149](#)

Mas pode não haver necessidade de drogas, mas apenas do campo eletromagnético ou “modelo” necessário sobre uma determinada região com um determinado grupo-alvo de “soldados”, pois já vimos a capacidade dessa tecnologia de produzir estados emocionais e ações normalmente não experimentadas por uma pessoa comum, o que inclui a capacidade de induzir “raivas insanas” sem motivo. Por que usar drogas, que deixarão vestígios — evidências — no corpo, quando as ondas eletromagnéticas farão o mesmo e não produzirão traços detectáveis?

d. “Abduções” e “Revelações:” Um Método Comum

Curiosamente, há mais do que apenas uma semelhança passageira entre a experiência de “abdução alienígena” e as revelações religiosas, pois, como Cannon observa, muitos daqueles que foram vítimas da experiência de abdução – e sejamos honestos, eles são vítimas – “têm foi direcionado para se juntar a certas seitas religiosas/filosóficas.”¹⁵⁰

Eu recomendo fortemente aos pesquisadores de abdução que examinem de perto quaisquer pequenos grupos “ocultos” aos quais um abduzido possa se juntar. Por exemplo, um líder familiar da orla dos OVNIIs – um homem bem conhecido por sua adoção da doutrina do “amor e luz” – é Virgil Armstrong, um amigo pessoal próximo do general John Singlaub, o notório jogador Irã-Contra, que recentemente chefiou a Liga Mundial Anticomunista neofascista. Armstrong, que também é um ex-Boina Verde e ex-agente da CIA, entrou em minha investigação de uma maneira interessante: uma abduzida de meu conhecimento foi informada – por suas “entidades”, naturalmente – para procurar esse porta-voz OVNI e participar de suas atividades de “observação do céu”, que, minha fonte alega, incluiu uma sessão de canalização em massa destinada a enviar vibrações “negativas” debilitantes a Constantine Chernenko, então líder da União Soviética.¹⁵¹

Com a tênue conexão de toda essa atividade bizarra e pateta com a Liga Mundial Anticomunista, com sede em Taiwan na época, o círculo histórico se fecha no lugar em que a investigação moderna de manipulação da mente começou a sério - Alemanha nazista - como as descrições de Cannon da A organização como “neo-fascista” é mais verdadeira do que ele talvez tenha imaginado, pois a organização agora é bem conhecida por ter sido um dos refúgios da atividade nazista do pós-guerra, ostensivamente a mando de seus “mestres” americanos.¹⁵²

Bem, Cannon poderia notar a conexão entre manipulação mental, abduções e atividade de culto, para os dados de dois deles – mente

manipulação e abduções – se sobrepõem: “Se pudéssemos mapear esses fenômenos em um diagrama de Venn, veríamos uma interseção surpreendentemente grande entre os dois círculos de informação”.¹⁵³ Em outras palavras, há muitos pontos de dados sobrepostos para que os paralelos entre eles sejam inteiramente coincidentes; a tese da manipulação da mente, ele observa,

explica os relatos de implantes intracerebrais abduzidos (particularmente relatos envolvendo hemorragias nasais), cicatrizes incomuns, comunicação “telepática” (ou seja, vozes intracerebrais induzidas externamente) concomitantemente ou após o encontro de abdução, alegações de que alguns abduzidos ouvem efeitos sonoros incomuns (semelhantes aos criados pelos dispositivos hemisincronizadores e cognatos), dispositivos eletrônicos descontrolados nas casas dos abduzidos, mudanças de personalidade, “filmes de treinamento”, manipulação de imagens religiosas e tempo perdido.¹⁵⁴

Essa mesma metodologia – comparação de pontos de dados detalhados entre as tecnologias de manipulação da mente e os detalhes das “revelações religiosas” – informará a seção final deste capítulo.

4. A Frequência de Batimentos do Cérebro

“O cérebro”, observa Cannon, “tem uma 'batida' própria”.¹⁵⁵ Este fato foi descoberto pelo psiquiatra alemão Hans Berger em 1924. Berger observou

duas frequências distintas: alfa (8 a 13 ciclos por segundo), associada a um estado relaxado e alerta, e beta (14 a 30 ciclos por segundo), produzida durante estados de agitação e concentração mental intensa. Mais tarde, outros ritmos foram observados, que são particularmente importantes para nossos propósitos atuais: theta (4-7 ciclos por segundo), um estado hipnagógico e delta (0,5 a 3,5 ciclos por segundo), geralmente encontrados em indivíduos adormecidos.¹⁵⁶

Esses fatos publicamente disponíveis tornaram-se a base para toda uma nova “indústria” começando no final dos anos 1970 e no início dos anos 1980, quando inventores inteligentes criaram máquinas como o “hemi-synch”, um dispositivo semelhante a fones de ouvido que produzia “frequências ligeiramente diferentes em cada ouvido” entre os quais o cérebro calcularia a diferença, resultando em uma espécie de “frequência de batida” à qual ele se arrastaria. Em outras palavras, “o [eletroencefalograma] do sujeito diminuiria ou [aceleraria] para acompanhar seu parceiro de corrida eletrônico”.¹⁵⁷

Essa ideia de uma frequência de batimento pode parecer estranha ou mesmo sem importância, mas é de fato um dos princípios operacionais cruciais da chamada “eletromagnetização escalar”, e uma ou duas palavras a mais de explicação valem a pena aqui. Toda a base desse tipo de fenômeno é a interferometria e o estabelecimento de uma “frequência de batida” como uma espécie de modelo de ação. E a forma de estabelecer esse “modelo de frequência de batida” é justamente interferir, ou mesclar, dois ou mais sinais de frequências diferentes em uma região. A diferença entre todas essas frequências interferidas ou combinadas configura uma “onda estacionária” baseada na frequência de batida. Pode-se pensar na simples - embora desajeitada - analogia de

pegando um punhado de seixos de diferentes tamanhos e jogando-os na superfície calma de um lago. Cada seixo produzirá um padrão de onda ao atingir a superfície, e esses padrões se cruzarão e se misturarão, estabelecendo um padrão momentâneo na superfície que representaria a onda estacionária da frequência de batida. É a esse padrão ou modelo que o cérebro se arrasta, e esse ponto se tornará crucial nas seções posteriores deste capítulo.

5. A frequência da batida e as experiências fora do corpo

Curiosamente, uma das alegações feitas para algumas das “máquinas cerebrais” que se tornaram populares durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980 foi que elas também poderiam “induzir 'Experiências Fora do Corpo', nas quais o perceptivo 'viaja' mentalmente para outro local enquanto seu corpo permanece em repouso. Essa tecnologia em rápido desenvolvimento gerou um equivalente tecnológico à cultura das drogas...”¹⁵⁸ A implicação apologética para a possível existência de tais tecnologias nos tempos antigos é bastante óbvia, pois tais tecnologias podem induzir as pessoas a acreditar que visitaram o “céu”, seja “no corpo ou não”, como disse o apóstolo Paulo.¹⁵⁹

6. A indução remota de transe, emoções, informações específicas e “telepatia” remota

À medida que o trabalho avançava nas tecnologias de manipulação da mente, logo foi descoberto – por meio de técnicas como o estabelecimento de “frequências de batida” em um cérebro ou cérebro alvo – que estados emocionais, incluindo estados hipnóticos profundos, poderiam ser induzidos remotamente sem eletrodos reais ou implantes devem estar presentes no próprio cérebro. Essa técnica foi chamada de RHIC, ou “Controle Intracerebral Hipnótico Remoto”.¹⁶⁰ O fenômeno foi relatado pela primeira vez por LL Vasilev da Universidade de Leningrado no início da década de 1930.¹⁶¹ Assim, ao produzir frequências de batimento em sincronia com os estados alfa, beta, teta ou delta do funcionamento natural do cérebro, o cérebro naturalmente se arrastaria para essa frequência de batimento e experimentaria o estado emocional correspondente. Assim, um sujeito poderia ser aberto à possibilidade de sugestão remota arrastando uma frequência de batida na faixa do ciclo teta e então transmitindo “vozes” e instruções para o sujeito, uma vez que a mesma tecnologia poderia ser usada, como vimos, para induzir um sujeito a ouvir “vozes” reais em seu cérebro.¹⁶²

Houve ainda outra possibilidade que surgiu de tudo isso também, e essa era a telepatia eletromagnética remota, ou ler a mente ou os estados emocionais de um alvo “decifrando as ondas magnéticas do cérebro”. O projeto estava em andamento desde 1973 na Agência de Pesquisa de Projetos Avançados (ARPA).¹⁶³

7. Alteração eletromagnética do DNA

Além de todas essas possibilidades e implicações sugestivas e perturbadoras para a manipulação eletromagnética remota da mente, no entanto, há mais uma, que é a capacidade da exposição prolongada a campos eletromagnéticos de alterar as próprias características do próprio DNA humano. Embora não seja estritamente pertinente ao assunto aqui discutido, vale a pena notar que o pesquisador Paul Brodeur sustenta inequivocamente que desde a década de 1960 “o governo e os militares suprimiram sistematicamente informações sobre os efeitos genéticos das microondas em seres humanos e encobriram uma série de situações potencialmente embaraçosas em que tais efeitos foram observados”.¹⁶⁴ Entre os efeitos observados estavam os danos permanentes de longo prazo causados por quebras cromossômicas, quebras que por sua vez foram induzidas pela exposição prolongada a tais campos.¹⁶⁵

8. *Cection Cummary*

No final desta excursão às técnicas e tecnologias modernas de manipulação da mente, o que temos? Uma breve revisão revela as implicações apologéticas para os relatos alegados de revelações especiais nos tempos antigos, se tal tecnologia existir e ter sido usada nos tempos antigos, pois por meios relativamente simples, as técnicas e tecnologias modernas podem induzir remotamente:

1. Estados emocionais de todos os tipos, desde euforia, raiva, sugestionabilidade hipnogógica, transe e assim por diante;
2. Percepção real de “visões” e “vozes” com informações ou instruções específicas;
3. Sugestibilidade pós-hipnótica;
4. Experiências fora do corpo;
5. Indução de falsas memórias, “perda de tempo” (e, portanto, *história*), e falsos contextos interpretativos.

A única questão agora é: há alguma evidência de que tais tecnologias, por mais “primitivas”, possam ter existido nos tempos antigos? E se existiu uma “elite” ou “elites com agendas” para manipular a humanidade nos primeiros estágios da civilização, como foi discutido no capítulo anterior, há alguma evidência para sugerir que essas tecnologias foram empregadas para manipular a força mais socialmente coesa do mundo? história humana, a própria religião?

A resposta, infelizmente, é sim.

C. OS TEMPLOS DE TORÇÃO DA ANTIGUIDADE: UMA TECNOLOGIA PRIMITIVA DE COMUNICAÇÃO E REVELAÇÃO ESPECIAL

Ao buscar responder à questão de saber se tais tecnologias de manipulação da mente existiam ou não e que eram usadas em tempos remotos para manipular a própria religião como uma força socialmente coesa, nossa atenção deve estar voltada, mais uma vez, para os “textos”, com a compreensão que, em certo sentido, os próprios monumentos e estruturas são “textos” a serem compreendidos e devidamente decodificados pelos princípios de física e engenharia necessários. Além disso, é claro, teremos que lidar com textos escritos reais e o que eles pressagiam a esse respeito.

Em um livro anterior - *Babylon's Banksters: The Alchemy of Deep Physics, High Finance, and Ancient Religion* - defendi a existência de uma elite financeira globalmente estendida que se apegou aos templos e sacerdócios da antiguidade com o propósito de instalar um monopólio financeiro sobre a emissão privada de dívida monetizada, e com o propósito de manipular as políticas de ouro de vários impérios. Como consequência dessa conclusão, também argumentei que tal manipulação teria exigido – então como agora – meios seguros de comunicação rápida entre vastas distâncias. Isso, por sua vez, exigiria a existência de uma tecnologia oculta, ou, no mínimo, uma tecnologia que não fosse genuinamente apreciada como tal pelos intérpretes modernos.¹⁶⁶

Felizmente, não precisei procurar muito nem muito longe para encontrar um engenheiro que tivesse abordado precisamente esse problema e que tivesse feito uma descoberta surpreendente, a saber, a tecnologia eram os próprios templos antigos e, além disso, essa tecnologia era uma tecnologia eletromagnética escalar. , em suma, uma tecnologia de rádio.¹⁶⁷ O engenheiro era um professor alemão de engenharia, Prof. Dr. Konstantin Meyl, e sua pesquisa foi nada menos do que impressionante e abrangente em suas implicações. De que outra forma, ele perguntou, poderia

alguém entende algumas afirmações em textos clássicos de que funcionários do Império Romano em regiões distantes do Império “enviariam ao Imperador” para obter instruções e receberiam uma resposta o mais tardar na noite seguinte?¹⁶⁸ A resposta de Meyl é simplesmente que havia uma tecnologia em jogo: templos religiosos.

Meyl afirma que os templos antigos eram na verdade transmissores de rádio sofisticados, colocando o clássico “problema de otimização do engenheiro”:

Vamos até certo ponto partir do conhecimento da física dos livros didáticos atualmente presente na engenharia de alta frequência e dar a um engenheiro bem treinado a seguinte tarefa, que ele deve resolver sistematicamente e como um engenheiro. Ele deve construir um transmissor com alcance máximo com potência de transmissão mínima, portanto um clássico de otimização. Ao fazê-lo, a despesa material não desempenha um papel!

Após deliberação madura, o engenheiro perceberá que existe apenas uma solução. Ele decide por um transmissor de telegrafia na extremidade de onda longa da banda de ondas curtas, em $f=3$ MHz, que corresponde a um comprimento de onda de $l=100$ m. Há menos de 1 Watt de potência de transmissão é suficiente para comunicação de rádio uma vez ao redor da Terra....

E ele otimiza ainda mais. Em seguida, o engenheiro lembra que em altas frequências, por exemplo, para radiadores de micro-ondas, não são usados cabos, mas guias de onda, pois estes possibilitam um grau de eficácia consideravelmente melhor. No caso do guia de onda os campos dispersos são reduzidos pelo alinhamento e concentração dos campos no interior do condutor. No caso de antenas, no entanto, os campos se espalham para o exterior e causam perdas por dispersão consideráveis. Ele conclui que seu transmissor deve ser construído como uma cavidade sintonizada e não como uma antena!

Como resultado o engenheiro coloca um edifício sem janelas no campo com as enormes dimensões de 50 m de comprimento ($=l/2$) e 25 m ($=l/4$) respectivamente 12,5 mm ($=l/8$) de largura. A altura ele calcula de acordo com a Proporção Áurea para aumentar a parte da onda escalar. Essas são aproximadamente as dimensões da Cella sem janelas dos templos gregos.

Para o funcionamento de tal transmissor na antiguidade aparentemente era suficiente o poder de ruído da radiação cósmica, que chegava à terra a partir do sol e dos planetas. Ao aumentar o espaço do piso, também a energia de campo coletada e a potência de transmissão podem ser aumentadas, de modo que também da perspectiva da fonte de alimentação, o templo com o maior comprimento de onda possível ao mesmo tempo prometia a maior potência de transmissão, pelo menos em antiguidade.

Nosso engenheiro determina ainda que ele ligará e desligará a frequência da portadora em um pulso de clock predeterminado. Assim, ele decide pela radiotelegrafia. A vantagem desta técnica é o aumento máximo do alcance de recepção. Para isso, os sinais no transmissor devem ser codificados e no receptor novamente decifrados. Por meio da criptografia dos conteúdos, estes são acessíveis apenas aos “insiders”, que conhecem o código; pré-requisito para o surgimento do hermetismo e, eventualmente, uma questão de poder!¹⁶⁹

Com esses insights em mãos, Meyl examinou vários templos antigos e calculou as frequências de ressonância das próprias estruturas, entendendo que a própria estrutura era o guia de ondas.

Os resultados - embora eu não tenha comentado sobre eles no Babylon's Banksters

—foram surpreendentes, e aqui é necessário comentá-los, porque são diretamente pertinentes à tese aqui examinada, a saber, que esses templos também podem ter funcionado não apenas como transmissores e receptores de micro-ondas, mas como ambientes de manipulação da mente. Para o Templo de Zeus em Olímpia, por exemplo, Meyl calculou a frequência do edifício em 5 megahertz (MHz).¹⁷⁰ Para o templo de Atena, foi 7,5MHz.¹⁷¹ Para o Templo de Apolo em Corinto, 9 MHz.¹⁷² Para o Templo de Vênus e Roma, 6,8 MHz.¹⁷³

Por que esses resultados são tão interessantes? Porque se alguém entende as leis dos harmônicos, eles são todos harmônicos dos estados de ondas alfa e teta do cérebro! Um “harmônico” é simplesmente um múltiplo de um número, e assim, o Templo de Zeus, ressonante a 5 MHz, tem seis ordens de grandeza, ou seja, um milhão de vezes mais que 5 ciclos por segundo, que está dentro do estágio teta da atividade das ondas cerebrais, aquela fase associada a um estado hipnogógico.¹⁷⁴ Para o Templo de Atena, ressonante a 7,5 MHz, isso seria uma ressonância em

seis ordens de magnitude maior, exatamente a meio caminho entre o estado alfa do cérebro, em 8 a 13 ciclos, um estado associado a um estado relaxado e alerta, e o estado teta, novamente de 4 a 7 ciclos por segundo. Para o Templo de Apolo em 9 MHz, novamente a ressonância é para o estado alfa do cérebro, e para o Templo de Vênus e Roma, o estado teta!

Para resumir, nos casos examinados por Meyl, não estamos lidando apenas com transmissores e receptores de micro-ondas, mas com estruturas que parecem ter sido deliberadamente projetadas para induzir alfa ou teta, ou ambos os estados mentais, estados de “alerta relaxado”. ”, ou um estado “hipnogógico”, ou um estado de espírito em algum lugar entre os dois! A mesma tecnologia, baseada em ondas de rádio pulsadas, também foi projetada para produzir vários estados emocionais para qualquer pessoa dentro das estruturas!

Então, em resposta à questão de saber se tal tecnologia existia e se alguma vez foi empregada para manipular o ambiente mental e emocional, nossa resposta deve ser um “sim” provisório. Mas essa tecnologia já foi usada de maneiras e exibições mais ostensivas para manipular as mentes dos homens? Já foi usado para moldar toda uma consciência religiosa?

Para responder a essa pergunta, devemos nos voltar para os próprios textos e para a análise provocativa da equipe de marido e mulher dos pesquisadores britânicos Christian e Barbara Joy O'Brien, e para as questões muito perturbadoras para a apologética religiosa que eles levantam.

D. OS REVELADORES DA RELIGIÃO: A CONSIDERAÇÃO TECNOLÓGICA DE O'BRIEN DAS REVELAÇÕES DE YHWH E DA TORÁ

Com a existência dessas tecnologias reconhecidamente primitivas, mas ainda assim eficazes nos tempos antigos, uma existência ligada diretamente aos templos

— pois a tecnologia eram os templos — surge a possibilidade especulativa de que revelações famosas (ou, dependendo das luzes, infames) fossem produtos de algum tipo de manipulação tecnológica por uma elite. Basta lembrar que tudo o que era necessário para produzir “experiências fora do corpo”, no caso de algumas “máquinas mentais”, era uma interferência de duas ondas de frequência diferente para produzir frequências de batimento em um cérebro que produziriam uma estado emocional-fisiológico. Em vista das “técnicas e tecnologias da revelação especial”, essas potencialidades, embora altamente especulativas, abrem as portas para dificuldades apologéticas apresentadas por exemplos famosos de “revelação especial”, como a “visão” de Paulo de Cristo no estrada para Damasco, ou os papéis de Daniel e José no Antigo Testamento interpretando sonhos para seus mestres: eram sonhos que eles mesmos induziram e posteriormente “interpretaram”? Conforme observado em meu livro *Babylon's Banksters*, a presença de uma elite financeira sombria dentro do recinto do antigo templo, uma elite além disso pronta e disposta a manipular a religião para seus próprios fins, aumenta substancialmente o nível apologético e interpretativo, especialmente se considerarmos o possibilidade de que algo de uma tecnologia perdida e técnica de manipulação da mente fosse preservada por aquela elite.

Mas não basta recorrer às especulações tecnológicas para perceber as enormes dificuldades colocadas pela manipulação da mente no contexto da religião, pois, como foi observado anteriormente, elas constituem apenas metade do quadro total, sendo a outra metade as técnicas de manipulação da mente. E aqui, de acordo com pesquisadores britânicos Christian O'Brien e sua esposa

Barbara Joy, não é preciso ir além do Yahweh, ou Jeová, dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento para ver o uso de tecnologias e técnicas para a escravização total de um povo, e sua mudança de restrições morais normais para uma vontade de cometer abate em massa em nome de seu “mestre divino”, Yahweh.

Isso não quer dizer que os próprios O'Briens vejam as exibições tecnológicas de Yahweh e seu comportamento em relação aos israelitas como uma manifestação de tais tecnologias e técnicas. Na verdade, eles em nenhum lugar mencionam “controle mental” ou “manipulação mental” em conexão com seu exame do caráter e comportamento de Yahweh. No entanto, é uma possibilidade perturbadora repleta de implicações apologéticas que emerge claramente de seu exame, por isso será revisada cuidadosamente aqui.

Antes de revisar o exame dos O'Briens sobre o caráter e o comportamento de Yahweh, no entanto, vale a pena fazer uma pausa para observar as suposições e a metodologia básica que formam o contexto de sua interpretação. Existem quatro suposições e métodos básicos que orientam sua interpretação do Senhor da Torá e, particularmente, do livro do Êxodo:

1. Há uma antiga elite manipulando os eventos da história humana e da religião operando nos bastidores. Essa elite está conectada e composta por membros dos “Anunnaki”, uma raça de “brilhantes” que os O'Briens veem como os “primos” genéticos do Homo sapiens sapiens moderno e, de fato, que eles veem como tendo geneticamente manipulado a última espécie para a existência. Alguns dessa elite se rebelaram e romperam com o resto, interferindo nos assuntos humanos de maneira proscrita. Para os O'Briens, o Yahweh dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento é precisamente um desses indivíduos rebeldes, caídos, “brilhantes”.

2. Os Iluminados, representando uma raça avançada e geneticamente relacionada à humanidade, também possuíam uma tecnologia avançada que, no caso de Yahweh, eles acreditam ter sido usada para intimidar e coagir os israelitas a obedecerem sem hesitação e inquestionável a Yahweh e seus planos de conquista.

3. Em seu exame do caráter, comportamento e ações de Yahweh na Torá, os O'Briens o submetem a um exame sem hesitação e completamente crítico baseado em padrões normais de comportamento humano.

decência e moralidade, e encontrá-lo completamente carente de compaixão, amor e exibindo sintomas clássicos de paranóia, esquizofrenia e um sangue genocida e desejo de guerra comparável a um Stalin ou um Hitler.

4. Em seu exame, os O'Briens deixam claro que eles acreditam que o próprio nome "Yahweh" pode ser um uso titular, semelhante a "o Lord Mayor of London", um uso que não é, portanto, um nome próprio, mas o nome de uma posição dentro de uma hierarquia que diferentes ocupantes preenchem em momentos diferentes, explicando assim - na mente dos O'Briens - as vastas mudanças de caráter e comportamento do Javé da Torá para o Javé de, por exemplo, profetas como Isaías . É melhor citar suas próprias palavras aqui:

Este Yahweh foi apenas um dos líderes dos Iluminados. O fato de que ele sempre foi definido como 'Líder' - se ele estava participando do estabelecimento do Jardim no Éden; fingindo fazer Abraão sacrificar seu filho mais velho em uma pilha de lenha; entregar um Código de Leis a Hamurabi; treinando militarmente os israelitas para a conquista de Canaã; ou sacrificar os remanescentes judeus às devastações cruéis da Babilônia - levou a muita confusão.

O participante de todas essas atividades não era uma única entidade.¹⁷⁵

Nossa revisão do exame de Yahweh pelos O'Briens se concentrará nessas quatro áreas. A fim de demonstrar a comparação próxima de alguns dos comportamentos de Yahweh para com os israelitas e de várias técnicas de manipulação da mente, essa revisão necessariamente terá que ser tão abrangente quanto possível.

1. Yahweh como um dos Chinin4 Ones

Como representante dos “Shining Ones” que os O'Briens acreditam ter sido uma raça geneticamente relacionada à humanidade e, de fato, seus engenheiros genéticos finais, a suposição de que Yahweh é um representante dessa raça – e, portanto, não Deus ou “um deus” em qualquer sentido – é, portanto, um estudo que forneceria informações consideráveis sobre essa raça. Como eles colocam:

A partir de um estudo detalhado deste Yahweh, devemos ser capazes de formular nossas ideias sobre as verdadeiras características dos Iluminados – seus atributos físicos, seus temperamentos, suas realizações tecnológicas e a natureza de seus relacionamentos com os humanos com quem viviam. e trabalhou - em profundidade muito maior do que conseguimos alcançar até agora.¹⁷⁶

Isso, no entanto, não veio sem uma ressalva, pois o caráter de Yahweh - se de fato ele era um dos Iluminados para começar - dificilmente era típico deles como um grupo:

E, no entanto, temos um sentimento desconfortável sobre esse Yahweh e devemos fazer uma ressalva – ele pode não ter sido típico de sua raça. Ele era belicoso e vingativo, e parece ter sido determinado a conquistar os povos do Oriente Médio pela força.¹⁷⁷

Essa leitura de Javé como conquistador vingativo e belicoso é a característica que mais o identifica como um dos Iluminados rebeldes, característica que será examinada mais detidamente na segunda parte deste livro.

Tão estranho, tão incomum é o comportamento de Yahweh quando comparado ao resto dos Iluminados que os O'Briens questionam se ele - e eles - são

de fato, geneticamente relacionado à humanidade. “Este estudo de Yahweh pode nos ajudar a resolver a questão desconcertante e perturbadora de se” ele “pertencia ao nosso gênero – talvez Homo sapiens sapiens sapiens – ou algum outro gênero com o qual não estamos familiarizados”.[178](#)

2. Uma Agenda Genética?

Para os O'Briens, a resposta a essa pergunta é uma tentativa de "sim, o caráter de Yahweh pertence a um gênero relacionado", pois, como eles apontam, Yahweh parece ter algum tipo de agenda genética oculta em relação aos antigos hebreus. , uma agenda que nunca é totalmente revelada, nem totalmente ocultada:

...antes de discutirmos o enigma [de Yahweh] propriamente dito, deve-se enfatizar que a construção da nação hebraica foi alcançada por um processo deliberado de seleção que remonta a Noé. Sua família foi selecionada para sobreviver após o dilúvio; e a família de Terah foi selecionada entre os povos semitas de Ur; e fora dela Abraão foi escolhido, sobre seus irmãos, por razões que só podemos imaginar. Possivelmente eram genéticos; mas outro aspecto pode ter sido que Sara, a esposa de Abraão, era estéril – e isso pode ter dado a oportunidade para outra oportunidade genética notável.¹⁷⁹

Mais tarde, é claro, outra seleção foi feita com Jacó sobre Esaú, desta vez, observe os O'Briens, "por uma manobra um tanto dissimulada",¹⁸⁰ referindo-se a Jacó pregando uma peça em seu pai Isaque, e recebendo a bênção de Esaú em seu lugar.¹⁸¹

Tudo isso, para os O'Briens, é sugestivo de uma agenda genética oculta:

A pureza da cepa, que Yahweh exigia, continuou a ser cuidadosamente monitorada. Ele estava determinado que a linha através dos Patriarcas de Abraão deveria continuar como ele desejava – e ele estava olhando um longo caminho para o futuro. Quinhentos anos se passariam antes que ele estivesse convencido de que havia alcançado a Nação que desejava.¹⁸²

A implicação – mesmo que eles não a expliquem em tantas palavras – é claro, pois se Yahweh pretendia conquistar, como eles acreditam, então uma possível razão para a constante manipulação genética poderia ser a criação de uma casta de líderes com as características de guerreiro necessárias. A existência de outras possibilidades para essa agenda genética oculta será explorada na segunda parte deste livro.

3. A “Pilar de Fogo” de Yahweh: O Componente Tecnológico

Central para sua tese de que Yahweh, longe de ser “Deus” ou “um deus”, é uma criatura real, humana e física é o pilar de fogo, a tecnologia pela qual e da qual ele lidera e intimida os hebreus.

Dizem-nos que ele os conduziu de dentro de uma “coluna de nuvem” transportada pelo ar durante o dia, que se tornou uma “coluna de fogo” à noite. E aqui deve-se ressaltar que, depois de escurecer, 'fogo' e 'luz' tornaram-se termos sinônimos porque, como enfatizamos no caso de Enoque, não havia outra luz além daquela feita pelo fogo que o cronista poderia conceber como iluminação, seja para o interior de uma casa, depois de escurecer, ou para o interior de um objeto no ar. Também está registrado que o pilar de fogo iluminou seu caminho à noite, o que sugere que era um objeto grande e muito brilhante que espalhou sua luz por uma área extensa.

(Êxodo 13:21) “O Senhor ia adiante deles numa coluna de nuvem de dia para guiá-los pelo caminho e numa coluna de fogo de noite, para que viajassem de dia e de noite”.

Neste ponto é fundamental esclarecer a questão do 'pilar' porque é um ponto focal em qualquer tentativa de acesso ao nível de tecnologia disponível para os Iluminados. Devemos também considerar outra citação, ligeiramente fora de ordem cronológica:

(Êxodo 14:24) “Na vigília da manhã, o Senhor olhou para o exército egípcio de uma coluna de fogo e nuvem, e lançou o exército egípcio em pânico.”

Há uma consistência gratificante nessa curta passagem porque, à meia-luz da vigília da manhã, pode-se esperar que o objeto no ar mostre tanto sua forma de luz do dia quanto a luz de sua fonte de iluminação.

É essencial para este estudo que nós, também, sejamos consistentes ao tratar as evidências fornecidas pelos vários cronistas de forma realista.

Se eles estiverem mentindo ou se entregando à fantasia, os absurdos logo aparecerão. Mas nem os épicos de Kharsag, nem Enoque, nem os relatos bíblicos, nem o Atra-Hasis tratam de absurdos – apenas de aparentes anacronismos.

Mas como todos os quatro nos descreveram consistentemente um nível de conquista tecnológica para os Iluminados, igual ou superior ao nosso - devemos agora aceitar que eles eram uma raça avançada e deixar de nos surpreender com as maravilhas que eles exibem.

No caso da 'coluna de nuvem', o cronista, que possivelmente era Moisés, estava descrevendo um fenômeno fora de seu alcance normal de experiência, assim como Enoque estava fazendo na Casa do Altíssimo, mas nossa experiência não é tão restrita , e deveríamos ter uma chance melhor de identificar o objeto do que Moisés teve. [183](#)

Observe a afirmação do Êxodo em itálico na citação anterior, de que Yahweh guiou os hebreus “para que viajassem dia e noite”, pois isso se tornará uma pista, como veremos, não apenas para uma tecnologia, mas para as técnicas em jogo. .

4. As Ameaças Incluídas: A Cenoura, o Ctick e Outras Técnicas

Tendo assim interpretado o “ pilar de nuvem e fogo ” como uma tecnologia, o caminho está agora aberto para os O'Briens acompanharem todas as implicações que tal interpretação apresenta, e a primeira delas é o encontro de Yahweh e o Hebreus no Monte Horebe:

As pessoas agora tinham três dias para descansar, para lavar suas roupas – em preparação para a terrível perspectiva de encontrar Yahweh. Até então, eles tinham que confiar em relatos de segunda e terceira mão desta Presença através de Moisés e seus Anciãos, embora a visão da nave aérea¹⁸⁴ deve ter sido um lembrete contínuo de que eles estavam sob a direção de uma forma incomum de liderança.

O cenário para este encontro dramático, e a gestão de palco dele, deve ter sido magnífico. Limites bem definidos foram estabelecidos ao redor da base da montanha que ninguém – homem ou animal – deveria ultrapassar sob pena de morte instantânea. As ameaças começaram!

(Êxodo 19:12-13) “ Quem tocar o monte morrerá; nenhuma mão o tocará, mas ele será apedrejado ou traspassado; animal ou homem, não viverá ”.

Naquela época, Moisés não estava familiarizado com os métodos de matar de longo alcance de Yahweh, e só conseguia pensar em termos de pedras, lanças ou flechas – ele deveria aprender de forma diferente.

Em Horebe, os israelitas experimentaram pela primeira vez os poderes de Yahweh, o rigor de suas ordens e as penalidades pela desobediência. A montanha provavelmente foi ocupada por Yahweh como base por um tempo considerável antes da chegada dos israelitas... Como uma cerca elétrica moderna é usada para controlar o gado, ela pode ter sua própria proteção física contra intrusos - talvez uma barreira letal. Inclino-nos a esta visão por causa da referência a 'besta ou homem'. Tão rigoroso

os regulamentos teriam sido desnecessários para a cabra ou o cão vadio, a menos que houvesse perigo físico para eles na montanha.

Começamos a entender que não era uma montanha do Éden com o Senhor dos Espíritos passeando entre seu povo; este não era Enlil andando por suas plantações enquanto os homens seguiam suas instruções benignas. Aqui no Horebe, o homem estava sob um regime muito diferente.¹⁸⁵

Curiosamente, durante a era da pesquisa moderna de manipulação da mente, a pesquisa também foi realizada em formas de controle de multidões que envolviam o estabelecimento de barreiras eletromagnéticas invisíveis que poderiam – sem o auxílio de cercas elétricas – infligir dor terrível ou potencialmente até a morte daqueles que tentavam atravessar ou violá-lo:

Há, no entanto, uma pequena parte do relatório [a] (Defense Intelligence Agency) que permanece confidencial. Isso indica claramente que os esforços para desenvolver a radiação de microondas como uma arma antipessoal estão em andamento nos Estados Unidos há alguns anos. Tomemos, por exemplo, o seguinte parágrafo:

Um estudo publicado em 1972 pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Equipamentos de Mobilidade do Exército dos EUA, intitulado “Analysis of Microwaves for Barrier Warfare”, examina a plausibilidade do uso de energia de radiofrequência na guerra de barreira-contrabarreira. Ele discute os efeitos antipessoal e antimaterial para aplicações letais e não letais para atender aos requisitos de barreira ou atraso, imobilização e aumento da exposição do alvo. O relatório conclui que:

a. É possível colocar em campo um sistema de barreira de microondas portátil para caminhão que imobilizará completamente o pessoal ao ar livre com tecnologia e equipamentos atuais.

b. Existe um forte potencial para um sistema de microondas que seria capaz de atrasar ou imobilizar o pessoal em veículos.

c. Com a tecnologia atual, nenhum método pode ser identificado para um sistema de microondas destruir o tipo de material blindado comum aos tanques.¹⁸⁶

Observe que tal barreira teria efeitos potencialmente letais – ou seja, seria virtualmente uma barreira invisível e impermeável à vida orgânica tentando atravessá-la.

É esse aviso “tanto homem quanto animal” que, para os O'Briens, sinaliza com razão a possibilidade de uma tecnologia em jogo, pois tal tecnologia, então como agora, dificilmente seria capaz de discriminar entre os dois. De fato, é esse fato que sugere mais fortemente que uma tecnologia está em jogo no Horeb, além do pilar “normal” de nuvem e fogo.

É em Horebe que o caráter e o comportamento de Yahweh - para os O'Briens

– mostra-se pelo que realmente é, e dificilmente é o de um ser humano relativamente esclarecido, muito menos um “deus”. Por exemplo, há o próprio Pacto:

A Aliança entre Yahweh e seu povo foi feita em Horebe, e o fato está registrado em Êxodo – mas temos que esperar até o Livro de Levítico antes de descobrir os termos dessa barganha. Devemos, no entanto, registrar seus termos aqui porque, sem uma compreensão do que foi acordado, é impossível avaliar as vicissitudes que Israel sofreu no deserto através da interpretação de Yahweh de suas cláusulas.¹⁸⁷

Os O'Briens brincam que "a interpretação verbal de Yahweh de como ele pretendia manter sua parte do acordo deveria ter dado a Moisés muitas noites sem dormir".¹⁸⁸

Depois vêm as “Bênçãos”:

(Lv 26:3-13): “Se você seguir as minhas leis e observar fielmente os meus mandamentos, eu lhe darei chuvas a seu tempo, para que a terra dê os seus frutos e as árvores do campo os seus frutos. A vossa debulha ultrapassará a vindima, e a vossa vindima ultrapassará a sementeira; comerás o teu pão e habitarás seguro na tua terra.

Eu darei paz na terra, e você se deitará sem ser incomodado por ninguém; Eu darei trégua à terra de bestas ferozes, e nenhuma espada

atravessará sua terra. Perseguirás os teus inimigos, e eles cairão diante de ti à espada. Cinco de vocês perseguirão cem, e cem de vocês perseguirão dez mil; os teus inimigos cairão diante de ti à espada.

olharei para ti com benevolência, e te farei fecundar e multiplicar; e mantereí a minha aliança contigo. Você comerá grãos armazenados há muito tempo e terá que limpar o velho para dar lugar ao novo.

Estabelecerei a minha morada no meio de ti, e não te desprezarei. estarei sempre presente no meio de vós; Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo. Eu, o Senhor, vosso Deus, que vos tirei da terra dos egípcios para não mais serdes escravos deles, que quebrei os ferrolhos do vosso jugo e vos fiz andar eretos”.¹⁸⁹

É claro que todas essas bênçãos podem vir naturalmente de Deus. Mas – e este é o problema colocado pela suposição de tecnologia sofisticada — podem vir igualmente de uma tecnologia capaz de manipular o clima e, notadamente, tal sofisticação tecnológica também seria um efeito “multiplicador” em termos militares, facilmente capaz de compensar a esmagadora superioridade numérica de um inimigo. O ponto de O'Briens mais uma vez, embora sutil, não deixa de ser claro: tais declarações não são conclusivamente indicativas de qualquer coisa divina, pois existem possibilidades tecnológicas de interpretação.

Novamente, as mesmas duas possibilidades existem e, ao ler a passagem a seguir, o leitor é lembrado de lê-la do ponto de vista de alguém que possui tal tecnologia ditando termos para alguém que não é:

(Levítico 26:14-33): Mas se você não me obedecer e não observar todos estes mandamentos, se você rejeitar minhas leis e desprezar minhas normas, de modo que você não observa todos os meus mandamentos e viola minha aliança, Eu, por minha vez, farei isso com você: causarei miséria sobre você – tuberculose e febre, que fazem os olhos definhar e o corpo definhar; em vão semearás a tua semente, porque os teus inimigos a comerão. porei o meu rosto contra ti; você será encaminhado pelo seu

inimigos, e os teus inimigos te dominarão. Você deve fugir embora ninguém o persiga.

Façamos uma pausa e olhemos para esta última afirmação mais de perto: “Você deve fugir, mesmo que ninguém o persiga”. Tal afirmação, dada a perspectiva tecnológica de sua interpretação geral, pode ser muito indicativa de uma tecnologia de manipulação da mente. Continuar:

E se por tudo isso você não me obedecer, continuarei disciplinando você sete vezes por seus pecados, e quebrarei sua orgulhosa glória. Farei seus céus como ferro e sua terra como cobre, para que sua força seja gasta em vão. A tua terra não dará o seu produto, nem as suas árvores darão o seu fruto.

Isso, é claro, soa suspeitamente familiar, pois a tática de “fome” foi tentada pelos deuses do panteão sumério muito antes, para derrubar a população humana!¹⁹⁰ Yahweh se enfurece:

E se você permanecer hostil em relação a mim e se recusar a me obedecer, continuarei a ferir você sete vezes por seus pecados. Soltarei feras contra ti, e elas te despojarão de teus filhos e exterminarão teu gado. Eles os dizimarão, e suas estradas ficarão desertas.

E se essas coisas não o disciplinarem para mim, e você permanecer hostil a mim, eu também permanecerei hostil a você: eu, por minha vez, ferirei sete vezes por seus pecados. Trarei uma espada contra você para vingar a Aliança; e se vocês se retirarem para as suas cidades, enviarei a peste entre vocês, e vocês serão entregues nas mãos do inimigo. Quando eu partir o teu pão, dez mulheres cozerão o teu pão num único forno; eles distribuirão o seu pão por peso, e ainda que você o coma, você não ficará satisfeito.

Mas se, apesar disso, você me desobedecer e permanecer hostil a mim, agirei contra você com uma hostilidade irada...

Diga o quê? A lista anterior não era hostilidade irada?

... Eu, de minha parte, vou discipliná-lo sete vezes por seus pecados. Comerás a carne de teus filhos e a carne de tuas filhas. Destruirei seus locais de culto e derrubarei seus incensos, e amontoarei suas carcaças em seus fetiches sem vida.

Eu vou te desprezar. Arruinarei suas cidades e desolará seus santuários, e não saborearei seus cheiros agradáveis. Vou tornar a terra desolada para você, para que seus inimigos que se estabelecerem nela fiquem horrorizados. E você se espalhará entre as nações, e eu desembainharei a espada contra você. Sua terra se tornará em desolação e suas cidades em ruínas.¹⁹¹

Se Yahweh foi um dos "Brilhantes" como se fala em alguns textos cuneiformes antigos, como os O'Briens acreditam, então pelo menos suas fúrias e ameaças são verdadeiras, pois no Atra-Hasis, o épico do dilúvio da Mesopotâmia, como os deuses estão tentando matar a humanidade de fome, pode-se ler que “Eles serviram uma filha para uma refeição, serviram um filho para comer”.¹⁹²

Para os O'Briens, a aliança se torna - assim como para muitos judeus e cristãos devotos - uma revelação do caráter de Yahweh. O único problema é que o que eles veem revelado dificilmente é “Deus” nem mesmo “um deus”, mas algo muito pior:

Achamos este Pacto um documento muito perturbador em quatro aspectos:

1. Este não foi um acordo livremente negociado entre duas partes em que ambos entendiam todas as implicações de seu consentimento. Foi ditado por Yahweh e aceito pelos israelitas em um estado de confusão eufórica sob a influência dos acontecimentos dramáticos e, para eles, sobrenaturais no Monte Sinai. Eles eram um povo simples e confiante que não tinha noção de até onde Javé iria para garantir sua obediência à sua vontade.

A ambientação da maneira pela qual o acordo israelita foi obtido era uma forma de coação e, em termos civilizados, teria anulado a Aliança quando as ações e exigências de Yahweh se tornassem opressivas. Até onde sabemos, as pessoas comuns nunca foram informadas de que um dos requisitos do Acordo era que eles deveriam agir como tropas de Yahweh na conquista do Oriente Próximo.

Não faz diferença que o consentimento dos Anciãos tenha sido obtido durante aquela visita ao topo da montanha. Mesmo ali, Moisés parecia surpreso com a paciência de Yahweh - 'No entanto, ele não levantou a mão contra os líderes dos israelitas; eles viram Deus, e eles comeram e beberam.'

A assinatura de um Acordo teria sido seguida, tradicionalmente, por comida e bebida. Mas por que Moisés deveria ter considerado que Yahweh poderia levantar a mão contra os Anciãos em tal visita? Certamente, apenas se houvesse alguma alteração, ou se houvesse relutância por parte dos Anciãos, e pressão tivesse sido aplicada para fazê-los assinar.

Israel não pediu para ser tirado do Egito, mas se permitiu ser levado sabendo que, embora coisas desagradáveis estivessem acontecendo com eles onde estavam, o pior poderia acontecer se eles se recusassem a ir.

2. As sanções propostas por Yahweh, caso o Pacto fosse quebrado por Israel, não eram aceitáveis para as comunidades civilizadas. Ameaçar febre e consumo; terror; a matança de crianças por animais selvagens; pestilência que atingiria tanto os fracos e indefesos quanto os fortes; redução ao canibalismo através de extremos de fome; e a completa desolação do país deve apavorar todos, exceto os mais depravados e sedentos de poder. Na Maldição, há uma essência de vingança e indiferença a sangue frio ao sofrimento que cheira ao pior tipo de déspota humano.

3. Todas as principais religiões do mundo têm fatores comuns... Baseiam-se no amor, tolerância, justiça, cuidado com os fracos e sofredores e recompensas justas pela boa vida; e, talvez, um inferno de sua própria autoria para aqueles que deliberadamente escolhem um caminho maligno. Mas nas represálias de Yahweh, os bons sofreriam com os maus; o inocente com o culpado; e as criancinhas, e os frágeis, com os fortes e resistentes.

4. Mas, talvez o fator mais perturbador de todos é que, desde aqueles dias, a história tem visto uma série de eventos que têm todas as armadilhas dessas represálias declaradas. [193](#)

Como resultado dessas observações, os O'Brien concluem com o que pode ser considerado “a questão gnóstica”: “[Em] algum momento... no Deserto — 'Yahweh nos odeia!' Teremos que considerar se os cátaros, na Idade Média, estavam certos ao declarar Yahweh como o Diabo!”¹⁹⁴

a. Cowin4 Throu4h Technolo4y e Execuções Públicas

Os O'Brien então examinam um incidente – o do encontro dos israelitas com Yahweh no “tabernáculo” – do ponto de vista das exposições tecnológicas aliadas às execuções públicas, um clássico do comportamento despótico:

Visualizamos a alta parede de lona da entrada leste do pátio sendo revertida para revelar a entrada da Tenda do Encontro. À medida que a hora se aproximava, os Anciãos teriam lotado o Pátio da Assembléia; e a massa das pessoas comuns estaria em fileiras lotadas atrás...

Por fim, Aarão levantou a mão para acalmar a excitação crescente, e ele e Moisés entraram na Tenda do Encontro, na qual Javé estava. A tensão na Assembleia certamente deve ter sido eletrizante: finalmente eles iriam ver, de perto, esse Yahweh que parecia meio Príncipe, meio Guerreiro, meio Mago e um Ser completamente incrível – que viajava em uma ‘nuvem’, trombeteando de o topo da montanha, e estabeleceu leis do tipo mais exigente. E quem prometeu tanta prosperidade em uma terra estéril!

Esta Presença logo apareceria na porta. O que eles veriam? Moisés, e seus líderes, foram capazes de transmitir algum senso da majestade e poder deste Ser? No caso, a realidade deve ter sido mais do que a expectativa: certamente, a encenação foi soberba.

Moisés e Aarão saíram primeiro, deram um passo para o lado e ergueram as mãos pedindo silêncio. Yahweh apareceu na porta.

(Lev. 9:23-24): “... e a Presença do Senhor apareceu a todo o povo. Saiu fogo de diante do Senhor e consumiu o holocausto e as partes gordas do altar. E todo o povo viu, e gritou, e prostrou-se sobre seus rostos”.

Esta foi uma introdução altamente dramática ao seu Senhor, que não estava acima de usar sua superioridade técnica para prender a atenção de seus súditos - ou, talvez, intimidá-los. ¹⁹⁵

Mas, de acordo com os O'Briens, uma mera exibição tecnológica para intimidar seus súditos não estava na agenda de Yahweh naquele dia:

Embora não descrito como tal, agora parece ter havido um intervalo no drama. Foi uma ocasião memorável, a ser contada e recontada nas tendas por muitas gerações, e pode ter havido festa e bebida com todos, incluindo os filhos de Aarão, participando das celebrações. E Yahweh devia estar olhando, talvez sentado na porta de sua Tenda.

(Lev. 10:1-2): “Ora, os filhos de Aarão, Nadabe e Abiú, pegaram cada um seu braseiro, puseram fogo nele e deitaram incenso sobre ele; e ofereceram perante o Senhor fogo estranho, que ele não lhes havia ordenado. E saiu fogo do Senhor e os consumiu; assim morreram por instância do Senhor”.

Até então, havia ameaças de morte, mas esses foram os primeiros assassinatos registrados cometidos por Javé; haveria muitos mais. Mas devemos ter certeza de que somos justificados em pronunciar – assassinato; devemos nos perguntar se poderia haver alguma justificativa para o ato.

Todas as traduções principais dão a mesma conta — então não há erro, que podemos ver, nas traduções. 'Fogo saiu do Senhor e os consumiu'; e o cronista assumiu que era um ato deliberado. Será que os filhos de Aarão colocaram Javé em perigo de alguma forma? Ou foi o assassinato um ato de raiva descontrolada, como Yahweh havia alertado a Moisés que poderia acontecer? — 'se eu fosse no meio de vocês por um momento, eu os destruiria!' Alternativamente, foi um ato calculado de execução realizado em dois servos que, involuntariamente, saíram de seu lugar?

Não é difícil chegar a uma decisão. Qualquer alternativa, por nossas normas, era completamente injustificada; e, em retrospectiva, depois de considerar as outras ações terríveis que ocorreram ao longo do período de

Vagando, somos forçados a pronunciar 'Assassinato'; mas podemos acrescentar - 'enquanto o equilíbrio de sua Mente estava perturbado'. Nadabe e Abiú procuravam honrar a Javé, presenteando-o com aroma de incenso; talvez as moscas o cercassem e procurassem trazer-lhe algum alívio do aborrecimento. Mas ainda era – assassinato.¹⁹⁶

Essa proeza tecnológica foi novamente usada, de acordo com os O'Briens, de uma maneira muito mais dramática para intimidar os israelitas, novamente por meio do que só pode ser descrito como “execuções públicas em série”.

O episódio em questão é narrado em Números 16:26-35.

(Números 16:26–35): ...”Afaste-se das tendas desses homens ímpios e não toque em nada que pertença a eles, para que você não seja apagado por todos os seus pecados”. Então eles se retiraram das moradas de Coré, Datã e Abirão. Agora Datã e Abirão haviam saído e estavam à entrada de suas tendas, com suas mulheres, seus filhos e seus pequeninos. E Moisés disse: 'Nisto sabereis que foi o Senhor quem me enviou para fazer todas estas coisas; que não são de minha autoria: se esses homens morrem como todos os homens morrem, se sua sorte é o destino comum de toda a humanidade, não foi o Senhor quem me enviou. Mas se o Senhor fizer algo inaudito, de modo que a terra escancare a boca e os traga com tudo o que lhes pertence, e eles descem vivos ao Sheol, você saberá que esses homens desprezaram o Senhor!'

“Mal acabara de falar todas essas palavras, quando o chão debaixo deles se partiu, e a terra abriu a boca e os engoliu com suas casas; todo o povo de Coré e todos os seus bens. Eles desceram vivos ao Sheol, com tudo o que lhes pertencia; a terra se fechou sobre eles e eles desapareceram do meio da congregação. Todo o Israel fugiu aos seus gritos, pois eles disseram: 'A terra pode nos engolir!'

E um fogo saiu do Senhor e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam o incenso.

Vale a pena citar os comentários dos O'Briens:

O que podemos fazer com essa narrativa incrível? A morte de duzentos e cinquenta homens foi uma forma de execução que está se tornando comum neste relato – provocada por chamas jorrando de Javé ou, mais provavelmente, de alguma arma que ele segurava na mão. Esta não era uma arma carregada de balas, porque ele a usara para queimar a carne e a gordura no campo em uma demonstração pacífica, mas dramática, de seus poderes; era uma arma que gerava calor intenso e localizado. Talvez estivesse na mesma categoria dos equipamentos a laser que nossa própria tecnologia está começando a aperfeiçoar.

Mas a destruição das famílias dos três homens, com barracas e pertences, parece ter sido um evento de tipo totalmente diferente. Terremotos em que fendas de tensão locais causam aberturas lineares no solo com vários metros de diâmetro são comparativamente comuns, e houve casos em que o movimento subsequente fechou uma fenda novamente. Mas seria pedir muita coincidência para um tremor local selecionar apenas aquelas pessoas que incorreram no desagrado de Yahweh – para tê-las jogado nas profundezas e fechado novamente.

É claro que seria menos coincidência se ocorresse um terremoto local que engolisse uma parte do acampamento israelense, incluindo algumas das famílias dos subordinados, na época ou perto da época em que Yahweh destruiu os duzentos e cinquenta homens com incensários. A história, ou mesmo um cronista contemporâneo, pode ter ligado os dois eventos. Certamente, a área em que os israelitas estavam vagando era propensa, geologicamente, a tensões do tipo descrito. Esta pode ter sido a explicação, mas deveria ser considerada uma alternativa que fosse praticável em termos de tecnologia moderna, com energia suficiente.

Yahweh parece estar de posse de uma arma capaz de exalar calor intenso, possivelmente na medida em que ocorreu vaporização localizada. Segue-se que sua nave aérea poderia ter possuído uma arma ainda mais poderosa. Se tal existisse, e tivesse sido usado seletivamente para obliterar as famílias, o caminho da viga poderia ter deixado um sulco no chão que a comunidade atordoada poderia ter convencido, mais tarde, ter sido causado pela abertura e fechamento do solo.

Mas qualquer que seja a causa que atribuímos às mortes, começamos a ficar enojados com a carnificina aparentemente necessária para corrigir um 'povo obstinado', que pouco ou nada teve a dizer na formulação do Pacto que estava sendo forçado a observar. De fato, a completa falta de sentimento pelo sofrimento dos inocentes – esposas, idosos e crianças pequenas – argumenta uma megalomania monstruosa, como só foi atribuída a um punhado de líderes humanos na história do mundo..[197](#)

Em outras palavras, a admissão ou assunção de uma tecnologia em jogo e usada por Yahweh para impor sua vontade aos hebreus muda a natureza de como se lê o texto, com as consequências de que seu caráter “moral” não é mais tão facilmente racionalizável ao longo do tempo. as linhas da piedade teológica. Mais importante, a admissão de tal contexto também argumenta que tais demonstrações eram em parte técnicas e em parte técnicas psicológicas e sociológicas para manter os hebreus em estado de medo e submissão. Em suma, eles argumentam que tais incidentes – embora reveladores de seu caráter – também são possivelmente demonstrações de técnicas de manipulação da mente pelo velho método testado e comprovado de todos os déspotas: o terrorismo.

b. Um ato indefensável: Impalin4s

Para esclarecer esses pontos, os O'Briens referem-se a um conjunto final de incidentes de Números 25:3-5 (citando a tradução da Bíblia de Jerusalém):

“Com Israel assim comprometido com Baal de Peor, a ira de Yahweh se acendeu contra eles.

“Yahweh disse a Moisés: 'Leve todos os líderes do povo. Empalá-los para Yahweh aqui no sol; então a ira ardente do Senhor se desviará de Israel.' Moisés disse aos juízes em Israel: 'Cada um de vocês deve matar aqueles de seu povo que se entregaram ao Baal de Peor.'

Os O'Briens não medem palavras no que pensam desta horrível frase:

Se estivermos corretos em nossa interpretação de empalar, essa foi a forma mais bárbara e desumana de tortura fatal conhecida pelo homem. Sua descrição, muito menos sua prática, não deveria ter lugar em um documento civilizado...

Não podemos enfatizar muito fortemente que por esta declaração de intenção, Yahweh colocou-se além dos limites do comportamento civilizado; todos os seus atos cruéis, todos os seus assassinatos, eram insignificantes ao lado deste, julgamento aterrador. É verdade que, até onde sabemos, não há registro da execução da ordem; mas a mera contemplação de tais atos é tão perversa quanto sua execução. Que eles caiam no repertório de um Ser compassivo e auto-intitulado avançado dá razão para uma preocupação muito desconfortável. E se me fosse dado um desejo - seria que todo padre que chamasse sua congregação para adorar o 'Grande Jeová' deveria ser chamado diante de seu bispo e instruído a colocar os fatos reais sobre esse monstro na frente de sua congregação.¹⁹⁸

Os O'Briens também são rápidos em contestar a defesa de Moisés pelas várias ações de Yahweh: “Aprenda com isso que Yahweh seu Deus estava treinando você como um homem treina seu filho”.¹⁹⁹ No entanto, “não era uma apologia que acharíamos possível aceitar: não poupar a vara é uma coisa, mas o abate por atacado é totalmente diferente”.²⁰⁰

5. Um rosto desumano?

Qual foi a fonte de toda essa desumanidade? A fonte, segundo os O'Briens, era muito simples: Yahweh não era humano. Comentando sobre o fato de Yahweh manter seu rosto escondido dos homens, eles mencionam duas possibilidades para o comportamento estranho:

- a. que Yahweh mantinha o rosto coberto, na proximidade dos homens, como proteção contra bacilos transmitidos por humanos, ou
- b. que o rosto de Yahweh era tão diferente de um rosto humano que sua revelação causaria alarme ou angústia.^{[201](#)}

Os O'Briens claramente favorecem a última alternativa, pois eles observam que, se alguém interpreta Yahweh como um ser físico real, então sua longevidade ao longo do tempo também explica sua agenda consistente ao longo de várias gerações e sua vontade de estender o Wandering até uma nova geração de Os hebreus haviam amadurecido, um que não conhecia a vida no Egito, um que seria mais complacente.^{[202](#)}

6. O Tabernáculo: do SenhorPalácio Móvel

Mas Yahweh era de fato um ser físico e real?

A isso os O'Briens respondem com um retumbante “sim” e apontam para o próprio Tabernáculo como o argumento mais forte para esta visão:

Seja qual for a razão, o desejo expresso de uma habitação no solo é o fator mais revelador no argumento a favor da natureza física de Yahweh – que seu ofício não era adequado para uma longa estadia no Deserto.

Em nosso próprio ambiente, muito se pode supor de um homem, ou de uma família, a partir da casa em que vivem. Seu nível de prosperidade, seus gostos e interesses, e até mesmo suas estaturas, podem ser avaliados a partir de sua aparência e dimensões, e da natureza e posição de seus móveis. Por exemplo, uma cadeira alta indicaria a presença de uma criança pequena; e um espelho de barbear de parede, por sua posição, muitas vezes indicará a altura do homem que o usa.... O escritor do Livro dos Números estava bem ciente dessa correlação quando indicou o tamanho do gigante Og, Rei de Basã, dando as dimensões de sua cama.²⁰³

Seguindo essa metodologia bíblica, os O'Briens observam o tamanho de algumas partes do Tabernáculo, particularmente aquelas em que se diz que Yahweh habita, ou nas quais ele se encontra com os líderes hebreus. Eles chegam a uma conclusão surpreendente e perturbadora:

Já deixamos claro que consideramos Javé um Ser físico sólido com apetites que exigiam atenção como qualquer ser humano; e tal visão é consistente com os relatos dos estilos de vida dos [Anunnaki]. Não acreditamos que seja racional ignorar as evidências que apontam para a Tenda ser uma habitação funcional do deserto para um Ser que necessita de comida e bebida, um lugar para

trabalhar e conferir, e um santuário privado para descansar. Tampouco desejamos evitar a dedução de que Yahweh era um ser de tamanho excepcional para os padrões humanos. Se a Arca fosse usada para sentar; e se a Mesa fosse usada do nível da almofada, no estilo do deserto, considerando a grande altura das paredes da Tenda, Yahweh deveria ter pelo menos 2,4 m (8 pés) de altura e, possivelmente, até 4 m (13 pés). Uma altura dentro dessa faixa, mas mais próxima do valor mais alto, seria totalmente compatível com a Tenda e seus móveis.²⁰⁴

Yahweh, nesta visão, era assim um gigante, e como os gigantes eram, na Bíblia, a descendência híbrida dos “filhos de Deus” e mulheres humanas,²⁰⁵ as implicações de suas observações são claras: o próprio Yahweh pode ter sido um desses descendentes!

Levando este método à sua conclusão lógica, eles observam que as nomeações do Tabernáculo revelam seus gostos opulentos,²⁰⁶ e que sua própria construção revela um indivíduo de natureza exigente,²⁰⁷ enquanto o próprio Tabernáculo tem todas as características padrão de uma habitação real.²⁰⁸ Nessa visão, a própria Lei muda, pois é re-secularizada simplesmente como a personificação das idiossincrasias de Yahweh,²⁰⁹ e as leis dietéticas passam a ser reinterpretadas como não culturais, mas meramente culinárias.²¹⁰

7. O Urim e Thummin: Mais Technology?

Como argumento final de que Yahweh tem acesso a tecnologias extraordinárias pelas quais ele intimida e mantém contato com os hebreus, os O'Briens mencionam o Urim e Tumim de Aarão e dão uma explicação exclusivamente suméria para eles:

Na época de Saul, os termos Urim e Tumim haviam se tornado tão degradados que foram usados para lançar sortes; eles foram usados como um oráculo na ausência de Yahweh, e nosso lançamento de 'caras' ou 'rabo' é possivelmente uma relíquia dessa antiga prática.

O ponto importante, aqui, é que os sacerdotes hebreus posteriores usaram Urim e Tumim como um método simbólico de comunicação com Yahweh, assim como caules secos de milefólio, em combinação com o I Ching, foram usados pelos chineses. Na época de Saulo, eles podem ter sido pequenos gravetos, pedrinhas ou dados (todos eles foram sugeridos) com conotações de 'sim' e 'não', que foram retirados, ao acaso, do bolso do éfode.

A prática pode ter sido uma memória tribal de um método mais técnico usado por Aaron para comunicação com Yahweh, cujos instrumentos não estavam mais disponíveis. Seguindo esse argumento, o uso no deserto deveria ser para comunicação direta com Javé, não havendo necessidade de sortear para obter sua decisão. Tal comunicação poderia ter sido de duas formas: uma, para permitir que Yahweh convocasse Aarão para a Tenda dos limites do Acampamento e, duas, um sistema pelo qual Aarão poderia se comunicar com a aeronave durante os períodos de ausência de Yahweh.

Como não há interpretação satisfatória de Urim e Tumim a partir da etimologia hebraica, há um caso para se referir aos equivalentes silábicos sumérios. Uma análise provisória é a seguinte:

HEBRAICO: Urim ou U'rim

SUMERIANO: *u* = 'altura': *aro* = 'reduzir' ou 'encurtar'.

HEBRAICO: Tumim ou Tum'min

SUMERIANO: *tum*= 'trazer': *min* = 'Shamash' ou '20.'

A hierarquia (Anunnaki) era classificada por números (dezenas), e 20 era o número de Shamash.

A partir desta análise, pode-se sugerir que, em sumério, *u-rim* poderia significar 'redutor de altura' ou 'encurtador de distância'; da mesma forma, *tum-min* poderia significar 'Shamash (ou Yahweh)-portador.'

Que peso pode ser dado a esta análise é incerto; tudo o que pode ser afirmado é que deve-se ter em mente, como uma especulação infundada, que o Urim e Tumim podem ter sido pequenos dispositivos técnicos para efetuar comunicação à distância, entre Arão e Yahweh. E muito úteis teriam sido. Se a interpretação suméria estiver correta, poderíamos considerar o Tumim como um alarme distante.²¹¹

O que quer que se possa fazer com essas conjecturas sumérias, um episódio de Números 12:1-16 sugere o uso de uma tecnologia em jogo, desta vez para espionar e, novamente, intimidar os líderes hebreus. O episódio diz respeito a Aaron e Miriam criticando Moisés. Neste ponto, Yahweh, pairando acima em sua coluna de nuvem e fogo, imediatamente ordena que os três apareçam diante dele na Tenda do Encontro. As possibilidades tecnológicas ficam evidentes a partir da narrativa, segundo os O'Briens:

Miriã e Arão criticaram Moisés, e Yahweh ouviu e, peremptoriamente, os ordenou à Tenda do Encontro. A narrativa tem ares de ação instantânea. Os culpados estavam conversando do lado de fora da Tenda, provavelmente no acampamento, em algum lugar. Yahweh estava na nave aérea e, no entanto, ele ouviu a conversa deles e pôde se comunicar com eles imediatamente.

Certamente, a explicação deveria estar no fato de que era Arão quem carregava o Urim e Tumim. É tão improvável que tenha sido por meio desses instrumentos que a comunicação ocorreu? Não é menos provável que tenha sido alguma forma de percepção extra-sensorial por parte de Yahweh? Talvez, Aaron cometeu um erro infeliz; três mil anos depois, o presidente dos Estados Unidos, na Índia, seria vítima de um erro técnico semelhante — o microfone que, inadvertidamente, foi deixado ligado. Ou, talvez, no caso de Aaron, o microfone não pudesse ser desligado; talvez ele estivesse permanentemente 'grampeado' sem estar ciente disso.^{[212](#)}

Dadas todas as suposições de uma tecnologia em jogo e sua análise e compreensão do caráter de Yahweh, incomodar Aaron seria consistente com tal indivíduo e seu desejo de manter um controle apertado sobre os intermediários entre ele e o povo hebreu, e acabar com a dissensão .

8. Os Chinin4 Ones e as Possíveis A4endas

Então, o que, neste momento, temos? E como toda essa análise de Yahweh e seu comportamento se encaixa no contexto da manipulação da mente? E quais, se houver, agendas isso implica? Para entender o argumento de O'Briens é necessário primeiro entender que eles assumem a historicidade básica do relato que eles reinterpretem. Feito isso, seu argumento se resume a quatro pontos:

1. Yahweh é um ser físico, não espiritual, ou uma divindade no sentido convencional;

2. Como tal, Yahweh também é aparentemente um ser de vida longa, a quem eles interpretam em consonância com seres de vida longa semelhantes nas antigas tábuas sumérias. Essa longevidade explica sua disposição de renunciar à conquista imediata de Canaã em favor de deixar a geração mais velha “morrer”;

3. Assumindo sua fisicalidade, eles argumentam que o Tabernáculo é mais adequado para um ser de estatura muito grande, ou seja, um gigante, um dos próprios descendentes dos “filhos de Deus e filhas dos homens” mencionados em Gênesis 6, e que como tal, Yahweh é possivelmente um dos “Vigilantes caídos” que serão tratados neste livro na parte dois;

4. Yahweh usa suas tecnologias e seu comportamento para intimidar os hebreus em obediência inquestionável às suas ordens, não importa como eles possam ir contra os impulsos normais da consciência humana.

Com isso em mente, vale a pena examinar mais de perto o comportamento de Yahweh à luz de algumas das técnicas de manipulação da mente, pois aí se abre a possibilidade de que tudo não passou de uma agenda o tempo todo.

9. “Reverse Depatternin4,” Psychic Drivin4, e o Ctockholm Cyndrome

O comportamento de Yahweh, visto à luz das técnicas de manipulação da mente, não se assemelha a nada mais do que (1) uma “Despadronização reversa” baseada na privação de sono e descanso, (2) “Condução Psíquica” e (3) a conhecida Síndrome de Estocolmo.

“Condução Psíquica” e “Despadronização” são os nomes bastante eufemísticos dados a duas técnicas de manipulação da mente por seu “inventor”, o psiquiatra Ewen Cameron, durante seu trabalho secreto para o programa secreto de controle mental MKULTRA da CIA.²¹³ Cameron, conhecido por seus colegas como um homem impaciente, tinha pouca utilidade para os métodos demorados da psicoterapia freudiana para obter resultados nos pacientes.²¹⁴ Em vez disso, ele desenvolveu uma técnica que chamou de “despadronização”, projetada para curar pacientes esquizofrênicos dos padrões de comportamento esquizofrênico, se não curá-los da própria doença. Esse tratamento consistia em dias intermináveis - geralmente até 30 - de sono interminável, induzido por um potente coquetel de sedativos administrado várias vezes ao dia, juntamente com um regime de "terapia" de eletrochoque administrado pelo menos três vezes ao dia.²¹⁵ Seu objetivo era induzir essencialmente uma tabula rasa na mente de seus pacientes, que poderia então ser remodelada com padrões comportamentais derivados da “condução psíquica”.

Por até 16 horas por dia, enquanto os pacientes estavam em um “estupor” induzido por drogas novamente provocado por um potente coquetel de sedativos, os pacientes ouviam mensagens repetidas repetidamente, enquanto tentavam descansar. Isso começou com várias semanas de “tratamento” desse processo, sendo o estágio inicial um estágio “negativo” onde o paciente recebia mensagens reforçando seus fracassos e culpa.²¹⁶ Após essa fase de “reforço de culpa”, Cameron os passaria para outras duas a cinco semanas de “reforço positivo”, utilizando o mesmo estupor induzido por drogas e repetidas mensagens gravadas projetadas para induzir novos padrões de comportamento.²¹⁷

Basta um pouco de imaginação para ver como ocorre nas mãos de alguns cultos religiosos uma espécie de “despadronização reversa” e “condução psíquica”, utilizando-se não o sono induzido por drogas, mas o inverso: privação intensa de sono e esforços prolongados de esforço físico. trabalho aliado a estar sempre sob escrutínio e nunca fora da vista do “depatterner”, com os slogans do “líder do culto” repetidos várias vezes para as vítimas atordoadas, reforçando sua obediência inquestionável em constante repetição, como um religioso quase ladainha, e seu “amor” pelos seguidores do culto, apesar da completa falta de demonstrações reais e normais disso. Em ambos os casos, os métodos são bastante semelhantes aos métodos registrados pelos primeiros livros do Antigo Testamento: uma condução implacável de todo um povo, um colapso da vontade,

Há um sinal sugestivo final de que talvez essas técnicas ou outras semelhantes estivessem em jogo por Yahweh em relação aos hebreus, e essa é a conhecida síndrome de Estocolmo. De acordo com o artigo sobre a síndrome de Estocolmo na enciclopédia online Wikipedia, existem quatro condições que são sine qua non para que a síndrome ocorra em suas vítimas:

- Os reféns que desenvolvem a síndrome de Estocolmo muitas vezes veem o agressor como dando a vida simplesmente por não tomá-la. Nesse sentido, o captor torna-se a pessoa no controle das necessidades básicas de sobrevivência do cativo e da própria vida da vítima.
- *O refém suporta o isolamento de outras pessoas e tem apenas a perspectiva do captor disponível.* Os perpetradores rotineiramente mantêm informações sobre a resposta do mundo exterior às suas ações dos cativos para mantê-los totalmente dependentes.
- *O sequestrador ameaça matar a vítima e dá a impressão de ter capacidade para fazê-lo.* O cativo julga mais seguro alinhar-se com o perpetrador, suportar as dificuldades do cativeiro e obedecer ao captor do que resistir e enfrentar o assassinato.
- *O cativo vê o perpetrador como mostrando algum grau de bondade.* A bondade serve como a pedra angular da síndrome de Estocolmo; a condição não se desenvolverá a menos que o captor a exhiba de alguma forma em relação ao refém...

bondade, as vítimas irão submergir a raiva que sentem em resposta ao terror e se concentrar no “lado bom” dos captores para se protegerem.²¹⁸

É preciso pouca imaginação para ver os elementos-chave da síndrome nas técnicas e tecnologias – as execuções públicas com garantias de seu amor – exibidas por Yahweh.

Tudo isso aponta conclusivamente para uma agenda em jogo?

Claro que não. No entanto, se admitirmos a proposição de uma elite sobrevivente daquela guerra antiga, então a religião certamente seria uma das técnicas empregadas para criar climas de opinião adequados e certamente uma das técnicas e ferramentas usadas para embarcar em campanhas de matança em massa e conquista em nome de um “deus” que a sancionou. No mínimo, vistas sob essa luz reconhecidamente secular, as técnicas exibidas por Yahweh nos livros de Êxodo e Números têm a semelhança muito familiar e assombrosa com as técnicas usadas pelos modernos manipuladores da mente e líderes de cultos. São comportamentos abusivos, como um amigo me disse recentemente, que colocaria um tirano na cadeia hoje.²¹⁹

Ou pior, talvez perante um tribunal de crimes de guerra por crimes contra a humanidade. Qualquer que seja a opinião dos O'Briens, uma coisa não pode ser ignorada: eles elevaram consideravelmente o nível da tarefa da apologética religiosa.

Quatro

ELITE COM AGENDA:

CONCLUSÕES DA PRIMEIRA PARTE



“Por fim, esse conhecimento universal foi dividido em várias partes e diminuído em seu vigor e poder. Por meio dessa separação, um homem se tornou astrônomo, outro mago, outro cabalista e um quarto alquimista. Abraão, aquele Tubalcaim Vulcânico, um astrólogo e aritmético consumado, levou a Arte nossa da terra de Canaã para o Egito...”

— Paracelso²²⁰

CRIATURAS QUIMERICAS QUE aparecem desconcertantemente no Portão de Ishtar da Babilônia no contexto de outras criaturas muito reais; Nomes hebraicos de Deus que igualmente desconcertantes aparecem em tabuinhas cuneiformes muito antes de o nome ser supostamente conhecido; elites com uma agenda para impor um sistema de medida com base astronômica e geodésica em uma área ampla; manipuladores da mente, templos de torção e um deus do “amor” que parece conhecer algumas técnicas muito elaboradas de manipulação da mente: que conclusões provisórias podem ser tiradas de tudo isso?

Em Babylon's Banksters, coloquei o seguinte problema:

(Alexander Del Mar) afirma que “Os governos da Pérsia, Assíria, Egito, Grécia e Roma lucraram com a cunhagem, elevando o

valor do ouro, enquanto os da Índia, China e talvez também do Japão lucraram mantendo ou aumentando o valor da prata”.²²¹ Em outras palavras, para as sociedades do Ocidente - Egito, Assíria (e presumivelmente Babilônia), Pérsia, Grécia e Roma - definiram artificialmente o ouro como sendo o metal de maior valor em termos de sua conversibilidade em mais unidades de outros metais, enquanto, inversamente, os governos do Oriente – Índia e China – seguiram a política inversa, de fazer da prata o metal de maior valor em termos de sua conversibilidade em outros metais. Assim, o comércio poderia ser realizado entre essas duas partes díspares do mundo, as políticas eram, em certo sentido, uma consequência inevitável desse comércio. No entanto, um exame mais atento revela um player oculto, pois tal comércio inevitavelmente criará o surgimento de uma classe comercial internacional, que, além disso, criará sua riqueza precisamente pelo comércio desses metais preciosos, metais mais fáceis de transportar do que os produtos acabados e que podem ser trocados em qualquer lugar por esses produtos. Em suma, o que está sendo criado, desde os primeiros tempos, é uma classe financeira internacional de “corretores de ouro”, ou como os chamaríamos agora, banqueiros. Uma questão significativa ocorre agora: é possível que, em vez de tal classe ter surgido como consequência de tais políticas governamentais e comércio, o inverso seja verdadeiro? É possível que existisse tal classe de “corretores internacionais de ouro” que criaram essas políticas em várias partes do mundo, políticas que aumentariam seu próprio poder e riqueza? Se sim, então como eles conseguiram e orquestraram isso? É uma classe financeira internacional de “corretores de ouro”, ou como os chamaríamos agora, banqueiros. Uma questão significativa ocorre agora: é possível que, em vez de tal classe ter surgido como consequência de tais políticas governamentais e comércio, o inverso seja verdadeiro? É possível que existisse tal classe de “corretores internacionais de ouro” que criaram essas políticas em várias partes do mundo, políticas que aumentariam seu próprio poder e riqueza? Se

sim, então como eles conseguiram e orquestraram isso? que a recíproca é verdadeira? É possível que existisse tal classe de “corretores internacionais de ouro” que criaram essas políticas em várias partes do mundo, políticas que aumentariam seu próprio poder e riqueza? Se sim, então como eles conseguiram e orquestraram isso? que a recíproca é verdadeira? É possível que existisse tal classe de “corretores internacionais de ouro” que criaram essas políticas em várias partes do mundo, políticas que aumentariam seu próprio poder e riqueza? Se sim, então como eles conseguiram e orquestraram isso?²²²

Com a pesquisa de Knight e Butler em mãos – com suas próprias conclusões de que tal elite existia –, agora estamos em condições de responder a essas perguntas com um “sim” decisivo. Mas há uma ressalva: presumir a existência de tal elite em tempos megalíticos, embora certamente indicado pela pesquisa de Knight e Butler, não prova a existência das mesmas políticas de elite de engenharia de ouro milênios depois, muito menos prova a continuidade entre os dois.

Há, no entanto, um fator importante a ter em mente aqui, indicado pelos próprios textos antigos, desde a lista dos reis sumérios, às genealogias da Torá, aos textos egípcios, que é a extraordinária

longevidade reivindicada para aqueles “deuses” que vieram e trouxeram a civilização humana à existência. Sob tais condições, e mesmo admitindo a possibilidade de que a alegada longevidade desses “deuses” seja muito exagerada, resta, no entanto, a possibilidade de que sob condições de longevidade de centenas de anos, seria muito mais fácil para tal elite manter a coesão do pessoal e da perspectiva ideológica por tanto tempo. A suposição é menos difícil do que se imagina, pois, como observam Knight e Butler, o estabelecimento de pesos e medidas precisos foi um passo necessário para o estabelecimento do comércio internacional e, assim, a atividade entre os dois polos separados por alguns milênios é consistente. ,

Se essas proposições especulativas forem aceitas, então a pergunta que fiz em *Babylon's Banksters* está respondida, embora a resposta seja extraordinariamente perturbadora: a elite preexistiu por milênios às políticas de ouro que vieram a estar em evidência com a ascensão do monopólio privado de emissão de dinheiro. como dívida e as políticas de ouro dos estados que o emitiam nos tempos clássicos. Nesse contexto, deve-se admitir outra possibilidade que também foi delineada em *Babylon's Banksters*, a saber, que a ascensão subsequente de uma elite contrária à emissão estatal de dinheiro como recibos livres de dívidas sobre os excedentes do armazém estatal pode não representar a ascensão de uma nova elite com uma nova agenda, mas sim, a ruptura final de uma elite que existia concomitantemente com aquela por trás do estabelecimento de pesos e medidas, e com o qual fez causa comum por um período. Mas, de qualquer forma que o corte, parece estar na presença de pelo menos uma dessas elites com uma agenda consistente durante um grande período de tempo que talvez se fragmentou mais tarde em duas opostas, ou talvez duas elites no início, fazendo uma causa comum por um tempo.

Há outro fator em jogo, ou seja, no final desse período, quando se descobre essa elite – ou essas elites – dentro dos templos religiosos da antiguidade e envolvida na emissão de dinheiro. Simplificando, isso significa que essa elite – ou elites – também está envolvida na manipulação da religião e, portanto, está envolvida simultaneamente com a manipulação de duas instituições poderosas para a criação e manutenção da coesão social: finanças e religião.

No caso do templo, vimos que existia pelo menos alguma tecnologia rudimentar de comunicação na forma de alguns desses templos antigos, levantando a possibilidade de que muitos deles pudessem ter sido concebidos secretamente para esse fim. Novamente, esta é uma atividade provável para tal elite realizar, tanto para manipular e coordenar a política financeira em grandes distâncias, quanto para manipular e controlar “revelações” e “oráculos”. No caso de Yahweh, vimos indicações perturbadoras de pelo menos uma técnica de manipulação mental e social em jogo que lembra a síndrome de Estocolmo e outras técnicas exploradas pela CIA, se não de uma tecnologia definitiva (uma proposição discutível em qualquer visão).

O que nos traz de volta ao enigma de Koldewey, pois uma das coisas que ele observou em suas explorações do mistério de “Sirrush” foi que aparentemente tinha que ser uma criatura real porque os sacerdotes estavam cuidando dela. Dada a aparente natureza quimérica desta criatura - se real - isso sugere que pode ter havido outra agenda possível nos tempos antigos: manipulação genética ...

II.

GENES E GIGANTES, OU,

SE “ELE” ESTÁ NOS GENES, ENTÃO O QUE É “ELE”?

“Os seres humanos parecem ser uma raça escrava definhando em um planeta isolado em uma pequena galáxia. Como tal, a raça humana já foi uma fonte de trabalho para uma civilização extraterrestre e ainda permanece uma possessão hoje. Para manter o controle sobre sua posse e manter a Terra como uma espécie de prisão, essa outra civilização gerou conflitos intermináveis entre os seres humanos, promoveu a decadência espiritual humana e erigiu na Terra condições de ininterrupta dificuldade física. Esta situação existe há milhares de anos e continua até hoje.

“Além disso, é concebível que a suposta propriedade da Terra possa ter mudado de mãos ao longo dos milênios, da mesma forma que a propriedade de uma corporação pode passar entre diferentes proprietários sem que o público esteja ciente disso.”

— William Bramley, *Os Deuses do Éden*, pp. S4, S7.

Cinco

A GUERRA DO GENOMA:

MODERNO E “MESOPOTAMIANO”



“Não foi difícil ver que, uma vez que você pode fatiar e cortar DNA e clonar quantidades de apenas os pedaços que você deseja, as possibilidades são infinitas: você pode fabricar proteínas em massa, projetar culturas com genes inseticidas incorporados, introduzir genes saudáveis em pacientes que carecem de um necessário para sobreviver – em essência, você pode redesenhar a vida.”

— James Shreve [228](#)

“Em termos genéticos, essa mistura seria meio Lorde e meio Humano; e uma vez que se afirma que os primeiros forneceram os elementos masculinos, os elementos femininos devem ter sido tirados de mulheres humanas...”

— Christian e Barbara Joy O'Brien [224](#)

HAVIA, tanto nos tempos modernos quanto nos antigos, o que pode ser melhor descrito como “guerras do genoma”, disputadas sobre quem controlaria o próprio código da vida: o setor público ou o privado. Enquanto o moderno

O debate se alastrou sobre questões éticas e os direitos das empresas privadas de patentear vários genes e processos, a corrida em si colocou duas mentes poderosas – Francis Collins, do Projeto Genoma Humano, do público, e Craig Venter, da empresa privada Celera – em uma corrida que veio, literalmente, , até um “empate” intermediado engendrado pelo governo do ex-presidente americano Bill Clinton.

Aqui, como em outros lugares, as lições modernas fornecem um modelo para interpretar os registros do passado, pois uma raça semelhante foi aparentemente mantida em tempos antigos, e se as lições da contemporânea são algum indicador, os resultados antigos estão repletos de uma implicação potencialmente horrível. Mas antes que possamos afirmar claramente qual é essa implicação, é necessário um olhar mais atento, embora necessariamente superficial, sobre a raça moderna e todas as suas tecnologias implícitas e questões legais.

A. UMA VISÃO GERAL DA GUERRA DO GENOMA MODERNO: A CORRIDA ENTRE O PROJETO DO GENOMA HUMANO E CELERA CORPORATION DE CRAIG VENTER

“Em retrospectiva, é difícil imaginar que teria havido uma corrida para sequenciar o genoma humano sem Craig Venter.”²²⁵ Embora seja impossível e de fato desnecessário contar em detalhes a corrida entre a Celera Corporation privada de Craig Venter e o Projeto Genoma Humano público liderado pelo Dr. a tarefa e as tecnologias e técnicas que eventualmente a realizaram, pois estas, por sua vez, fornecerão uma base para desbloquear e possivelmente decodificar algumas afirmações surpreendentes em algumas tabuinhas cuneiformes muito antigas.

O genoma é frequentemente descrito como “o livro da vida” e, de fato, a analogia de um livro é bastante apropriada para descrever a maneira como a hélice do DNA funciona. “Imagine”, diz o autor Matt Ridley, “que o genoma é um livro”.

São vinte e três capítulos, chamados CROMOSSOMOS. Cada capítulo contém vários milhares de histórias, chamadas GENES.

Cada história é composta de parágrafos, chamados EXONS, que são interrompidos por anúncios, chamados INTRONS.

Cada parágrafo é composto de palavras, chamadas CÓDONS. Cada palavra é escrita em letras, chamadas BASES.

Há um bilhão de palavras no livro, o que o torna mais de 1.000 volumes do tamanho deste, ou até 800 Bíblias. Se eu lesse o genoma para você à taxa de uma palavra por segundo durante oito horas por dia, levaria um século. Se eu escrevesse o genoma humano, uma letra por milímetro, meu texto seria tão longo quanto o **T.ME/NARRADORLIVROS**

Rio Danúbio. Este é um documento gigantesco, um livro imenso, uma receita de extensão extravagante, e tudo cabe dentro do núcleo microscópico de uma minúscula célula que cabe facilmente na cabeça de um alfinete.²²⁶

Para apreciar a magnitude do mapeamento de todo o genoma humano, precisamos entender as “bases” que compõem as “palavras” ou códons. Essas palavras são compostas nunca mais e nunca menos que três bases ou “letras”, A, C, G e T, que representam as proteínas adenina, citosina, guanina e timina. A “gramática” básica dessas letras é que A emparelha apenas com T e G apenas com C.²²⁷

Assim, “fazer uma vertente complementar, portanto, traz de volta o texto original. Assim, a sequência ACGT torna-se TGCA na cópia, que transcreve de volta para ACGT na cópia da cópia. Isso permite que o DNA se replique indefinidamente, mas ainda contenha a mesma informação.”²²⁸ Mas em meio a toda essa complexidade microscópica, espreita um mistério, e pode ser significativo para nossos propósitos. Como diz James Shreeve: “Há muitas letras extras no genoma, descuidadamente chamadas de 'DNA lixo', que não explicam receitas de proteínas, mas podem servir a algum outro propósito, talvez vital, talvez não”.²²⁹ Em outras palavras, uma porção significativa do genoma humano contém genes para os quais biólogos e geneticistas não podem adivinhar qualquer função. De fato, o que era tão incomum sobre o genoma humano, distinto de qualquer outra espécie, era a enorme quantidade desse “DNA lixo”, pois o genoma humano, consistindo em mais de um bilhão dessas “letras”, era composto principalmente por esse “tão- chamado lixo, possivelmente sem qualquer propósito biológico”.²³⁰

Mas, como observa James Shreeve,

“Lixo” é um nome impróprio: embora os genes codificadores de proteínas representem menos de 5 por cento do DNA no genoma humano, inferir que o resto é inútil é como dizer que não há valor nos desertos do Oriente Médio porque eles são compostos principalmente de areia e apenas um pouco de óleo. O fato é que não sabemos que propósitos estão escondidos nesse suposto lixo. Sabemos, no entanto, que parte dele desempenha a função vital de regular quando um gene é ativado ou desativado. Sem esses interruptores, não haveria diferença entre uma célula do fígado, uma célula do cérebro ou uma célula do dedo do pé, e todos seríamos um caos disfuncional de proteína superexpressa.²³¹

Em outras palavras, o chamado “DNA lixo” funcionava como uma espécie de “algoritmo de computador” dizendo ao resto do código quando executar certas funções no programa e quando não. Mas isso ainda deixou as questões mais importantes, de onde veio? Por que há tanto dele no genoma humano em comparação com outras espécies?

Mas o “DNA lixo” desempenhou um papel importante na “guerra do genoma”, pois foi justamente por causa dessas “regiões reguladoras” que James Watson, co-descobridor da dupla hélice com Francis Crick, decidiu ir atrás de toda a sequência do DNA humano. [232](#) A enormidade da tarefa, no entanto, significava que o projeto levaria — ou assim pensavam naquela época — muito tempo e esforço, anos, se não quase uma década.

Entra o Dr. Craig Venter e sua Celera Corporation, fundada com o propósito expresso de mapear todo o genoma humano. Em maio de 1998, Venter anunciou que, com o apoio financeiro da Perkins-Elmer Corporation, estava fundando a Celera (da palavra latina para “velocidade”), uma “empresa privada para desvendar o código genético humano”. Venter anunciou que planejava concluir todo o projeto em um tempo inédito de meros três anos![233](#) Foi um anúncio ousado, talvez até descarado, pois “nada como o esquema específico que ele estava propondo havia sido tentado antes. Se fosse dividido em seus vários componentes técnicos, a maioria deles também nunca havia sido tentada antes.”[234](#) Em essência, se quisermos comparar as estratégias iniciais do Projeto Genoma Humano público e do empreendimento privado Celera de Venter, o objetivo do primeiro era a qualidade, enquanto o objetivo de Venter era a velocidade. Assim, a estratégia inicial do Projeto Genoma Humano era mapear cada gene individual primeiro e depois montar as peças – como um gigantesco quebra-cabeça – em sua sequência adequada mais tarde.[235](#) O objetivo de Venter era muito mais ambicioso, pois ele não apenas desejava mapear cada traço humano,[236](#) mas, usando enormes quantidades de máquinas de sequenciamento de DNA em uma linha de montagem do tamanho do Projeto Manhattan que explodiria o DNA em milhões de pequenos segmentos, remontar e sequenciar todo o “livro” do DNA humano usando supercomputadores e algoritmos de computador muito complexos para remontar as peças do quebra-cabeça em sua ordem correta. Foi essa abordagem “espingarda” de Venter que provocou rodadas de denúncias de cientistas dentro do projeto público,[237](#) e ainda

que galvanizou seu líder, Dr. Francis Collins, para recentralizar o que até então tinha sido uma variedade de laboratórios públicos e esforços universitários em um esforço mais coordenado,²³⁸ e isso também o levou a reavaliar a estratégia básica que o projeto público estava perseguindo. Após o anúncio de Venter, o Projeto Genoma Humano público adotou uma estratégia de mediação entre sua abordagem “qualitativa” inicial e a abordagem de espingarda de Venter, determinando que iria atrás de um “rascunho” da sequência do genoma humano.²³⁹

No entanto, para o projeto público, havia uma mosca no unguento, e essa mosca era os “Acordos das Bermudas”, aos quais todos os participantes do projeto público haviam subscrito. Por consentimento mútuo, todos os participantes do Projeto Genoma Humano público concordaram que, uma vez que os dados individuais – os pedaços do “mapa quebra-cabeça” – fossem concluídos pelo projeto, esses dados seriam disponibilizados publicamente para todos. Isso significava, é claro, que o “Celera” de Venter poderia pegar seus dados da web como todo mundo. Quanto mais rápido o projeto público fosse, “mais rápido o inimigo poderia ir”.²⁴⁰ Isso colocou o Projeto Genoma Humano em um Catch-22.²⁴¹

Ao adotar uma espécie de abordagem do “Projeto Manhattan”, usando um grande número de sequenciadores de DNA e supercomputadores com algoritmos complexos para montar as peças, Venter de fato inverteu os papéis iniciais que os projetos públicos e privados haviam assumido. Após alguns meses de corrida, o Celera de Venter estava de fato buscando um mapa detalhado de qualidade de todo o genoma, enquanto o projeto público visava um “rascunho”.²⁴²

No final, a corrida foi tão acirrada que a administração Clinton interveio e intermediou o que só pode ser descrito como uma “trégua” entre o Projeto Genoma Humano público de Collins e a corporação Celera privada de Venter em um “empate” declarado.²⁴³

B. TECNOLOGIAS E LEGALIDADES

Para nossos propósitos, são as tecnologias, técnicas e ramificações legais do projeto genoma e da engenharia genética que devem manter o centro de nossa atenção, pois essas três coisas fornecem a chave interpretativa pela qual podemos desvendar possíveis significados ocultos em alguns significados muito antigos. A tarefa de sequenciar a enorme quantidade de informação enrolada na dupla hélice humana foi o problema científico mais assustador que a humanidade já enfrentou, pois mesmo que cada gene fosse “decodificado”, o problema de encaixar um bilhão de dados em um mapa coerente exigiria não apenas enormes quantidades de máquinas de sequenciamento de DNA, mas enormes quantidades de poder computacional, além de um programa de computador capaz de reunir os dados cuspidos pelos sequenciadores em uma imagem coerente. Os benefícios, no entanto, valeram a pena o esforço, pois com a capacidade de sequenciar o DNA humano, qualquer outro organismo era, em comparação, um “snap” comparativo. Além disso, com esses mapas em mãos, pode-se derivar definições da própria vida com base genética,²⁴⁴ ou mesmo para descobrir a quantidade mínima de genes necessária para que haja vida,²⁴⁵ e, finalmente, o conhecimento genético detalhado dos organismos resolveria um dos problemas mais espinhosos da própria biologia: a taxonomia, ou como classificar várias espécies ou mesmo determinar se algo era uma espécie distinta.²⁴⁶ Além disso, como veremos, as técnicas de engenharia genética exigiam mapas precisos do genoma. Uma vez que o mapa foi criado, as implicações – boas e ruins – se multiplicam como coelhos. Portanto, é necessário um olhar mais atento às tecnologias, técnicas e implicações legais.

1. A Technology: Sequencers

Para apreciar a revolução que a Celera, empresa privada de Venter, trouxe à velocidade de desvendar o genoma, é preciso entender o estado da tecnologia de sequenciamento anterior a ela. A técnica inicial para ler uma sequência de DNA foi desenvolvida por Fred Sanger, da Universidade de Cambridge, e para apreciar sua complexidade e dificuldade, é melhor citar detalhadamente a descrição de Shreeve. Era uma técnica inteiramente manual, e aí estava o problema:

A dificuldade do problema era muito maior do que sugere a metáfora de “ler cartas”. Ao contrário das letras, os quatro nucleotídeos do DNA não podem ser distinguidos por sua forma. O método de Sanger exigia muita engenhosidade. Ele começou preparando uma solução contendo milhões de cópias de um pequeno fragmento de DNA e dividiu a solução em quatro partes iguais. Em seguida, ele aqueceu os quatro tubos de ensaio, que separaram o DNA de fita dupla em fitas simples. A cada tubo, ele adicionou DNA polimerase, uma enzima que usa uma única fita de DNA como molde para recriar seu parceiro perdido, uma sequência complementar de pares de bases. Ele também introduziu um primer – um pequeno fragmento sintetizado de DNA de uma determinada sequência de nucleotídeos. Os fragmentos do primer se acumulariam em seus complementos no molde, que diria à enzima onde iniciar o processo de cópia. Ele também forneceu a cada tubo muitos nucleotídeos flutuantes: os As, Ts, Gs e Cs que a enzima precisaria como matéria-prima para construir as cadeias complementares.

Neste ponto do experimento, a solução em cada um dos tubos de ensaio era exatamente a mesma. Em seguida veio a parte engenhosa. Sanger colocou em cada tubo uma quantidade menor de uma forma adulterada de um dos quatro nucleotídeos, que havia sido consertado para interromper o processo de cópia. No primeiro tubo, por exemplo, pode haver um suprimento generoso de Ts, As, Gs e Cs comuns, mas também alguns dos Ts sem saída adulterados. Sempre que a enzima pegava um desses

killjoys e anexá-lo ao filamento em crescimento, a reação naquele filamento específico cessaria. Assim, após reaquecer a solução para separar novamente o DNA de fita dupla, Sanger acabou com uma coleção de fitas simples de diferentes tamanhos naquele tubo em particular, cada uma começando no início da sequência e cada uma terminando quando um assassino “T ” foi anexado. O mesmo processo estava acontecendo simultaneamente nos outros três tubos com as outras três letras do DNA.

Para ler a sequência de todo o fragmento de DNA original, Sanger precisava apenas classificar os fragmentos por seu tamanho e ler a última letra de cada um.²⁴⁷

Mas o método era obviamente complicado, pois com tal técnica, mapear o genoma humano “levaria 100.000 anos, o que por si só poderia explicar por que muitas pessoas muito inteligentes inicialmente pensaram no Projeto Genoma Humano uma ideia muito estúpida”.²⁴⁸ Claramente, algum tipo de revolução de engenharia era necessária para que a abordagem fosse menos complicada e capaz de um sequenciamento mais rápido.

Entra Tim Hunkapiller e sua ideia revolucionária.

Na técnica desenvolvida por Sanger, “as letras do DNA eram lidas pelo globo ocular do pesquisador, varrendo o gel ao mesmo tempo, um processo que era propenso a erros e extremamente lento”.²⁴⁹ O que era necessário era um processo que mecanizasse todo o método.

A ideia de Tim era codificar as últimas letras de cada fragmento por cores, anexando quimicamente um corante de cor diferente a cada um dos quatro nucleotídeos de killjoy manipulados: azul para C, amarelo para G, vermelho para T e verde para A. fragmento, por sua vez, chegasse ao fundo do gel, a cor de sua última letra poderia ser lida por um detector, que forneceria essa informação a um computador. Se o processo funcionasse, várias amostras poderiam ser executadas de uma só vez. Teoricamente, poderia sequenciar mais DNA em um dia do que um único pesquisador poderia fazer em um ano.²⁵⁰

No entanto, isso significava que os próprios géis ainda precisavam ser preparados manualmente em lâminas. Embora a grande revolução tivesse de fato sido alcançada, algo

mais ainda era necessário para que o objetivo de Venter de mapear todo o genoma em três anos fosse viável. O problema com a preparação desses géis em placas era simplesmente que sempre se corria a chance de um sangrar no outro, arruinando assim todo o experimento.

Uma alternativa aos géis de placa estava no ar há anos. Em vez de executar dezenas de amostras em um gel comum, cada amostra pode ser encerrada em um tubo capilar fino e cheio de gel, onde não poderia vagar pela pista do vizinho. A tecnologia capilar dependia da manipulação de amostras incrivelmente pequenas de DNA, no entanto, e sempre que as coisas ficam muito pequenas, a margem de erro diminui proporcionalmente... máquina, codinome o Projeto Manhattan.²⁵¹

Eventualmente, esse projeto foi bem-sucedido, e foram essas máquinas que Venter empregou em massa – e também o projeto público – para trazer uma conclusão muito mais rápida ao projeto do que se imaginava inicialmente.

2. A Technolo4y: Cuper-Computers

O sequenciamento de todo o genoma humano em um mapa preciso exigia não apenas o poder de computação de um supercomputador, mas um tipo totalmente novo de arquitetura de computador.

Um supercomputador típico – digamos, um Cray – construiu sua força juntando um enorme número de processadores. Mas a montagem de uma só vez do genoma humano não poderia ser resolvida por muitos pequenos processadores; exigia grandes quantidades de memória ativa que poderiam lidar com um único processo, muito rápido. Praticamente todos os computadores no mercado na época empregavam uma arquitetura de 32 bits, que era limitada pela física a 4 gigabytes de memória ativa. Estima-se que apenas os algoritmos de montagem precisariam de 20 gigabytes de RAM, ao mesmo tempo em que o computador atenderia a todas as outras necessidades (da Celera). A Compaq ganhou o contrato com a Celera porque seu novo supercomputador, o Alpha 8400, foi construído sobre uma arquitetura de 64 bits capaz de lidar com 128 gigabytes de RAM — quatro mil vezes a memória ativa de uma máquina desktop comum. (Celera) testou o Alpha 8400 e uma máquina concorrente da IBM ao ver quanto tempo eles levaram para montar os fragmentos de DNA do genoma da gripe H. Quatro anos antes, o mainframe Sun de 32 bits do TIGR havia concluído a montagem em dezessete dias. O novo supercomputador da IBM terminou a computação em três dias e quinze horas. O Alpha 8400 da Compac levou apenas onze horas. A Celera encomendou uma dúzia de Alfas para começar. [252](#)

Tudo isso somado ao fato de que, naquela época, ca. 1998-2000, a Celera tinha os maiores supercomputadores em mãos privadas, superado apenas pelas instalações do Departamento de Defesa dos EUA como Los Alamos. [253](#)

3. A Técnica: Algoritmos Computacionais

Além do enorme poder computacional necessário para o mapeamento preciso do genoma, havia também um enorme problema de software. O tamanho do próprio programa de computador necessário para fazê-lo seria imenso, para não mencionar as várias tarefas discretas que ele teria que executar e executar sem falhas, pois o fato era que “um problema de computação do tamanho de todo o ser humano genoma nunca havia sido tentado antes.”²⁵⁴ De fato, pode-se dizer honestamente que o problema de sequenciar com precisão todo o genoma humano foi tanto um triunfo da programação de computadores quanto da biologia ou revoluções na tecnologia de sequenciamento.

A dificuldade inicial de programação estava nessas duas coisas precisas: (1) o tamanho do próprio genoma e a quantidade de dados que precisavam ser processados e montados, e (2) as tarefas discretas que um programa tão complexo teria que executar. Não poderia, portanto, ser reduzido a um único princípio ou fórmula matemática.²⁵⁵

Os fragmentos sequenciados de DNA que saem das máquinas são as peças do quebra-cabeça, e o genoma é a imagem que eles formam quando todas as peças estão encaixadas. Mas há diferenças cruciais. Primeiro, as peças do quebra-cabeça se encaixam pelo formato de suas bordas, enquanto cada peça de um quebra-cabeça do genoma deve se sobrepor ao seu vizinho por um punhado de pares de bases – cerca de cinquenta, para ter certeza estatisticamente – para que sejam candidatos a uma correspondência. Em segundo lugar, as peças de um quebra-cabeça são todas esculpidas (mas) formam uma única imagem, então cada uma é única. Os fragmentos de DNA a serem montados não são únicos. Ao contrário, cada um deve conter pedaços de sequência que também são representados em outras peças, ou então não haveria como sobrepor-los, e não haveria como juntar a imagem.

O resultado disso é que é preciso um monte de peças para montar a imagem.²⁵⁶

Mesmo montar o quebra-cabeça da humilde mosca da fruta, com seus apenas 120 milhões de pares de bases, exigiu cerca de seis trilhões de cálculos por computador!²⁵⁷

Os programadores da Celera “visualizaram pequenas ilhas de código sequenciado como cristais em crescimento – estrelas distantes em um grande céu escuro gradualmente estendendo seus perímetros em direção a seus vizinhos distantes até que, finalmente, se tocassem”.²⁵⁸ Mas isso apenas destacou a infinidade de tarefas discretas que o programa teria que fazer, sem mencionar seu tamanho:

...(O) algoritmo na verdade envolveria uma série de problemas discretos, cada um deles se espalhando em uma série de subprocessos, e esses subprocessos seriam divididos em seus próprios componentes, e assim por diante, até que um deles atingisse o nível de as centenas de milhares de linhas individuais de código de computador que teriam que ser escritas para fazer tudo funcionar. Formas de verificar e refinar cada componente seriam incorporadas ao programa. Mas se funcionou ou não seria revelado apenas na última etapa, quando chegasse a hora de virar a lata e ver o que acontecia.²⁵⁹

Além de tudo isso, havia também o problema do “ruído estatístico”, ou seja, a precisão dos dados provenientes das máquinas de sequenciamento dos biólogos. Assim, o programa também teve que ser projetado de forma que pudesse trabalhar com dados realistas provenientes dos sequenciadores.²⁶⁰

Ainda outro problema enfrentado pelos programadores da Celera era o problema dos fragmentos de DNA contíguos e todo o fenômeno de ter que encaixar as “ilhas de DNA” olhando para pares de bases sobrepostos. O componente “Overlapper” do programa de computador, no entanto, enfrentou uma dificuldade fundamental, e foi essa

...tanto o genoma (mosca da fruta) quanto o humano foram crivados com seções repetidas idênticas. Como consequência, muitas vezes um fragmento de DNA se sobrepõe a dois, três ou mesmo uma dúzia de outros pedaços, porque a sequência sobreposta estava representada em mais de um lugar no genoma. A todo custo, o programa de montagem tinha que evitar fazer conexões falsas, o que poderia enganar os pesquisadores nas próximas décadas. Para o próximo passo do montador, então (programador da Celera)

Myers havia escrito um programa que essencialmente separava a maior parte do que o Overlapper havia montado, mantendo apenas as junções onde uma peça se juntava com apenas uma outra peça. Myers chamou o resultado dessas peças unidas de forma única de “unitig”. Com efeito, em vez de atacar o problema das milhares de repetições de um genoma complexo, o estágio Unitigger esquivou-se da questão no momento, dizendo ao computador: com mais tarde.” O Unitigger foi um ato de gênio, reduzindo de uma só vez a complexidade do quebra-cabeça por um fator de 100.²⁶¹

Em suma, o “Celera Assembler”, como o programa acabou sendo chamado, foi confrontado, através das sobreposições, com “uma cadeia infinita de bifurcações em um caminho, e o programa tinha que ser capaz de escolher a curva certa toda vez e não sobrepor um pedaço de código com um extremamente semelhante que pode realmente estar a quilômetros de distância no genoma”.²⁶² Depois de testar o programa contra vários genomas já conhecidos ou bem mapeados, o programa da Celera finalmente teve sucesso, e seus advogados se moveram imediatamente para patentear o programa.²⁶³

4. As Implicações Le4al

O patenteamento do Assembler da Celera é a porta de entrada para a questão maior de patentear genes específicos e formas de vida projetadas. De certa forma, a pressa em patentear vários genes ou formas de vida geneticamente modificadas pode ser considerada uma espécie de “apropriação molecular de terras” ou genética.²⁶⁴ No início, de fato, um gene humano isolado foi determinado pelo escritório de patentes e marcas registradas dos EUA que poderia ser considerado “propriedade intelectual válida, se cumprisse os requisitos que qualquer outra invenção precisava atender para obter uma patente”.²⁶⁵ É importante observar o que está sendo dito aqui. Todo o genoma de um organismo, uma vez que já existe na natureza e não pode ser inventado, não pode ser patenteado. Seria como tentar patentear uma águia ou um carvalho ou, aliás, uma cadeia de montanhas. Mas alguém poderia patentear certos genes individuais ou seções do genoma se eles fossem separados para alguma função “pela mão do homem”.²⁶⁶

Sob esse entendimento, há quatro requisitos na lei de patentes dos EUA que uma invenção deve atender para ser propriedade intelectual patenteável:

A invenção deve primeiro ser original. Não pode ter sido publicado antes, ou ser muito parecido com alguma invenção anterior. Em segundo lugar, deve ser “não óbvio”. Você não pode obter uma patente envolvendo uma pedra em um pano e chamando-a de um batente de porta sem arranhões. Terceiro, a invenção deve ter uma função demonstrável. Se você misturar silicone com óxido bórico e criar uma borracha excepcionalmente elástica, não obterá necessariamente uma patente. Demonstre seu valor como brinquedo, no entanto, e você pode chamá-lo de Silly Putty e fazer uma fortuna. A diretriz final requer “habilitação”: A invenção deve ser descrita com clareza suficiente por escrito para que qualquer profissional especializado no mesmo ramo possa lê-la e moldar a invenção por conta própria. Uma patente não confere propriedade. É simplesmente um contrato entre o inventor e o governo,

proteção contra terceiros que o façam ou usem para fins comerciais pelos próximos vinte anos....

....De acordo com a primeira diretriz, um organismo ou qualquer parte de um em seu estado natural de vida é claramente não patenteável, uma vez que não se origina com o inventor. Mas em 1972, Herbert Boyer e Stanley Cohen ganharam uma patente sobre o processo que inventaram para fabricar insulina humana clonando seu gene. Naquele mesmo ano, o microbiologista Ananda Chakrabarry solicitou a patente de um micróbio que ele havia construído e que poderia degradar o petróleo bruto. A utilidade de sua invenção era óbvia, assim como sua não obviedade, e Chakrabarry não teve nenhum problema em escrever a receita para que qualquer outro biólogo habilidoso pudesse produzir o micróbio. Mas o examinador de patentes indeferiu o pedido, argumentando que os microrganismos são produtos da natureza e, portanto, não originais. Chakrabarry recorreu da decisão e, em 1980, o caso chegou à Suprema Corte dos EUA. Em uma decisão histórica, o tribunal decidiu a seu favor, alegando que “qualquer coisa sob o sol que seja feita pela mão do homem” é um assunto patenteável, incluindo a forma de vida especializada que ele projetou para existir. A Mãe Natureza pode ter fornecido os ingredientes, mas Chakrabarry fez o bolo.²⁶⁷

Como será descoberto mais adiante neste capítulo, essas questões jurídicas levantam profundas implicações para a compreensão e interpretação de alguns textos muito antigos.

C. AS POTENCIALIDADES DA ENGENHARIA GENÉTICA

O microrganismo geneticamente modificado de Chakrabarry revela toda a potencialidade – tanto para o bem quanto para o mal – da engenharia genética e, além disso, a “propriedade” privada ou uso de tais criações de engenharia. Pode-se imaginar organismos geneticamente modificados que literalmente comem resíduos nucleares e os descarregam como resíduos inofensivos,²⁶⁸ ou drogas geneticamente modificadas,²⁶⁹ livre dos efeitos nocivos dos produtos farmacêuticos comuns. Mas, da mesma forma, pode-se imaginar um mundo de possibilidades horríveis, de pragas, doenças e vírus geneticamente adaptados que atingem apenas raças ou pessoas com características genéticas específicas, ou um mundo de horríveis criaturas quiméricas, parte humana, parte animal, projetados para um propósito específico, ou desprovidos de compaixão e compunção humana normal, literais “Candidatos da Manchúria” genéticos que, juntamente com as tecnologias examinadas no capítulo três, seriam as máquinas de matar perfeitas. Estranhamente, é na engenharia de quimeras – de híbridos genéticos – que encontramos a ligação mais clara com tempos e textos antigos, e com algumas potencialidades e cenários muito perturbadores.

D. A GUERRA DO GENOMA “MESOPOTAMIANO”: OS O'BRIENS NOVAMENTE

O “épico da criação” babilônico Enuma Elish – que interpretei em outro lugar como um “épico de guerra” e não um épico da criação.²⁷⁰ – contém o menor indício da possibilidade de engenharia genética de seres quiméricos nos tempos antigos, referindo-se a “homens escorpiões” e “homens peixes”.²⁷¹ É claro que essas referências ambíguas podem significar quase tudo, desde expressões metafóricas até expressões completas do papel de uma tecnologia genética nessa guerra.

Mas o Enuma Elish dificilmente é o único texto antigo da Mesopotâmia contendo declarações sugestivas de uma tecnologia ativa de engenharia genética em jogo no paleoantigo.²⁷² vezes. De fato, no épico de Atra-Hasis, a própria criação da humanidade é descrita tanto em termos terríveis quanto em termos que sugerem fortemente que a própria humanidade é uma dessas criaturas quiméricas, uma mistura genética dos “deuses” e de alguns seres terrestres pré-existentes. hominídeo. Veja como a tradução acadêmica da sumerologista Stephanie Dalley conta a história:

Quando os deuses em vez do
homem fizeram o trabalho,
carregaram as cargas, A carga
dos deuses era muito grande,
O trabalho muito duro, o problema
muito. O grande Anunnaki fez o Igigi²⁷³
Carregue a carga de trabalho sete vezes.
Anu seu pai era rei, Seu
conselheiro guerreiro Ellil, Seu
camareiro era Ninurta, Seu
controlador de canal
Ennugi, Eles levaram a caixa
[de lotes],.....

Lance os lotes; os deuses fizeram a
divisão. Anu subiu ao céu,

[E Ellil(?)] tomou a terra para seu povo (?)...²⁷⁴Eles

estavam contando os anos de cargas.

Durante 3.600 anos suportaram o
excesso, Trabalho duro dia e noite.

Eles gemeram e culparam um ao outro,
Resmungaram sobre as massas de solo
escavado; “Deixe-nos confrontar nosso []
camareiro, E fazer com que ele nos alivie de
nosso trabalho duro! Venha, levemos [o
Senhor(?)].

O conselheiro dos deuses, o guerreiro, de sua morada...”²⁷⁵

Como observei em meu livro A Guerra Cósmica, essas passagens deixam claro que os “deuses” estavam muito próximos da “revolta aberta devido à exorbitante carga de trabalho imposta a eles, e eles exigem ver o 'camareiro’”.²⁷⁶

Um pouco mais adiante no épico, a “greve” ameaça se tornar uma revolta aberta ou guerra civil:

“Cada um de nós deuses declarou guerra!

Nós colocamos [uma parada] na
escavação.

A carga é excessiva, está nos matando!

Nosso trabalho é muito difícil, o problema
é demais! Então cada um de nós deuses

Concordou em reclamar com Ellil.”²⁷⁷

Buscando alguma forma de aliviar seu fardo, os “deuses” decidem criar um trabalhador inteligente com o propósito preciso de ser trabalhador, servo, escravo, função sobre a qual falaremos mais no final deste capítulo:

Ea²⁷⁸ fez sua voz ser ouvida

E falou aos deuses seus irmãos...

...

"Há []

Belet-ili a deusa do útero está presente -
Deixe-a criar o homem primitivo
Para que leve o jugo [()],
Para que ele possa suportar o jugo, [o trabalho
de Ellil], que o homem carregue a carga dos
deuses!”²⁷⁹

Então, mais adiante no texto, os métodos bastante terríveis da criação da humanidade são descritos em detalhes:

Enki fez ouvir sua voz, E
falou aos grandes deuses,
“No primeiro, sétimo e décimo quinto do mês
farei uma purificação por lavagem.
Então um deus deve ser abatido.
E os deuses podem ser purificados por
imersão. Nintu deve misturar argila
Com sua carne e sangue.
Então um deus e um
homem
Será misturado em barro.
Vamos ouvir a batida do tambor para sempre,
Que um fantasma venha à existência da carne do
deus, Que ela o proclame como seu sinal vivo,
E deixe o fantasma existir para não esquecer (o deus
morto).” Eles responderam “sim!” na assembléia,
Os grandes Anunnaki que atribuem os destinos.²⁸⁰

Depois de tomar a decisão de criar a humanidade, um trabalhador servo, os “deuses” Anunnaki “então prosseguem com a tarefa de massacrar um deles e criar o 'homem primitivo’”.²⁸¹

No primeiro, sétimo e décimo quinto do mês
Ele fez uma purificação por lavagem.
Ilawela que tinha inteligência,
Eles massacraram em sua
assembléia. Nintu argila mista

Com sua carne e sangue.

Eles ouviram a batida do tambor para sempre.²⁸²

Como observei em *The Cosmic War*, este relato – um tipo mais ou menos padrão de tradução acadêmica do texto – dá uma “visão crucial da 'moralidade' dos Anunnaki, que claramente não estão acima de assassinar um dos seus para aliviar a carga de trabalho do resto” para criar seu trabalhador-servo, homem.²⁸³

Entram Christian e Barbara Joy O'Brien e seu livro de referência *The Genius of the Few* mais uma vez, pois eles sustentam que esses exercícios padrão de tradução acadêmica podem estar perdendo algumas pistas significativas. Mas para apreciar o caso que eles argumentam, é necessário entendê-lo à luz de seus pressupostos metodológicos mais amplos, pois estes, por sua vez, levantam, mais uma vez, questões para a apologética religiosa.

Os O'Briens afirmam o tema e as fontes consultadas em seu livro da seguinte forma:

O Gênio dos Poucos é um relato das atividades de um grupo de pessoas cultural e tecnicamente avançadas que se estabeleceram em um vale de montanha no Oriente Próximo por volta de 8200 aC e, como sua principal preocupação, estabeleceram um centro agrícola para o ensino e treinamento de tribos locais. Suas atividades secundárias foram ainda mais dramáticas se os relatos que temos de fontes acadianas e nossas interpretações deles devem ser aceitos.

Os registros desses Iluminados, como preferimos chamá-los, são extraídos de três fontes principais: (a) tabuinhas sumérias da Biblioteca de Nippur, nas quais são chamadas de (Anunnaki); (b) documentos antigos dos Livros Hebraicos de Enoque onde são descritos como Anjos; e (c) uma interpretação crítica do livro bíblico de Gênesis que usa as palavras hebraicas *ha elohim*.²⁸⁴

É com a primeira de suas fontes – as tabuinhas acadianas da Biblioteca de Nippur – e com sua interpretação delas que nos ocuparemos principalmente aqui.

Além disso, os O'Briens acreditam que a arqueologia e, por implicação, a própria paleografia, são em parte culpadas pelo que eles acreditam ser uma enorme má interpretação - e, por implicação, má tradução - dessas histórias antigas:

Nessa esfera, um pequeno erro de comparação não detectado pode se autoperpetuar e estragar todo o tecido da interpretação. E ainda pior, um pequeno, mas atraente, erro de interpretação pode desencadear uma reação em cadeia que pode levar à concepção errada de histórias inteiras.²⁸⁵

Para os O'Briens, esse pano de fundo forma a base para três suposições metodológicas significativas que eles fazem, o que informa todo o seu livro. Christian O'Brien afirma essas três suposições com surpreendente clareza:

...(Arqueólogos) certamente não tinham a resposta para o desenvolvimento do Oriente Médio - porque por trás de cada avanço magnífico sucessivamente havia, despercebido, o estímulo misterioso do gênio de poucos. Ou foi detectado e não reconhecido? Descobri que precisava de novas habilidades no estudo dessa influência arcana. Voltei-me para as línguas — sumério, hebraico, grego e até gaélico onde era necessário; Traduzi tabuinhas de Nippur que não eram tocadas há quase cem anos e desenterramos livros hebraicos que, até alguns anos atrás, não estavam disponíveis para estudo há mais de quinze séculos. Aos poucos, as dúvidas se cristalizaram — não tinha certeza de que estivéssemos certos — mas tinha certeza, como tinha de minha própria existência, de que os estudiosos, ao longo de cinco milênios [sic], tinham dado muito errado.

E, tomando o caminho que trilharam, estabeleceram conceitos que nunca deveriam estar nas mentes receptivas dos homens. Fundamentalmente, os primeiros estudiosos deram muito pouco peso aos processos de deificação aos quais os sumérios posteriores e os babilônios eram fanaticamente propensos... o Santuário. Além disso, arqueólogos posteriores, e também antropólogos, seguiram o mesmo caminho que tende a

confundir o secular com o religioso; que transforma palácios em templos, casas em santuários, costumes em ritos; e faz de cada estatueta enterrada uma relíquia religiosa.

Dos primeiros desses erros infelizes, surgiu uma estranha tradição religiosa que se alimentava avidamente de si mesma e se fortaleceu a cada ato de adoração e repetição ritual. Senhores do Cultivo de semblante brilhante, como eram descritos em escritos antigos, tornaram-se memórias difusas e distantes... e foram elevados a deuses. E os líderes desses mesmos Senhores tornaram-se Deuses; e o comandante supremo de todos eles - Grande Anu para os sumérios, e o Altíssimo para os hebreus - vicariamente tornou-se DEUS.

E todo esse tempo, o verdadeiro Deus, o Espírito que é o árbitro final de toda a humanidade, permaneceu desconhecido para todos, exceto para os místicos... tão acima dessas criaturas resplandecentes quanto estamos sobre os vermes no campo.²⁸⁶

Observe com atenção quais são realmente as implicações das declarações de Christian O'Brien para a metodologia pela qual ele se propõe a interpretar os textos que traduz e examina:

- 1) Ele pressupõe a existência de uma elite oculta que não é da espécie Homo sapiens sapiens guiando silenciosamente a civilização humana;
- 2) Ele pressupõe que o erro fundamental do exame acadêmico dos artefatos e textos do período mais antigo desta região é interpretar tudo como sendo um exemplo dos processos de deificação dos próprios sumérios e acadianos, enquanto, ele sustenta, se examinado de uma forma totalmente do ponto de vista secular, surge uma imagem radicalmente diferente do que esses textos podem realmente estar dizendo;

Mas e o terceiro pressuposto metodológico? O'Brien observa que uma característica primária dessas línguas antigas é a paronomásia:

Outra fonte de ambiguidade reside no fato de que as primeiras línguas do Oriente Médio se apoiaram fortemente na paronomásia para dar variedade a textos simples.

frases —**uma forma de trocadilhos que permitia que vários significados diferentes fossem dados a um único conjunto de símbolos.**^{[287](#)}

Assim, temos o terceiro componente:

3) A natureza paronomástica das línguas antigas da região permite traduzir tais textos por um paradigma totalmente diferente – o radicalmente secular – observando o significado literal das palavras e permitindo a possibilidade de que uma língua primitiva esteja descrevendo tecnologia avançada em uso . O erro das traduções acadêmicas não está, portanto, no erro de tradução de palavras ou frases individuais, pois dada a natureza paronomástica dessas línguas, tais interpretações são plausíveis. Mas, diz O'Brien, eles não são os únicos possíveis, e a implicação de suas observações é que se há um erro nessas traduções, é um erro de paradigma e não filológico. Ou, se quisermos especular um pouco mais, a natureza paronomástica dessas linguagens permite que a verdadeira natureza da história que está sendo contada seja escondida atrás de uma pátina religiosa, uma “operação psicológica” chamada religião, que serviu apenas para empoderar a mesma elite oculta. Esse é, fundamentalmente, o princípio metodológico geral dos O'Briens, como fica evidente a partir de suas observações citadas acima.^{[288](#)}

Isso nos leva ao texto central em sua “reinterpretação de paradigma”, o chamado Épico de Kharsag, ou Tábuas de Kharsag, um conjunto de tábuas publicadas e traduzidas pela primeira vez por George Aaron Barton em 1918.^{[289](#)} Enquanto a erudição padrão tende a ver essas tabuletas como mais ou menos disjuntas umas das outras, os O'Briens acreditam que elas formam uma narrativa mais ou menos contígua.^{[290](#)}

1. Os Anunnaki e os En4ineerin4 do Homem

O que, então, emerge desses textos sobre a criação da humanidade, se adotarmos seu “paradigma secular” de interpretação e sua suposição da existência de uma elite oculta? Aqui a tabuleta crucial é a oitava tabuleta. Os O'Briens começam notando que mesmo no livro do Gênesis há um resíduo da ideia suméria de que a humanidade foi criada para ser um servo-trabalhador dos deuses, pois ele foi criado e colocado no Jardim do Éden com o propósito de de lavrar e mantê-lo.²⁹¹ Este é um ponto importante, pois implica que o relato em Gênesis capítulo dois é um texto fortemente editado, uma vez que omite detalhes cruciais da versão cuneiforme anterior, se de fato o cuneiforme formou algum tipo de base para o relato de Gênesis.

Os O'Briens então citam a porção relevante das tabuinhas de Kharsag detalhando a criação da humanidade (e observe as diferenças de estilo de tradução entre eles e Stephanie Dalley); Enki tem a palavra e se dirige aos outros “deuses”:

“Do que os estamos acusando? O trabalho deles era muito pesado, e lhes causava muito sofrimento [... ...] enquanto Belet-ili, o criador da vida, está presente. Deixe-a criar um 'lullu' - um homem, e deixe o homem fazer o trabalho, e carregar o fardo do trabalho dos fidalgos...

“Enquanto Belet-ili,²⁹² a criadora da vida está aqui, que ela crie descendência, e quando eles se tornarem homens, que eles suportem o trabalho de seus fidalgos”.

Eles chamaram Ma-mi, a criadora da vida, e disseram a ela: “Você é a especialista em biologia,²⁹³ a criadora da humanidade, queremos que você crie um lullu para que ele possa assumir as tarefas atribuídas por Enlil, e assim aliviar o trabalho dos fidalgos.

Em resposta, a Senhora da Criação disse aos (Anunnaki): “Não é possível, para mim, fazer essas coisas sozinho; Enki tem as habilidades que eu

necessidade. Como ele pode purificar tudo [ou todos], que ele prepare o material que eu preciso.”

Chegamos agora a dificuldades na interpretação. O texto continua com Enki propondo fazer um banho purificador em três dias separados, com aproximadamente uma semana de intervalo, no qual ele deseja que todos os fidalgos sejam mergulhados para limpeza. Então ele exige que um fidalgo seja abatido e que Nintu misture “argila” de sua carne e sangue. O texto literal é o seguinte.

Enki abriu a boca
E dirigiu-se aos grandes deuses
“No primeiro, sétimo e décimo quinto dia do mês
farei um banho purificador.
Deixe um deus ser abatido
Para que todos os deuses possam ser purificados
em um mergulho. De sua carne e sangue
Deixe Nintu misturar argila,
Esse deus e homem
Pode ser bem misturado na argila
[.....].²⁹⁴

Assim, mesmo em um tipo padrão de “tradução acadêmica”, a humanidade emerge como duas coisas:

1. uma criatura deliberadamente criada ou inventada para o *função* de ser um trabalhador, um servo, para os “deuses”; e,
2. uma criatura que é uma quimera, um híbrido de duas criaturas diferentes:
(a) os deuses, e (b) alguns hominídeos terrestres presumivelmente pré-existent.

Mas é precisamente aqui, nesta passagem, que os O'Briens afirmam que o “erro de paradigma” translacional ocorre para obscurecer o que realmente está acontecendo:

Assim como nas traduções dos primeiros capítulos de Gênesis, algo deu muito errado! Pelo que precedeu, o leitor apreciará que os grandes (Anunnaki) não eram tais tolos, ou tais

canalhas, como matar um de seu próprio povo e depois exigir que Ninlil misture “argila” de sua carne e sangue. Nem, mais tarde, cuspir na mistura na esperança de produzir um híbrido de homem e fidalgo! Em todo caso, como o homem participa da hibridização?

Estamos convencidos de que os autores de Atra-Hasis produziram a melhor tradução possível do texto acadiano. A culpa deve ter sido dos escribas acadianos que interpretaram mal os textos originais. Agora, a questão é – podemos, com o material fornecido, fornecer um relato mais realista?²⁹⁵

A falha neste caso, em outras palavras, não estava nas traduções acadêmicas modernas, mas sim em uma tradução incorreta original para o acadiano, ou, como um estudioso da gramática suméria brincou apropriadamente: “Pode-se dizer que vemos o sumério através de um Vidro acadiano escuro.”²⁹⁶

Então, como os O'Briens aplicam sua abordagem mais secular para descobrir o que eles acreditam ter sido um erro de tradução original dos escribas?

Em primeiro lugar, a tradução do termo ri-im-ka é suspeita. A palavra raiz rimku significa, de fato, “lavar”, mas não precisa implicar em um banho. A palavra também pode significar “derramar” e, nesse contexto, pode ser traduzida como “rasgada”; e é mais provável que todos os fidalgos recebessem inalações purificadoras (sangue) no primeiro, sétimo e décimo quinto dias do mês anterior à escolha de um para o experimento, do que banhos semanais.

Em segundo lugar, não é necessário matar alguém para obter seu sangue purificado. Em terceiro lugar, uma mistura de carne e sangue não faz barro. Mas poderia fazer o que nós, hoje, chamaríamos de cultura. E a partir do tipo certo de cultura, é possível produzir um híbrido de dois indivíduos – agora é uma prática padrão na produção de bebês de proveta. Além disso, no texto que se segue, o “barro” que Nintu misturou foi colocado no ventre de mães adotivas, que no devido tempo produziram os bebês híbridos. O que, então, era essa argila que Nintu misturou?

Era algo que, quando misturado com “cuspe”, produzia uma cultura que podia ser colocada em úteros para crescer em embriões. O

O termo acadiano para saliva era ru-tu ou ru-u-tu; e se isso fosse, originalmente, emprestado do sumério, poderia significar uma “fuga de concepção”. E uma fuga de “sêmen” é quase indistinguível de “cuspe”.²⁹⁷



A 8ª Tábua de Kharsag, Anverso²⁹⁸



A 8ª Tábua de Kharsag, Reversa²⁹⁹

2. Os O'Briens sobre as indicações tecnológicas





O que dizer então do “barro” ou da “cultura”? Poderia um caso semelhante ser feito para uma origem suméria corrompida para o termo?

A palavra acadiana para essa “argila” era tittu; escrito como ti-it-tu. No contexto da história da hibridização, a palavra acadiana não tem sentido para nós – e acreditamos que era o mesmo para os escribas acadianos. Isso sugere que a palavra foi copiada do sumério original sem alteração – e sabemos que o original estava em sumério, porque as personalidades mencionadas, como Enlil, Enki, Nusku e Anu, eram do panteão sumério e não do semítico. Conseqüentemente, devemos nos perguntar o que ti-it-tu poderia ter significado para os sumérios.

As sílabas tinham os seguintes signos e significados

arcaicos: Nesta conjuntura, os O'Briens reproduzem a seguinte

tabela:

ti		'viver', 'viver', ou 'viver'.
ou ti(n)		'vida' - provavelmente uma variante inicial do acima.ele ou id'com'.
tu		'carregar', 'gerar', 'entrar'.
outu(n)		'Porção', 'peça' ou 'aumento'.

Em seguida, comentam o seguinte:

Todos esses significados parecem ser apropriados ao assunto e, conseqüentemente, é possível considerar que a “argila” que Nintu iria misturar com o esperma (cuspe) era um “pedaço de vida” ou “material de vida”. O salto que deve ser dado, aqui, é concluir que esse “pedaço de vida” era um “óvulo feminino”. E esse salto se justifica pelas etapas finais da narrativa onde catorze “mães” são trazidas para dentro da história para carregar os embriões resultantes.³⁰⁰

Com esse paradigma secular e “tecnológico” de interpretação em mãos, eles observam que “deveria ser possível continuar a narrativa com algum grau de credibilidade”.³⁰¹ A tradução resultante dessa mudança de paradigma é bastante intrigante por suas implicações:

Enki disse: “No primeiro, sétimo e décimo quinto dia do mês, prepararei poções purificadoras; que todos os fidalgos sejam purificados, e então escolha um de quem tirar uma amostra de sangue. De sua carne e sangue tiraremos o que é necessário para a Senhora da Criação misturar as culturas da vida, para que o fidalgo e o homem possam ser completamente hibridizados na cultura. Deixe o híbrido receber “espírito” da carne do fidalgo, e então, não esqueçamos que o homem vivo terá um “espírito”.

Na Assembléia, os Grandes (Anunnaki), que administram os assuntos da Terra, concordaram. No primeiro, sétimo e décimo quinto dia do mês, Enki fez as poções purificadoras. We-ila, que tinha as características certas, foi escolhido pela Assembleia para doar sangue. E de sua carne e sangue, a Senhora da Criação misturou as culturas. [...

... ..

... ..]

Depois de misturar as culturas, ela convocou os (Anunnaki), os grandes senhores.

Os fidalgos [os grandes senhores] deram seu esperma para as culturas da vida.³⁰²

Assim, em qualquer leitura, se o texto deve ser creditado com alguma veracidade – uma tradução “acadêmica padrão” como a de Dalley, ou em uma tradução mais secularizada como a de O’Briens – a humanidade é uma criatura hibridizada projetada, parte “lordling” e parte “humano”. Na visão dos O’Briens, o doador de esperma vinha de um "lordling", ou um dos Anunnaki, e os doadores de óvulos eram humanos.³⁰³

Mas e a afirmação de que um dos “deuses” teve que ser abatido para que isso acontecesse? Mais uma vez, a mudança de paradigma e os pressupostos metodológicos levam os O’Briens a uma conclusão traducional muito diferente:

...(É) muito mais provável que os (Anunnaki) desejassem, não matar, mas "derramar sangue" com o objetivo de obter amostras de sangue das quais pudessem selecionar o mais adequado dos fidalgos.

A importância da amostra de sangue na determinação da histocompatibilidade é bem conhecida na medicina moderna, porque a perda fetal devido à incompatibilidade de grupos sanguíneos forma uma proporção séria de natimortos. Sabe-se, por exemplo, que mães do grupo O carregam com mais frequência fetos incompatíveis do que mães de outros grupos sanguíneos; de fato, onde machos dos grupos B e AB se casam com fêmeas do grupo O, tais acasalamentos são denominados incompatíveis com ABO. Se isso ocorre com tanta frequência entre populações modernas, polimorfas, mas relacionadas, pode ter sido um problema muito mais sério ao tentar uma conjugação de (Anunnaki) e Hominídeo, e pode ter exigido uma seleção muito cuidadosa do tipo sanguíneo.

Mesmo entre tipos aparentemente compatíveis, pode ter sido necessário fazer um estudo detalhado do efeito de antígenos importantes em células e tecidos adequados, notadamente em células sanguíneas e células da pele, para determinar seu efeito na histocompatibilidade. Esta pode ser a explicação para o uso de sangue e “carne” nos experimentos realizados por Enki e Ma-mi. De fato, o processo de purificação mencionado pode ter se referido ao processo de neutralização de antígenos incompatíveis no doador masculino.

A Senhora da Criação manipulou as culturas de tal maneira que o senhor e o homem foram “completamente misturados”. Em termos genéticos, essa mistura seria meio Lorde e meio Humano; e uma vez que se afirma que os primeiros forneceram os elementos masculinos, os elementos femininos devem ter sido tomados

de mulheres humanas; e essas mulheres só poderiam ter vindo das tribos Cro-Magnon nas proximidades. No início do épico, Enki é citado como tendo dito: “Você é a especialista em biologia, a criadora da humanidade, queremos que você crie um lullu...” A partir disso, podemos inferir que, em seu papel de bióloga para o (Anunnaki), Ninlil já havia sido ativo na criação da Humanidade, e essa calmaria seria uma operação ad hoc, possivelmente resultando em um híbrido especializado, criado para trabalho pesado.

Tal inferência levantaria problemas. A humanidade, naquela época, era a raça Cro-Magnon e, reconhecidamente, apareceu muito repentinamente e marcadamente superior a seus contemporâneos - os neandertais. Mas esse evento foi trinta mil anos antes; e teria que ter sido outro especialista em biologia de outro grupo (Anunnaki). Os (Anunnaki) poderiam ter descido duas vezes no Oriente Próximo? E eles poderiam ter realizado uma hibridização anterior entre eles e os neandertais – para produzir o notável avanço do neandertal para o Cro-Magnon?

Em resposta a essas duas questões imponderáveis, podemos apenas afirmar que não há evidências de que o tenham feito; mas a ausência de evidência não pode ser tomada como evidência de ausência. Eles podem ter!³⁰⁴

Sua “tradução” tecnológica de textos, no entanto, atinge seu verdadeiro apogeu quando se voltam para outras considerações no texto.

A implementação do projeto de hibridização ocorreu na Bit Shimti. Bit era a palavra acadiana para “casa”, mas Shimti, ou si-im-ti, é uma palavra que pode conter a semente da surpresa. Os pictogramas arcaicos das sílabas sumérias podem ser analisados da seguinte forma...

Em seguida, reproduzem a seguinte

inserção: (i)

D	= <i>igi</i>	= INU	= 'eye'
	= <i>igi</i>	= NAMAR	= 'be bright'
	= <i>si</i>	= SI	= 'see, look'

*Inserção suméria de O'Briens*³⁰⁵

Os O'Briens então sugerem que o significado é simplesmente o que é literalmente sugerido: um “olho brilhante para ver”.³⁰⁶

Em seguida, eles acompanham isso com outra inserção do sumériocuneiogramas das sílabas fonéticas:

(ii)

 = imi = TITTU = 'clay' (life culture)*

(iii)

 = ti = EMU = 'observe' or 'examine'

*Inserção de Cuneiograma Sumério de O'Briens*³⁰⁷

É melhor citar os O'Briens diretamente sobre o que eles acreditam ser a tecnologia significada por essa estranha variedade de raízes de palavras: “A melhor combinação desses significados é 'olhar brilhante para examinar a cultura da vida'. O Bit Shimi pode muito bem ter sido o edifício que abrigou este aparelho que parece indicar um microscópio iluminado.”³⁰⁸ Isso é possível, mas dada toda a discussão anterior sobre o projeto genoma moderno, e a vasta gama de equipamentos necessários para sequenciar o genoma e muito menos unir os genes de um organismo a outro, o significado também pode ser tomado para indicar os sequenciadores e cores. próprios leitores de luz codificados. Em suma, para fazer uma leitura como a dos O'Briens, seriam necessários muito mais recursos tecnológicos do que meros microscópios. Isso, de fato, pode apontar para uma dificuldade fundamental com sua “mudança de paradigma na tradução”, pois o tamanho de um projeto para fazer o que eles estão sugerindo está implícito no escopo da tarefa em si, e ainda assim os textos que eles citam não parecem para sugerir um projeto de tal escala. Além disso, como vimos nas primeiras partes deste capítulo, tal projeto exigiria um poder computacional enorme e, novamente,

citar. Lamentavelmente, os O'Briens não fazem uma tradução completa de todas as tabuinhas de Kharsag em seu livro, o que pode fornecer tal informação.³⁰⁹

O que tudo isso significa na opinião dos O'Briens? Existem, eles sustentam, apenas duas possibilidades para a constituição genética da humanidade, se levarmos essas tabuinhas antigas – e sua própria interpretação delas – a sério:

1. Se o Homem Cro-Magnon fosse um híbrido do Homem de Neanderthal e (Anunnaki), e as tribos patriarcais fossem híbridas do Homem Cro-Magnon e do (Anunnaki), então as tribos patriarcais - que eram os progenitores da raça judaica - eram três partes (Anunnaki) e apenas uma parte Neanderthal.³¹⁰

2. Alternativamente, se Cro-Magnon não fosse um híbrido, mas uma mutação evolutiva do Homem Primitivo, então as tribos Patriarcais eram metade (Anunnaki) e metade Homem Primitivo.

Em ambos os casos, deve-se afirmar que a raça judaica, por meio de seus progenitores patriarcais, carrega mais da linhagem “divina” (Anunnaki) dentro de suas células do que nós, gentios. As porcentagens seriam aproximadamente as seguintes:

Patriarcal Tribos Gentios

Caso 1: 75% (Anunnaki)/25% Hominídeo 50% (Anunnaki)/50%

Hominídeo Caso 2: 50% (Anunnaki)/50% Hominídeo Nil

(Anunnaki)/100% Hominídeo

Vale a pena citar como os O'Briens continuam a explorar essa questão.

Qual caso está correto? Existem apenas quatro pistas - a primeira está com o bebê Noé, que era tão surpreendentemente parecido com os Iluminados, e tão

surpreendentemente diferente de sua própria família, que seu pai foi obrigado a implorar a Matusalém que fizesse a viagem proibida ao Éden para obter garantias de Enoque.³¹¹

Eles então citam o Livro de Enoque, 106: 1-8:

Depois de algum tempo, meu filho Matusalém tomou uma esposa para seu filho, Lameque, e ela engravidou dele e deu à luz um filho. O corpo da criança era branco como a neve e vermelho como a rosa, e o cabelo de sua cabeça estava em longas mechas brancas como a lã: e seus olhos eram lindos. Quando abriu os olhos, iluminou a casa inteira como o Sol poderia ter feito; toda a casa estava iluminada. E ele imediatamente se sentou nas mãos da parteira, abriu a boca e falou do Senhor da Justiça. Seu pai, Lameque, estava com medo dele e correu para seu pai, Metusalém.

E disse-lhe: “Produzi um filho estranho, diferente e diferente do Homem; ele se assemelha aos Filhos do Senhor no Éden. Sua natureza é diferente, ele não é como você e eu – seus olhos são como os raios do Sol e seu rosto brilha. Parece-me que ele não nasceu da minha linhagem, mas dos Anjos...”³¹²

Seu comentário sobre esse estranho desenvolvimento também vale a pena citar:

Parece que o jovem Noah foi um retrocesso para seu progenitor na linha masculina - We-ila. Claro, isso teria sido mais provável de acontecer no Caso 1, mas ainda poderia ter acontecido no Caso 2.³¹³

Ou para colocar em termos bem mais rígidos – aqueles que revelam as implicações completas – Noé era ele mesmo um produto dos b'nai elohim ou “filhos de Deus” (ou “filhos dos deuses”) de Gênesis 6, e do filhas dos homens: o próprio Noé era um híbrido e, sugestivamente, a implicação é que ele pode não ter sido realmente o filho biológico de Lameque.

Para os O'Brien, então, há uma razão oculta pela qual Noé e sua família foram “salvos” do dilúvio, pois ele claramente tinha uma linhagem “divina” que

“os poderes constituídos” ou melhor, “os poderes constituídos” desejavam preservar.³¹⁴

Mas é a “quarta pista” na qual os O'Briens encontram a “chave definitiva” para desvendar o mistério, para alguns dos Anunnaki, os caídos designados “Vigilantes” no Livro de Enoque,

...foram capazes de procriar com as filhas dos Patriarcas. Para que isso fosse possível, em uma situação natural fora do laboratório, deve ter havido uma relação genética muito próxima entre o Vigilante e a Mulher. Isso teria sido favorecido pela maior proporção genética (Anunnaki) na mulher Patriarcal assumida no Caso 1.³¹⁵

Em outras palavras, os O'Briens se inclinam para a visão de que havia um projeto anterior para hibridizar o homem Cro-Magnon, e que a partir desse experimento ocorreu outra hibridização entre os "deuses" e aquele homem Cro-Magnon para produzir o híbrido de um Homo sapiens sapiens híbrido e moderno. Nos capítulos sete e oito, veremos o quanto isso se harmoniza não apenas com outros textos e lendas antigas, mas também com aspectos do modelo padrão das origens humanas dentro da ciência.

Uma dica disso é dada no épico da criação maia, o Popul Vuh, a um oceano de distância na Meso-América:

O Popul Vuh afirma que a humanidade foi criada para ser uma serva dos “deuses”. Os “deuses” são citados:

“Façamos aquele que nos nutrirá e sustentará! Que faremos para sermos invocados, para sermos lembrados na terra? Já tentamos com nossas primeiras criações, nossas primeiras criaturas; mas não podíamos fazê-los nos louvar e venerar. Então, vamos tentar fazer seres obedientes e respeitosos que nos nutrirão e sustentarão.”

De acordo com o Popul Vuh, os “deuses” fizeram criaturas conhecidas como “figuras de madeira” antes de criar o Homo sapiens. Disse para olhar e falar

como os homens, essas estranhas criaturas de madeira “existiam e se multiplicavam; tiveram filhas, tiveram filhos...” Havia, porém, servos inadequados para os “deuses”. Para explicar por que, o Popul Vuh expressa uma verdade espiritual sofisticada não encontrada no cristianismo, mas encontrada em escritos mesopotâmicos anteriores. As “figuras de madeira” não tinham alma, relata o Popul Vuh, e por isso andavam de quatro “sem rumo”. Em outras palavras, sem almas (seres espirituais) para animar os corpos, os “deuses” descobriram que haviam criado criaturas vivas que podiam se reproduzir biologicamente, mas que careciam de inteligência para ter objetivos ou direção.

...

A criação do Homo sapiens não acabou com as dores de cabeça da custódia, no entanto. De acordo com o Popul Vuh, os primeiros Homo sapiens eram inteligentes demais e tinham habilidades demais!

“Eles (primeiro Homo sapiens) eram dotados de inteligência; eles viram e instantaneamente eles puderam ver longe, eles conseguiram ver, eles conseguiram saber tudo o que há no mundo. Quando eles olharam, instantaneamente eles viram tudo ao seu redor, e eles contemplaram por sua vez o arco do céu e a face redonda da terra.

...

“Mas o Criador e o Criador não ouviram isso com prazer. 'Não é bom que nossas criaturas, nossas obras, digam: 'eles sabem tudo, os grandes e os pequenos'', diziam eles.”³¹⁶

A situação é notavelmente paralela aos textos mesopotâmicos, pois lá também, depois que a humanidade quimérica – parte “deus”, parte “hominídeo” – é criada, os deuses rapidamente reclamam que o novo ser é muito inteligente. Observe também que as razões dadas para a criação da humanidade no Popul Vuh são idênticas às razões dadas nos textos do Oriente Médio, tanto mesopotâmicos quanto bíblicos: os “deuses” precisavam de escravos para fazer seu trabalho por eles e adorá-los.

3. Verificação: Genética, Cpace e Ckeletons

Mas se tudo isso é verdade, como se pode verificar isso? Existem algumas pistas de vários textos que fornecem uma base especulativa pela qual as interpretações dos O'Briens de textos e argumentos antigos podem ser verificadas. O Livro de Gênesis e outros livros da Bíblia, por exemplo, registram a descendência de tais uniões como sendo de estatura gigantesca ou maior que o normal. De fato, a própria palavra *lugal*, muitas vezes traduzida como “rei” em traduções acadêmicas, significa simplesmente “grande homem”, e esse fato, juntamente com a grande estatura de reis antigos retratados em selos cilíndricos da Mesopotâmia, pode indicar não um dispositivo metafórico e artístico, mas uma verdade real.

Mas algo mais é necessário para verificação do que isso.

É aqui que se deve ligar os pontos de uma forma inusitada. O pesquisador de anomalias espaciais Richard C. Hoagland demonstrou, em uma série de artigos notáveis em seu site, que a lua de Saturno Júpiter e a lua marciana Fobos mostram sinais distintos e persuasivos de serem grandes corpos artificiais.³¹⁷ Esses grandes corpos, se artificiais – e este autor acredita que o caso de Hoagland é muito forte – possivelmente seriam produtos naturais de criaturas inteligentes semelhantes a humanos de grande estatura. Portanto, é possível que, além da recuperação da tecnologia antiga – se a humanidade viajar e explorar essas “luas” – também possamos descobrir que corpos que poderiam, mediante exame genético, indicar uma relação genética com a humanidade.

Além disso, as declarações de textos antigos mencionados anteriormente também parecem implicar, aqui na terra, a existência em algum lugar dos restos de tais criaturas. Claro, a Internet está repleta de “fotografias” de tais supostos restos gigantes e, em todos os casos conhecidos por este autor, são fraudes elaboradas. No entanto, como descobriremos no próximo capítulo, há indicações de que esses restos foram descobertos... e silenciosamente levados embora.

4. A4enda de quem, pública ou privada?

Como foi visto anteriormente, a corrida genômica moderna levantou questões e implicações profundas para a ética e a jurisprudência: genes específicos, ou os processos usados para mapeá-los, eram patenteáveis? Mais importante, as formas de vida quiméricas ou híbridas eram patenteáveis? A última questão assume ainda mais importância se os relatos sumérios anteriores sobre as origens da humanidade forem verdadeiros, pois por qualquer tradução - seja a dos O'Briens ou traduções acadêmicas mais comuns - a humanidade é uma criatura quimérica, projetada.

Como tal, vale a pena lembrar quais são os quatro requisitos para a concessão de uma patente sob a lei americana moderna. Para ser patenteável, uma invenção ou processo deve:

1. seja original;
2. ser não óbvio;
3. ter uma função demonstrável; e,
4. ser habilitante, ou seja, qualquer inventor ou engenheiro deve ser capaz de ler a patente e ser capaz de reproduzir a invenção ou processo que ela descreve.³¹⁸

Vale lembrar que a decisão histórica da Suprema Corte de 1980 concedeu a Ananda Chakrabarry uma patente de um micróbio projetado com base em que “a Mãe Natureza pode ter fornecido os ingredientes, mas Chakrabarry fez o bolo”.³¹⁹ Enquanto “a mão do homem” estivesse envolvida na engenharia, o processo – e até mesmo o próprio organismo, se não ocorresse naturalmente — era patenteável.

Isso coloca a história da criação do homem como contada nas antigas tábuas cuneiformes sob uma luz interessante, pois se for verdade, então sob os padrões da lei de patentes americana, o ser humano como uma criatura híbrida aparentemente preencheria todos os quatro requisitos para uma patente. . Como tal, o ser humano

seres, como híbridos quiméricos de duas outras espécies, são (1) originais; (2) não óbvios, pois não são produtos da natureza, mas “da mão do 'homem'”,

(3) foram criados para uma função demonstrável, ou seja, foram criados para serem escravos e servos dos “deuses” e (4) foram o resultado de um processo de engenharia genética reprodutível “pela mão do homem” e, portanto, o processo era “habilitador”, permitindo que qualquer engenheiro genético competente reduplicasse o processo.

Essas implicações impõem algumas questões especulativas, pois se a humanidade como atualmente constituída é uma criatura quimérica, uma criatura geneticamente modificada e, além disso, foi criada com o propósito expresso de ser escrava dos “deuses”, então quem o possui? Vamos especular: se os criadores-proprietários originais da humanidade voltassem de repente – agora mesmo – ao planeta Terra, eles teriam uma reivindicação legal? E, além disso, eles seriam capazes de provar isso? Tentariam reafirmar sua antiga hegemonia? E que tribunal teria jurisdição legal para julgar tal caso? Além disso, estariam diante de duas reivindicações legais: (1) a dos “proprietários-criadores” que retornam e (2) a do curso da atuação da humanidade desde sua “partida”, que demonstraria legalmente a independência e auto-estima da humanidade. -governança desde a sua partida. A humanidade faria, por assim dizer, ser propriedade abandonada e sob nova propriedade, ou seja, ela mesma. Esses proprietários-criadores tentariam reafirmar sua propriedade por meio de demonstrações de força e tecnologia superior, apenas para descobrir que a humanidade agora pode “atirar de volta”?

Perturbam todas as questões, mas há ainda outra questão que paira sobre todas elas, que é, nos relatos cuneiformes da criação do homem, sua criação é a de uma entidade privada ou “corporativa”, ou pública? A questão da “propriedade” é mesmo relevante? Diante de toda a argumentação das páginas anteriores, nossa inclinação é concluir que a humanidade foi criada por uma entidade privada, corporativa, e para o serviço de “deuses” específicos dentro do panteão, pois, como visto, o estabelecimento de um , padrão reprodutível de pesos e medidas com base em princípios astronômicos e geodésicos, foi o trabalho em grande parte de uma elite privada, e feito para fins de estabelecimento final do comércio. Devemos concluir, também,³²⁰ Todos esses pontos defendem uma empresa

em vez de um estado ou elite governamental ter se envolvido na criação da humanidade.

Qualquer outra coisa que se possa fazer da leitura das tabuinhas de Kharsag pelos O'Briens e outros, uma coisa se destaca como uma consequência inevitável de tais interpretações, e é que, para que tal projeto de engenharia genética tenha sucesso, o toda a panóplia moderna de descobertas científicas e tecnologias associadas ao projeto genoma moderno também deve ter existido em tempos “paleoantigos”: sequenciadores, microscópios, química orgânica, o conhecimento da própria hélice dupla, as técnicas de splicing e, é claro, , um “mapa genético” completo das espécies envolvidas na hibridização do homem. Em suma, se as tabuinhas cuneiformes forem acreditadas, então pelo menos um tom similar de ciência genética deveria existir – se não muito maior – em tempos pré-históricos do que existe agora.

Como, então, alguém poderia estabelecer a verdade, ou a falta dela, das surpreendentes afirmações daquelas tabuinhas? Não se pode contentar aqui simplesmente com reinterpretações daquelas tabuinhas ao longo das linhas dos O'Briens, pois nesse caso estamos assumindo o que estamos provando. É preciso ter corroboração externa. E essa corroboração, pela natureza do caso, só pode vir de dentro do próprio genoma humano moderno. Existe um “código” dentro do código genético que possa sugerir que somos de fato as criaturas de tal projeto iniciado e executado há muito tempo? Há um indício da “artificialidade” do homem moderno? E se sim, quem está procurando por ele, e por quê? Existem de fato restos de gigantes que foram silenciosamente levados embora? E se sim, por quê?

Aqui, como dizem, “a trama se complica”...

Seis

UMA CONEXÃO DE DIVERSOS:

OS CÓDIGOS DENTRO DO CÓDIGO E A “CONSPIRAÇÃO ARQUEOLÓGICA”



“Uma sequência de aminoácidos pode ser criptografada... já que o código (genético) é uma cifra homofônica.”

— Matemáticos John C. King e Dennis R. Bahler [S21](#)

O DNA HUMANO ESTÁ ONDE os complexos algoritmos de computação, onde os símbolos arcanos da física e matemática de dimensões superiores, e onde a biologia da vida e a metafísica da consciência se encontram em um intrincado minueto criptografado. Mas há alguma evidência de que toda essa complexidade foi a criação artificial de uma elite oculta para começar? Existe evidência, talvez, de um “código dentro do código” que possa testemunhar uma mão oculta em jogo nos tempos antigos, uma com, talvez, uma agenda?

Curiosamente, existe, e vem de um lugar muito estranho e insuspeito: a China antiga e seu Livro das Mutações, o I Ching. Nisso, há outra estranha conexão com a Mesopotâmia e seus mitos antigos, e a possibilidade de mais uma agenda em evidência.

A. OS CÓDIGOS DENTRO DO CÓDIGO

Foi após a descoberta da dupla hélice e da estrutura básica do genoma humano que alguns biólogos e geneticistas notaram uma coisa peculiar, de fato, uma coisa tão peculiar que desafiava todas as leis da coincidência e do acaso: a forte semelhança da estrutura do DNA à estrutura do antigo sistema de adivinhação chinês, o I Ching.³²²

DNAI Ching

1. Descoberto há dez anos, 1. Todos os processos de desenvolvimento vivo

existe desde que a vida em toda a natureza estão sujeitos a um começou. Todos os programa estritamente detalhado processos vitais de todas as (reivindicação física, metafísica, criaturas vivas cuja psicológica, moral universal) estrutura, forma e hereditariedade são programadas em detalhes precisos reivindicam universalmente.

2. A base é o mais e 2. A base é a manifestação do menos dupla hélice princípio mundial nos pólos primordiais deADN. yang (___) e yin (_ _)

3. Quatro letras estão disponíveis para 3. Quatro letras são suficientes para a vida em toda a sua plenitude rotulando esta dupla hélice: ness. AT, CG (adenina, timina, 7 = yang em citosina, guanina), que são repouso - 9 = yang unidos em pares. em movimento - 8 = yin em repouso

6 = movendo yin ☯

4. Três dessas letras em um 4. Três dessas letras de cada vez formam um tri
tempo formar uma palavra grama, uma imagem primária dos oito pos
de código 1 para

- síntese de proteínas.
5. A “direção” na qual as palavras de código são lidas é estritamente determinada (®)
6. Existem 64 desses precisamente trigêmeos conhecidos cuja propriedade e “poder” informativo foram explorados. Um ou mais tripletos programam a estrutura de um dos 22 aminoácidos possíveis; seqüências bastante específicas de tais trigêmeos programam a forma e a estrutura de todas as criaturas vivas, da ameba à pena iridescente do pavão.
7. Dois desses trigêmeos têm nomes: “início” e “fim”. Eles marcam o início e o fim de uma frase de código de algum comprimento.
- efeitos dinâmicos.
5. A “direção” na qual o trigrama é lido é estritamente determinado ()
6. Existem 64 trigramas duplos designado e descrito por Fu-Hsi (3000 aC) em imagens muito vívidas e precisas de estados dinâmicos altamente específicos (por exemplo, “avanço” ou “opressão”) com em cada caso seis variações possíveis deste estado e subsequente transformação em outro de os 64 hexagramas – um programa do destino, por assim dizer, no qual cada indivíduo é sempre colocado para operar o “interruptor” do destino, a partir do qual o “trem” continua ao longo de sua “linha” designada.
7. Dois hexagramas têm nomes: antes de conclusão e após a conclusão (frequentemente abrindo e fechando “melodias do destino” no oráculo).

Tabela de comparações de DNA-I Ching de Schönberger *

O I Ching foi descoberto por Fu-Hsi em 3000 aC “através de uma visão da natureza que desafia nossa compreensão”.³²³ De fato, é por causa desse desafio de nossa compreensão que muito mais pode estar em ação do que a descoberta acidental e fortuita de uma ferramenta eficaz de adivinhação, pois como

veremos, pode muito bem haver uma conexão suméria oculta com o I Ching.

No entanto, para apreciar esta conexão surpreendente, devemos ter uma compreensão básica da estrutura do próprio I Ching e colocá-la lado a lado com a estrutura básica do DNA.

Como os códons do DNA com sua estrutura tripartite de informação,³²⁴ o sistema de 64 símbolos do I Ching é construído a partir de uma estrutura simples chamada trigramas, que são combinações de três linhas. As linhas podem ser sólidas ou quebradas. Existem oito desses trigramas e, no I Ching, essas imagens são, nas palavras do estudioso alemão do I Ching Wilhelm, “imagens de tudo o que acontece no céu e na terra” e, como tal, são representações das tendências de seres em movimento. Eles representam “não entidades objetivas, mas funções”.³²⁵ O I Ching funciona, em outras palavras, de maneira muito semelhante ao DNA, pois ambos descrevem as ações possíveis de uma determinada pessoa, dado um determinado conjunto de instruções programadas inerentes aos dois sistemas.³²⁶ Dadas todas essas semelhanças entre o I Ching e o DNA, o geneticista Gunther S. Stent escreveu que “a congruência entre ele e o código genético é nada menos que incrível”.³²⁷ De fato, é tão incrível que as chances de ser um acaso estatístico são muito pequenas. O I Ching pode, de fato, ser visto como a “outra metade” do DNA.³²⁸

Isso significa que alguém nos tempos antigos sabia alguma coisa, e que surge a possibilidade de que Fu-Hsi não tenha descoberto o I Ching, mas sim que o I Ching é um legado de alguma civilização perdida e sua ciência, pois a China antiga certamente não têm um conhecimento sofisticado do código genético. Quem o fez já foi visto nos textos antigos examinados nos capítulos anteriores: os Anunnaki.

Nesta visão, o I Ching torna-se um “cálculo de probabilidade”,³²⁹ uma espécie de “computador psíquico”³³⁰ com sua própria topologia de “eventos subsequentes”³³¹ e até mesmo um catálogo desses eventos,³³² implicando uma espécie de consciência universal da qual cada pessoa é um componente.³³³ De fato, o meio físico não apenas se torna consciente em certo sentido, mas também é — em outro paralelo dramático com visões muito modernas da física — um meio de criação de informações.³³⁴ Isso torna o universo um “organismo gigantesco” baseado em uma estrutura triádica subjacente a todas as coisas, e até

torna-se a base para as práticas sexuais tântricas, práticas racionalizadas como uma participação direta no próprio meio.[335](#)

B. DE VOLTA ÀS TABULETAS DE DESTINOS

A natureza forte e mais do que coincidente das correspondências entre o I Ching e o DNA – e apenas examinamos algumas – levanta a possibilidade de que, ao olhar para os dois, estejamos de fato olhando para os fragmentos de uma ciência perdida que uma vez, há muito tempo existia em uma unidade de ordem superior.³³⁶ Nessa visão, tanto a genética moderna quanto o próprio I Ching seriam legados declinados dessa unidade de ordem superior.

Dado o que foi dito aqui, podemos especular sobre algumas das propriedades dessa “ordem estruturada superior” e suas propriedades: (1) ela será primeiramente de natureza analógica; (2) criará informação no meio a partir de uma simetria quebrada; (3) terá seu próprio “momento de torção” ou características rotacionais (espelhadas nas propriedades espirais da hélice de DNA).

Isso quer dizer que o DNA do homem interage diretamente com o meio físico ou éter de uma maneira que nenhum outro DNA de qualquer outra espécie faz, tornando o homem uma criatura muito poderosa de um certo ponto de vista... e uma ameaça, que pode explicar o fato de que os “deuses”, pelo menos nas lendas mesopotâmicas, tentam exterminá-lo uma vez que ele foi criado. Em todo caso, o “homem” é, por assim dizer, feito à imagem e semelhança do meio físico.³³⁷

Mas o que estamos claramente olhando aqui é uma ordem superior de unidade estrutural que foi entendida por alguém em tempos que já eram “antigos” antes dos tempos antigos, e já sugerimos de onde vieram esse conhecimento e ciência: os Anunnaki e, portanto, , pode haver alguma conexão entre o I Ching e as culturas antigas da Mesopotâmia. A questão é, o que é?

Há um candidato muito óbvio: as Tábuas dos Destinos. Estes, como detalhei em outro lugar,³³⁸ eram objetos de poder, feitos de algum tipo de

pedra ou cristal, que possibilitou as fantásticas tecnologias dos “deuses”. Além disso, eles também eram objetos fantásticos de poder e destruição, tão fantásticos, de fato, que guerras inteiras foram travadas para possuí-los, até que finalmente alguns deles foram deliberadamente destruídos para impedir seu uso para a guerra novamente.³³⁹

O problema é que ninguém sabe exatamente o que eles eram, além das vagas descrições de objetos parecidos com pedras ou cristalinos nesses textos antigos. “Juntando todas as indicações” dos antigos textos mesopotâmicos, decidi seguir as pistas para tirar algumas conclusões especulativas sobre o que poderiam ter sido. Como esbocei em meu livro *The Cosmic War*, havia essencialmente seis pistas:

1. Eram, antes de tudo, informações, ou objetos que continham informação, que permitia explorar “o poder do universo”;
2. Eram objetos de tecnologia que, em uso ou em conjunto com os “ekurs” ou “montanhas de pedra” – os zigurates e pirâmides do mundo antigo – permitiam acessar esse poder e, assim, exercer uma hegemonia global à força de poder manipular esse poder de várias maneiras;
3. Nos mitos... examinados, esses ME³⁴⁰ são quase sempre entendidos como armas. Seu roubo de Enlil por Anzu (ou, antes, por Tiamat!) fazer uso desta força.
4. Como também foi visto... o maior dos MEs, as “Tábuas dos Destinos”, parecem ser capazes de efetuar ações à distância.
5. Alguns MEs também são chamados de ME-LAM, ou emissores de luz, sugerindo uma conexão entre as Tábuas dos Destinos e a luz, ou radiação eletromagnética. Essa interpretação é apoiada pelo fato de os textos indicarem que, após o roubo, o “esplendor” desapareceu.
6. E, finalmente, será notado que esses MEs particulares, desde seu primeiro roubo por Tiamat até seu roubo subsequente por Anzu, e seu breve (?) seus

vontade e consumindo-os com o desejo obsessivo de controlá-los e possuí-los...³⁴¹

Há, no entanto, outra pista sobre as Tábuas dos Destinos, e é tanto uma importante quanto uma que, além disso, é um vínculo conceitual especulativo direto com o I Ching:

...(Os) possuidores das Tábuas são os conceitos menos ambíguos em todo o complexo textual e conceitual que envolve os objetos misteriosos. Os textos são claros sobre quem os possuiu e mais ou menos claros sobre a ordem de seus sucessivos proprietários. Essas duas coisas — os possuidores e a ordem dos possuidores — oferecem a chave que desvendará o enigma.³⁴²

Essa conexão com proprietários específicos me levou a especular que “As Tábuas do Destino parecem ter sido 'ativadas' apenas na proximidade física de seus possuidores”.³⁴³ — em outras palavras, eles podem ter sido ativados por certas sequências específicas no DNA de seus possuidores, e dado o fato de que o I Ching é um sistema de adivinhação com tantos paralelos estranhos com o próprio código genético, a conexão parece tanto lógico e inevitável: com o I Ching, podemos estar olhando, por assim dizer, os restos de “software” das Tábuas dos Destinos.³⁴⁴

Há ainda outra conexão possível entre o I Ching e as Tábuas dos Destinos, e isso vem diretamente da física. O Dr. Martin Schönberg, cujo livro *O I Ching e o Código Genético* estamos acompanhando aqui, comenta uma característica peculiar do I Ching que nem mesmo era conhecida ou especulada até o advento da física quântica e nuclear moderna:

O sentido natural de rotação é no sentido horário e mostra a sequência do ano. No entanto, parece-nos muito estranho dizer que, conhecer o que está por vir, depende do retrocesso. Temos um longo caminho a percorrer na ciência ocidental antes de encontrarmos a teoria do movimento “para trás”, a reversão do tempo, o desaparecimento e o aparecimento de partículas carregadas com mais e menos, e o cálculo de estados futuros, até que haja menção de rotação no sentido anti-horário. Na verdade, só a encontramos quando chegamos aos resultados e teorias da teoria atômica.

física — e da dupla hélice do DNA. Durante os milhares de anos de ciência natural, não há menção de mais e menos, inversão do tempo, movimento retrógrado, movimento no sentido horário e anti-horário, conversão de energia em matéria - exceto na filosofia natural do I Ching (não são necessários deuses !)³⁴⁵

De acordo com a doutrina da espaço-temporalidade do I Ching, deve haver, portanto, também, desdobrando-se das sementes dos oito trigramas primários (o “mundo” lendo para a direita), um caminho para trás, contrário à ordem natural dos eventos, através do qual as sementes podem ser reconhecido, o passado compreendido e o desenvolvimento do futuro, governado por leis, previsto - um caminho que está aberto ao homem sábio através de sua visão intuitiva do curso da natureza, de acordo com os trigramas primários e suas 64 combinações. ³⁴⁶

Essa ideia de reversão do tempo também foi uma conclusão especulativa crucial a que cheguei a respeito das Tábuas dos Destinos. Após um cuidadoso exame da física implícita dos textos que se referiam às Tábuas dos Destinos, concluí que eram componentes de um sofisticado espelho conjugado de fase capaz de manipular os harmônicos ressonantes dos objetos que existem no próprio meio físico.

Assim, concluí:

Baseadas tanto nos textos antigos quanto em uma interpretação física moderna deles, as Tábuas dos Destinos eram provavelmente cristais de algum tipo através dos quais a luz ou outra energia eletromagnética era irradiada, e esses cristais continham informações. Essa informação era a "grade" ou "padrão de interferência" interferométrica "holográfica", o "modelo de ação" do potencial quântico de Bearden, as assinaturas escalares de quase todos os corpos celestes considerados importantes na, para e pela civilização dos "deuses". ” Esses catálogos inestimáveis foram, além disso, compilados em relação ao nosso próprio sistema solar como seu quadro físico de referência. Além disso, eles incluíram em seu catálogo de “grades” ou “modelos” as “influências sutis” – como uma dinâmica impressa – da consciência. Eles provavelmente funcionaram melhor, portanto,

quando conectado - por meios agora perdidos e desconhecidos para nós - com um usuário inteligente e consciente... As Tábuas dos Destinos eram as grades de "software" de espelhos conjugados de fase para quase todos os corpos celestes que eram considerados importantes para eles... [347](#)

Como indicado acima, parece que o I Ching é baseado em algum componente perdido e fragmentado desta ciência e pode ser o programa pelo qual a consciência dos usuários das Tábuas foi integrada em todo o sistema.

Mas o que é um “espelho conjugado de fase”? Resumidamente, é uma tecnologia óptica real que realmente existe, e que foi desenvolvida em parte como um componente da “Star Wars” ou “Iniciativa de Defesa Estratégica” do presidente Ronald Reagan na década de 1980. Para entender o que um espelho conjugado de fase faz, é preciso apenas entender algumas óticas simples e por que um espelho conjugado de fase é uma tecnologia tão revolucionária - e potencialmente mortal.

Parte da Iniciativa de Defesa Estratégica consistia na ideia de orbitar lasers de alta potência no espaço para derrubar ICBMs russos após a detecção no estágio inicial de lançamento de sua trajetória. O problema era, como qualquer físico ou engenheiro sabia na época, que ocorreria uma distorção atmosférica do feixe de laser, diminuindo consideravelmente a quantidade de energia entregue ao alvo e, portanto, exigindo que o laser tivesse que rastrear e permanecer travado. o alvo por um período de tempo muito maior para destruí-lo.

No entanto, os engenheiros descobriram uma maneira de contornar o problema: espelhos conjugados de fase. A ideia era lançar dois feixes no alvo e tirar uma “foto” – literalmente, um holograma – do padrão de interferência gerado pela distorção atmosférica e, em seguida, usar esse holograma como uma grade ou modelo através do qual brilhar um feixe de laser. . Ao fazer isso, os efeitos da distorção atmosférica foram literalmente removidos, como se o feixe do alvo estivesse viajando para trás no tempo para chegar ao alvo com intensidade aumentada, em vez de diminuída. De fato, tais ondas de um espelho conjugado de fase eram muitas vezes chamadas de “ondas invertidas no tempo” na literatura. [348](#)

A ideia de conjugação de fases pode parecer muito distante da China antiga e de seu I Ching, até que se lembre também que a antiga tradição chinesa

fala de uma “arma dos deuses” mortal chamada espelho “Yin-Yang”! O próprio nome é significativo, pois normalmente a natureza primordial masculina do Yang ocorre primeiro. Ao ordenar assim os termos “Yin-Yang” e não “Yang-Yin”, a ideia de uma inversão do tempo, de uma inversão do sistema, está inevitavelmente implícita. Em outras palavras, um espelho conjugado de fase!

Então, o que podemos concluir dessa breve excursão à física e à adivinhação?

Claramente, alguém nos tempos antigos sabia algo sobre a profunda conexão entre a estrutura do DNA e o próprio meio físico e, na esteira de algum “momento Torre de Babel” primordial, tomou medidas para preservar um componente desse conhecimento.

Em suma, estamos, mais uma vez, lidando com uma elite oculta de posse de conhecimento sofisticado, que está tentando preservar esse conhecimento até o dia em que a humanidade estivesse em um desenvolvimento científico semelhante e pudesse decifrar o código.

Mas há outra agenda em ação também...

C. GIGANTES E “A CONSPIRAÇÃO ARQUEOLÓGICA”

1. O New York Times relata a descoberta de restos mortais de gigantes

O assunto da descoberta de esqueletos ou ossos gigantes tem fascinado a humanidade há muito tempo, e nunca mais do que recentemente, à medida que as antigas histórias da possibilidade da humanidade como uma criatura geneticamente modificada tomaram cada vez mais espaço na imaginação. De fato, essas histórias de gigantes – filhos de acasalamentos entre humanos e “os deuses” se acreditarmos na Bíblia – deram origem a uma panóplia de fraudes fotográficas que circulam na Internet de vez em quando.

Mas se essas histórias antigas estão sujeitas a qualquer tipo de verificação científica, então, como o capítulo anterior afirmou, a possibilidade de fazê-lo está na descoberta potencial de cadáveres nas luas aparentemente artificiais de Marte e Saturno: Fobos e Jápeto. Da mesma forma, tais restos podem ser encontrados na terra. De fato, nem todos os relatos de restos de gigantes são fraudes na Internet, pois em 3 de outubro de 1892, o New York Times publicou um pequeno artigo, baseado em uma história relatada no London Globe, de que tais restos foram descobertos:

Corrida de Gigantes na Velha Gália Do Globo de Londres

No ano de 1890 alguns ossos humanos de tamanho enorme, na verdade o dobro do comum, foram encontrados no túmulo de Castelnau, (Hérault), e desde então foram cuidadosamente examinados pelo Prof. uma raça muito alta, no entanto os acha anormais em dimensões e aparentemente de crescimento mórbido. Eles, sem dúvida, abrem a questão dos “gigantes” da antiguidade, mas não fornecem evidências suficientes para decidir isso.

Relatórios como este abundaram no final do século 19 e início do século 20.

A Race of Giants in Old Gaul.

From the London Globe.

In the year 1890 some human bones of enormous size, double the ordinary in fact, were found in the tumulus of Castelnaud, (Hérault,) and have since been carefully examined by Prof. Kiener, who, while admitting that the bones are those of a very tall race, nevertheless finds them abnormal in dimensions and apparently of morbid growth. They undoubtedly reopen the question of the "giants" of antiquity, but do not furnish sufficient evidence to decide it.

3 de outubro de 1892 Artigo do New York Times sobre a descoberta de restos mortais de gigantes

O problema é que, embora tais relatos e descobertas fossem abundantes, houve um silêncio ensurdecedor depois sobre o que essas descobertas pressagiavam. Na verdade, o silêncio foi tão ensurdecedor que, após um relatório inicial, as descobertas nunca mais foram relatadas nem comentadas. Isso levou alguns a especular que existe de fato uma espécie de "conspiração arqueológica" para encobrir tais descobertas. A questão assume algum significado, pois se os textos antigos devem ser acreditados, os descendentes dos antigos "deuses" e humanos eram gigantes e, portanto, se houver tal encobrimento, isso aponta para algumas agendas possíveis em ação. , não apenas um antigo, mas um moderno, e talvez, o mesmo.

2. E4ypt no Arizona

Um dos que defendem tal “portão de arqueologia” é o famoso pesquisador de anomalias antigas David Hatcher Childress. O início da história diz respeito à suposta descoberta de antigas ruínas egípcias em – de todos os lugares – nada menos que o Grand Canyon! A descoberta foi relatada em um longo artigo que apareceu na edição de 5 de abril de 1909 do The Phoenix Gazette. O artigo é longo, mas vale a pena citá-lo na íntegra.

Explorações no Grand Canyon
Mistérios de Rich Cavern sendo trazidos à luz
A JORDÂNIA ESTÁ APAIXONADA

Descobertas notáveis indicam que povos antigos migraram do Oriente

As últimas notícias do andamento das explorações do que hoje é considerado pelos cientistas como não apenas a mais antiga descoberta arqueológica dos Estados Unidos, mas uma das mais valiosas do mundo, que foi mencionada há algum tempo no Gazette, foi trazida à cidade por GE Kinkaid, o explorador que encontrou esta grande cidadela subterrânea do Grand Canyon durante uma viagem de Green River, Wyoming, descendo o rio Colorado, em um barco de madeira, até Yuma, há vários meses.

De acordo com a história relatada ao Gazette, os arqueólogos do Smithsonian Institute [sic], que está financiando as explorações, fizeram descobertas que provam quase conclusivamente que a raça que habitava esta misteriosa caverna, escavada em rocha sólida por mãos humanas, era de origem oriental, possivelmente do Egito, remontando a Ramsés. Se suas teorias são confirmadas pela tradução das tábuas gravadas com hieróglifos, o mistério dos povos pré-históricos de

A América do Norte, suas artes antigas, quem eram e de onde vieram, serão resolvidas. O Egito e o Nilo, o Arizona e o Colorado estarão ligados por uma corrente histórica que remonta a eras que surpreendem a fantasia mais selvagem do ficcionista.

Sob a direção do professor SA Jordan, o Smithsonian está agora realizando as explorações mais completas, que continuarão até que o último elo da cadeia seja forjado. Quase um quilômetro e meio de profundidade, cerca de 1.480 pés abaixo da superfície, a longa passagem principal foi escavada, para encontrar outra câmara gigantesca da qual irradia dezenas de passagens, como os raios de uma roda. Várias centenas de salas foram descobertas, alcançadas por passagens que saem da passagem principal, uma delas tendo sido explorada por 854 pés e outra 634 pés. Os achados recentes incluem artigos que nunca foram conhecidos como nativos deste país e, sem dúvida, tiveram sua origem no oriente. Armas de guerra, instrumentos de cobre, pontiagudos e duros como aço, indicam o alto estado de civilização alcançado por esses estranhos povos. Os cientistas ficaram tão interessados que estão sendo feitos preparativos para equipar o campo para estudos extensivos, e a força será aumentada para trinta ou quarenta pessoas.

Antes de entrar na caverna, melhores instalações de iluminação terão que ser instaladas, pois a escuridão é densa e bastante impenetrável para a lanterna média. A fim de evitar a perda, os fios estão sendo amarrados da entrada para todas as passagens que levam diretamente às grandes câmaras. Até onde essa caverna se estende ninguém pode adivinhar, mas agora é a crença de muitos que o que já foi explorado é apenas o “quartel”, para usar um termo americano, para os soldados, e que longe no submundo será encontrado as principais habitações comunais das famílias. A ventilação perfeita da caverna, a corrente de ar constante que sopra, indica que ela tem outra saída para a superfície.

Kinkaid foi o primeiro homem branco nascido em Idaho e foi explorador e caçador toda a sua vida, trinta anos a serviço do Smithsonian. Mesmo contada brevemente, sua história soa fabulosa, quase grotesca.

“Primeiro, gostaria de impressionar que a caverna seja quase inacessível. A entrada fica a 1.486 pés abaixo da parede do cânion. Ele está localizado em

terras do governo e nenhum visitante será permitido lá sob pena de invasão. Os cientistas desejam trabalhar sem serem molestados, sem medo de que as descobertas arqueológicas sejam perturbadas por curiosidades ou caçadores de relíquias. Uma viagem até lá seria infrutífera e o visitante seria mandado embora. A história de como encontrei a caverna foi relatada, mas em um parágrafo: eu estava viajando pelo rio Colorado em um barco, sozinho, à procura de minerais. Cerca de 42 milhas rio acima, a partir do desfiladeiro El Tovar Crystal, vi na parede leste, manchas na formação sedimentar cerca de 600 metros acima do leito do rio. Não havia trilha até este ponto, mas finalmente cheguei com grande dificuldade. Acima de uma plataforma que a escondia da vista do rio, estava a boca da caverna. Há degraus que levam desta entrada cerca de trinta metros para o que era, na época em que a caverna era habitada, o nível do rio. Quando vi as marcas de cinzel na parede da entrada, fiquei interessado, peguei minha arma e entrei. Durante essa viagem voltei várias centenas de metros ao longo da passagem principal, até chegar à cripta onde descobri as múmias. Um desses eu levantei e fotografei com lanterna. Juntei uma série de relíquias, que carreguei pelo Colorado até Yuma, de onde as enviei para Washington com detalhes da descoberta. Em seguida, foram realizadas as explorações. Um desses eu levantei e fotografei com lanterna. Juntei uma série de relíquias, que carreguei pelo Colorado até Yuma, de onde as enviei para Washington com detalhes da descoberta. Em seguida, foram realizadas as explorações. Um desses eu levantei e fotografei com lanterna. Juntei uma série de relíquias, que carreguei pelo Colorado até Yuma, de onde as enviei para Washington com detalhes da descoberta. Em seguida, foram realizadas as explorações.

A passagem principal tem cerca de 12 pés de largura, estreitando-se para nove pés em direção à extremidade mais distante. A cerca de 57 pés da entrada, as primeiras passagens laterais se ramificam à direita e à esquerda, ao longo das quais, em ambos os lados, há vários quartos do tamanho das salas de estar comuns de hoje, embora alguns tenham 30 por 40 pés quadrados. Estes são acessados por portas ovais e são ventilados por espaços de ar redondos através das paredes para as passagens. As paredes têm cerca de três pés e seis polegadas de espessura. As passagens são cinzeladas ou talhadas tão retas quanto poderiam ser projetadas por um engenheiro. Os tetos de muitos dos quartos convergem para um centro. As passagens laterais próximas à entrada seguem em um ângulo agudo do salão principal, mas em

direção aos fundos atingem gradualmente um ângulo reto na direção.

A mais de trinta metros da entrada encontra-se o corredor transversal, com várias centenas de metros de comprimento, no qual se encontra o ídolo, ou imagem, do deus do povo, sentado de pernas cruzadas, com uma flor de lótus ou lírio em cada mão. O

O molde do rosto é oriental, e a escultura mostra uma mão habilidosa, e o todo está notavelmente bem preservado, como tudo nesta caverna. O ídolo mais se parece com Buda, embora os cientistas não tenham certeza de qual culto religioso ele representa. Levando em consideração tudo o que foi encontrado até agora, é possível que esse culto se assemelhe mais ao antigo povo do Tibete [sic]. Ao redor deste ídolo estão imagens semelhantes, algumas muito bonitas na forma; outros de pescoço torto e formas distorcidas, simbólicos, provavelmente, do bem e do mal. Há dois grandes cactos com braços salientes, um de cada lado do estrado em que o deus se agacha. Tudo isso é esculpido em rocha dura que lembra mármore. No canto oposto deste corredor cruzado foram encontradas ferramentas de todas as descrições, feitas de cobre. Essas pessoas, sem dúvida, conheciam a arte perdida de endurecer esse metal, que é procurado pelos químicos há séculos sem resultado. Em uma bancada ao redor da sala de trabalho havia carvão e outros materiais provavelmente usados no processo. Há também escórias e coisas semelhantes ao fosco, mostrando que esses antigos fundiam minérios, mas até agora nenhum vestígio de onde ou como isso foi feito, nem a origem do minério.

Entre os outros achados estão vasos ou urnas e taças de cobre e ouro, de design muito artístico. A olaria inclui louças esmaltadas e vasos vidrados. Outra passagem leva a espigueiros como os que se encontram nos templos orientais. Eles contêm sementes de vários tipos. Um armazém muito grande ainda não foi inserido, pois tem três metros e meio de altura e só pode ser alcançado de cima. Dois ganchos de cobre se estendem na borda, o que indica que algum tipo de escada estava presa. Esses celeiros são arredondados, pois os materiais de que são construídos, eu acho, são cimento muito duro. Um metal cinza também é encontrado nesta caverna, o que intriga os cientistas, pois sua identidade não foi estabelecida. Assemelha-se à platina. Espalhados promiscuamente pelo chão em todos os lugares estão o que as pessoas chamam de 'olhos de gato', uma pedra amarela sem grande valor.

Em todas as urnas, ou paredes sobre portas, e tábuas de pedra que foram encontradas pela imagem estão os misteriosos hieróglifos, a chave para a qual o Instituto Smithsonian ainda espera descobrir. A gravura nas tábuas provavelmente tem algo a ver com a religião do

peças. Hieróglifos semelhantes foram encontrados no sul do Arizona. Entre os escritos pictóricos, apenas dois animais são encontrados. Um é do tipo pré-histórico.

A tumba ou cripta em que as múmias foram encontradas é uma das maiores das câmaras, as paredes inclinadas para trás em um ângulo de cerca de 35 graus. Nestas estão camadas de múmias, cada uma ocupando uma prateleira separada. Na cabeceira de cada uma há um pequeno banco, em um dos quais se encontram copos de cobre e pedaços de espadas quebradas. Algumas das múmias são cobertas com argila e todas são envoltas em um tecido escuro. As urnas ou copos nas camadas inferiores são toscos, enquanto que as prateleiras mais altas são alcançadas, as urnas são mais finas em design, mostrando um estágio posterior de civilização. É digno de nota que todas as múmias examinadas até agora provaram ser do sexo masculino, nenhuma criança ou mulher foi enterrada aqui. Isto leva a crer que esta secção exterior era o quartel dos guerreiros.

Entre as descobertas não foram encontrados ossos de animais, nem peles, nem roupas, nem roupas de cama. Muitos dos quartos estão vazios, mas para vasos de água. Uma sala, com cerca de 40 por 700 pés, era provavelmente o refeitório principal, pois os utensílios de cozinha são encontrados aqui. O que essas pessoas viviam é um problema, embora se suponha que eles vieram para o sul no inverno e cultivavam nos vales, voltando para o norte no verão. Mais de 50.000 pessoas poderiam ter vivido confortavelmente nas cavernas. Uma teoria é que as atuais tribos indígenas encontradas no Arizona são descendentes dos servos ou escravos das pessoas que habitavam a caverna. Sem dúvida, muitos milhares de anos antes da era cristã, viveu aqui um povo que atingiu um alto estágio de civilização. A cronologia da história humana está cheia de lacunas.

Uma coisa que eu não falei, pode ser de interesse. Há uma câmara cuja passagem não é ventilada, e quando nos aproximamos dela um cheiro mortal e de cobra nos atingiu. Nossas luzes não penetrariam na penumbra, e até que outras mais fortes estejam disponíveis, não saberemos o que a câmara contém. Alguns dizem que são cobras, mas outros vão a essa ideia e acham que pode conter um gás mortal ou produtos químicos usados pelos antigos. Nenhum som é ouvido, mas cheira a cobra do mesmo jeito. Toda a instalação subterrânea dá a um dos nervos trêmulos a

arrepio. A escuridão é como um peso nos ombros, e nossas lanternas e velas só tornam a escuridão mais escura. A imaginação pode deleitar-se com conjecturas e devaneios ímpios através das eras que se passaram até a mente cambaleiar vertiginosamente no espaço.”

Em conexão com esta história, é notável que entre os índios Hopi, a tradição é contada que seus ancestrais viveram em um submundo no Grand Canyon até que a dissensão surgiu entre o bem e o mal, as pessoas de um coração e as pessoas de dois. corações. Machtetto, que era seu chefe, aconselhou-os a deixar o submundo, mas não havia saída. O chefe então fez uma árvore crescer e perfurar o teto do submundo, e então as pessoas de um coração saíram. Eles permaneceram no Paisisvai (Red River), que é o Colorado, e cultivaram grãos e milho. Eles enviaram uma mensagem ao Templo do Sol, pedindo a bênção da paz, boa vontade e chuva para as pessoas de um só coração. Aquele mensageiro nunca voltou, mas hoje nas aldeias Hopi ao pôr do sol podem ser vistos os velhos da tribo nos telhados olhando para o sol, procurando o mensageiro. Quando ele retornar, suas terras e antigas moradas serão devolvidas a eles. Essa é a tradição. Entre as gravuras de animais na gruta vê-se a imagem de um coração sobre o local onde se encontra. A lenda foi aprendida por WE Rollins, o artista, durante um ano passado com os índios Hopi. Existem duas teorias sobre a origem dos egípcios. Uma é que eles vieram da Ásia; outro que o berço racial estava na região do alto Nilo. Heeren, um egiptólogo, acreditava na origem indiana dos egípcios. As descobertas no Grand Canyon podem lançar mais luz sobre a evolução humana e as eras pré-históricas. Entre as gravuras de animais na gruta vê-se a imagem de um coração sobre o local onde se encontra. A lenda foi aprendida por WE Rollins, o artista, durante um ano passado com os índios Hopi. Existem duas teorias sobre a origem dos egípcios. Uma é que eles vieram da Ásia; outro que o berço racial estava na região do alto Nilo. Heeren, um egiptólogo, acreditava na origem indiana dos egípcios. As descobertas no Grand Canyon podem lançar mais luz sobre a evolução humana e as eras pré-históricas.

acreditava na origem indiana dos egípcios. As descobertas no Grand Canyon podem lançar mais luz sobre a evolução humana e as eras pré-históricas. acreditava na origem indiana dos egípcios. As descobertas no Grand Canyon podem lançar mais luz sobre a evolução humana e as eras pré-históricas. [349](#)

Há uma série de pontos muito importantes a serem observados sobre este artigo:

1. Observe a grande quantidade de detalhes fornecidos sobre a suposta descoberta;
2. Observe o suposto envolvimento da Smithsonian Institution;
3. Observe o suposto envolvimento do descobridor da caverna, GE Kinkaid, com o Smithsonian; e finalmente,

4. Observe o suposto chefe da equipe arqueológica do Smithsonian, o professor SA Jordan.

Esses detalhes se tornaram o coração do que tem sido uma pequena controvérsia sobre a história desde sua primeira aparição. A história era verdadeira? Ou foi uma farsa elaborada?

David Hatcher Childress certamente pertence à classe daqueles que pensam que é verdade, mas com ressalvas. Como Childress brinca no início de seu artigo, “Era como o enredo de um filme de faroeste de fantasia ...”³⁵⁰ Mas surgiram dúvidas:

O que aconteceu com os artefatos? O que aconteceu com a Jordânia? Ele retornou ao Smithsonian em Washington DC e desapareceu com todos os registros de sua descoberta? Houve algum encobrimento arqueológico que lembra a última cena do filme Caçadores da Arca Perdida, onde a Arca da Aliança é colocada dentro de uma caixa em um armazém gigante para nunca mais ser vista?

Também foi sugerido que, embora a descoberta fosse real, os arqueólogos que trabalhavam para o Smithsonian não eram. Esses homens podem não estar trabalhando para o Smithsonian Institute [sic] fora de Washington DC, mas apenas alegando estar fazendo isso. Isso pode ter sido um encobrimento para uma escavação arqueológica ilegal que estava invadindo o local antigo e reivindicando legitimidade de uma instituição muito distante. Poderia ter sido realmente muito difícil, em 1909, verificar as credenciais dos arqueólogos. Esses homens podem ter desaparecido logo após a publicação do artigo, mas não em Washington DC, como poderíamos supor, mas em São Francisco, Los Angeles ou Denver.³⁵¹

EXPLORATIONS IN GRAND CANYON

Mysteries of Immense Rich
Cavern Being Brought
to Light.

JORDAN IS ENTHUSED

Remarkable Finds Indicate
Ancient People Migrated
From Orient.

The latest news of the progress of the explorations of what is now regarded by scientists as not only the oldest archaeological discovery in the United States, but one of the most valuable in the world, which was mentioned some time ago in the Gazette, was brought to the city yesterday by G. E. Kinkaid, the explorer who found the great underground citadel of the Grand Canyon during a trip from Green River, Wyoming, down the Colorado, in a wooden boat, by Yuma, several months ago. According to the story related yesterday in the Gazette by Mr. Kinkaid, the archaeologist of the Smithsonian Institute, which is financing the explorations, have made discoveries which almost conclusively prove that the race which inhabited this mysterious cavern, hewn in solid rock by human hands, was of oriental origin, possibly from Egypt, tracing back to Hamaca. If their theories are borne out by the translation of the tablets engraved with hieroglyphics, the mystery of the prehistoric peoples of North America, their ancient arts, who they were and whence they came, will be solved. Egypt and the Nile, and Arizona and the Colorado will be linked by a historical chain running back to ages which stagger the wildest fancy of the fictionist.

A Thorough Investigation,
Under the direction of Prof. G. A. Jordan, the Smithsonian Institute is now prosecuting the most thorough explorations, which will be continued until the last link in the chain is forged. Nearly a mile underground, about 1400 feet below the surface, the long main

fect ventilation of the cavern, the steady draught that blows through, indicates that it has another outlet to the surface.

Mr. Kinkaid's Report.
Mr. Kinkaid was the first white child born in Idaho and has been an explorer and hunter all his life, thirty years having been in the service of the Smithsonian Institute. Even briefly recounted, his history sounds fabulous, almost grotesque.

"First, I would impress that the cavern is nearly inaccessible. The entrance is 1400 feet down the sheer canyon wall. It is located on government land and no visitor will be allowed there under penalty of trespass. The scientist who wish to work unmolested, without fear of the archaeological discoverers being disturbed by curio or relic hunters. A trip there would be fruitless, and the visitor would be sent on his way. The story of how I found the cavern has been related, but in a paragraph. I was journeying down the Colorado river in a boat, alone, looking for mineral. Some forty-two miles up the river from the El Tovar Crystal canyon I saw on the east wall, stains in the sedimentary formation about 3000 feet above the river bed. There was no trail to this point, but I finally reached it with great difficulty. Above a shelf which hid it from view from the river, was the mouth of the cave. There are steps leading from this entrance some thirty yards to what was, at the time the cavern was inhabited, the level of the river. When I saw the chief marks on the wall inside the entrance, I became interested, secured my gun and went in. During that trip I went back several hundred feet along the main passage, till I came to the crypt in which I discovered the mummies. One of these I stood up and photographed by flashlight. I gathered a number of relics, which I carried down the Colorado to Yuma, from whence I shipped them to Washington with details of the discovery. Following this, the explorations were undertaken.

The Passages.
The main passageway is about 12 feet wide, narrowing to 3 feet toward the farther end. About 67 feet from the entrance, the first side-passages branch off to the right and left, along which, on both sides, are a number of rooms about the size of ordinary living rooms of today, though some are 30 or 40 feet square. These are entered by oval-shaped doors and are ventilated by round air spaces through the walls into the passages. The walls are about 3 feet 6 inches in thickness. The passages are chiseled or hewn as straight as could be laid out by an engineer. The ceilings of many of the rooms converge to a center. The side passages near the entrance run at a sharp angle from the main hall, but toward the rear they gradually run at a right angle in direction.

The Shrine.
Over a hundred feet from the entrance is the cross-hall, several hundred feet long, in which was found the idol, or image, of the people's god, sitting cross-legged, with a lotus flower or Lily in each hand. The east of the

Artigo do Phoenix Gazette de 5 de abril de 1909

Enquanto Childress não oferece nenhuma fonte para suas especulações de que os chamados arqueólogos podem não ter sido do Smithsonian, nem qualquer fonte para a especulação de que os "arqueólogos" foram para San Francisco, Los Angeles ou Denver, as verdadeiras questões Childress levanta, no entanto, permanecem: as descobertas foram de fato reais? Se sim, o que aconteceu com eles? Dentro

para responder a essas perguntas, deve-se determinar se o artigo era genuíno ou não.

3. Embuste ou encobrimento?

Um dos que questionam toda a história é Philip Coppens, que observa que a história diz pouco sobre o Egito, mas aponta ainda mais para o leste:

[O] relato é bastante factual. Os ídolos “se assemelham” a Buda, em vez de “são” Buda. A adoração “se assemelha” à do Tibete, não “é”... Kinkaid está tentando usar analogias para explicar sua descoberta. É o autor anônimo do artigo que faz a conexão com o antigo Egito e deixa sua mente flutuar para uma das maiores descobertas de todos os tempos. [352](#)

Coppens está sugerindo, em outras palavras, que o autor anônimo do artigo do jornal exagerou deliberadamente a história, lançando um manto de suspeita sobre exatamente o que, se alguma coisa, foi realmente descoberto. O fato de o jornal nunca ter dado seguimento à história sensacional levanta mais suspeitas. [353](#)

Mas havia mais um problema: o artigo fazia três afirmações explícitas:

1. que o descobridor da caverna, GE Kinkaid, trabalhou para a Smithsonian Institution;
2. que a Smithsonian Institution estava assim envolvida na escavação e recuperação dos artefatos; e,
3. que um professor de arqueologia, um certo SA Jordan, estava encarregado do projeto.

No entanto, como observa Coppens, quando contatado em 2000 para confirmação dessas alegações, a resposta do Smithsonian foi inequívoca:

A Smithsonian Institution recebeu muitas perguntas sobre um artigo no Phoenix Gazette de 5 de abril de 1909 sobre GE Kinkaid e sua descoberta de uma “grande cidadela subterrânea” no Grand Canyon,

talhado por uma antiga raça de origem oriental, possivelmente do Egito... O Departamento de Antropologia do Smithsonian vasculhou seus arquivos sem encontrar qualquer menção a um professor Jordan, Kinkaid, ou uma civilização egípcia perdida no Arizona. No entanto, a história continua a ser repetida em livros e artigos.³⁵⁴

Este parece ser o fim da história...

...mas não. Coppens admite que “há espaço para um encobrimento, é claro”,³⁵⁵ simplesmente porque é uma prática padrão de tais organizações “procurar” deliberadamente certos arquivos no lugar errado. Não encontrá-los em determinado lugar não significa que não existam; eles simplesmente não existem onde a busca foi realizada:

Os arquivos não precisam necessariamente ser definidos dentro daquele departamento e a referência ao Phoenix Gazette em vez do Arizona Gazette pode ser um simples erro, ou uma válvula de escape que está tão frequentemente presente em respostas oficiais projetadas para desmascarar. Histórias como “a Divisão X da CIA não tem registro” geralmente significam que a Divisão Y é quem tem esse registro.³⁵⁶

É um estratagema bem conhecido pelos pesquisadores que usam solicitações da FOIA para obter informações de vários departamentos governamentais.

Portanto, a questão importante permanece: se toda a história do jornal foi uma farsa, quem a cometeu? E porque?

Coppens observa que se a história original foi uma farsa perpetrada pelo próprio jornal – na tradição do jornalismo amarelo da época – para gerar mais vendas e circulação, então é nada menos que bizarro que nunca tenha dado seguimento à história. com uma sequência. Assim, é improvável que, se a história fosse uma farsa, que o Arizona Gazette fosse o autor, o que deixa o próprio Kinkaid.³⁵⁷ Existem várias discrepâncias menores no relato de Kinkaid que, embora não provem que ele cometeu uma farsa, pelo menos levantam questões.³⁵⁸ “Então, onde isso nos deixa?” Coppens pergunta. Sua resposta: em algum lugar no meio, entre uma farsa e uma verdade exagerada. Na opinião de Coppen, a descoberta provavelmente teve mais a ver com a descoberta de artefatos da antiga cultura indígena americana Anasazi.³⁵⁹

Esta solução, no entanto, levanta tantas perguntas quanto respostas. Por um lado, a cultura Anasazi era conhecida pela antropologia e arqueologia na época. Então, por que encobrir? O silêncio e as alegações de não envolvimento do Smithsonian são igualmente suspeitos, pois teria um interesse natural e inerente em qualquer reportagem de tal história e, inevitavelmente, teria investigado. Isso torna suas negações flagrantes de qualquer envolvimento altamente suspeitas.

Em um artigo intitulado “Encobrimento Arqueológico?” Jason Colavito faz o comentário - em apoio à história do jornal ser uma farsa completa — que o artigo se refere ao Smithsonian Institute e não ao Smithsonian Institution, e que qualquer um que afirmasse trabalhar para ele saberia disso. Colavito também argumenta que a história original no Arizona Gazette é uma história de fonte única sem qualquer outra corroboração externa e, portanto, argumenta que a coisa toda é uma farsa provável.³⁶⁰

Childress, no entanto, aponta que a quantidade de detalhes específicos no artigo, mais o fato de ter sido publicado em um jornal comum, argumenta contra a história ser uma farsa. Mas para Childress a história é parte de um quadro muito maior, de um “encobrimento arqueológico” de evidências e artefatos anômalos.

Childress observa que

Para aqueles que investigam alegações de encobrimentos arqueológicos, há indicações perturbadoras de que o instituto arqueológico mais importante dos Estados Unidos, o Smithsonian Institute [sic], uma agência federal independente, vem suprimindo ativamente algumas das descobertas arqueológicas mais interessantes e importantes. feito nas Américas.³⁶¹

Há um fato óbvio aqui que muitas vezes é esquecido: o governo dos EUA, como o Reich nazista muito depois, e como muitos outros governos das grandes potências, estabeleceu uma agência oficial para não fazer nada além de patrocinar pesquisas arqueológicas. Assim, é lógico que, como qualquer outra agência governamental, o Smithsonian teria seus próprios “segredos confidenciais”. A questão é: por que uma disciplina e instituição aparentemente sóbria e sóbria estaria guardando segredos?

Para Childress, a resposta é bastante simples: o Smithsonian tinha uma agenda para promover um determinado paradigma histórico e antropológico e suprimir evidências de outro:

O encobrimento e a suposta supressão de evidências arqueológicas começaram no final de 1881, quando John Wesley Powell, o geólogo famoso por explorar o Grand Canyon, nomeou Cyrus Thomas como diretor da Divisão de Eastern Mound do Bureau de Etnologia da Smithsonian Institution.

Quando Thomas chegou ao Bureau of Ethnology, ele era um “crente declarado na existência de uma raça de Mound Builders, distinta dos índios americanos”. No entanto, John Wesley Powell, o diretor do Bureau of Ethnology, um homem muito solidário com os índios americanos, viveu com os pacíficos índios Winnebago de Wisconsin por muitos anos quando jovem e sentiu que os índios americanos eram injustamente considerados primitivos e selvagem.

O Smithsonian começou a promover a ideia de que os nativos americanos... eram descendentes de civilizações avançadas e eram dignos de respeito e proteção.

Eles também iniciaram um programa para suprimir qualquer evidência arqueológica que desse crédito à escola de pensamento conhecida como Difusionismo, uma escola que acredita que ao longo da história houve uma ampla dispersão de cultura e civilização por meio de contato por navios e principais rotas comerciais.

O Smithsonian optou pela escola oposta, conhecida como Isolacionismo. O isolacionismo sustenta que a maioria das civilizações está isolada umas das outras e que houve muito pouco contato entre elas, especialmente aquelas que são separadas por corpos d'água. Nesta guerra intelectual que começou na década de 1880, sustentava-se que mesmo o contato entre as civilizações dos vales de Ohio e Mississippi eram raros, e certamente essas civilizações não tiveram nenhum contato com culturas tão avançadas como os maias, toltecas ou astecas no México e na América Central.³⁶²

Mas, de acordo com Childress, além de suprimir evidências que apoiam a hipótese do Difusionismo, o Smithsonian suprimiu evidências de um tipo muito diferente...

a. Evidência Destruída e Comprimida: Paralelos Curiosos do NACA

Essa evidência dizia respeito à existência dos gigantes mencionados em textos antigos:

Quando o conteúdo de muitos montes e pirâmides antigas do Centro-Oeste foi examinado, foi mostrado que a história dos vales do rio Mississippi era a de uma cultura antiga e sofisticada que esteve em contato com a Europa e outras áreas. Não só isso, o conteúdo de muitos montes revelou sepulturas de homens enormes, às vezes de dois a dois metros e meio de altura, em armaduras completas com espadas e às vezes enormes tesouros.

...

Por exemplo, quando Spiro Mound em Oklahoma foi escavado na década de 1930, um homem alto em armadura completa foi descoberto junto com um pote de milhares de pérolas e outros artefatos [sic], o maior tesouro documentado até agora. O paradeiro do homem de armadura é desconhecido e é bem provável que tenha sido levado para o Smithsonian Institution.^{[363](#)}

A descoberta de grandes restos “humanos” tende a apoiar antigas lendas indígenas nativas americanas que afirmavam a existência de “monstros e gigantes” com os quais os índios viveram, lendas que encontraremos mais tarde.

Neste momento, Childress relata uma história que um pesquisador anônimo lhe relatou, a saber, que o Smithsonian havia demitido um de seus funcionários seniores por defender a “heresia” do Difusionismo e por tentar denunciar uma operação em que a Instituição carregou uma barca com provas anômalas e literalmente afundou no Atlântico para esconder o

evidência.³⁶⁴ Embora Childress não ofereça evidências de apoio para essa história, é curioso que ela se encaixe em um padrão mais amplo de supressão de evidências anômalas de antigas civilizações sofisticadas e seus artefatos descobertos por outra agência governamental: a NASA. Como os pesquisadores de anomalias espaciais Richard C. Hoagland e Mike Bara apontaram, a própria versão da NASA da “barcaça Smithsonian” incluía táticas de supressão de evidências como fotos em miniatura apagadas nos catálogos de fotografia Apollo da NASA,³⁶⁵ aerografia e outras fotos da Apollo,³⁶⁶ e

— incompreensivelmente - ordens aos arquivistas da Apollo para realmente destruir os inestimáveis arquivos de fotos da Apollo, uma ordem que foi felizmente desconsiderada por um indivíduo.³⁶⁷ Todas essas evidências, como observam Hoagland e Bara, eram fortemente sugestivas da presença de uma civilização alta e tecnologicamente sofisticada na Lua e em Marte. A NASA estava, de fato, seguindo o mesmo paradigma que Childress sugeriu que o Smithsonian estava seguindo: suprimindo evidências de Difusionismo, só que neste caso, era o máximo em Difusionismo: a dispersão da civilização não apenas no planeta Terra, mas também em seus vizinhos .

Se há uma motivação comum aqui entre as duas agências governamentais, então ousar sugerir que ela reside no fator comum que cada uma compartilha, a saber, que a existência de artefatos tecnológicos, de restos de esqueletos de gigantes e outras anomalias, tendiam a corroborar o que os textos e tradições antigos sempre sustentaram: uma vez houve uma civilização tão sofisticada, que a própria humanidade é sua criação deliberadamente projetada, e uma vez houve coisas como gigantes. Em suma, evidências anômalas do espaço e evidências arqueológicas da Terra, que tendiam a corroborar esses mitos antigos, tiveram que ser suprimidas. A pergunta é, por quê? A resposta será encontrada no capítulo final.

b. O Smithsonian e a Supressão dos gigantes do Alasca

Há outro episódio narrado por Childress que corrobora vagamente as alegações de supressão de evidências arqueológicas anômalas do Smithsonian:

Ivan T. Sanderson, um conhecido zoólogo e convidado frequente do Johnny Carson's Tonight Show na década de 1960... certa vez relatou uma história curiosa sobre uma carta que recebeu sobre um engenheiro que estava estacionado na ilha Aleuta de Shemya durante a Segunda Guerra Mundial . Enquanto construía uma pista de pouso, sua equipe demoliu um grupo de colinas e descobriu sob várias camadas sedimentares o que parecia ser restos humanos. O monte do Alasca era na verdade um cemitério de restos humanos gigantescos, consistindo de crânios e ossos longos das pernas.

Os crânios medem de 22 a 24 polegadas da base à coroa. Como um crânio adulto normalmente mede cerca de 20 centímetros de trás para frente, um crânio tão grande implicaria um tamanho imenso para um humano de proporções normais. Além disso, todos os crânios foram cuidadosamente trepanados (um processo de cortar um buraco na parte superior do crânio).

De fato, o hábito de achatar o crânio de uma criança e forçá-lo a crescer de forma alongada era uma prática usada pelos antigos peruanos, pelos maias e pelos índios cabeça chata de Montana. Sanderson tentou reunir mais provas, acabando por receber uma carta de outro membro da unidade que confirmou o relatório. As cartas indicavam que a Smithsonian Institution havia recolhido os restos mortais, mas nada mais foi ouvido. Sanderson parecia convencido de que a Smithsonian Institution havia recebido as relíquias bizarras, mas se perguntou por que eles não divulgaram os dados. Ele pergunta: "... será que essas pessoas não podem enfrentar reescrever todos os livros didáticos?"³⁶⁸

Apesar das credenciais de peso de Sanderson, ele próprio um conhecido investigador de fenômenos Fortean, muitos, no entanto, ainda duvidam da existência de tais encobrimentos arqueológicos coordenados.

4. Archaeology-Ate: Cremo, Thompson e a antiguidade do homem

Infelizmente para esses indivíduos, evidências decididamente mais pesadas de tais encobrimentos arqueológicos foram apresentadas por Michael A. Cremo e Richard L. Thompson em seu estudo maciço e magistral da antiguidade da humanidade e seus artefatos, *Arqueologia Proibida: A História Oculta da Raça humana*. Qualquer tentativa de resumir este tomo maciço e acadêmico de mais de novecentas páginas aqui é simplesmente impossível. Podemos, no entanto, ter alguma ideia de sua tese, método e a grande quantidade de evidências que eles apresentam para provar que os humanos anatomicamente modernos que fabricam ferramentas existem há muito mais tempo do que o dogma científico padrão proclama.

Eles começam observando que “...[Fatos]' acabam por ser redes de argumentos e alegações observacionais”.³⁶⁹ Assim, “uma evidência é anômala apenas em relação a uma teoria particular”,³⁷⁰ a teoria, neste caso, é a evolução e todas as suas implicações para a antropologia e a suposta reconstrução da história e evolução da humanidade. Nesse contexto, eles fazem a pergunta que introduz as novecentas páginas de evidências “anômalas” que não se enquadram na teoria padrão:

E se, por exemplo, fósseis de humanos anatomicamente modernos aparecessem em estratos mais antigos do que aqueles em que os macacos *dryopithecus* foram encontrados? Mesmo que se descobrisse que humanos anatomicamente modernos viveram contemporaneamente com *Dryopithecus* (ou mesmo um milhão de anos atrás, 4 milhões de anos após o desaparecimento de *Dryopithecus* no Mioceno tardio), isso seria suficiente para jogar os relatos atuais sobre a origem da humanidade completamente fora da realidade. janela.

De fato, tal evidência já foi encontrada, mas desde então foi suprimida ou convenientemente esquecida...

... Antes do homem de Java ... cientistas respeitáveis do século XIX encontraram vários exemplos de restos de esqueletos humanos anatomicamente modernos

em camadas muito antigas.³⁷¹

Eles então afirmam que há “uma equivalência essencial” nas evidências apresentadas em favor da teoria padrão e nas evidências anômalas contra ela.

Isso tem repercussões, pois “não convém aceitar um e rejeitar o outro”. De fato,

Se rejeitarmos o primeiro conjunto de relatos (as anomalias) e, para sermos consistentes, rejeitarmos também o segundo conjunto (evidências atualmente aceitas), então a teoria da evolução humana é privada de boa parte de seu fundamento observacional. Mas se aceitarmos o primeiro conjunto de relatórios, então devemos aceitar a existência de seres inteligentes, fabricantes de ferramentas em períodos geológicos tão remotos quanto o Mioceno, ou mesmo o Eoceno. Se aceitarmos as evidências esqueléticas apresentadas nesses relatórios, devemos ir mais longe e aceitar a existência de seres humanos anatomicamente modernos nesses períodos remotos.³⁷²

Além de uma revisão completa de restos de esqueletos humanos em estratos anômalos antigos, Cremo e Thompson produzem um vasto catálogo de objetos extremamente anômalos que são o resultado de arte e inteligência óbvias. Estes incluíam figuras de mármore esculpidas em estratos que “sugerem que os personagens foram feitos por humanos inteligentes de um passado distante”.³⁷³ um pedaço de fio de ouro encontrado em estratos entre 320 e 360 milhões de anos,³⁷⁴ um relatório em uma edição do século XIX da Scientific American registrando a descoberta de um vaso metálico em estratos de 600 milhões de anos,³⁷⁵ uma bola de giz na França em estratos de 45 a 55 milhões de anos,³⁷⁶ uma moeda usinada com escrita indecifrável de pelo menos 200.000 anos, descoberta em Illinois,³⁷⁷ uma estatueta de barro descoberta em Idaho que tem pelo menos dois milhões de anos.³⁷⁸ A lista de descobertas suprimidas e convenientemente esquecidas continua, e teremos ocasião de nos referir a essa lista novamente no capítulo final, e em um contexto muito diferente.

Então, por que suprimir ou “esquecer convenientemente” tais evidências?

Em suas observações citadas anteriormente, Cremona e Thompson dão uma resposta óbvia: tal evidência não serve ao dogma científico reinante da evolução.

É quando a erudição cuidadosa de Cremona e Thompson é vista dentro do contexto de alegações mais profundas de supressão arqueológica que outras implicações filosóficas e especulativas mais perturbadoras emergem, pois a conclusão é que tanto a supressão arqueológica do “esquecimento conveniente” quanto o dogma da evolução parecem ser dispositivos feitos sob medida para suprimir as idéias da grande antiguidade do homem e a possibilidade de uma Civilização Muito Alta já existente. Sob esse prisma, é possível que a teoria científica funcione como um “mecanismo de triagem de evidências” para cientistas não a par da agenda final: a supressão da própria noção de tal civilização e, portanto, de qualquer tentativa de investigá-la pela *oi polloi*. Pode-se de fato estar lidando com uma biologia de “consumo público”, antropologia, e arqueologia para fazer um paralelo com a física de “consumo público” deliberadamente projetada para impedir a recuperação de tecnologias e ciências perdidas. Claramente, se nosso exame do I Ching e do DNA for um indicador, este parece ser o caso.

5. Um aparte: Gilgamesh descoberto – implicações especulativas

Nesse contexto, uma história interessante foi relatada pela BBC na terça-feira, 29 de abril de 2003. Arqueólogos alemães no Iraque localizaram o local da antiga Uruk, incluindo, segundo eles, o túmulo de seu famoso rei, Gilgamesh.³⁷⁹ Após esta reportagem inicial, pouco foi mencionado sobre a descoberta. Claro, isso pode ser devido à preguiça do jornalismo moderno em acompanhar uma história.

Mas poderia haver algo mais, pois deve-se lembrar que os textos antigos afirmam que Gilgamesh era “dois terços deus e um terço humano”. Ou seja, Gilgamesh era ele próprio um híbrido quimérico descendente dos deuses e do homem, e se acreditarmos nas sugestões da antiga engenharia genética exploradas anteriormente, poderia ser possível que, por meio de técnicas modernas de sequenciamento de DNA de cadáveres, os cientistas pudessem realmente ser procurando por esse “componente divino”, e os restos mortais de Gilgamesh ofereceriam os meios perfeitos para fazê-lo.

Mas não prenda a respiração. Se eles estão fazendo isso, é provável que não nos digam o que encontraram.

D. CONCLUSÕES: FAZENDO ESTOQUE ATÉ AGORA

Então, agora, o que temos? Que tipo de conclusões especulativas podemos tirar deste breve ensaio sobre guerras genômicas e conexões de miscelâneas? De medidas antigas e elites ocultas?

1. Temos, em primeiro lugar, a presença de elites manipulando informações nos tempos modernos e antigos, e embora não se deduza das evidências discutidas que essas elites sejam conectadas ou contínuas ao longo do tempo, é claro que os métodos e motivações são muitas vezes assustadoramente paralelos. ;

2. No caso das elites por trás do estabelecimento de um sistema de medidas geodésicas e astronômicas em uma ampla área da Grã-Bretanha à Mesopotâmia, é claro que uma possível agenda por trás dessa atividade era trazer a civilização de volta à existência, por fomento do comércio internacional. A esse respeito, como demonstrei em meu livro anterior, *Babylon's Banksters*, há uma clara associação dos antigos sacerdócios do templo tanto com a atividade de medição astronômica, com a atividade de previsão astrológica ou de adivinhação, quanto com a emissão de dinheiro, atividades que, por sua vez, estão profundamente conectadas entre si na profunda relação entre sistemas físicos e econômicos;

3. No caso dos textos antigos examinados, fica claro que a humanidade é um ser engenheirado, criado com o propósito explícito de servidão por uma espécie geneticamente relacionada, que pode, portanto, ter uma reivindicação “legal” sobre a humanidade;

4. É claro que a elite moderna, por várias razões, está tentando suprimir esse aspecto do desenvolvimento e das origens humanas, em parte a serviço da teoria evolucionária, mas possivelmente porque há uma agenda mais profunda, que incluiria obscurecer possíveis origens humanas e o implicava a existência de sofisticação tecnológica em

tempos paleoantigos e suas tentativas de recuperá-lo e reconstruir um relato verdadeiro, mas oculto, da história humana;

5. Fica claro pela comparação das descobertas genéticas modernas com o antigo sistema de adivinhação chinês conhecido como I Ching que alguém tinha dados científicos refinados e precisos sobre a estrutura genética, e que de alguma forma isso estava conectado ou concebido como uma pista íntima para a natureza dos processos físicos do próprio universo. Em certo sentido, então, o I Ching pode ser chamado de “outra metade” do DNA, um fragmento de uma cosmovisão científica outrora perdida, mas altamente unificada, cujas visões sobre Deus, o Homem e o Médiun eram altamente unificadas, formalmente explícitas. e não exigiu nenhum ato de fé para compreender;

6. A existência da ciência genética também fornece às elites modernas o método e a base para verificar algumas das afirmações dos textos antigos, embora tal verificação provavelmente seja realizada de forma encoberta e seus resultados mantidos em segredo e conhecidos apenas por essa elite.

Com isso em mente, é hora, finalmente, de nos voltarmos para os dois componentes restantes que formam os temas deste ensaio: monstros e homens.

III.

MONSTROS E HOMENS

“A história dos nativos era consistente: eram vestígios de uma raça gigante, agora extinta devido a catástrofes naturais ou batalhas com humanos de um passado distante.”

— Adrienne Mayor, *Fossil Legends of the First Americans*, p. 78.

“O que a árvore do gene mitocondrial fez foi introduzir uma medição objetiva de profundidade de tempo na equação pela primeira vez. Mostrou claramente que o ancestral mitocondrial comum de todos os humanos modernos viveu apenas cerca de 150.000 anos atrás.”

— Bryan Sykes,
*As Sete Filhas de Eva: A Ciência que Revela
Nossa ancestralidade genética*, p. 50.

“Mesmo que se descobrisse que humanos anatomicamente modernos viveram... mesmo um milhão de anos atrás... isso seria suficiente para jogar as contas atuais da origem da humanidade completamente pela janela. De fato, tais evidências já foram encontradas, mas desde então foram suprimidas ou convenientemente esquecidas.”

— Michael A. Cremonese e Richard L. Thompson, *Forbidden Archaeology: The Hidden History of the Raça Humana*, pág. 18.

Sete

O RETORNO DO SIRRUSH:

GREGOS, ÍNDIOS, GIGANTES E MONSTROS



“Lembre-se de que, em muitas tradições nativas, os 'gigantes' de eras antigas eram frequentemente entendidos como seres primitivos que não eram nem animais nem humanos.”

— Adriana Prefeita [S80](#)

A ENGENHARIA GENÉTICA SE TORNOU uma espécie de fascínio dentro da comunidade de pesquisadores que estudam fenômenos alternativos e “Forteanos” e perspectivas sobre história e ética. Abundam as histórias sobre a alteração genética de alimentos e sementes, com empresas do agronegócio como a Monsanto liderando a acusação pela ideia ridícula de sementes para plantas que não se reproduzem... uma boa maneira de controlar a oferta de alimentos. Somos lembrados do grande potencial para o bem nas curas genéticas para a devastação do câncer, AIDS, diabetes e uma série de outras doenças, e do grande potencial para o mal na engenharia genética de armas biológicas que visam certos grupos populacionais com marcadores biológicos. Outras histórias relatam a criação do que só pode ser descrito como ficção científica: coelhos e ratos e gatos que brilham no escuro, ratos criando orelhas humanas,

Se não soubéssemos melhor, pensaríamos que estávamos lendo o antigo épico da “criação” da Mesopotâmia, o Enuma Elish, com seu relato de “homens escorpiões”, ou outros contos antigos da Mesopotâmia do “deus peixe” Oannes, parte peixe e parte homem, e de outros híbridos quiméricos contados em textos antigos e dos deuses quiméricos retratados na arte egípcia e mesopotâmica. Quando o império de Alexandre, o Grande, foi dividido entre seus generais – com a Mesopotâmia indo para os selêucidas e o Egito para os Ptolomeus – cada uma dessas novas dinastias encomendou “histórias oficiais” de seus novos reinos em grego e solicitou especialistas de dentro de seus reinos para traduzir de seus arquivos os textos essenciais. Um deles foi o sacerdote, escriba e historiador babilônico Berossus,

De acordo com o historiador da igreja primitiva Eusébio, que por sua vez está citando Alexander Polyhistor, Berossus declarou:

Houve um tempo em que não existia nada além de escuridão e um abismo de águas, onde residiam os seres mais hediondos, que eram produzidos por um princípio duplo. Apareceram homens, alguns dos quais munidos de duas asas, outros de quatro e de dois rostos. Eles tinham um corpo, mas duas cabeças: uma de homem, outra de mulher; e igualmente em seus vários órgãos masculinos e femininos. Outras figuras humanas eram vistas com pernas e chifres de cabras: algumas tinham pés de cavalo; enquanto outros uniam os quartos traseiros de um cavalo com o corpo de um homem, assemelhando-se em forma aos hipocentauros. Os touros também foram criados lá com cabeças de homens; e cães com corpos quádruplos, terminados em suas extremidades com caudas de peixes; cavalos também com cabeça de cachorro; homens também e outros animais com cabeças e corpos de cavalos e caudas de peixes. Em suma, havia criaturas nas quais eram combinados os membros de todas as espécies de animais. Além destes, peixes, répteis, serpentes, com outros animais monstruosos, que tomavam forma e semblante uns dos outros. De todos os que foram preservados delineamentos no templo de Belus na Babilônia.

Quem os presidia era uma mulher chamada Omoroca; que na língua caldaica é Thalathh; em grego Thalassa, o mar; mas que também pode ser interpretada como a Lua. Todas as coisas sendo

nesta situação, Belus veio e cortou a mulher em pedaços; e de uma metade dela formou a terra, e da outra metade os céus; e ao mesmo tempo destruiu os animais dentro dela. Tudo isso (diz ele) era uma descrição alegórica da natureza. Pois, todo o universo consistindo de umidade e animais sendo continuamente gerados nele, a divindade acima mencionada tirou sua própria cabeça; sobre o qual os outros deuses misturaram o sangue, à medida que jorrou, com a terra; e dali foram formados os homens. Por esse motivo é que eles são racionais e participam do conhecimento divino... (Tal, de acordo com Polyhistor Alexander, é o relato que Berossus dá em seu primeiro livro.)³⁸¹

Antes de analisar esta importante passagem, há outro fragmento de Beroso que deve ser mencionado, também um fragmento de Alexandre Polyhistor que sobrevive no historiador da igreja primitiva Eusébio:

(No segundo livro estava contida a história dos dez reis dos caldeus, e o período da continuação de cada reinado, que consistia coletivamente de cento e vinte sari, ou quatrocentos e trinta e dois mil anos; chegando ao Para Alexandre, enumerando os reis dos escritos dos caldeus, após o nono Ardates, procede ao décimo, que é chamado por eles Xisuthrus, desta maneira:)

Após a morte de Ardates, seu filho Hizuthrus reinou dezoito sari. Em seu tempo aconteceu um grande dilúvio; cuja história é assim descrita. A Divindade, Cronos, apareceu a ele em uma visão, e o avisou que no décimo quinto dia do mês Daesius haveria um dilúvio, pelo qual a humanidade seria destruída. Ele, portanto, ordenou-lhe que escrevesse uma história do início, procedimento e conclusão de todas as coisas; e enterrá-lo na cidade do Sol em Sipara; e construir um navio, e levar consigo seus amigos e parentes; e transportar a bordo tudo o que é necessário para sustentar a vida, juntamente com todos os diferentes animais, tanto pássaros quanto quadrúpedes, e confiar-se sem medo às profundezas. Tendo perguntado à Divindade, para onde ele deveria navegar? ele foi respondido: “Aos Deuses”; sobre o qual ele ofereceu uma oração para o bem da humanidade.

construiu um navio de cinco estádios de comprimento e dois de largura. Nisso ele colocou tudo o que havia preparado; e, por último, trouxe para ele sua esposa, seus filhos e seus amigos.

Depois que o dilúvio estava sobre a terra, e com o tempo diminuiu, Xisuthrus enviou pássaros do navio; que, não encontrando comida, nem lugar onde pudessem descansar os pés, voltaram para ele novamente. Após um intervalo de alguns dias, ele os enviou uma segunda vez; e agora voltavam com os pés tingidos de lama. Ele fez uma terceira tentativa com esses pássaros; mas eles não voltaram mais para ele; de onde ele julgou que a superfície da terra apareceu acima das águas. Ele, portanto, fez uma abertura no navio e, olhando para fora, descobriu que estava encalhado na encosta de alguma montanha; após o qual ele imediatamente desistiu com sua esposa, sua filha e o piloto. Xisuthrus então prestou sua adoração à terra; e tendo construído um altar, ofereceu sacrifícios aos deuses, e,

Eles, que permaneceram dentro, percebendo que seus companheiros não retornaram, deixaram o navio com muitas lamentações e clamaram continuamente pelo nome de Xisuthrus. Ele eles não viram mais; mas eles podiam distinguir sua voz no ar e ouvi-lo admoestá-los a prestar a devida atenção à religião; e também os informou que foi por causa de sua piedade que ele foi trasladado para viver com os deuses; que sua esposa e filha, e o piloto, obtiveram a mesma honra. A isso ele acrescentou que eles deveriam retornar à Babilônia; e, como foi ordenado, procure os escritos em Sippara, que eles deveriam dar a conhecer a toda a humanidade. [382](#)

O sirrush, contado no capítulo um, não só vem à mente lendo esses textos, mas com o advento das técnicas de engenharia genética, tem uma possibilidade muito real de ganhar vida.

E esse é o ponto, pois se certos textos antigos podem ser interpretados ao longo de linhas tecnológicas e dar dicas e pistas sobre a existência exatamente de tal tecnologia de engenharia genética na alta antiguidade, mesmo sendo usada na criação engenheirada da própria humanidade, como foi visto em um capítulo anterior, surge então a horrível possibilidade de que, ao ler sobre

esses relatos antigos de quimeras e monstros, podemos não estar lendo ficção científica antiga, mas uma realidade, vagamente lembrada e transmitida através dos tempos.

No entanto, há uma série de pontos a serem observados sobre esses fragmentos de Beroso que são muito importantes, pois eles jogam diretamente não apenas com o método interpretativo que se traz para os textos antigos, mas, se os levarmos a sério, levantam muitos problemas cronológicos que ser tratado não apenas aqui, mas muito mais extensivamente no próximo e último capítulo. Esses pontos podem ser resumidos da seguinte forma:

1. Como observado, Berossus refere-se a criaturas “de um princípio duplo”, ou seja, a híbridos quiméricos. À primeira vista, esses são filhos da imaginação mitológica ou, se admitimos a existência de uma sociedade tecnológica sofisticada na alta antiguidade, possivelmente foram produtos da engenharia genética;

2. Essas criaturas eram, na maioria dos casos, uma mistura de espécies, embora em um caso especial, fossem misturas músculo-andróginas de humanos masculinos e femininos, uma afirmação estranha para um texto antigo, já que os machos carregam ambos os cromossomos sexuais;

3. Eles estavam associados com “o mar”, um abismo primordial de águas que os gregos chamavam de “Thalassa”. Em termos mitológicos, esta não é outra senão a deusa Tiamat;

4. Tiamat, que criou essas “produções”, foi destruída por um deus chamado “Belus”, e de seus restos mortais foram formados o céu e a terra modernos. Assim, Berossus está se referindo à antiga guerra entre Tiamat e Marduk, contada no antigo “épico de guerra” da Mesopotâmia, o Enuma Elish;³⁸³

5. A humanidade é especificamente declarada como sendo uma criação quimérica do sangue de um “deus” (que havia removido sua cabeça para o propósito!) um fato que, se testado cientificamente, deveria aparecer nos marcadores genéticos da humanidade (não que algum dia nos digam!);

6. O personagem “Noé” da segunda passagem citada – Xisuthrus - leva não apenas sua própria família, mas seus amigos em sua arca junto com

todos os animais. Sua família é especificamente declarada como tendo sido “traduzida” para os deuses, deixando o restante da família humana descender dos amigos que ele levou com ele;

7. Antes de entrar na Arca, Xisuthrus é ordenado a escrever a história antediluviana da humanidade e depositá-la em Siparra, e ao final do episódio, seus companheiros e amigos voltam para lá para recuperar e divulgar essa história;

8. A segunda passagem citada faz referência específica ao deus “Cronus”, o nome dos antigos gregos para o planeta Saturno, e Cronus, quando perguntado por Xisuthrus sobre onde ele deve pilotar sua arca, é respondido “aos deuses”, o que, dada a referência planetária, significa fora da “terra” inteiramente. Este contexto extraterrestre e interplanetário é confirmado de forma vaga pela família de Xisuthrus sendo “traduzida para os deuses” após o dilúvio;

9. Diz-se que o Dilúvio ocorreu cerca de quatrocentos e trinta e dois mil anos atrás, muito antes do surgimento das sociedades que registram o evento e, como veremos pela evidência genética a ser apresentada no próximo capítulo, muito antes do surgimento do moderno Homo sapiens sapiens;

10. A guerra dos deuses (Tiamat e Marduk, ou Thalassa e Belus como são chamados em Berossus), ocorreu antes do dilúvio e, além disso, uma guerra subsequente foi associada a algum “momento Torre de Babel”: “Dizem que os primeiros habitantes da terra, gloriando-se em sua própria força e tamanho, e desprezando os deuses, empreenderam erguer uma torre cujo topo deveria alcançar o céu, e no lugar em que agora se encontra Babilônia; mas quando se aproximou do céu, os ventos ajudaram os deuses e derrubaram o trabalho sobre seus planejadores; e diz-se que suas ruínas ainda estão na Babilônia: e os deuses introduziram uma diversidade de línguas entre os homens, que até aquele momento todos falavam a mesma língua; e uma guerra surgiu entre Cronus e Titan.”³⁸⁴ Notavelmente, a linguagem deste fragmento de Berossus é estranhamente ambígua, pois os primeiros habitantes da terra são referidos não como “homens”, mas apenas “habitantes”, e depois ele se refere a eles como “homens”. Esses “primeiros habitantes” também são chamados de gloriosos em seu “tamanho”, uma afirmação que dá credibilidade à ideia

que eram de grande estatura. Finalmente, é feita referência à guerra entre Cronos (Saturno) e Titã, que naturalmente na versão grega desta guerra gerou uma raça de gigantes.

11. Deve-se notar que algumas das referências em Berossus (assim como no Enuma Elish) são astrológicas: por exemplo, “homens escorpiões” no Enuma Elish, “centauros” em Berossus.

Claro, tudo isso é algo de tirar o fôlego... se for lido “literalmente” e contendo vislumbres de um passado tecnológico apenas vagamente lembrado. Se lido dessa forma, apresenta inúmeras dificuldades cronológicas e científicas, como descobriremos no próximo e último capítulo.

O que é importante notar aqui é a agenda que esses textos antigos sugerem estar em vigor nos tempos modernos, pois com experimentos modernos em “animais” e a criação de outras criaturas quiméricas, parece ser uma possibilidade que alguém tenha uma agenda para (re-)criar as criaturas quiméricas de mitos antigos e sabedoria astrológica. Se assim for, então a única motivação possível para fazê-lo talvez também seja sugerida por esses mitos antigos: alguém está tentando criar as condições e a tecnologia perdida da antiga guerra contra os “gigantes e monstros”.

Mas há outra possibilidade de interpretação desses textos antigos, a mitológica, e suas próprias dificuldades problemáticas podem ser reveladas com uma simples pergunta: o que os próprios antigos pensaram quando encontraram os ossos fossilizados de grandes seres humanóides, ou de dinossauros? Para responder a esta pergunta, devemos viajar da Mesopotâmia para a Grécia, e de lá, através do oceano para a América do Norte, onde duas tradições improváveis – a grega e a indígena americana – dão respostas estranhamente paralelas, respostas que, em última análise, e se lidas com atenção, não suportam uma interpretação acadêmica e “mitológica” padrão. Como esta comparação cuidadosa revelará, há semelhanças surpreendentes de tradições de lugares do mundo desconectados uns dos outros.

A. GREGOS, GIGANTES, MONSTROS E GUERRA

Uma estudiosa que vem coletando exatamente esses relatos, lendas e tradições, e fazendo isso com muita habilidade e meticulosidade analítica, é Adrienne Mayor. Suas obras, *Fossil Legends of the First Americans* e *The First Fossil Hunters: Paleontology in Greek and Roman Times*, não são apenas os únicos estudos completos, são catálogos magistrais de referências e tradições obscuras, quase esquecidas pela ciência paleontológica. [385](#)

1. A Antomaquia, ou a Guerra Contra os Gigantes

O melhor lugar para entrar no assunto das respostas greco-romanas aos restos fósseis é no mito da gigantomaquia, a guerra entre os deuses gregos e os titãs, ou gigantes. As “guerras dos titãs” ou guerras contra os gigantes começaram quando o primeiro “deus supremo” do panteão, Cronos (Saturno) e sua consorte Rhea deram à luz Zeus e seus irmãos. Zeus, por sua vez, com a ajuda dos Titãs, derrubou Cronos como deus supremo e, assim, inaugurou a era dos deuses do Olimpo da mitologia grega clássica. Então começaram as “Guerras dos Titãs” ou guerras dos gigantes, já que alguns dos gigantes e monstros mais antigos travavam guerra “contra Zeus e os novos deuses mais humanos”.³⁸⁶ Esse ponto sobre monstros, gigantes e deuses “mais humanos” é importante, e voltaremos a ele neste e no próximo capítulo.

Nesta conjuntura, Zeus derrotou os gigantes jogando seus relâmpagos, destruindo as legiões dos gigantes e seu líder, Typhon.³⁸⁷ Curiosamente, os locais na Terra onde essas batalhas titânicas teriam ocorrido são frequentemente encontrados perto de campos de fósseis espalhados por todo o Mediterrâneo oriental, e particularmente na Grécia.³⁸⁸ Em outras palavras, os antigos explicavam seus encontros com fósseis interpretando-os do ponto de vista de seus mitos preexistentes.

Curiosamente, no entanto, a chave para os gigantes é sua natureza quimérica:

Na arte grega primitiva, os gigantes eram imaginados como monstros quadrúpedes, ou como guerreiros, ogros enormes ou homens fortes primitivos armados com troncos de árvores e pedregulhos; alguns artistas posteriores acrescentaram pernas de serpente para simbolizar sua natureza terrena. É importante ter em mente que os gigantes não eram necessariamente visualizados como humanos.³⁸⁹

Em outras palavras, a Gigantomaquia foi uma guerra literal, uma luta pela sobrevivência entre pelo menos duas espécies diferentes, uma uma raça mais antiga de “monstros e ogros” e a outra os novos deuses olímpicos “mais humanos”. Esta será uma pista importante para resolver os problemas apresentados pela genética moderna e textos antigos, como será visto no próximo capítulo. Por enquanto, notamos mais uma vez que a luta, lida ao pé da letra, é entre duas espécies, uma a menos e uma a mais, “humana”.

Mayor cita uma lista impressionante de fontes clássicas que atestam a percepção dos antigos desses gigantes como criaturas “deformadas”, de Flavius Josephus,³⁹⁰ Manílio,³⁹¹ aos pais da igreja Clemente de Roma,³⁹² e Agostinho de Hipona.³⁹³ No entanto, duas das fontes clássicas que Mayor cita merecem ser mencionadas com mais detalhes.

Diodorus Siculus observa em sua Biblioteca que os gigantes “começaram uma guerra contra os deuses... e foram completamente exterminados”. Aquele que fazia o extermínio era, de acordo com Diodoro, Hércules, também conhecido como Áries, Marte, Errakal ou, na tradição babilônica, Nergal.³⁹⁴ Notavelmente, a tradição dos “deuses” aniquilando os gigantes é vagamente refletida na tradição bíblica, onde Yahweh ordena o extermínio das populações de Canaã durante a conquista hebraica, uma população que, segundo o texto bíblico, é de estatura gigante.³⁹⁵

A outra fonte interessante é Heródoto, cujas credenciais como historiador acurado são, no mínimo, uma questão de debate acalorado nos círculos acadêmicos modernos. No caso de Heródoto, o exemplo que o prefeito cita é de um caixão com mais de três metros de comprimento, no qual foi encontrado um esqueleto de um “homem” do tamanho do caixão.³⁹⁶ Pode-se levar isso ao pé da letra, ou racionalizar que o “esqueleto” era de alguma criatura desconhecida cujos ossos foram arranjados para parecer um hominídeo, mas na verdade não era.

2. O Grifo

A última estratégia de racionalização é a seguida por Mayor em um fascinante exame da criatura lendária, o grifo. Observando que o grifo não desempenhou nenhum papel real na mitologia grega,³⁹⁷ no entanto, existem representações artísticas de tais criaturas na arte grega. Um dos aspectos mais interessantes dos relatos de grifos de acordo com o prefeito é tanto sua consistência,³⁹⁸ e o fato de serem consistentemente descritos como guardando “tesouros”.³⁹⁹ Buscando uma explicação científica para essa consistência e a origem dessas lendas, Mayor remonta aos campos de ouro do traçador do deserto de Gobi e ao fato de que os mesmos campos exibem fósseis do protocerátopo de dinossauro, que tem uma forte semelhança com o grifo.⁴⁰⁰

3. Paradi Interpretativo do Prefeito4m

O problema do grifo destaca o mesmo problema que encontramos no capítulo um – o sirrush – e as agendas acadêmicas para lidar com esses problemas. Para Mayor, a resposta está no próprio “paradigma mitológico”:

Se algumas características não humanas fossem detectadas no conjunto fóssil, elas poderiam ser explicadas pelo paradigma mitológico. Todos sabiam que gigantes e heróis dos mitos não eram apenas maiores e mais fortes que os humanos comuns, mas também podiam ter características anatômicas grotescas, como múltiplas cabeças ou partes de animais.⁴⁰¹

Exatamente como esse paradigma funciona na prática pode ser visto em outro estudo importante de Mayor sobre tais mitologias, *Fossil Legends of the First Americans*.

B. ÍNDIOS, GIGANTES, MONSTROS E GUERRA

1. O A4e e a Guerra dos Gigantes e Monstros

A tradição de monstros, gigantes e de uma “guerra com os gigantes” se reflete no lugar improvável das tradições e lendas dos índios nativos americanos. Tal como acontece com as tradições de gigantes e gigantomaquias no Mediterrâneo oriental, Mayor observa que é necessário, ao ver essas lendas e tradições indianas, “ter em mente que em muitas tradições nativas, 'gigantes' de eras antigas eram muitas vezes entendidos como seres primitivos que não eram nem animais nem humanos”.⁴⁰² Dito isto, essa tradição indígena nativa americana é muito rica e diversificada.

Como os primeiros cristãos coloniais na América do Norte que buscaram interpretar a evidência fóssil dentro do contexto das histórias bíblicas da criação, os Nephilim e o Dilúvio,⁴⁰³ Índios nativos americanos, ao encontrar esses ossos e outras evidências, “recorreram às tradições míticas sobre gigantes e monstros para explicá-los ...”⁴⁰⁴ A uniformidade dessa tradição de antigos gigantes e monstros em diferentes tribos até provocou um comentário do famoso puritano Cotton Mather.⁴⁰⁵ Quanto aos seus homólogos puritanos, os índios, como os gregos, interpretaram essa evidência fóssil dentro do contexto de suas tradições tribais já existentes sobre a pré-história humana. O método em ambos os casos é idêntico.

Existem apenas duas maneiras lógicas de ver tais tradições, sejam elas bíblicas, sumérias ou nativas americanas, e elas são que (1) ou os mitos foram criados por essas culturas para explicar tal evidência fóssil; ou (2) os mitos foram transmitidos a tais culturas e continham algum núcleo de verdade histórica real, ou, para colocar de forma um pouco mais provocativa, os mitos pré-existiam tanto a evidência que deveria ser encontrada e interpretada, quanto as culturas que enfrentá-lo e interpretá-lo. Este é um fenômeno que já encontramos com os gregos e, até certo ponto, é verdade para todas as culturas dos tempos antigos e suas tentativas de entender e interpretar tais evidências.

Escusado será dizer que a primeira alternativa é a preferida pela academia e pode ser designada “a visão padrão”. À medida que prosseguirmos com nossa pesquisa sobre as tradições nativas americanas, no entanto, veremos que há uma série de coisas que sugerem que a segunda alternativa, por toda a sua natureza radical, é a alternativa mais racional, e merece uma exploração detalhada.

Assim como para os gregos do outro lado do Atlântico, a natureza dos gigantes não era um assunto resolvido para os nativos americanos. Em algumas tradições, dizia-se que os gigantes eram feitos de pedra e viveram quase 1300 anos antes da chegada de Colombo, de acordo com o estudioso iroquês David Cusick;⁴⁰⁶ em outros, os gigantes eram criaturas “humanóides”,⁴⁰⁷ e havia debates dentro e diferenças entre as tradições sobre se os gigantes eram ou não hostis ou indiferentes aos humanos.⁴⁰⁸

Há uma consistência incrível das tradições nativas americanas em relação à “idade dos gigantes e monstros” e, em algumas tradições, a guerra que foi travada contra eles. Novamente, de acordo com o estudioso iroquês David Cusick, os “gigantes do norte, chamados Ronnongwetowanea, haviam assediado os primeiros iroqueses no passado, mas todos os gigantes morreram cerca de 2.500 invernos antes de Colombo descobrir a América”.⁴⁰⁹ A execução desses números (1492 - 2500 = 1008 aC) coloca o relato nativo americano da extinção dos gigantes e o fim da “era dos gigantes” aproximadamente no mesmo período de tempo que os relatos bíblicos da conquista hebraica de Canaã, em que os gigantes eram um alvo específico para a extinção.⁴¹⁰ Outras tribos iroquesas colocaram a morte do último gigante em oito a dez gerações anteriores a 1705,⁴¹¹ novamente, em um período de tempo aproximadamente consistente com outras tradições nativas americanas e amplamente consistente com lendas semelhantes do Oriente Médio.

Uma das características mais intrigantes, e como descobriremos, as mais importantes das tradições e lendas dos nativos americanos sobre os gigantes e monstros é o fato de que muitas dessas tradições ensinavam a ideia de que várias “eras passadas (foram) distinguidas por diferentes tipos de criaturas”, uma crença que era “um conceito de longa data em muitas tradições nativas americanas, e descobertas de fósseis de vertebrados incomuns certamente reforçariam a ideia”.⁴¹²

Entre os astecas no México, essa ideia encontrou mais expansão e, na expansão, um paralelo assustador com a Mesopotâmia e o Oriente Médio.

relatos sugestivos de uma humanidade projetada:

Na mitologia asteca, havia quatro eras anteriores do mundo, cada uma destruída por um cataclismo diferente: inundação, terremoto, furacão e fogo. A primeira era foi dominada pelos gigantes da terra, seguidos por três orelhas de humanos primitivos. Os astecas acreditavam que os habitantes dos mundos posteriores às vezes encontravam gigantes aterrorizantes que eram sobreviventes relíquias do grande dilúvio e terremotos que destruíram os mundos passados. Para recriar a vida no presente, quinta era, o deus Serpente Emplumada Quetzalcoatl recuperou os ossos espalhados e quebrados dos ancestrais humanos destruídos na quarta era. Ele moeu os ossos em pó em um almofariz de jade. Misturado com sangue doado pelos deuses, esses ossos produziram os humanos de hoje.⁴¹³

Há uma série de pontos muito importantes a serem observados aqui.

Em primeiro lugar, a tradição asteca é amplamente consistente com as tradições nativas americanas norte-americanas de diferentes idades, distinguidas por diferentes criaturas, o que sugere três possibilidades para a semelhança: (1) ambas as tradições derivam de uma fonte comum e anterior; ou (2) todas as culturas nativas americanas estavam em contato muito mais próximo entre si do que a escola isolacionista defendida pelo Smithsonian e pela “arqueologia e antropologia oficiais” teriam; ou (3) alguma combinação de

(1) e (2) era verdade. Deve-se notar que se a interpretação isolacionista fosse verdadeira, então a opção (1) seria uma maneira de explicá-la, mas isso apresentaria a “visão padrão” da academia com o problema de ter que explicar por que tantas tradições tribais díspares mantiveram o conceito com tal consistência em uma área ampla e período prolongado, e “independentemente” um do outro. Por outro lado, se as tradições díspares não surgiram de uma fonte comum, então como explicar a incrível semelhança da “imaginação mitológica” em uma área tão ampla – uma semelhança, além disso, que tem semelhanças surpreendentes com a moderna teoria evolutiva? Em outras palavras, a consistência do próprio conceito sugere fortemente uma base científica da qual surgiram as diversas mitologias,

Em segundo lugar, dentro da tradição asteca, é feita menção explícita a diferentes tipos de humanidade pré-existentes, uma concepção bem de acordo com a teoria evolucionária moderna sobre as origens do Homo sapiens sapiens moderno, com uma exceção muito importante, que é que a humanidade moderna na tradição asteca, como na mesopotâmica, é uma criatura projetada, e além disso quimérica, ou seja, composta por uma parte dos “deuses” e uma parte dos “humanos” pré-existentes e mais primitivos. Mesmo os detalhes da criação da humanidade são assustadoramente paralelos com as tábuas de Kharsag e a interpretação dos O'Briens examinada anteriormente, pois temos (1) uma moagem dos ossos em pó, paralelamente à criação de uma cultura pelos O'Briens, e (2) a “doação” do sangue – significando talvez as emissões de sêmen – dos “deuses” à criatura hibridizada. Mais uma vez, os detalhes do mito da criação asteca apontam sugestivamente para uma base tecnológica e para uma humanidade projetada, e não para uma humanidade evoluída.

Finalmente, em outro estranho paralelo com o Oriente Médio, os astecas acreditavam que alguns dos gigantes sobreviveram ao Dilúvio. Nisso, há também um alinhamento geral com as tradições de nações nativas americanas mais ao norte, que acreditavam que as guerras com os gigantes eram um evento pós-dilúvio.

A tradição se estendeu além dos iroqueses na América do Norte ou dos astecas no México. Por exemplo, quando Cortez e seus homens marcharam para o oeste no México em direção à capital asteca Tenochtitlan, eles encontraram a tribo dos tlaxcaltecas ou índios tlascalala, que contaram para Bernal Diaz del Castillo, um dos capitães de Cortez, que

Há muito tempo, seus antepassados encontraram o território habitado “por homens e mulheres de grande porte, pessoas com ossos enormes”. Os ancestrais lutaram e destruíram esses seres “maus e maus” – e “qualquer um dos gigantes que sobreviveram acabou morrendo”. Este último detalhe revela que os Tlaxcaltecas entenderam que, mesmo que um pequeno número de criaturas relíquias escapasse da destruição em massa, eles acabariam enfrentando a extinção.⁴¹⁴

Mais uma vez, a lenda obriga a observação de que o relato Tlaxcalteca é notavelmente paralelo ao relato bíblico da conquista de Canaã pelos hebreus, em que ambos os povos (1) encontram ocupantes humanóides gigantes

da terra, e (2) guerrear contra eles porque esses gigantes são “ímpios e maus”. Essa observação leva a três outras perguntas: Estamos olhando para uma “conquista” que ocorreu em mais de um lugar, mas pelos mesmos motivos? Se assim for, provavelmente estamos olhando para uma ação coordenada e uma agenda, ou seja, uma guerra genocida pela extinção de uma certa raça ou espécie de “gigantes”.

Ou, alternativamente, estamos olhando para memórias obscuras em ambos os casos de um evento subjacente que ocorreu nas névoas obscuras da “pré-história”, ou estamos olhando para alguma combinação de ambos? Se os dois últimos casos forem verdadeiros, isso, por sua vez, talvez tenha um impacto amplo e profundo em como a edição de textos bíblicos e outros textos do Oriente Médio é entendida como tendo ocorrido, e pode até sugerir possíveis razões pelas quais foi realizada.

Observe também que a tradição aqui é clara: os ocupantes que os Tlascalteca encontraram eram criaturas humanas de grande estatura. Não eram apenas ossos fossilizados que foram interpretados de acordo com um mito pré-existente. Isso se tornará um ponto importante em um momento.

Os astecas acrescentaram a essa “história gigante” quando, durante suas migrações para o baixo México, encontraram ca. 1200 DC a cidade abandonada de Teotihuacan, o famoso complexo de pirâmides gigantes fora da moderna Cidade do México. Vendo essas estruturas gigantescas, eles as interpretaram como tendo sido construídas pelos gigantes durante a era dos gigantes.⁴¹⁵ O príncipe asteca Fernando de Alba Ixtlilxochitl sustentava que esses gigantes eram “gigantes da terra”, de uma maneira que lembrava os distantes “gigantes de pedra” dos iroqueses, e que eles eram de alguma forma deformados.⁴¹⁶

Ainda mais ao sul da América Latina, os incas tinham tradições semelhantes de gigantes, monstros e guerras, e explicavam “esqueletos colossais como vestígios de gigantes perigosos da antiguidade”.⁴¹⁷ Cieza de Leon conduziu entrevistas com índios Manta locais no Equador, e eles tinham tradições que “foram recebidas de seus ancestrais desde tempos muito remotos”⁴¹⁸ que uma raça de gigantes havia chegado à costa de tal estatura que os homens comuns chegavam apenas aos joelhos.⁴¹⁹

Aqui, novamente, encontramos uma história com semelhanças estranhas e fora de lugar com outra história bíblica, de uma história totalmente diferente.

tradição a um oceano de distância. De Leon, em seu relato das tradições nativas, insistiu

que por causa de seus hábitos sexuais vis, os gigantes foram “detestados pelos nativos”, que fizeram guerra contra os invasores em vão. Por fim, Deus interveio e, enquanto os gigantes “estavam todos juntos engajados em suas malditas [palavras omitidas], um fogo terrível e terrível desceu do céu com grande estrondo. De um só golpe, todos foram mortos e o fogo os consumiu”.⁴²⁰

Enquanto se fica adivinhando quais podem ser os “vilhos hábitos sexuais”, a semelhança com a história bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra é bastante forte, e isso sugere uma reviravolta bastante singular para esta última, pois se ambas as tradições vêm de alguma fonte subjacente comum e representam fragmentos de uma história ou lenda unificada, então talvez a destruição de Sodoma e Gomorra tenha menos a ver com as explicações religiosas e morais convencionais e mais a ver com a presença de gigantes, ou inversamente, talvez a destruição dos gigantes das Américas tenha algo a ver com a moralidade de Sodoma e Gomorra.

2. A consistência das explicações dos nativos americanos

O que emerge de tudo isso é a incrível consistência das tradições nativas americanas em relação à idade de gigantes e monstros, pois com exceção dos Tlaxcaltecas observados anteriormente, “as tradições nativas americanas sobre gigantes e imensos animais terrestres indicavam que tais criaturas nunca haviam sido vistas vivas. na era atual, que as enormes feras desapareceram há muito tempo...”⁴²¹ Além disso, “a história dos nativos era consistente: (ossos fossilizados) eram os vestígios de uma raça gigante, agora extinta devido a catástrofes naturais ou batalhas com humanos de um passado distante”.⁴²² A esse respeito, os nativos americanos tinham uma tradição que interpretava as evidências que encontravam de uma maneira notavelmente semelhante aos gregos, que tinham suas próprias tradições de gigantes, monstros e guerras antigas contra ambos.

3. Explicação do prefeito

As credenciais acadêmicas de Mayor e o calibre de sua pesquisa são impecáveis. Não surpreendentemente, ela segue uma interpretação acadêmica padrão das tradições nativas americanas. Citando novamente o caso dos Tlaxcaltecas que contaram histórias de gigantes derrubando árvores “como se fossem hastes [sic] de lettices [sic]”, ela observa que tal comportamento é semelhante ao dos elefantes, e que tais detalhes “podem se originaram em memórias ancestrais de mamutes colombianos e podem ter sido posteriormente confirmadas por descobertas de fósseis”.⁴²³ Da mesma forma, todas essas histórias de restos de gigantes podem ser simplesmente explicáveis como ossos fossilizados mal interpretados de “monstros” ou dinossauros.⁴²⁴ Para Mayor, o resultado final parece ser que os mitos foram criados para explicar as evidências.

Mas o problema, como vimos - pelo menos no caso dos Tlaxcaltecas (se não outros) - era que a lenda afirmava explicitamente que seus ancestrais encontraram pela primeira vez gigantes humanóides como criaturas vivas, e os Tlaxcaltecas não eram menos racionais do que qualquer outra pessoa, e dificilmente confundiria seres humanóides com mamutes.

O outro problema é que, se os mitos foram criados para explicar as evidências, então por que culturas tão diversas quanto os gregos, iroqueses, astecas e assim por diante criaram mitos notavelmente semelhantes em seus detalhes?

4. As Tradições Antigas e a Explicação Alternativa

Assim, há certos fatores que sugerem que é necessária uma visão alternativa dessas tradições, mitos e lendas, na qual se suponha que contenham núcleos de verdade histórica e científica:

1. A crença entre algumas tribos e nações indígenas de que diferentes idades foram exibidas e habitadas por diferentes tipos de criaturas, incluindo diferentes tipos de humanidade;

2. A consistência com que os nativos americanos apontavam os fósseis como evidência da veracidade de suas tradições e mitos sobre a idade de gigantes e monstros (fato que, mais uma vez, indicaria que os mitos são anteriores às culturas que encontram as evidências);

3. A crença de diferentes idades sendo tipificadas por diferentes tipos de criaturas e humanos, juntamente com a consistência de sua compreensão de fósseis como vindos da antiguidade e uma guerra de gigantes e monstros, sugere não que os índios inventaram os mitos para explicar os ossos, mas ao invés disso, a origem desses mitos e tradições vem do tempo dos próprios dinossauros, pois se tais mitos continham algum núcleo de verdade, então em algum momento eles tiveram que ser baseados em observações contemporâneas.

Porque isto é assim? Por que se deve considerar a possibilidade de que esses mitos e tradições sejam da época dos próprios dinossauros?

Observe atentamente o ponto número um acima, pois tal ponto de vista é notavelmente semelhante às ideias da teoria evolutiva moderna e da antropologia moderna. De fato, há pouco ou nada para distinguir as visões dos índios americanos, quando reduzidas aos elementos mais básicos, das visões da ciência moderna. As lendas e mitos, em outras palavras, sugerem uma origem dentro de uma cultura muito mais sofisticada cientificamente do que aquelas tribos indígenas que as preservaram, e isso significa, por sua vez, que a origem dessas tradições é muito, muito antiga, ou, para colocar em os termos que usei

em outro lugar, “paleoantigo”. De fato, se eles se originam de tal cultura e mais ou menos contemporâneos aos eventos descritos, eles são anteriores à própria humanidade moderna.

Para colocá-lo da forma mais sucinta e nua possível, as tradições dos índios nativos americanos são mais antigas do que a própria humanidade moderna e, portanto, são anteriores às tribos que as preservaram. E esse ato deve ser considerado um ato de “preservação” e não de “criação” simplesmente porque a sofisticação científica que eles sugerem não poderia ter se originado nessas tribos e culturas.⁴²⁵

Essa observação, mais as observações de todos os capítulos anteriores, agora sugere que duas agendas impressionantes e mutuamente opostas podem estar em jogo “desde a alta antiguidade”:

1. Por um lado, há um corpo de conhecimento, mitos, tradições e lendas, abrangendo o globo da antiga Mesopotâmia ao Norte e Meso-América, que, em conjunto, sugerem que a humanidade moderna é o produto deliberadamente projetado de alguma “genética primos” que estavam aqui muito antes do homem moderno surgir. Além disso, as tradições mesopotâmica, helênica e indígena americana falam de uma guerra com “gigantes e monstros” ocorrendo em algum ponto da “alta antiguidade” antes do surgimento do homem moderno, e ainda com quem em algum momento posterior o homem moderno é contemporâneo. Em algumas tradições indígenas americanas, essa visão é codificada na crença de que houve diferentes idades da humanidade e que essas idades também foram tipificadas por diferentes tipos de criaturas que as povoaram. Por isso, uma agenda sugerida por essas observações é que alguém da alta antiguidade desejava que a humanidade moderna conhecesse suas verdadeiras origens e como elas se encaixam em um quadro maior envolvendo guerras, gigantes e “monstros”. Além disso, a presença em textos antigos de detalhes sugestivos de uma antiga alta tecnologia de engenharia genética também sugere que os próprios “monstros” – isto é, as quimeras do mito e os dinossauros da ciência – podem ser produtos deliberados da engenharia.

2. Por outro lado, há um corpo de saberes, mitos, tradições e lendas incorporados em alguns textos que sugerem que outros, em um período posterior, desejaram obscurecer e esconder essas origens de um segmento de

humanidade, e o fez através da técnica de “religificá-los” nos tempos antigos e, nos tempos modernos, descartando tais possibilidades fora do tribunal em nome da “ciência”. A serviço dessa possível agenda, textos e lendas antigos talvez tenham sido deliberadamente mal traduzidos para obscurecer as possíveis referências tecnológicas. Vistos de uma certa maneira e dessa perspectiva, tanto os textos judaico-cristãos clássicos quanto os dogmas evolucionistas modernos servem para obscurecer essas origens, se admitirmos a proposição de que há alguma verdade em tais mitos antigos que sugerem que a humanidade é um produto de engenharia, e que tinha “primos lá fora” que faziam a engenharia.

O leitor astuto terá agora notado um problema agudo: se as lendas sobre gigantes e monstros são verdadeiras, por um lado, e se elas devem ser tomadas como indicativas de algo peculiar acontecendo na era dos dinossauros, por outro (como uma implicação da visão acadêmica padrão teria isso), então quem está fazendo a “lembrança” aqui e criando os mitos para começar? Se algumas tradições indianas são sofisticadas o suficiente para sugerir diferentes idades povoadas por diferentes criaturas, incluindo diferentes “humanidades”, então essa é uma visão tão sofisticada e “científica” quanto as teorias modernas das origens e evolução da humanidade.

Mas claramente, por mais sofisticadas que fossem essas tradições e culturas nativas americanas, elas não eram sofisticadas o suficiente para ter uma visão tão científica.

Em suma, eles não criaram seus mitos, eles os herdaram.

Então, mais uma vez, quem está criando essas histórias e por quê?

A resposta a essa pergunta requer, mais uma vez, uma incursão nas atuais descobertas científicas e genéticas sobre as origens do homem, e uma cuidadosa combinação dessa ciência com as visões dos textos antigos que apresentei aqui e em outros lugares...

Oito

UMA MEMÓRIA DO HOMEM DO PASSADO:

CLÃS GENÉTICOS, ANOMALIAS ARQUEOLÓGICAS, ENIGMAS EVOLUTIVOS E SOLUÇÕES ESPECULATIVAS



“Assim, 'fatos' se tornam redes de argumentos e alegações observacionais.”

— Michael A. Cremona e Richard L. Thompson⁴²⁶

A EUROPA É POPULADA por aproximadamente seiscentos e cinquenta milhões de caucasianos, até o momento em que este texto foi escrito. Nenhuma notícia lá. A notícia é que todos eles, junto com seus descendentes americanos, canadenses e australianos através dos mares, são “primos”. A razão é que Bryan Sykes, geneticista da Universidade de Oxford,⁴²⁷ descobriu uma coisa incrível: todos os europeus vêm de apenas sete mães de clãs diferentes, ou As Sete Filhas de Eva, como ele as chama, que é o título de seu fascinante livro que examina suas pesquisas e conclusões. Essas sete mães de clãs diferentes, por sua vez, vêm de uma mãe comum, “Eva mitocondrial”, como os geneticistas a chamam, assim como todos os humanos agora vivos no planeta.

Se isso soa como uma boa notícia para o literalista bíblico, não é, mas chegaremos a isso mais tarde. A verdadeira notícia, aqui como em outros lugares, está nos genes e no que eles nos dizem sobre as origens humanas e a pré-história. Sykes, com muito mais eloquência e elegância do que a maioria dos cientistas, coloca desta forma:

...(Cada um) de nós carrega uma mensagem de nossos ancestrais em cada célula do nosso corpo. Está em nosso DNA, o material genético que é transmitido de geração em geração. Dentro do DNA está escrita não apenas nossas histórias como indivíduos, mas toda a história da raça humana. Com a ajuda dos recentes avanços na tecnologia genética, esta história está agora sendo revelada. Finalmente somos capazes de começar a decifrar as mensagens do passado. Nosso DNA não se desvanece como um pergaminho antigo; não enferruja no chão como a espada de um guerreiro morto há muito tempo. Não é erodido pelo vento ou pela chuva, nem reduzido à ruína pelo fogo e terremoto. É o viajante de uma terra antiga que vive dentro de todos nós.⁴²⁸

O livro de Sykes é o registro de seus esforços de pesquisa para traçar essa história de volta ao “passado profundo” da alta antiguidade, totalmente “além do alcance do registro escrito ou das inscrições em pedra”.⁴²⁹ Essa pesquisa revelou que os europeus caucasianos e seus descendentes eram rastreáveis a “apenas um punhado de mulheres que viviam dezenas de milhares de anos atrás”.⁴³⁰

**A. VÉSPERA MITOCONDRIAL E SUAS SETE FILHAS
EUROPEIAS**

1. As primeiras tentativas de distinguir grupos raciais por Blood-Typin4

Esse “punhado de mulheres” eram na verdade sete mulheres, sete “mães de clãs genéticos” a quem Sykes deu os nomes de Ursula, Xenia, Helena, Velda, Tara, Katrine e Jasmine.⁴³¹ Mas a busca pela ciência para encontrar e identificar essas sete mães genéticas de clãs da Europa não foi tarefa fácil.

Começou com as primeiras transfusões de sangue na Itália no século XVII.⁴³² Muitas pessoas morreram de reações a essas primeiras tentativas e a prática foi descontinuada por mais dois séculos até que foi retomada novamente no século XIX para tentar salvar a vida de mulheres com hemorragia durante o parto. Foi a prática das transfusões, em outras palavras, que levou à descoberta dos diferentes tipos sanguíneos da humanidade pelo biólogo Karl Landsteiner em 1900.⁴³³

A tipagem sanguínea rapidamente se tornou uma forma aceitável de determinar a paternidade e, em última análise, a tentativa de rastrear as origens genéticas e evolutivas de diferentes grupos da humanidade. De acordo com Sykes, a tentativa começou a sério durante a Primeira Guerra Mundial e “para um artigo científico entregue à Sociedade Médica de Salônica em 5 de junho de 1918”.⁴³⁴

Como a genética dos tipos sanguíneos herdados era bastante direta, a tentativa de classificar os grupos raciais por tipos sanguíneos logo estava em andamento. Com base nos dados de transfusão coletados durante a Primeira Guerra Mundial, logo se descobriu que os europeus eram compostos por cerca de 15% do tipo sanguíneo B e 40% do tipo sanguíneo A. O tipo sanguíneo B era proporcionalmente maior em soldados vindos da Rússia e da África, com a proporção chegando a cerca de 50% em soldados da Índia servindo com os britânicos. Isso levou alguns pesquisadores a concluir que havia dois “grupos raciais bioquímicos” básicos ou primitivos, A e B, baseados na tipagem sanguínea.⁴³⁵

Mas os problemas com esse método surgiram rapidamente. Por exemplo, um resultado mostrou frequências de tipo sanguíneo quase idênticas ocorrendo em soldados de

Rússia como soldados de Madagascar! Como Sykes brinca, isso foi “evidência genética para uma invasão russa de Madagascar até então não registrada, ou mesmo o inverso, uma esmagadora colonização malgaxe da Rússia?”⁴³⁶ Outros resultados mostraram frequências quase idênticas entre os ingleses e os gregos. Esses tipos de problemas tornaram-se tão agudos que o médico americano William Boyd acabou alertando os antropólogos para que desconsiderassem os tipos sanguíneos como qualquer indicador confiável da história genética da humanidade e de suas diferentes raças.⁴³⁷

2. Os bascos, sangue Rh positivo e Rh negativo e o “problema da Europa”

Nesta conjuntura, havia outra chave de macaco genética lançada: os bascos. Sempre fui fascinado pelos bascos, porque, sendo parte basca do lado materno da família, sua estranha relação com o resto da Europa é de alguma forma parte de minha própria ascendência e história pessoal. Os bascos habitam a área do agora extinto Reino de Navarra, na esquina do Golfo da Biscaia, na área onde tocam as fronteiras modernas da França e da Espanha.

O problema para a antropologia que eles colocam é duplo, pois, por um lado, os bascos são a “população genética mais influente” do continente europeu e, por outro, sua língua, euskara, “é única na Europa por não ter conexão com qualquer outra língua viva”.⁴³⁸ Mas eles também fornecem a Sykes e sua equipe de pesquisa “uma pista inestimável para a história genética de toda a Europa...”⁴³⁹

A pista vem através dos diferentes tipos de sangue Rh positivo e Rh negativo. A maioria das pessoas está ciente das complicações graves que podem ocorrer para um recém-nascido nascido de um par de pais Rh positivo e Rh negativo. A “síndrome do bebê azul” era uma ocorrência comum de nascimentos para os povos europeus até que essa distinção fosse descoberta, e mães Rh negativas casadas com maridos Rh positivos recebiam injeções de antígenos que neutralizavam a reação do sistema imunológico da mãe a ela e, portanto, protegiam seu filho de ataques acidentais. circulações de ambos os tipos de sangue em seu bebê.⁴⁴⁰

O problema era que, enquanto a maior parte do resto do mundo era predominantemente Rh positivo, só na Europa havia uma mistura quase igual de ambos os tipos Rh positivo e Rh negativo. E isso “não fazia nenhum sentido evolutivo”.⁴⁴¹

É nesta conjuntura que os bascos assumem um papel crucial na história, pois em 1947 o médico inglês Arthur Mourant decidiu estudar o

problema colocado pelos bascos mais de perto. Os resultados foram um tanto surpreendentes, como Sykes explica:

Já se sabia que os bascos tinham, de longe, a menor frequência do grupo sanguíneo B de todos os grupos populacionais da Europa. Eles poderiam ser o antigo reservatório de (Rh) negativo também? Em 1947, Mourant combinou um encontro com dois bascos que estavam em Londres tentando formar um governo provisório e estavam dispostos a apoiar qualquer tentativa de provar sua singularidade genética. Como a maioria dos bascos, eles eram partidários da Resistência Francesa e totalmente contrários ao regime fascista de Franco na Espanha. Ambos os homens forneceram amostras de sangue e ambos foram (Rh) negativos. Por meio desses contatos, Mourant digitou um painel de bascos franceses e espanhóis que acabou, como ele esperava, ter uma frequência muito alta de (Rh) negativos, de fato, a mais alta do mundo. Mourant concluiu disso que os bascos eram descendentes dos habitantes originais da Europa,

A partir desse momento, os bascos assumiram o status de população contra a qual todas as ideias sobre a pré-história genética europeia deveriam ser

— e em grande medida ainda são — julgados. O fato de serem os únicos entre todos os europeus ocidentais falando uma língua única na Europa e não pertencendo à família indo-européia que abrange todas as outras línguas da Europa ocidental apenas reforçou sua posição especial.⁴⁴²

Em outras palavras, de todos os grupos populacionais da Europa, a evidência parecia bastante forte de que os bascos eram de alguma forma “originais” do continente, ou melhor, o grupo que estava lá há mais tempo e chegou antes dos outros.

O próximo passo veio, é claro, com a descoberta da estrutura de dupla hélice do próprio DNA e com as tecnologias associadas ao sequenciamento genético. Ali estava finalmente uma técnica que permitiria aos cientistas olhar para a longa espiral e perscrutar as histórias de vários grupos humanos. Ao comparar grandes quantidades de DNA e quantificar estatisticamente certos agrupamentos ou sequências no DNA, os geneticistas poderiam

derivam uma ideia da “distância genética” entre os grupos. Quanto mais distantes dois grupos eram geneticamente, mais distantes no passado qualquer ancestral comum provavelmente seria.⁴⁴³

Fazer isso, no entanto, lançou mais uma chave de macaco nas obras, pois repetidas vezes, em diferentes grupos raciais, indivíduos apareciam em um grupo cujos parentes genéticos mais próximos estavam em um grupo totalmente diferente.⁴⁴⁴ A genética, em outras palavras, havia obscurecido as classificações antropológicas tradicionais baseadas na raça, mas também estava mostrando o surgimento de grupos distintos dentro de raças como os caucasianos. No entanto, o conceito de “distância genética” levou a uma conclusão muito interessante quando todos os grupos humanos foram considerados, pois significava que “toda a raça humana era muito mais jovem e mais intimamente relacionada do que muitas pessoas pensavam”.⁴⁴⁵ Na verdade, isso significava que o *Homo sapiens sapiens* moderno só existe há aproximadamente 150.000 anos!⁴⁴⁶

Aqui encontramos o problema mais significativo de todos eles, e Sykes se concentra nele com sua eloquência costumeira, pois qual era a relação genética entre o *Homo sapiens sapiens* moderno e as espécies precursoras anteriores reunidas a partir de registros fósseis por paleontólogos?

Seus nomes — *Homo habilis*, *Homo erectus*, *Homo heidelbergensis*, *Homo neanderthalensis* — refletem o vaivém das tentativas de classificá-los em diferentes espécies. No entanto, trata-se de espécies definidas com base em características anatômicas preservadas em esqueletos, principalmente os crânios, e não no sentido biológico de espécies diferentes, geneticamente isoladas, incapazes de se reproduzir com qualquer outra. É uma classificação operacional sem consequências evolutivas. Apenas pelas formas dos ossos simplesmente não há como saber se os humanos (eu uso o termo "humano" para incluir tudo no gênero *Homo*) de diferentes partes do mundo foram capazes de cruzar com sucesso. Se eles pudessem cruzar, então isso abre a possibilidade de seus genes trocarem e espalharem mutações ao redor....

É essa questão que está por trás de uma das controvérsias mais antigas e profundas da evolução humana. As diferentes espécies são definidas pelos paleontólogos — *Homo erectus*, *Homo*

neandertalensis nós mesmos, *Homo sapiens* – todos parte do mesmo pool genético ou não? Ou, em outras palavras, os humanos modernos são descendentes diretos dos fósseis encontrados em sua parte do mundo, ou muitos deles são os restos de espécies humanas geneticamente separadas agora extintas?⁴⁴⁷

Tenha em mente esse ponto sobre a classificação paleontológica de diferentes espécies dentro do gênero *Homo*, pois isso se tornará muito importante mais adiante neste capítulo.

Esses esquemas de classificação paleontológica surgiram, como Sykes indicou, por comparação cuidadosa de restos fossilizados, a maioria dos quais vem da África. Esse ponto importante levou paleontólogos e antropólogos a propor uma origem para o homem moderno “fora da África”, mas a presença de tais restos em outras partes do mundo levou a um longo debate. Por um lado, há aqueles que propõem que o *Homo sapiens sapiens* moderno migrou para fora da África há cerca de 100.000 anos. A escola oposta, por outro lado, propunha uma espécie de “regionalismo” em que as espécies evoluíram, mais ou menos simultânea e espontaneamente, em diferentes partes do mundo por razões semelhantes.⁴⁴⁸

Mas para Sykes, o registro fóssil, “por mais incompleto e irregular que seja, aponta consistentemente para a África como a origem final de todos os humanos”.⁴⁴⁹ E se as espécies que os paleontólogos classificaram com base nesse registro fóssil estivessem na árvore filogenética evolutiva do homem moderno – isto é, se o homem moderno evoluiu dessas outras espécies – então a genética poderia resolver os debates? Havia, por exemplo, alguma evidência de que o homem de Neanderthal e o homem de Cro-Magnon tivessem alguma semelhança genética e, portanto, possivelmente alguma origem comum mais profunda?⁴⁵⁰

De fato, poderia.

Quando o DNA mitocondrial de restos neandertais foi sequenciado e comparado com o de aproximadamente seis mil europeus modernos, levou-se à conclusão de que o homem moderno e o homem neandertal não poderiam estar relacionados mais tarde do que um quarto de milhão de anos atrás. De fato, o sequenciamento levou à conclusão de que não apenas os europeus modernos não eram sobreviventes do homem de Neanderthal, como o Neanderthal não era um ancestral.⁴⁵¹ Lá

era uma completa ausência de DNA mitocondrial neandertal nos europeus modernos.^{[452](#)}

Mas essa não foi a única história que o DNA mitocondrial contou...

3. DNA mitocondrial e o cromossomo Y: “Eva” mitocondrial e “Adão” cromossômico a. DNA mitocondrial e os clãs Ceven

...aquela história, a história da “Eva mitocondrial” e suas sete “filhas” europeias, todas mães de clãs para todos os europeus, contou uma história e tanto, mas para ver como, precisamos saber um pouco mais sobre genética.

Todos os genes são herdados de ambos os conjuntos de pais, com apenas duas exceções: (1) DNA mitocondrial e (2) o cromossomo Y masculino. Dentro das mitocôndrias de cada célula de cada animal, incluindo humanos, há uma pequena quantidade de “DNA mitocondrial”, que no caso dos humanos compreende apenas 16.000 pares de bases dos três bilhões de pares no DNA humano. Surpreendentemente, esse DNA mitocondrial também está enrolado em um círculo.⁴⁵³ O que é único sobre o DNA mitocondrial é que cada humano o recebe apenas de sua mãe. A razão é que quando o espermatozóide masculino fertiliza um óvulo, o DNA mitocondrial do espermatozóide é ejetado junto com sua cauda, e apenas o DNA nuclear do espermatozóide é pareado com o DNA da mãe; o DNA mitocondrial da mãe, no entanto, entra em cada mitocôndria do novo ser humano.⁴⁵⁴ Assim, enquanto homens e mulheres possuem o DNA mitocondrial de suas mães, apenas as mulheres o transmitem para seus filhos.

Podemos fazer uma pausa aqui e notar que entre os antigos egípcios e hebreus, a linhagem sempre foi traçada através da mãe, um legado, talvez, de uma cultura científica que os precedeu.

Mas esta é apenas metade da história. O DNA mitocondrial também sofre mutações muito mais rapidamente do que o DNA comum e, portanto, “o ‘relógio molecular’ pelo qual podemos calcular a passagem do tempo através do DNA está passando muito mais rápido” dentro do DNA mitocondrial versus DNA nuclear.⁴⁵⁵ Isso permite que os geneticistas calculem os tempos ou períodos aproximados em que surgiram divergências significativas dentro dos “clãs” do DNA mitocondrial.

Mas ainda tem mais...

Quando o DNA mitocondrial europeu foi sequenciado e métodos apropriados de matemática aplicada foram desenvolvidos para determinar o “agrupamento” relativo desses resultados,⁴⁵⁶ o resultado foi bastante surpreendente, e aqui, mais uma vez, os bascos entram na história, e novamente perturbam o carrinho de maçã do que havia sido assumido até então. Antes do desenvolvimento das técnicas de seqüenciamento e dos modelos matemáticos apropriados, supunha-se que uma explosão agrícola no Oriente Médio levara a uma migração gradual de pessoas daquela região para a Europa, substituindo gradualmente a escassa população de caçadores-coletores que se supunha existem na Europa. Mas Sykes e sua equipe descobriram que apenas um dos sete “grupos de DNA mitocondrial” que eles encontraram se encaixava nessa descrição.⁴⁵⁷

Sykes e sua equipe não foram inicialmente convencidos a abandonar a visão padrão, até que mais uma vez verificaram os resultados de sequenciamento dos bascos. Para que a visão padrão seja verdadeira, os bascos deveriam ter se mostrado um grupo único no resto da Europa. Mas exatamente o oposto foi o caso. Os bascos acabaram por conter representantes de seis dos sete aglomerados de DNA mitocondrial europeus.⁴⁵⁸ A maioria dos europeus, em outras palavras, veio de seis mães de clãs “indígenas” para a Europa, enquanto o sétimo grupo entrou em cena mais tarde.

b. O Cromossomo Y e os “Dez Pais”

Havia outra história que também estava sendo contada por sequenciamento genético, e essa história está trancada no cromossomo Y masculino. O cromossomo Y tem, como Sykes brinca, mas “um propósito na vida: criar homens”.⁴⁵⁹ Com efeito, é um gene atrofiado que impede que embriões humanos se tornem meninas.⁴⁶⁰ Ele literalmente programa outros genes no DNA humano para se desenvolverem em machos e não em fêmeas. Em outras palavras, é um “programa especial”.⁴⁶¹

Sua presença em homens significava que uma técnica semelhante para rastrear a ascendência paterna dos homens poderia ser desenvolvida para rastrear a ascendência de todos através do DNA mitocondrial, com uma exceção muito significativa: isso só poderia ser feito para homens porque - com uma pequena exceção - era encontrada apenas em homens.⁴⁶² O problema com o cromossomo Y, no entanto, provou ser sua extraordinária estabilidade; eles não estavam apenas "cheios de DNA 'lixo' que não tinha função óbvia",⁴⁶³ mas em todo o mundo a quantidade de mutações estava muito abaixo do esperado. Felizmente, no entanto, houve “repetições” em segmentos curtos do cromossomo Y que permitiram que a impressão genética adequada fosse feita. Quando isso foi feito em homens europeus e do Oriente Médio, levou à identificação de dez grupos, ou “pais de clã”.⁴⁶⁴

A conclusão é esta: todo humano europeu vem de uma das sete mães do clã, e todo homem europeu vem de um dos dez pais do clã.

Mas tem mais...

4. As Seven Mães da Europa e seus clãs

Os sete aglomerados de DNA mitocondrial identificados por Sykes e sua equipe permitiram determinar que todos os sete surgiram entre 45.000 e 10.000 anos atrás.⁴⁶⁵ Determinar sua provável origem e migrações, no entanto, foi mais difícil. Por exemplo, um clã predominante na Escócia agora, e que mostra origens de aproximadamente 20.000 anos atrás, não poderia ter se originado na Escócia pela simples razão de que estava coberto de gelo há 20.000 anos.⁴⁶⁶ Sykes e sua equipe, com base em suas descobertas de agrupamento e em um processo de raciocínio, modificaram essencialmente o modelo padrão.

a. Clã de Úrsula

“Úrsula” nasceu há 45.000 anos,⁴⁶⁷ e seu clã agora constitui aproximadamente 11% da população europeia. Embora espalhados por toda a Europa, existem concentrações no oeste da Grã-Bretanha e na Escandinávia.⁴⁶⁸

b. Clã de Xenia

“Xenia” nasceu aproximadamente 25.000 anos atrás,⁴⁶⁹ e seus descendentes maternos constituem cerca de seis por cento da população europeia, com três ramos dispersos da Europa Oriental até a França e a Grã-Bretanha.⁴⁷⁰

c. Clã de Helena

O clã de “Helena” representa quase 47 por cento da população europeia, chegando a todos os cantos do continente.⁴⁷¹ O clã tem aproximadamente 20.000 anos.⁴⁷²

d. Clã de Velda

“Velda” viveu aproximadamente 16.000 anos atrás, provavelmente no norte da Espanha,⁴⁷³ e apenas cerca de cinco por cento dos europeus são seus descendentes. Surpreendentemente, muitos deles vivem no extremo norte da Noruega e da Finlândia.⁴⁷⁴

e. Clã da Tara

Um dos clãs mais interessantes é o "Tara's", que provavelmente viveu nas colinas da Toscana, no noroeste da Itália, cerca de 17.000 anos atrás.⁴⁷⁵ Seu clã constitui cerca de nove por cento da população europeia, que está estranhamente concentrada ao longo do Mediterrâneo, nas bordas ocidentais da Europa e, de todos os lugares, na Irlanda.⁴⁷⁶

f. Clã de Katrine

Outro clã interessante é o "Katrine's", que segundo Sykes viveu nas proximidades da Veneza moderna há aproximadamente 15.000 anos. Embora apenas cinco por cento dos europeus modernos sejam seus descendentes, eles permanecem concentrados no Mediterrâneo, mas seus descendentes podem ser encontrados em toda a Europa.⁴⁷⁷

4. Clã de Jasmine

“Jasmine” foi a última e mais recente mãe do clã, vivendo após o fim da última Idade do Gelo em um assentamento permanente.⁴⁷⁸ Como os clãs “Tara” e “Katrine”, seu clã está concentrado em áreas específicas, tendo se movido pela península ibérica, terminando no oeste do País de Gales, Cornwall e oeste da Escócia, enquanto outro ramo afunila na Europa central. Seu clã constitui cerca de 17 por cento da população europeia.⁴⁷⁹

h. A ancestralidade mais profunda, as vantagens de um problema e as especulações futuras

As sete filhas europeias de Eva apontavam, no entanto, para uma ancestralidade muito mais profunda, e é aqui que começamos a encontrar os temas dos capítulos anteriores, incluindo o da engenharia genética antiga, e os problemas para as visões padrão que elas apresentam. O problema surge porque Sykes e sua equipe usaram os mesmos métodos de análise e os reaplicaram às próprias sete mães de clãs europeus, e chegaram à conclusão surpreendente, com base nas mutações do DNA mitocondrial:⁴⁸⁰ que eles, por sua vez, tinham um ancestral comum que provavelmente viveu no Oriente Médio e muito antes de os humanos se estabelecerem na Europa em números significativos.⁴⁸¹ Sykes comenta que é “através desta mulher, [que] toda a Europa se une ao resto do mundo”.⁴⁸²

Traçando sequências de DNA mitocondrial ainda mais atrás, os geneticistas conseguiram determinar que existem clãs SS presentes no mundo, um número ímpar, já que, é claro, corresponde aos 33 graus da Maçonaria de rito escocês. E destes, os clãs 1S são da África.⁴⁸³ Embora a estranha correspondência entre o número de clãs genéticos e o “número sagrado” da Maçonaria de 33 possa ser e provavelmente seja coincidência, a ocorrência de clãs africanos 1S é intrigante, e retornaremos a ela em breve.

Em última análise, é claro, os geneticistas traçaram todas as origens humanas para uma mãe comum, “Eva mitocondrial”, que viveu na África cerca de 150.000

anos atrás.⁴⁸⁴ Enquanto alguns podem saltar sobre este fato como mais uma “confirmação científica da Bíblia”, realmente não é, pois tudo o que essa evidência genética indica é que de todos os clãs finais possíveis, apenas “Eva” sobreviveu. Pode ter havido outras mães de clãs, mas seu estoque morreu por qualquer motivo.⁴⁸⁵ Os descendentes da Eva mitocondrial se espalharam da África até o Oriente Médio e daí colonizaram o resto do mundo.⁴⁸⁶

Uma comparação desses resultados com o exame dos O'Briens das indicações da engenharia genética nas tabuinhas de Kharsag é esclarecedora e destaca uma série de problemas, pois, por um lado, os resultados da genética moderna parecem contradizer diametralmente os O' Briens, mas, por outro lado, há pequenos indícios que a confirmam.

Existem fortes argumentos contra a análise dos O'Briens apresentada pela genética moderna, e estes podem ser resumidos essencialmente a dois pontos:

1. A idade da humanidade moderna indicada pela genética é de aproximadamente 150.000 anos, mas as tabuinhas de Kharsag foram escritas muito mais tarde, e a impressão dada pela análise dos O'Briens é que a engenharia genética sutilmente indicada nelas não ocorre naquele período de Tempo. Em suma, o momento está errado; e,

2. A localização da engenharia, como os O'Briens a entendiam, era no Oriente Médio, perto do Líbano moderno, enquanto a genética indica uma origem da África. Em suma, a localização indicada nas tabuletas está errada.

Isso é um mau presságio para uma correspondência entre a ciência moderna e os textos antigos.

Mas há indicações muito pequenas e menores de alguma correspondência entre essas descobertas genéticas e as Tábuas de Kharsag como os O'Briens as interpretaram e, curiosamente, elas estão nos números registrados em ambas:

1. Nas Tábuas de Kharsag, o número original de “mães de clãs” humanas era 14,⁴⁸⁷ considerando que a ciência genética indica que o número de clãs africanos primordiais é 15, um acordo próximo e talvez sugestivo de alguma correspondência profunda entre os dois pontos de dados na alta antiguidade;

2. O número de “mães de clãs” europeus – sete – é um componente numérico do número 14, novamente, um indicador muito leve de que talvez haja alguma base histórica e científica profundamente enraizada para as alegações que os O'Briens fazem sobre as Tábuas de Kharsag.

Embora tais “evidências” não nos permitam tirar conclusões de uma forma ou de outra sobre as possíveis correspondências entre a genética moderna e esses textos antigos, elas destacam a natureza dos problemas de sintetizar os dois que agora nos confrontam e sugerem algumas soluções especulativas. . Mas uma resolução sintética e especulativa desse problema exigirá um olhar mais atento ao contexto científico mais amplo a partir do qual visualizar o problema, ao qual nos voltamos agora.

B. CRONOLOGIA EVOLUCIONÁRIA DAS ORIGENS DO HOMEM E O PROBLEMA CRONOLÓGICO

1. Cronologia Evolutiva de Origem Humana e Proto-Humanos

Enquanto os cientistas estão frequentemente divididos sobre este ou aquele detalhe das origens evolutivas dos humanos, há um consenso geral sobre a relação cronológica de várias classificações operacionais de outras espécies dentro do gênero humano. Existem inúmeras apresentações deste modelo padrão, mas para nossos propósitos contaremos com o artigo “Human Evolution” na enciclopédia online Wikipedia para sua relativa acessibilidade. É melhor colocar isso em uma sequência numérica ordenada, observando que resumimos apenas os componentes principais, e não as espécies intermediárias contestadas postuladas por alguns paleontólogos e antropólogos:

1. Evidências da genética sugerem que, de 4 a 8 milhões de anos atrás, gorilas e chimpanzés se separaram da linha que levava aos humanos. Evidências de DNA demonstram que aproximadamente 98% do DNA humano é idêntico ao dos chimpanzés;⁴⁸⁸

2. O primeiro desvio dentro das origens do homem moderno de acordo com os modelos padrão ocorre com a divergência do gênero *Homo* dos Australopithecines há aproximadamente 2,5 a 2,4 milhões de anos atrás.;⁴⁸⁹

3. *Homo habilis* floresceu aproximadamente 2,4-1,4 milhões de anos atrás, evoluindo no sul e leste da África, divergindo dos Australopithecus;⁴⁹⁰

4. O próximo grande salto evolutivo ocorreu com o *Homo erectus*, que viveu de aproximadamente 1,8 milhão a meros 70.000 anos atrás, a última data indicando alguma existência contemporânea com o moderno *Homo sapiens sapiens*. Acredita-se também que o *Homo erectus* tenha desenvolvido maior capacidade cerebral em algumas populações e que tenha fabricado e feito uso de ferramentas simples de pedra, levando alguns a classificá-los como uma espécie separada;⁴⁹¹

5. Ainda há debate sobre onde o *Homo neanderthalensis*, que viveu há aproximadamente 400.000 anos (uma data significativa,

veremos), faz parte da árvore evolutiva do homem moderno ou não; isto é, é uma espécie separada ou é uma subespécie do *Homo sapiens*? Evidências de DNA sugerem que as duas espécies compartilharam um ancestral comum o mais tardar 660.000 anos atrás. O artigo da Wikipedia observa, no entanto, que “um desenvolvimento recente em 2010 indica que o Neanderthal de fato cruzou com o *Homo Sapiens* em cerca [sic] 75.000 aC para criar humanos modernos ...”⁴⁹² dando um conteúdo de DNA de humanos modernos que é de aproximadamente 1 a 4 por cento de neandertais, uma quantidade significativa, uma vez que humanos e chimpanzés diferem apenas em 1,5 por cento do DNA.⁴⁹³ O mais interessante, no entanto, é que esse 1-4 por cento de DNA que é comum ao homem moderno e ao homem de Neandertal está presente apenas em humanos não africanos;⁴⁹⁴

6. Em algum momento entre 400.000 e 200.000 anos atrás, diferenças na capacidade craniana do crânio se desenvolveram, acompanhadas de um desenvolvimento semelhante na sofisticação das ferramentas de pedra, permitindo aos paleontólogos especular que essas populações são os primeiros primórdios do gênero *Homo sapiens*;⁴⁹⁵

7. Finalmente, como vimos, o surgimento do *Homo sapiens sapiens* ocorreu há aproximadamente 150.000 anos, espalhando-se da África, passando pelo Oriente Médio, para o resto do mundo.

Observe o que temos agora nas etapas principais do modelo resumido acima, pois as duas primeiras etapas explicam as divergências de gêneros dentro da própria família dos primatas; em outras palavras, ainda não estamos lidando com o gênero *Homo* dos “humanids” (se nos é permitido cunhar esse termo), eles mesmos.

É com o passo 3 que estamos lidando diretamente com processos evolutivos dentro do próprio gênero humano, e observe cuidadosamente o que temos, pois existem essencialmente cinco componentes principais ou “passos” nesse processo. Se isso soa vagamente familiar, deveria, pois não apenas se enquadra em suas linhas gerais com as tradições dos índios nativos americanos de diferentes idades, tipificadas por diferentes humanidades que foram pesquisadas no capítulo anterior, mas, mais importante, será lembrado que, entre os astecas existiam exatamente quatro dessas eras anteriores, dando um total de cinco “humanidades” se contarmos a era atual e o moderno *Homo sapiens sapiens*.⁴⁹⁶ O caso de que os nativos americanos herdaram suas lendas de uma antiguidade muito

superior tornou-se um pouco mais forte, pois tais observações implicam por sua própria

natureza um tom mais sofisticado de civilização e observação científica capaz de fazer tais observações.

Agora é hora de lançar a chave final de macaco nas obras: a pesquisa dos estudiosos védicos Michael A. Cremona e Richard L. Thompson...

2. As anomalias arqueológicas de Cremo-Thompson e os problemas genéticos da antiguidade

Como observado, Cremo e Thompson são estudiosos da literatura védica da Índia antiga. Mas por que eles se envolveriam em um estudo das origens científicas do homem em conjunto com a literatura védica? A resposta de Cremo coloca “país simples”:

Alguns podem questionar por que montamos um livro como *A História Oculta da Raça Humana*, a menos que tivéssemos algum propósito subjacente. Na verdade, há algum propósito subjacente.

Richard Thompson e eu somos membros do Instituto Bhaktivedanta, um ramo da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna que estuda a relação entre a ciência moderna e a visão de mundo expressa na literatura védica da Índia. Da literatura védica, derivamos a ideia de que a raça humana é de grande antiguidade. Com o propósito de realizar pesquisas sistemáticas na literatura científica existente sobre a antiguidade humana, expressamos a ideia védica na forma de uma teoria de que vários seres humanos e simiescos coexistiram por longos períodos de tempo.

Que nossa perspectiva teórica seja derivada da literatura védica não deve desqualificá-la. A seleção da teoria pode vir de muitas fontes — uma inspiração particular, teorias anteriores, uma sugestão de um amigo, um filme e assim por diante. O que realmente importa não é a fonte de uma teoria, mas sua capacidade de explicar as observações.⁴⁹⁷

Compartilhamos as convicções de Cremo e Thompson sobre a antiguidade dos humanos — de qualquer espécie — mas adotamos aqui como nossa metodologia um contexto ainda mais amplo em textos antigos, no que eles indicam sobre as origens humanas, de onde vêm essas origens e, até certo ponto, as motivações registradas nesses textos para a criação engenheirada dos humanos.

Fazemos isso para propor uma resolução especulativa dos modelos da ciência moderna, por um lado, e dos textos, por outro.

O quão radical é a abordagem de Cremo e Thompson a essa questão pode ser prontamente apreciada por um breve levantamento de evidências arqueológicas anômalas que foram convenientemente “esquecidas” pela ciência moderna em sua pressa de evitar as implicações que essa evidência sugere. Essa evidência é apresentada no capítulo seis de seu livro *The Hidden History of the Human Race*, um capítulo intitulado, apropriadamente, “Evidence for Advanced Culture in Distant Ages”.⁴⁹⁸ Aqui nós pesquisamos uma pequena, mas significativa amostra dos dados que eles coletaram.

A datação por estratigrafia é um método comum de datar a idade aproximada de um objeto embutido em certas camadas geológicas da terra... Um desses objetos foi relatado em 1844 por Sir David Brewster, que afirmou que “um prego havia sido descoberto firmemente embutido em um bloco de arenito da pedreira Kingoodie (MyInfield) na Escócia”.⁴⁹⁹ Um prego embutido em arenito dificilmente seria inconveniente, exceto neste caso o arenito no qual ele estava embutido era do período Devoniano, tornando a data - se a descoberta fosse genuína - entre 360 e 408 milhões de anos, muito mais antiga do que quaisquer modelos evolutivos para as origens até mesmo do gênero de “humanids”, como mostrado acima!

Isso não era tudo.

Cremo e Thompson observam que em 22 de junho de 1844, uma história foi publicada no *London Times* de que um fio de ouro (!) havia sido encontrado embutido em uma pedra a uma profundidade de dois metros e meio. Mais uma vez, o contexto estratigráfico mostrou-se inconveniente, pois a pedra em que estava embutido era do início do Carbonífero, ou seja, “entre 320 e 360 milhões de anos”.⁵⁰⁰

Havia mais más notícias...

Em 5 de junho de 1852, um artigo inocente e inocentemente intitulado “A Relic of a Bygone Age” apareceu na *Scientific American*. Cremo e Thompson citam a parte relevante do artigo para nosso propósito:

“Alguns dias atrás, uma forte explosão foi feita na rocha em Meeting House Hill, em Dorchester, algumas varas ao sul da casa de reuniões do Rev. Sr. Hall. A explosão lançou uma imensa massa de rocha, algumas das

pedaços pesando várias toneladas e fragmentos espalhados em todas as direções. Entre eles foi apanhado um recipiente metálico em duas partes, rasgado pela explosão. Ao juntar as duas partes, formou-se um vaso em forma de sino, com 10 cm de altura, 15 cm na base, 5 cm no topo e cerca de um oitavo de polegada de diâmetro. grossura. O corpo deste vaso assemelha-se na cor ao zinco, ou um metal de composição, no qual existe uma porção considerável de prata. Na lateral há seis figuras ou uma flor, ou buquê, lindamente incrustados com prata pura. A perseguição, a escultura e a incrustação são primorosamente feitas pela arte de algum trabalhador astuto. Esta curiosa e desconhecida embarcação foi arrancada da sólida pedra de pudim, quinze pés abaixo da superfície. Está agora na posse do Sr. John Kettrell. Dr. JVC Smith, que viajou recentemente ao Oriente e examinou centenas de curiosos utensílios domésticos, e tem desenhos deles, nunca viu nada parecido com isso. Ele tomou um desenho e dimensões exatas dele, para ser submetido ao científico. Não há dúvida de que essa curiosidade foi expelida da rocha, como dito acima; mas o professor Agassiz, ou algum outro homem científico, por favor, nos diga como ele chegou lá? O assunto é digno de investigação, pois não há engano no caso. ou algum outro homem científico, por favor, diga-nos como chegou lá? O assunto é digno de investigação, pois não há engano no caso. ou algum outro homem científico, por favor, diga-nos como chegou lá? O assunto é digno de investigação, pois não há engano no caso.⁵⁰¹

Como observam Cremo e Thompson, a pedra de pudim da área em que a embarcação foi lançada da rocha, data do período pré-cambriano; ou seja, a datação estratigráfica do objeto faria com que ele tivesse mais de 600 milhões de anos! As palavras finais de Cremo e Thompson sobre esta descoberta dizem tudo:

Pelos relatos padrão, a vida estava apenas começando a se formar neste planeta durante o [período] Pré-Cambriano. Mas no navio de Dorchester temos evidências indicando a presença de metalúrgicos artísticos na América do Norte mais de 600 milhões de anos antes de Leif Ericson.⁵⁰²

E, claro, a arte metalúrgica implica inteligência e tecnologia para fabricá-la.

Fica decididamente pior. Uma bola de giz foi descoberta em 1862 em estratos de 45 a 55 milhões de anos perto de Laon, na França, e relatada em

abril de 1862

edição de O Geólogo.⁵⁰³

Uma moeda, com inscrições curiosas e indecifráveis, foi descoberta em Illinois em estratos que a datariam entre 200.000 e 400.000 anos atrás (há essa data de novo!).⁵⁰⁴ A descoberta foi relatada em 1871 por William E. Dubois da Smithsonian Institution. O que torna essa moeda em particular tão significativa é o que Dubois disse sobre ela, pois ao notar sua espessura uniforme, Dubois concluiu que ela deve ter “passado por um laminador; e se os antigos índios tinham tal artifício, deve ter sido pré-histórico”.⁵⁰⁵ Para Cremo e Thompson, a evidência novamente sugere “a existência de uma civilização de pelo menos 200.000 anos atrás na América do Norte”.⁵⁰⁶ E esse, precisamente, era o problema, pois “seres inteligentes o suficiente para fazer e usar moedas (*Homo sapiens sapiens*)” não existiam, segundo os geneticistas, até apenas 150.000 anos atrás!⁵⁰⁷

Há estatuetas de barro encontradas em Nampa, Idaho, em estratos de dois milhões de anos;⁵⁰⁸ uma corrente de ouro embutida em carvão carbonífero descoberto em Illinois em carvão datado de 260 a 320 milhões de anos;⁵⁰⁹ uma taça de ferro encontrada no carvão de Oklahoma com aproximadamente 312 milhões de anos;⁵¹⁰ um tubo retangular usinado metálico, ou seja, um objeto usinado, descoberto na França em camadas de giz de 65 milhões de anos;⁵¹¹ e assim por diante na lista poderia ir.

Uma das evidências mais interessantes e anômalas registradas no inventário de “artefatos inconvenientes” de Cremo e Thompson é uma pequena esfera metálica obviamente usinada com três sulcos paralelos ao redor de seu equador, encontrada em estratos do período pré-cambriano na África do Sul, disse ter quase três bilhões de anos, quase três quartos da idade da própria Terra!⁵¹²

Tudo isso coloca um problema bastante espinhoso na mistura, pois se, por um lado, o homem moderno e seus ancestrais têm, na melhor das hipóteses, apenas 2,4 milhões de anos, então quem estava aqui fazendo tudo isso? E note duas datas aqui: o tubo metálico descoberto na França em leitos de giz com 65 milhões de anos, e a moeda de Illinois que tem entre 200.000 e 400.000 anos, duas datas significativas como veremos em breve. Mas, por enquanto, a questão é se o *Homo sapiens sapiens* tem apenas 150.000 anos, e se é geralmente aceito que

ele só começou a usar moedas muito mais tarde, então, mais uma vez, quem estava aqui e o que eles estavam fazendo?

3. A Cronologia da Guerra Cósmica e os Textos Antigos

Se existem “artefatos inconvenientes” com dezenas, até centenas, de milhões de anos, ou em um caso, bilhões de anos, e se estes mostram evidências de usinagem e, portanto, de tecnologia, então uma resposta se apresenta imediatamente a partir dos textos antigos : havia “outros” aqui, nossos primos genéticos talvez, que eram claramente civilizados, possuidores de uma tecnologia, e talvez de vez em quando, intervindo diretamente no curso do desenvolvimento e evolução humana.

E se este for o caso, como as evidências de Cremona e Thompson sugerem claramente, então encontramos a origem provável e última e a razão pela qual os “mitos” nativos americanos de várias idades de criaturas e diferentes “humanidades” eram tão amplamente precisos, pois eles em última análise, resultou de uma cultura avançada na “alta antiguidade” que realmente observou os “monstros” e as guerras descritas em suas lendas.

Vamos olhar mais de perto o problema cronológico agora colocado por quatro conjuntos de dados totalmente diferentes:

1. o conjunto de dados da genética moderna indicando a provável origem do homem moderno, *Homo sapiens sapiens*, há aproximadamente 150.000 anos “fora da África”;
2. os dados apresentados por certos textos antigos quanto à data significativa de aproximadamente 200.000 anos atrás;
3. os dados apresentados por evidências geológicas e astronômicas que contei em *A Guerra Cósmica*; e finalmente,
4. os anômalos e “artefatos inconvenientes” apresentados por Cremona e Thompson.

Existe uma maneira de harmonizar e sintetizar esses modelos tão diferentes da história humana? E em caso afirmativo, que agenda ou agendas isso poderia

a harmonização sugerida funcionou em diferentes pontos da história e em diferentes regiões e culturas?

Em meu livro anterior *The Cosmic War*, afirmei o seguinte sobre o problema cronológico e a lista acima de conjuntos de dados díspares:

Para unir todas as peças díspares que acredito possam formar componentes desse gigantesco cenário de guerra e catástrofe cósmica, de gigantes e quimeras, de “deuses” e homens e Nephilim, é essencial pintar em traços muito amplos. Embora eu entre em discussões de amplas considerações cronológicas e outras considerações científicas e arqueológicas, não entro em longos exames de disciplinas relacionadas e afetadas pela hipótese da Guerra Cósmica, como biologia evolutiva, antropologia ou mesmo teologia, filosofia, religião comparada, e história esotérica ou oculta. Que tais campos sejam afetados por esta hipótese deveria ser óbvio. Mas discutir cada uma dessas implicações em detalhes não apenas exigiria vários tomos longos por si só, mas também desviaria a atenção dos principais temas do cenário...

Da mesma forma, não tento reconstruir toda uma cronologia detalhada de uma “pré-história” alternativa de contato extraterrestre, intervenção, guerras e assim por diante... por uma razão muito simples. A hipótese da Guerra Cósmica não foi até agora adequadamente avançada ou explorada por si só, então parece melhor determinar seus contornos e progressão muito amplos e apresentá-los aqui como uma espécie de caso *prima facie*, e então elaborar o cronologia detalhada em algum momento posterior.⁵¹³

Este é agora aquele “último ponto”, e como o foco naquele livro eram os textos e a física, então o foco neste é os textos e a biologia e a história.

Com essas observações em mãos, e com base nas constatações dos capítulos anteriores deste livro, podemos traçar uma cronologia mais detalhada, comentando, à medida que avançamos nas possíveis agendas de trabalho.

C. RESOLUÇÕES E AGENDAS CRONOLÓGICAS: ALGUMAS ESPECULAÇÕES

1) Centenas de milhões, e talvez até bilhões, de anos antes do advento do gênero Homo, havia seres inteligentes aqui na Terra (e em outras partes do sistema solar), que mostram sinais evidentes de tecnologia e cultura. Isso é evidente por dois conjuntos de dados distintos relatados aqui e em outros lugares:

a. Pela evidência arqueológica anômala e inconveniente reunida por Cremona e Thompson:

- i) bolas metálicas usinadas encontradas na África do Sul em estratos de quase três bilhões de anos;
- ii) um vaso ou copo usinado encontrado em Massachusetts em estratos de 600 milhões de anos;
- iii) Um prego embutido em arenito escocês entre 360 e 408 milhões de anos;
- iv) um fio de ouro embutido na rocha entre 320 e 360 milhões de anos;
- v) uma corrente de ouro em carvão de 260 a 320 milhões de anos;
- vi) um vaso de anironoucupinOklahoma
carvãoaproximadamente
312 milhões de anos;
- vii) um tubo metálico retangular usinado encontrado em giz na França com 65 milhões de anos;

Esta data, 65 milhões de anos atrás, requer alguns comentários. Em *The Cosmic War I* delinee o caso de que um planeta existiu uma vez na órbita do cinturão de asteróides e que, de acordo com cálculos matemáticos, isso

planeta explodiu em um ato de guerra deliberado, cerca de 65 milhões de anos atrás, ou 3,2 milhões de anos atrás. Ao optar por esse livro para a data de 3,2 milhões de anos para o evento,⁵¹⁴ a presença desse artefato, e os que o precedem cronologicamente, dão alguma evidência prima facie da existência de uma civilização na alta antiguidade pelo menos capaz de usar coisas e, assim, os argumentos apresentados em A Guerra Cósmica são amplamente corroborados. A data de 65 milhões de anos é significativa por outra razão, e é que agora é um modelo aceito pela ciência que alguma catástrofe ocorreu naquela conjuntura da história planetária da Terra que eliminou os dinossauros e inaugurou a era dos mamíferos.⁵¹⁵ Deve-se notar, portanto, que a presença de objetos usados e a evidente cultura “humanóide” na Terra anterior à catástrofe de 65 milhões de anos atrás, e que eliminou os dinossauros, pode ser a base última para as lendas posteriores de guerras contra os gigantes e monstros. Em outras palavras, os mitos posteriores foram herdados e baseados inicialmente na observação por alguém de um evento contemporâneo a eles. Dado que discutimos a sofisticação dessa cultura anteriormente neste livro e argumentamos que havia uma base em textos antigos para supor que ela possuía tecnologia de engenharia genética, e dado o fato de que os textos antigos examinados neste livro indicaram a presença de quimeras e “monstros” – que monstros em outros textos antigos foram formados com o propósito expresso de armas de guerra⁵¹⁶ – surge a possibilidade, por mais radical que possa parecer, de que os próprios dinossauros possam ter sido criaturas projetadas, uma vez que a evidência de artefatos de Cremona e Thompson indica que seres inteligentes estavam aqui de um período anterior ao surgimento dos dinossauros.

viii). estatuetas de barro encontradas em Nampa, Idaho, com dois milhões de anos; e por último, mas não menos importante,

ix) uma moeda produzida através de um laminador, descoberto em Illinois, entre 200.000 e 400.000 anos.

Esta data também exige alguns comentários. No segundo capítulo deste livro, argumentou-se que a presença de sistemas de medida geodésicos e astronômicos avançados nas culturas neolíticas indicava a presença de uma elite com uma agenda para tornar o comércio um assunto verdadeiramente global. A existência de uma moeda anterior a esses esforços atesta a existência de uma civilização que havia conduzido tal comércio e que, por qualquer motivo, teve que restabelecer mais tarde o básico necessário para que ele fosse retomado: um sistema de medidas precisas que seria reproduzível em todo o mundo. Largo. A moeda, em outras palavras, é um testemunho menor, mas corroborativo, da existência de tal elite com uma agenda.

Mais significativa, no entanto, é a data da moeda, pois ela se correlaciona aproximadamente com, de todas as coisas, as datas dadas para o reinado dos reis “divinos” da Mesopotâmia dadas na Lista dos Reis Sumérios. Esta lista afirma explicitamente que antes do Dilúvio, esses reis reinaram por 241.200 anos.⁵¹⁷ Dado que o Dilúvio é geralmente assumido por alguns pesquisadores alternativos como tendo ocorrido aproximadamente 10.000 aC, podemos adicionar 12.000 anos a esse número para obter uma data aproximada de 253.200 anos para a chegada desses reis “divinos”. A moeda, em outras palavras, é uma confirmação vaga de que as datas da Lista dos Reis, longe de ser a fantasia suméria que a maioria dos estudiosos supõe que seja, podem realmente ter alguma base de fato. Além disso, sua presença em Illinois pode ser um indicador de que, longe de serem meras cidades-estados, as cidades mencionadas na Lista dos Reis podem ter sido sedes ou capitais de impérios muito

grandes espalhados por uma ampla superfície do globo.

b. Pelas evidências reunidas por Richard C. Hoagland que indicam uma civilização sofisticada o suficiente para ser interplanetária uma vez que habitou nosso próprio sistema solar local:

i) No topo desta lista deve estar a lua de Saturno, Jápeto, que, além de mostrar sinais claros de ser um corpo artificial, também está em uma órbita ao redor de Saturno que incorpora sistemas de medida sumérios;⁵¹⁸

Isso também requer alguns comentários adicionais, pois a presença de tais medidas na órbita de Jápeto em torno de Saturno significa que o sistema de medidas sumério é incomparavelmente mais antigo que a Suméria. Significa também que as bases geodésicas e astronômicas das medidas eram conhecidas muito antes da era neolítica e, portanto, sugerem que no rescaldo da Guerra Cósmica, sempre que a datar, restaram sobreviventes suficientes para perpetuar esse conhecimento e, eventualmente, reconstruir tais sistemas de a medida.

ii) Há evidências da artificialidade de pelo menos um asteroide no cinturão de asteroides,⁵¹⁹ e pela artificialidade da lua marciana Fobos;⁵²⁰

iii) Há evidências da artificialidade de estruturas e características nas superfícies de Marte⁵²¹ e a própria Lua da Terra;⁵²²

Novamente, esses fatos também requerem comentários adicionais. Dado que o método padrão de datar a idade de tais objetos é por contagem de crateras, objetos artificiais como Jápeto e Fobos, e as estruturas artificiais nas superfícies de Marte e Selene exibem uma antiguidade aproximadamente alinhada com o anômalo e inconveniente – e talvez sobrenatural — artefatos desenterrados por Cremona e Thompson. O

*Arqueologia extraterrestre é amplamente
dentroacordo com
o terrestre.*

Nesta conjuntura, agora adicionamos à tabela cronológica o “modelo padrão” anterior das origens evolutivas do homem; repetimos literalmente, em alguns casos, o que foi dito anteriormente, com comentários adicionais:

2) Gorilas e chimpanzés se separaram da linha que levava aos humanos há quatro a oito milhões de anos;

3) Os Australopithecus divergem do gênero Homo aproximadamente 2,3-2,4 milhões de anos atrás, ou seja - se a data de 3,2 milhões de anos for aceita para a explosão do planeta desaparecido do sistema solar - após a ocorrência da Guerra Cósmica;

4) *Homo habilis* floresceu aproximadamente 2,4-1,4 milhões de anos atrás, evoluindo no sul e leste da África, divergindo dos Australopithecus;⁵²³

5) O próximo grande salto evolutivo ocorreu com o Homo erectus, que viveu de aproximadamente 1,8 milhão a meros 70.000 anos atrás, a última data indicando alguma existência contemporânea com o moderno Homo sapiens sapiens. Acredita-se que o Homo erectus também tenha desenvolvido uma capacidade cerebral maior em algumas populações, e que fabricasse e fizesse uso de ferramentas simples de pedra, levando alguns a classificá-los como uma espécie separada;⁵²⁴

Novamente fazemos uma pausa para comentários.

Dado que é possível interpretar alguns dos textos examinados neste livro como indicativos de uma tecnologia de engenharia genética na alta antiguidade, e dado que o propósito expresso da engenharia da humanidade pelos “deuses” era o propósito expresso de aliviar o ônus do trabalho sobre este último, especulamos que, na esteira da Guerra Cósmica, era necessário fazê-lo para garantir a sobrevivência daquela civilização pré-existente. Será lembrado da pesquisa do capítulo cinco sobre o exame dos O'Briens das Tábuas de Kharsag que essa engenharia ocorreu tomando um "humanid" pré-existente e injetando

com um elemento “divino”. A possibilidade existe, em outras palavras, quando todas as evidências anteriores do ponto número um acima são consideradas, de que as várias “humanidades” do modelo padrão possam ser elas mesmas produtos da engenharia, ou pelo menos de uma “assistência” tecnológica aos processos evolutivos.

6) Ainda há debate sobre onde o *Homo neanderthalensis*, que viveu há aproximadamente 400.000 anos (uma data significativa como veremos), faz parte da árvore evolutiva do homem moderno ou não; isto é, é uma espécie separada ou é uma subespécie do *Homo sapiens*? Evidências de DNA sugerem que as duas espécies compartilharam um ancestral comum o mais tardar 660.000 anos atrás. O artigo da Wikipedia observa, no entanto, que “um desenvolvimento recente em 2010 indica que o Neanderthal de fato cruzou com o *Homo Sapiens* em cerca [sic] 75.000 aC para criar humanos modernos ...”⁵²⁵ dando um conteúdo de DNA de humanos modernos que é de aproximadamente um a quatro por cento de Neandertal, uma quantidade significativa, uma vez que humanos e chimpanzés diferem apenas em 1,5 por cento do DNA.⁵²⁶ O mais interessante, no entanto, é que esse um a quatro por cento do DNA que é comum ao homem moderno e ao homem de Neandertal está presente apenas em humanos não africanos;⁵²⁷

7) Em algum momento entre 400.000 e 200.000 anos atrás, diferenças na capacidade craniana do crânio se desenvolveram, acompanhadas de um desenvolvimento semelhante na sofisticação das ferramentas de pedra, permitindo aos paleontólogos especular que essas populações são os primeiros primórdios do gênero *Homo sapiens*;⁵²⁸

8) Finalmente, como vimos, o surgimento do *Homo sapiens sapiens* ocorreu há aproximadamente 150.000 anos, espalhando-se da África, passando pelo Oriente Médio, para o resto do mundo.

Os pontos 6-8 acima sugerem que outros projetos genéticos podem ter ocorrido. Já apontamos a corroboração estranha, embora menor, de descobertas genéticas modernas com seus 13 clãs africanos primordiais, e as 14 mães doadoras humanas das Tábuas de Kharsag, e sete mães de clãs europeus, para o projeto de engenharia genética.

Curiosamente, como foi visto no capítulo anterior, as tradições nativas americanas contêm a ideia de diferentes idades povoadas por diferentes “humanidades”, e em particular, como também foi visto, a tradição asteca registrou cinco humanidades diferentes, incluindo a atual, cada um dos quais foi projetado pelos “deuses”. Um oceano e um hemisfério de distância, os textos mesopotâmicos dizem essencialmente a mesma coisa.

Há mais um indicador de que podemos estar olhando para algo dessa natureza, e essa é a tradição suméria de que a “realeza” foi “baixada de cima” ou do céu, que veio dos “deuses”. Quando comparado com as Tábuas de Kharsag, será lembrado que a parte “divina” do moderno veio dos “deuses” ou, para ser mais preciso, de um doador masculino específico, enquanto o componente “humano” veio de 14 mães doadoras.

Essa estranha combinação pode, de fato, refletir uma fraca memória mitológica de dois fatos científicos que encontramos no capítulo anterior, a saber, que só se pode rastrear a ancestralidade humana através da mãe e do DNA mitocondrial, ao passo que, se houvesse qualquer presença rastreável de DNA não relacionado para a humanidade e vindo de algumas outras espécies do gênero Homo, então o local mais provável para rastreá-lo ou descobri-lo seria através do cromossomo Y masculino que é encontrado apenas em machos humanos.⁵²⁹ De fato, é dentro do cromossomo Y masculino que existe uma grande quantidade do chamado DNA “lixo” ou não codificante.

Lembramos também o fato da semelhança mais do que coincidência do sistema de adivinhação chinês I Ching com a natureza do próprio DNA humano, fato que sugere fortemente que alguém nos tempos antigos sabia muito não apenas sobre o DNA humano, mas sobre sua possível conexão com uma física mais profunda. Isso sugere que, embora alguns textos e mitos possam ter sido distorcidos, preservando apenas tênues traços de um platô perdido do desenvolvimento científico, existiam outras tradições que preservaram partes inteiras dessa ciência intactas - embora codificadas - e isso, por sua vez, sugere a presença de uma elite fazendo a preservação.

Todas essas coisas juntas sugerem uma outra coisa significativa: uma elite que pode de fato ser apenas parcialmente humana e descendente mais diretamente daquela suposta engenharia genética da humanidade, ou talvez até dos próprios “deuses” originais, uma elite que talvez sobreviveu até nossos dias, andando entre nós, sem ser detectado, “como alienígenas”.

E isso traz o ponto final em nossa tabela cronológica e uma agenda final:

9) Em um momento muito posterior, surgem alguns mitos e textos cuja função parece ser justamente obscurecer o cenário acima e as elites por trás das atividades que o compõem. Há, por assim dizer, uma contra-revolução em curso por uma elite que se opõe a todas essas agendas e busca usurpar o poder para si mesma. Sua técnica padrão de obscurantismo parece ser a “religificação” dessas ideias e uma exigência de obediência inquestionável a este ou aquele dogma deste ou daquele “deus” e uma vontade de matar sob a justificativa de “obediência” a ele.

Conforme indicado no Prefácio, estou perfeitamente ciente da natureza radical que essa implicação dos dados pesquisados aqui tem para a apologética religiosa convencional e para a história e possível edição de textos religiosos para se adequar a uma agenda. No mínimo, porém, é um problema crescente, e estudiosos sérios de textos e teólogos informados, filósofos, antropólogos e cientistas de todas as disciplinas inevitavelmente terão que lidar com isso - e com mais sucesso do que a maneira como os últimos dois milênios tratou disso.

O tempo de debates contemporâneos ociosos e infrutíferos entre as oposições dialéticas do deus do “design inteligente” versus o deus ateu do “acaso evolutivo” acabou, pois se a visão sintética for verdadeira, então a verdade está em algum lugar entre essas polaridades. Os dados do espaço, os dados dos textos, os dilemas morais e éticos que eles colocam, e os dados da humanidade e da própria Terra, combinam-se nessa visão sintética em um cenário de proporções vastas e cósmicas, e o destino da própria humanidade está em jogo .

Já é hora de continuarmos com isso, e para o trabalho que esta pesquisa apenas arranhou a superfície, pois se quaisquer verdades emergem desta pesquisa são estas: (1) há mais verdade do que mito nas lendas e textos antigos , se examinado de uma certa maneira, e (2) é hora de a humanidade crescer, pois afinal, somos todos, no sentido biológico muito real, primos, e talvez, apenas talvez, tenhamos outros “primos” fora lá em algum lugar ainda.

A má notícia é que eles podem estar voltando...



BIBLIOGRAFIA

Barton, George Aaron. Incrições babilônicas diversas. New Haven: Yale University Press, 1918. (Reimpressão da Kessinger Publishing, ISBN 1120646510).

Bramley, William. Os Deuses do Éden. Nova York: Avon, 1990. ISBN 0-380-71807-3.

Brodeur, Paulo. O Zapping da América: Microondas, seu risco mortal e o encobrimento. Nova York: WW Norton and Company, Inc., 1977. ISBN 0-393-06427-1.

Canhão, Martinho. Os Controladores: Uma Nova Hipótese de Abdução Alienígena.

www.constitution.org/abus/controll.htm

Childress, David Hatcher. “Encobrimientos Arqueológicos”. Nexo, 2005. www.unexplainable.net/artman/publish/article_1727.shtml

Childress, David Hatcher. “A cidade egípcia do Grand Canyon.” Revista Explorador do Mundo. Imprensa ilimitada de aventuras. 21-40.

Coppes, Filipe. “Canyonitis: Vendo Evidências do Egito Antigo no Grand Canyon.” www.philipcoppes.com/egyptiancanyon.html

Cremo, Michael A. e Richard L. Thompson. Arqueologia Proibida: A História Oculta da Raça Humana. Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing, Inc., 1996. ISBN 0-89213-294-9.

Cremo, Michael A. e Richard L. Thompson. A História Oculta da Raça Humana (A Edição Condensada de Arqueologia Proibida). Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing, Inc., 1999. ISBN 0-89213-325-2.

Delgado, Jose MR, MD Controle Físico da Mente: Rumo a uma Sociedade Psicocivilizada. Nova York: Harper Colophon Books, 1971. ISBN 06-090208-6.

Farrell, Banksters de Joseph P. Babylon: A Alquimia da Física Profunda, Altas Finanças e Religião Antiga. Port Townsend, Washington: Feral House, 2010. ISBN 978-1-932595-79-6.

Farrell, Joseph P. A Guerra Cósmica: Guerra Interplanetária, Física Moderna e Textos Antigos. Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2007. ISBN 978-1-931882-75-0.

Farrell, Joseph P. A Pedra Filosofal: Alquimia e a Pesquisa Secreta de Matéria Exótica. Post Townsend, Washington: Feral House, 2009. ISBN 978-1-032595-40-6.

Forte, Carlos. O Livro dos Condenados de The Collected Works of Charles Fort. Nova York: Tarcher-Penguin, 2008. ISBN 978-58542-641-6.

Hayes, Michael. O Código Hermético no DNA: Os Princípios Sagrados na Ordenação do Universo. Rochester, Vermont: Inner Traditions, 2008. ISBN 978-159477218-4.

Hoagland, Richard C., and Mike Bara. Dark Mission: A História Secreta da NASA. Port Townsend, Washington: Feral House, 2007. ISBN 978-932595-26-0.

Knight, Christopher e Alan Butler. Antes das Pirâmides: Desvendando o Maior Mistério da Arqueologia. Londres: Watkins Publishing, 2009. ISBN 978-1-906787-38-7.

Knight, Christopher e Alan Butler. Civilização Um: O Mundo Não É Como Você Pensava. Londres: Watkins Publishing, 2004. ISBN 1-84293-095-8.

Prefeito, Adriano. Lendas fósseis dos primeiros americanos. Princeton: Princeton University Press, 2005. ISBN 978-0-691-13049-1.

Prefeito, Adriano. Fogo grego, flechas envenenadas e bombas de escorpião: guerra biológica e química no mundo antigo. Nova York: Overlook Duckworth, 2009. ISBN 978-1-59020-177-0.

Prefeito, Adriano. Os primeiros caçadores de fósseis: Paleontologia em tempos gregos e romanos . Princeton: Princeton University Press, 2000. ISBN 0-691-08977-9.

Meyl, Konstantin. Ondas escalares: de um vórtice estendido e teoria de campo para um uso técnico, biológico e histórico de ondas longitudinais. Villingen-Schwenningen, 2003. ISBN 3-9802-542-4-0.

O'Brien, Christian e Barbara Joy O'Brien. O gênio dos poucos: a história daqueles que fundaram o jardim no Éden. Dianthus Publishing Limited, 1999. ISBN 0-946604-17-7.

Ridley, Matt. Genoma: A Autobiografia de uma Espécie em Capítulos 2S. Nova York: Harper Perennial. ISBN 978-0-06-089408-5.

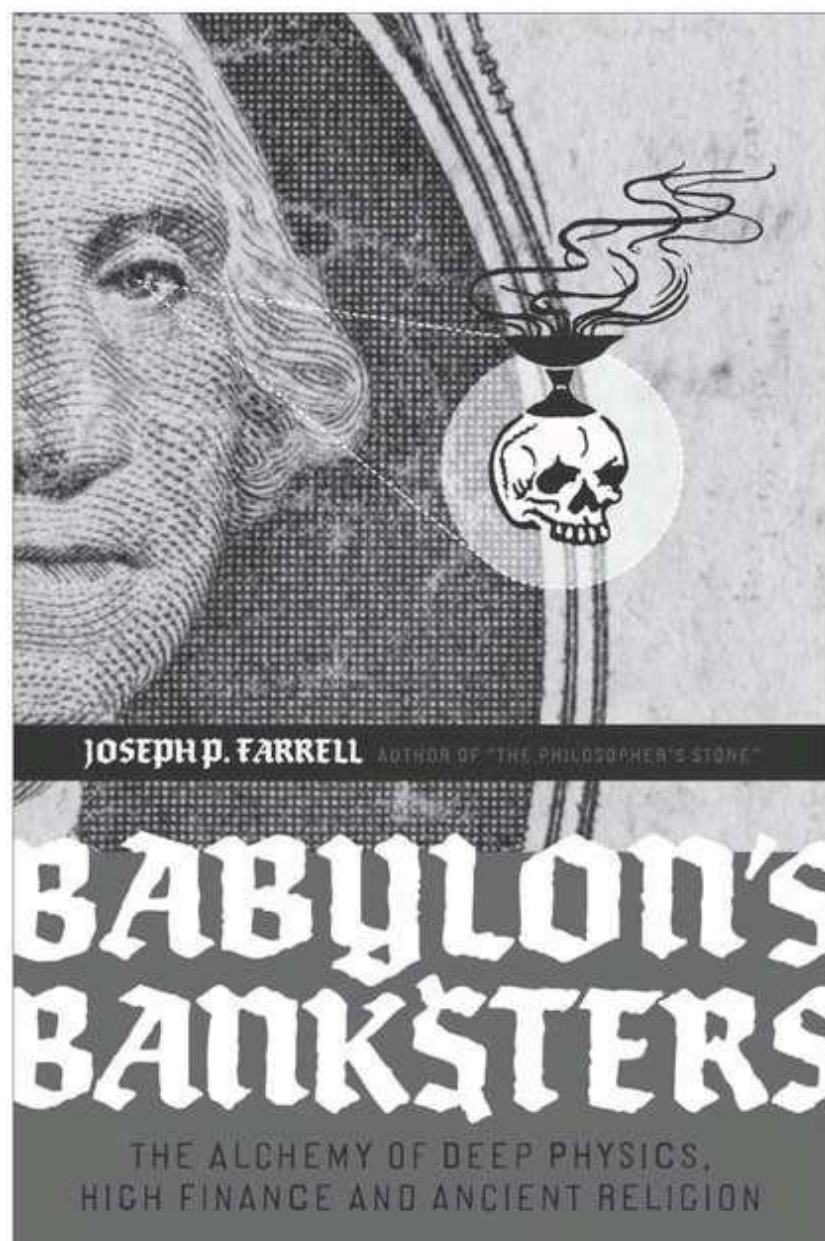
Schönberger, Dr. Martin. O I Ching e o Código Genético: A Chave Oculta da Vida. Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992. ISBN 0-943358-37-X.

Shreve, James. A Guerra do Genoma: Como Craig Venter tentou capturar o código da vida e salvar o mundo. Nova York: Ballantine Books. ISBN 978-0-345-43374-9.

Sitchin, Zacarias. Havia Gigantes na Terra: Deuses, Semideuses e Ancestralidade Humana: A Evidência do DNA Alienígena. Rochester, Vermont: Bear and Company, 2010. ISBN 978-159143121-3.

Sykes, Bryan. As sete filhas de Eva: a ciência que revela nossa ancestralidade genética. Nova York: WW Norton & Company, 2001. ISBN 978-0-393-3214-6.

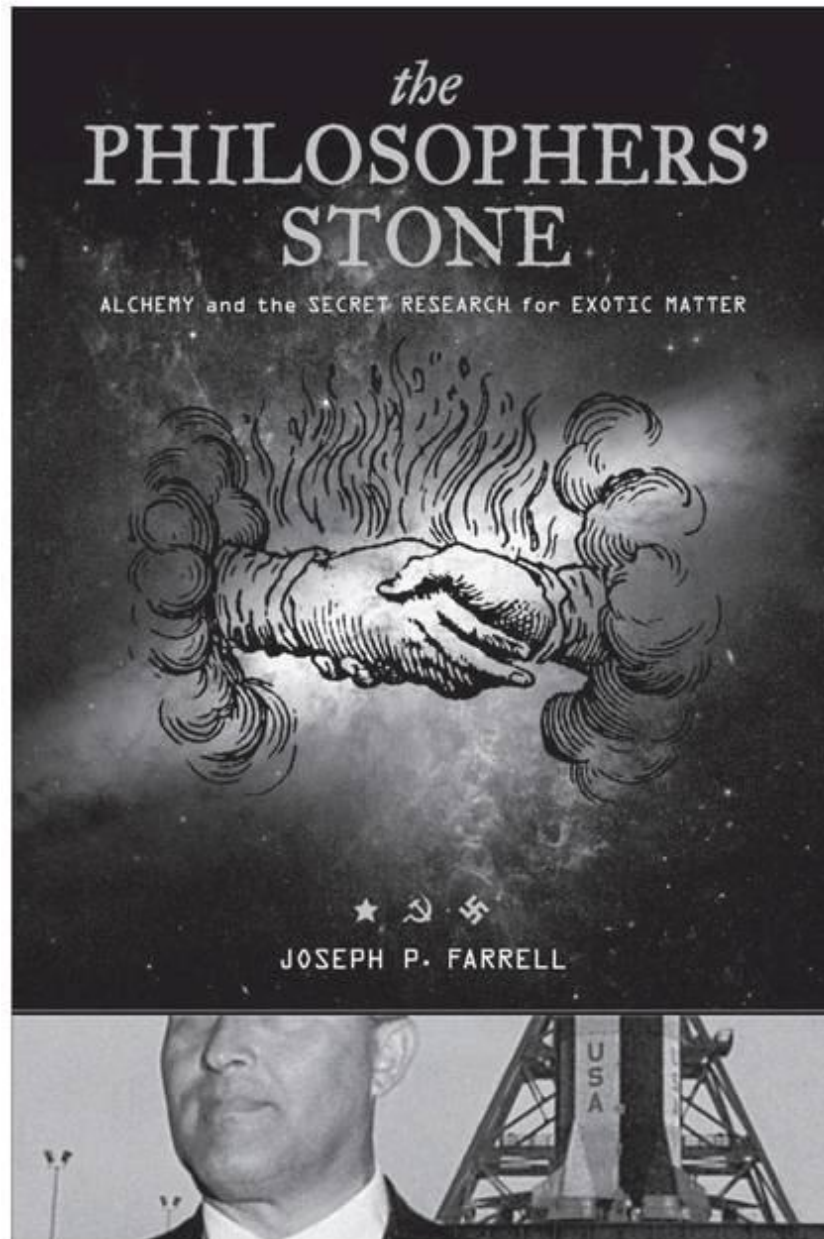
OTHER FERAL HOUSE TITLES BY JOSEPH FARRELL



BABYLON'S BANKSTERS

The Alchemy of Deep Physics, High Finance and Ancient Religion

WWW.FERALHOUSE.COM



THE PHILOSOPHER'S STONE
Alchemy and Secret Research for Exotic Matter

1

Qv my The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2007).

2

Para a questão da continuidade de tais grupos esotéricos através da história – embora um período histórico muito posterior ao que está sendo examinado aqui – veja meu The Philosophers' Stone: Alchemy and the Secret Research for Exotic Matter (Port Townsend, Washington: Feral House, 2009), pp. 27-29.

3

Joseph P. Farrell, Banksters da Babilônia: A Alquimia das Altas Finanças, Física Profunda e Religião Antiga (Port Townsend, Washington: Feral House, 2010), pp. 251–264.

4

Aqueles com uma mentalidade apologética notarão que a natureza da definição de revelação em si é grandemente apertada ao colocar tais questões: como alguém distinguiria a “voz ou comando de Deus” da produção de uma tecnologia e um comando para matar povos inteiros? Por qualquer motivo?

5

Joseph P. Farrell, The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2007), pv

6

Ivan T. Sanderson, More “Things” (Adventures Unlimited Press, 2007), p. 21.

7

Muitos estudiosos e arqueólogos modernos contestam as conclusões de Koldewey e duvidam que ele tenha encontrado os jardins suspensos. Ele, inquestionavelmente, encontrou a Babilônia e o Portão de Ishtar.

8

Robert Koldewey, Das Ishtar-Tor, Ausgrabungen der Deutschen Orient-Gesellschaft in Babylon (Leipzig: JC Hinrichs'sche Buchhandlung, 1918), pp. 27-29, minha tradução do alemão, ênfase adicionada. O texto completo do alemão citado acima (incluindo passagens omitidas na citação acima) é o seguinte:

“Eine Schöpfung wesentlich anderer Art begegnet uns in dem Drachen. Es ist der “Sir-russu” der Inschriften oder, wie heute vielfach gelesen wird: “Mus-russu”, von Delitzsch durch “Prachtschlange: wiedergegeben.

“Der schlanke Leib, wie der in Wellenlinie emporgerichte Schweif, und der ebenfalls steil getragene dünne Hals mit dem kleinen Kopf ist mit Schuppen bedeckt, die einen dachförmigen Querschnitt haben, was in der Photographie nach dem nicht emaillierten Exemplar...besser hervortritt als in der Wiedergabe der farbigen. Das Schuppenkleid zieht sich an den Hinterbeinen bis zur Mitte des Unterschenkels herab. So Bauch bemerkt man die grösseren Querschuppen. Die Vorderbeine ähneln denen einer hochbeinigen Katzenart, etwa eines Panthers. Die Hinterfüße sind die eines Raubvogels, mit Ausnahme des Tarsalgelenks, dessen Bildung noch dem Vierfüßler zugerechnet ist. Am Schweifende bemerkt man einen kleinen nach oben gebogenen Stachel, wie ihn der Skorpion hat. Der Kopf ist im ganzen der einer Schlange, bei welcher auch bei geschlossenem Maul die gespaltene Zunge hervortritt. Er trägt ein grobes, aufrechtes, gerades Horn, von dessen Wurzel aus ein Hautanhang sich spiralförmig nach hinten emporringelt. Beide Bildungen sind, wie schon oben bemerkt, paarig aufzufassen. Hinter den Backen fällt ein Büschel von drei Haarlocken herab, und eine aus drei langen, ebenfalls spiralförmigen Locken gebildete Mähne zieht sich vom Kopf bis zur Schultergegend herab.

“Dieses merkwürdige Tier, também das Gottes Marduk und zugleich des Nebo, tritt mit den hier aufgezählten Haupteigenschaften schon in der ältesten babylonischen Kunst auf Jastrow, Bildermappe zur Religion Babyloniens und Assyriens, und hat sich Jahrtausende hindurch fast unverändert erhalten.

Das kann man von den phantastischer gestalteten Mischbildungen der babylonisch-assyrischen Kunst nicht sagen.

Koldewey, Das Ishtar-Tor, p. 29.

10

Ibid., pág. 29.

11

Bel e o Dragão, pp. 23–24, Authorized King James Version.

12

Ivan T. Sanderson, *Mais coisas* (Kempton, Illinois: Aventuras Imprensa Ilimitada, 2007), p. 22.

13

ou seja, Babel e Bíblia (ed.).

14

CHW Johns, “Introdução”, a Friedrich Delitzsch, Babel e Bíblia (Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 2007), pp. v–vi.

15

CHW Johns, “Introduction”, a Friedrich Delitzsch, Babel and Bible, pp. vii–viii, ênfase adicionada.

16

Ibid., pp. x–xi.

17

pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Delitzsch18

Friedrich Delitzsch, *Babel and Bíblia*, pp. 2–3, negrito ênfase Delitzsch, ênfase em itálico minha.

19

Friedrich Delitzsch, Babel e Bíblia, p. 56.

20

Ibid.

21

Ibid., pág. 22.

22

Ibid., pág. 52. Qv my The Cosmic War (Adventures Unlimited Press), pp. 53-58 para uma racionalização física da forma peculiar desses “raios”. As autoridades parecem estar divididas sobre qual deus – Ninurta ou Marduk – é retratado no relevo.

23

Ibid., pág. 52.

24

Qv my Giza Death Star Destroyed (Adventures Unlimited Press), pp. 37-52; e A Guerra Cósmica (Adventures Unlimited Press).

25

A luta parece ter continuado até os tempos modernos com o recente episódio do saque do Museu de Bagdá. Qv my Nazi International (Adventures Unlimited Press), pp. 417–420, 232. Veja também meu artigo “The Baghdad Museum Looting: Some More Thoughts” em www.gizadeathstar.com.

26

Hamurabi foi o sexto rei da Babilônia, ca. 1792–1750 aC

27

Friedrich Delitzsch, Babel e Bíblia, p. 71.

28

Friedrich Delitzsch, Babel e Bíblia, p. 71.

29

Ibid.

30

Gleason L. Archer, A Survey of Old Testament Introduction (Chicago: Moody Press, 1964), pp. 73–75; RK Harrison, Introdução ao Velho

Testamento(Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company), pp. 11–12.

31

Os críticos apontavam, por exemplo, que não havia nada de hebraico no nome “Moisés”, mas sim que o nome era de origem propriamente egípcia, como no nome do faraó Tutmés. Outros críticos apontariam para a estreita semelhança do decálogo bíblico com declarações semelhantes no Livro dos Mortos egípcio.

32

Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, pp. 77–78; RK Harrison, *Introdução ao Antigo Testamento*, pág. 17.

33

RK Harrison, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 14.

34

Veja meu *Babylon's Banksters* (Port Townsend, Washington: Feral House, 2010), pp. pp. 159-204.

35

RK Harrison, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 15. No caso de De Wette, outros fatores estão em ação, incluindo uma reação contra o racionalismo crítico, qv John Rogerson, *Crítica do Antigo Testamento no Século XIX* (Londres: SPCK, 1984), pp. 28-49.

36

Gleason L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, p. 77.

37

Gleason L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, p. 78.

38

John Robinson, *AM Provas de uma Conspiração* (Nova York: George Forman, 1798), pp. 160–161.

39

Enuma Elish, Tablet 4, ed. LW King, FSA, Vol. 1 (Londres: Luzac and Co., 1902), p. 77.

[40](#)

Christopher Knight e Alan Butler, *Before the Pyramids: Cracking Archaeology's Greatest Mystery* (Londres: Watkins Publishing, 2009), p. 34.

[41](#)

Veja meu *Giza Death Star Destroyed* (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2005), pp. 37–49, e meu *The Cosmic War* (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2007), especialmente pp. 150–166. Discordo fortemente da visão acadêmica padrão de que este texto representa uma alegoria da cosmologia e da criação.

[42](#)

Veja meu *The Giza Death Star Destroyed*, pp. 48–52, e *The Cosmic War*, págs. 75–80.

[43](#)

Christopher Dunn, *The Giza Powerplant* (Bear and Co., 1998).

[44](#)

Christopher Knight e Alan Butler, *Civilization One: The World is Not as You Thought It Was* (Londres: Watkins Publishing, 2004), p. 15.

[45](#)

Christopher Knight e Alan Butler, *Before the Pyramids: Cracking Archaeology's Greatest Mystery* (Londres: Watkins Publishing, 2009), p. 28.

[46](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, p. 16.

[47](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, p. 20.

[48](#)

Ibid., pág. 21.

[49](#)

Ibid., pág. 1, ênfase adicionada.

[50](#)

Ibid., pág. 1.

[51](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 25.

[52](#)

Ibid.

[53](#)

Knight and Butler, Before the Pyramids, pp. 28–29.

[54](#)

Ibid., pág. 29, grifo nosso.

[55](#)

Ibid., pág. 17, grifo nosso.

[56](#)

Alexander Thom, Megalithic Sites in Britain (Oxford: Oxford University Press, 1968), citado em Knight and Butler, Civilization One, p. 19.

[57](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 19, grifo nosso. Para comentários adicionais sobre o “problema de transmissão” das medidas megalíticas, veja Knight and Butler, Before the Pyramids, p. 29.

[58](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 25.

[59](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 32.

[60](#)

Ibid., pág. 33.

[61](#)

Ibid.

[62](#)

Knight e Butler, Civilization One, pp. 27-28, ênfase adicionada.

[63](#)

Knight and Butler, Before the Pyramids, p, 31.

[64](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 34.

[65](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 36, grifo nosso.

[66](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 37.

[67](#)

Ibid., pág. 29.

[68](#)

Ibid., pág. 30.

[69](#)

Ibid.

[70](#)

Ibid., pág. 31.

[71](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 31.

[72](#)

Ibid., pág. 137.

[73](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 131.

[74](#)

Ibid., pág. 27.

[75](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 106.

[76](#)

Ibid., pág. 47.

[77](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 53.

[78](#)

Knight e Butler, Civilization One, pp. 56-57, ênfase adicionada.

[79](#)

Ibid., pág. 59. Knight e Butler também especulam sobre a existência de um Bastão Megalítico com 6 Jardas Megalíticas de comprimento, ou 5 metros modernos de comprimento. Isso dá uma unidade de medida linear que relaciona diretamente os sistemas imperial e métrico, uma vez que uma milha estatutária moderna seria igual a 320 “Barras Megalíticas” de comprimento, enquanto um quilômetro métrico moderno seria igual a 200 Varas Megalíticas de comprimento. Ver pp. 62–63 para estes resultados.

[80](#)

Knight and Butler, Before the Pyramids, p. 78.

[81](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 1.

[82](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 52.

[83](#)

Ibid., pp. 52-53, ênfase adicionada.

[84](#)

Knight e Butler, Civilization One, p. 67.

[85](#)

Veja meu *Babylon's Banksters: The Alchemy of High Finance, Deep Physics, and Ancient Religion* (Port Townsend, Washington: Feral House, 2010), pp. 159–205.

[86](#)

O apogeu desse tipo de dívida-como-espiritualidade monetizada foi alcançado, é claro, na Idade Média latina com *Cur Deus Homo* de Anselmo de Cantuária, que pode ser melhor descrito como um estudo da dívida monetizada do homem para com Deus.

[87](#)

E este ponto pode ser uma possível chave para desembaraçar as camadas de várias tradições dentro de vários textos.

[88](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, p. 68.

[89](#)

Citado em Knight and Butler, *Civilization One*, p. 108.

[90](#)

Qv *Civilization One*, pp. 115-120.

[91](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, p. 121.

[92](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, p. 122.

[93](#)

Ibid., pág. 124.

[94](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, p. 125.

[95](#)

Qv my *The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts*, pp. 191–203.

[96](#)

Enuma Elish, ed. LW King, MA, FSA, Vol. I (Londres: Luzac and Co., 1902), Tablet 4, p. 77.

[97](#)

Ibid., Tablet 4, p. 65.

[98](#)

Ibid., Tablet 4, p. 67.

[99](#)

Ibid., Tablet 4, p. 69.

[100](#)

Enuma Elish, Tabuleta 4, pág. 71.

[101](#)

Ibid., pág. 73.

[102](#)

Joseph P. Farrell, *A Estrela da Morte de Gizé Destruída* (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2005), pp. 46–48.

[103](#)

Knight e Butler, *Civilization One*, pp. 126-128, ênfase adicionada.

[104](#)

Ibid., pág. 128, grifo nosso.

[105](#)

Ibid., pág. 2.

[106](#)

Veja, por exemplo, *Secrets of the Unified Field: The Philadelphia Experiment, the Nazi Bell, and the Discarded Theory* (Adventures Unlimited Press, 2008), pp. 1–42, 172–190, 248–252, 262–288 e *The Philosophers' Stone: Alchemy and the Secret Research for Exotic Matter* (Feral House, 2009), especialmente pp. 151–200, 313–326.

107

Richard C. Hoagland, “Uma Lua com Vista”, www.enterprisemission.com. Hoagland observa, com razão, que uma semelhança tão gritante e marcante desafia as noções de coincidência e sincronicidade, pois levanta a perspectiva de uma “liberação controlada” de informações e levanta a questão de “como Lucas sabia, quando ele sabia disso? , e quem lhe contou?” É claro que essas ideias podem facilmente ter escapado ao controle do próprio Lucas e podem ter vindo de alguém de sua equipe de produção. Mas as questões maiores permanecem: quem sabia e como eles sabiam muito antes de a Cassini tirar suas fotos de tirar o fôlego? Uma resposta, é claro, é que a “lua” foi fotografada secretamente muito antes de Cassini viajar para Saturno, o que levanta a perspectiva de um programa espacial secreto, uma hipótese que Hoagland vem defendendo fortemente há anos.

108

RichardC.Hoagland, “AMoonWithaView,” parte

quatro, www.enterprisemission.com, ênfase Hoagland.

109

Veja meu The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts (Adventures Unlimited Press, 2007), pp. 337-359.

110

Hoagland, op. cit.

111

Farrell, A Guerra Cósmica, p. 389.

112

Hoagland, op. cit., grifo nosso.

113

Joseph P. Farrell, A Guerra Cósmica: Guerra Interplanetária, Física Moderna e Textos Antigos, pp. 132–133, 199–203.

114

Veja o importante trabalho de Thomas G. Brophy, Ph.D., The Origin Map: Discovery of a Prehistoric, Megalithic, Astrophysical Map and Sculpture of

o universo(Nova York: Writers Club Press, 2002). O trabalho de Brophy documenta em detalhes meticulosos que as ruínas de Nabta Playa, no Egito, na verdade constituem uma representação astronômica precisa da Via Láctea, datada de ca. 10.000 aC

115

Qv Knight and Butler, *Civilization One*, pp. 12–14. Claro, essa visão sustenta que a Grande Pirâmide é uma estrutura muito mais recente do que Nabta Playa, uma visão que o autor atual não compartilha. Knight e Butler também argumentam que o layout do planalto de Gizé foi realmente planejado e determinado em uma série de sítios megalíticos na Grã-Bretanha muito antes. Qv Knight and Butler, *Before the Pyramids*, pp. 113, 132.

116

Farrell, *Banksters da Babilônia: A Alquimia da Física Profunda, Altas Finanças e Religião Antiga*, p. 162.

117

Martin Cannon, “Os Controladores: Uma Nova Hipótese de Abdução Alienígena”, www.constitution.org/abus/controll.htm, pág. 16.

118

Jose MR Delgado, MD, *Controle Físico da Mente: Rumo a uma Sociedade Psicocivilizada* (Nova York: Harper Colophon Books, 1971), p. 150.

119

O presente autor tem sérias dúvidas sobre muitos aspectos da “história oficial”.

120

Jon Ronson, *The Men Who Stare at Goats* (Nova York: Simon and Schuster, 2004), p. 179.

121

Ibid., pp. 179–180, citando a Patente dos EUA Número 5.159.702, ênfase minha.

122

Ronson, op. cit., pág. 180, grifo no original.

123

Ibid., grifos no original.

124

Ibid., citando a declaração do site de Lowery, p. 180.

125

Ronson, op. cit., pp. 184-185, ênfase adicionada.

126

Ronson, op. cit., pág. 185, grifo nosso.

127

O relatório oficial do Tesouro dos EUA sobre o massacre de Waco admite, na p. 17, que usou “altos cânticos tibetanos nos alto-falantes” e “projetores” como parte de sua guerra psicológica contra os davidianos.

128

Ronson, op. cit., pp. 193-194, ênfase adicionada.

129

Sou grato ao meu amigo Jay Weidner por trazer este importante artigo à minha atenção.

130

Martin Cannon, The Controllers: A New Hypothesis of Alien Abduction, www.constitution.org/abus/controll.htm, pág. 1.

131

Ibid.

132

Cannon, The Controllers, p. 3.

133

Ibid. Outra alternativa, é claro - já que estamos explorando possibilidades tecnológicas - é que os homenzinhos cinzentos também são reais, mas

eles não são apenas de “lá fora”, mas os produtos bizarros de alguma tecnologia genética “aqui embaixo”.

[134](#)

Qv my Roswell and The Reich: The Nazi Connection (Adventures Unlimited Press, 2010), pp. 315–318.

[135](#)

MKULTRA: um dos muitos projetos secretos de controle mental da CIA.

[136](#)

Cannon, The Controllers, p. 4.

[137](#)

Cannon, The Controllers, p. 5.

[138](#)

Ibid., pág. 3, ênfase adicionada.

[139](#)

Cannon, The Controllers, p. 2.

[140](#)

Ibid., pág. 6.

[141](#)

JMR Delgado. "Intracerebral Radio Stimulation and Recording in Completely Free Patients," Psychotechnology (Robert L. Schwitzgebel e Ralph K. Schwitzgebel, editores; Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1971), p. 195, grifo nosso. Citado em Cannon, The Controllers, p. 6.

[142](#)

Cannon, The Controllers, p. 15, ênfase adicionada, citando RJ MacGregor, “A Brief Survey of Literature Relating to Influence of Low-Intensity Microwaves on Nervous Function” (Santa Monica: RAND Corporation, 1970).

[143](#)

Cannon, *The Controllers*, p. 16, ênfase em itálico por mim, ênfase em negrito e itálico por Cannon, citando Robert O. Becker, *The Body Electric* (Nova York: William Morrow, 1985), pp. 318-319.

[144](#)

Cannon, *The Controllers*, p. 16, citando Robert O. Becker, *The Body Electric*,
pág. 321, ênfase de

Cannon. [145](#)

Ibid., pág. 17.

[146](#)

Cannon, *The Controllers*, p. 11.

[147](#)

Ibid.

[148](#)

Cannon observa que a NASA foi uma das agências governamentais dos EUA envolvidas na pesquisa inicial de manipulação da mente (qvp 3). Uma possível razão para seu interesse foi divulgada por Richard C. Hoagland e Mike Bara em seu livro best-seller do New York Times, *Dark Mission: The Secret History of NASA*, pois se os astronautas da Apollo encontraram e viram evidências de civilização e tecnologia antigas durante a missão Apollo, Aterrissar na Lua, ou até mesmo trazer um pouco de volta à Terra com eles, então isso seria um segredo bem guardado, e as memórias seletivas dos astronautas do que viram teriam sido “apagadas”. Hoagland e Bara comentam que o uso de tais tecnologias de manipulação da mente pode explicar a peculiar incapacidade dos astronautas da Apollo de lembrar em detalhes o que eles realmente viram na Lua. Veja também João Marcos, *The Search for the “Manchurian Candidate”: The CIA and Mind Control: The Secret History of the Behavioral Sciences* (Nova York: WW Norton and Co., 1979), p. 225.

[149](#)

Canhão, *OControladores*, p.29, citando Lincoln Lawrence,
Estavam

NósControlada?(University Books, 1967), p.

38.

[150](#)

Cannon, The Controllers, p. 29.

[151](#)

Ibid., pág. 37.

[152](#)

Qv Martin A. Lee, The Beast Reawakens: Fascism's Resurgence from Hitler's Spymasters to Today's Neo-Nazi Groups and Right-Wing Extremists (Nova York: Routledge, 2000), p. 189.

[153](#)

Cannon, The Controllers, p. 31.

[154](#)

Ibid., pág. 31.

[155](#)

Cannon, The Controllers, p. 13.

[156](#)

Ibid.

[157](#)

Ibid.

[158](#)

Cannon, The Controllers, p.

13[159](#)

Qv II Coríntios 12:2-3: “Conheci um homem em Cristo há mais de quatorze anos, (se no corpo, não posso dizer; ou se fora do corpo, não posso dizer: Deus sabe;) tal pessoa apanhada até o terceiro céu”. A maioria dos intérpretes acredita que Paulo estava se referindo a si mesmo.

[160](#)

Ibid., pág. 10.

[161](#)

Ibid.

[162](#)

Ver também Paul Brodeur, *The Zapping of America* (Nova York: WW Norton & Co.: 1977), p. 295.

[163](#)

Brodeur, *The Zapping of America*, p. 299.

[164](#)

Ibid., pág. 134. Ver também pp. 120–121.

[165](#)

Brodeur, *The Zapping of America*, pp. 104-105.

[166](#)

Para a existência dessa elite, veja meu *Babylon's Banksters: The Alchemy of Deep Physics, High Finance, and Ancient Religion* (Feral House, 2010), pp. 251–264. Para as considerações tecnológicas, ver pp. 245–265.

[167](#)

Farrell, *Babylon's Banksters*, p. 253. Ver também Prof. Dr.-Ing. Konstantin Meyl, *Scalar Waves*, pp. 608, 610.

[168](#)

Farrell, *Banksters da Babilônia*, pp. 23-24. Veja também Meyl, *Scalar Waves*, pp. 631, 615.

[169](#)

Meyl, *Scalar Waves*, ênfase adicionada, p. 613; citado em *Babylon's Banksters*, pp. 259-260.

[170](#)

Meyl, *Scalar Waves*, p. 612; qv *Babylon's Banksters*, p. 254.

[171](#)

Meyl, *Scalar Waves*, p. 614; qv *Babylon's Banksters*, p. 255.

[172](#)

Meyl, *Scalar Waves*, p. 614; qv *Babylon's Banksters*, p. 256.

[173](#)

Meyl, Scalar Waves, 620; qv Babylon's Banksters, p. 256.

[174](#)

Consulte as págs. 100–101.

[175](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *The Genius of the Few: The Story of Those Who Founded the Garden in Eden* (Dianthus Publishing Limited, 1999), p. 173.

[176](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *O Gênio dos Poucos*, p. 175.

[177](#)

Ibid.

[178](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *O Gênio dos Poucos*, p. 175.

[179](#)

Ibid., pp. 176-177.

[180](#)

Ibid., pág. 178.

[181](#)

Gênesis 27:1–46.

[182](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *O Gênio dos Poucos*, p. 178.

[183](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *The Genius of the Few*, pp. 182-183, ênfase adicionada.

[184](#)

isto é, a coluna de nuvem e fogo.

[185](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 187, grifo nosso.

[186](#)

Qv Paul Brodeur, The Zapping of America, p. 296, grifo nosso. [187](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 188–189.

[188](#)

Ibid., pág. 189.

[189](#)

Citado em Christian e Barbara Joy O'Brien, The Genius of the Few, pp. 189–190.

[190](#)

Veja meu The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts, p. 146.

[191](#)

Citado em Christian e Barbara Joy O'Brien, The Genius of the Few, pp. 190–191. pág. 146.

[192](#)

Farrell, A Guerra Cósmica, p. 146.

[193](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 191-192.

[194](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 192. Tal visão estava, sustentavam os cátaros e gnósticos, por trás da declaração de Cristo: “Você é de seu pai, o diabo”.

[195](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 208–209.

[196](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 209–120.

[197](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, The Genius of the Few, pp. 219-220, ênfase adicionada.

[198](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 225-226.

[199](#)

Ibid., pág. 230.

[200](#)

Ibid.

[201](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 195.

[202](#)

Ibid., pp. 216-217.

[203](#)

Ibid., pág. 196.

[204](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 202.

[205](#)

Qv Gênesis 6.

[206](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, op. cit., pág. 198.

[207](#)

Ibid., pág. 199.

[208](#)

Ibid., pág. 200.

[209](#)

Ibid., pp. 204-205.

[210](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 229.

[211](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 206–207.

[212](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 215. A conexão suméria pode não ser tão tênue quanto os O'Briens sugeriram, pois basta lembrar o dilema de Delitzsch e a presença do próprio nome Yahweh — na forma de Iave — nas tabuinhas cuneiformes sumérias.

[213](#)

Deve-se enfatizar que há alguma dúvida sobre se Cameron sabia ou não que estava realmente trabalhando para a CIA, embora a fonte final de parte de seu financiamento fosse de fato da agência. Veja John Marks, *The Search for the “Manchurian Candidate”: The CIA and Mind Control: The Secret History of the Behavioral Sciences*, pp. 141-142. Deve-se notar também que a “pesquisa” de Cameron também foi financiada em parte pela Fundação Rockefeller, qvp 141.

[214](#)

Ibid., pág. 141.

[215](#)

John Marks, *The Search for the “Manchurian Candidate”*, pp. 140, 142.

[216](#)

Ibid., p.145.

[217](#)

Ibid.

[218](#)

Wikipedia, Síndrome de Estocolmo, citando o Boletim de Aplicação da Lei do FBI, julho de 2007, w

Cw.fbi.gov.publications/leb/2007/july2007/july2007leb.htm#page10, ênfase adicionada.

219

Pode haver uma agenda editorial em jogo, como sugerido pelo pesquisador alternativo William Bramley: “... a história de Noé, como muitas outras histórias do Antigo Testamento, é tirada de escritos mesopotâmicos mais antigos. Os autores bíblicos simplesmente alteraram os nomes e mudaram os muitos 'deuses' dos escritos originais no único 'Deus' ou 'Senhor' da religião hebraica. A última mudança foi infeliz porque fez com que um Ser Supremo fosse culpado pelos atos brutais que os escritores anteriores atribuíram aos Guardiões muito diferentes de Deus.” (William Bramley, Os Deuses do Éden [Avon Books, 1990], p. 46). Claro, esse pode ter sido o ponto da mudança, reivindicar ser a Divindade Suprema precisamente para exigir obediência inquestionável e, assim, justificar atos imorais com o manto da “moralidade” obtida pela “obediência” a alguém que,

220

Paracelso, A Aurora dos Filósofos, de Paracelso, sua Aurora e Tesouro dos Filósofos, Como também a Água-Pedra dos Sábios; Descrevendo o assunto e como obter a Tintura universal, fielmente inglesa e publicada por JH Oxon. Londres, Giles Calvert, 1659.

221

Alexander Del Mar, História dos Sistemas Monetários, p. 89.

222

Farrell, Babylon's Banksters, p. 162, ênfase em itálico adicionada, ênfase em negrito no original.

223

James Shreeve, A Guerra do Genoma: Como Craig Venter tentou capturar o código da vida e salvar o mundo (Nova York: Ballantine Books, 2004), pp. 99–100. Este livro é provavelmente o melhor e mais legível relato da corrida entre o Projeto Genoma Humano público e o projeto privado de Venter.

empresa, Celera, para mapear todo o genoma humano. Para uma abordagem mais técnica, embora datada, veja Robert Cook-Deegan, *The Gene Wars: Science, Politics, and the Human Genome* (Nova York: WW Norton and Co., 1994).

[224](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *O Gênio dos Poucos*, p. 161.

[225](#)

James Shreeve, *A Guerra do Genoma*, p. 117.

[226](#)

Matt Ridley, *Genoma: A Autobiografia de uma Espécie em Capítulos 2S* (Nova York: Harper Perennial, 2006), p. 7.

[227](#)

Ibid., pág. 8.

[228](#)

Ibid., pp. 8-9.

[229](#)

Shreeve, *A Guerra do Genoma*, p. 15.

[230](#)

Ibid., pág. 40f.

[231](#)

James Shreeve, *A Guerra do Genoma*, p. 80, grifo nosso.

[232](#)

Ibid., pág. 80.

[233](#)

Ibid., pág. 6.

[234](#)

James Shreeve, *A Guerra do Genoma*, p. 6.

[235](#)

Ibid., pág. 70.

[236](#)

Ibid., pág. 170.

[237](#)

Ibid., pp. 21, 26, 184.

[238](#)

Ibid., pág. 126.

[239](#)

Ibid., pág. 188.

[240](#)

James Shreeve, *The Genome Wars*, p. 191. Qv também p. 198.

[241](#)

Ibid., pág. 198. A Celera também foi pega em seu próprio Catch-22, pois seu banco de dados foi disponibilizado para empresas farmacêuticas e empresas privadas de biopesquisa por uma taxa de assinatura, mas o Projeto Genoma Humano, ao tornar seus dados publicamente disponíveis gratuitamente, prejudicou os dados da Celera. base de clientes em potencial. (qv pp. 212-213). Assim, a Celera, para conquistar clientes, teve que se mover muito mais rápido que o projeto público, apenas acrescentando mais combustível à corrida entre os dois.

[242](#)

Ibid., pp. 204, 338, 341.

[243](#)

Ibid., pp. 343-344. Obviamente, esta breve pesquisa deixou de fora grandes reviravoltas e intrigas políticas de ambos os lados. O livro de Shreeve é de longe o melhor levantamento de toda a “guerra do genoma” e é, em uma palavra, leitura magistral e essencial para quem deseja entender os detalhes dessa guerra.

[244](#)

James Shreeve, *A Guerra do Genoma*, p. 110.

[245](#)

Ibid., pág. 112.

[246](#)

Ibid.

[247](#)

James Shreeve, The Genome War, pp. 157–158.

[248](#)

James Shreeve, A Guerra do Genoma, p. 159.

[249](#)

Ibid., pág. 60.

[250](#)

Ibid.

[251](#)

James Shreeve, The Genome Wars, p. 64.

[252](#)

James Shreeve, A Guerra do Genoma, p. 167.

[253](#)

Ibid., pp. 172-173.

[254](#)

Ibid., pág. 138.

[255](#)

Ibid., pág. 142.

[256](#)

James Shreeve, A Guerra do Genoma, pp. 144–145.

[257](#)

Ibid., pág. 145.

[258](#)

Ibid., pág. 147.

[259](#)

Ibid.

[260](#)

James Shreeve, A Guerra do Genoma, p. 173.

[261](#)

Ibid., pp. 175-176, ênfase no original.

[262](#)

James Shreeve, A Guerra do Genoma, p. 259.

[263](#)

Ibid., pág. 270.

[264](#)

Ibid., pág. 44.

[265](#)

Ibid., pág. 83, grifo nosso.

[266](#)

Ibid., pág. 109.

[267](#)

James Shreeve, The Genome War, pp. 227–228, ênfase no original.

[268](#)

James Shreeve, A Guerra do Genoma, p. 112.

[269](#)

Ibid. pág. 121.

[270](#)

Farrell, The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2007), pp. 150–162.

[271](#)

Ibid., pág. 153.

[272](#)

O termo um tanto redundante “paleoantigo” é o meu termo para designar a possibilidade de uma Civilização Muito Alta pré-existente que precedeu as civilizações conhecidas da antiguidade, Suméria e Egito.

[273](#)

“Igigi”, ou seja, homem.

[274](#)

Stephanie Dalley, Mitos da Mesopotâmia, p. 9.

[275](#)

Dalley, Mitos da Mesopotâmia, p. 10.

[276](#)

Farrell, A Guerra Cósmica, p. 141.

[277](#)

Dalley, Mitos da Mesopotâmia, p. 12. Ellil é simplesmente outra forma do nome do deus Enlil.

[278](#)

“Ea”, outra forma do nome do deus Enki.

[279](#)

Dalley, Mitos da Mesopotâmia, p. 14.

[280](#)

Dalley, Mitos da Mesopotâmia, p. 15.

[281](#)

Farrell, A Guerra Cósmica, p. 142.

[282](#)

Dalley, Mitos da Mesopotâmia, p. 15.

[283](#)

Farrell, A Guerra Cósmica, p. 142.

[284](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 17, destaque no original.

[285](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 20.

[286](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 24. Todas as reticências estão no original e, portanto, nenhum texto é omitido na citação. Destaques em negrito adicionados.

[287](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 25, ênfase em negrito adicionada. Os O'Briens fazem a afirmação verdadeiramente surpreendente de que "antes do advento da influência semítica, os sumérios não tinham santuários e não construía^m templos". (pág. 37)

[288](#)

Suas observações lembram meus próprios pensamentos sobre a “intenção unificada do símbolo” e a codificação de dados científicos em mitos antigos. Qv my The Cosmic War, pp. 74-83, e The Giza Death Star Destroyed, pp. 49-52.

[289](#)

George Aaron Barton, Miscellaneous Babylonian Inscriptions, New Haven: Yale University Press, 1918. Reimpresso pela Kessinger Publishing.

[290](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 37–41.

[291](#)

Ibid., pág. 152.

[292](#)

Os O'Briens colocam uma nota explicativa aqui: “Belet-ili = Senhora dos Senhores” era Nankharsag, ou Ninlil.

[293](#)

Os O'Briens observam que os tradutores preferem o termo “deusa do nascimento”, mas acrescentam que “uma expressão mais científica é necessária aqui”; novamente, isso decorre do paradigma secular pelo qual eles traduzem.

[294](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 155, traduzindo BM 78 257(G), Coluna ii, ênfase adicionada.

[295](#)

Ibid., pp. 155-156.

[296](#)

Dietz Otto Edzard, gramática suméria (Leiden: Brill, 2003), p. 7.

[297](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 156.

[298](#)

George Aaron Barton, Inscrições Babilônicas Diversas, placa xviii.

[299](#)

Barton, Inscrições Babilônicas Diversas, placa xix.

[300](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 156–157.

[301](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 157.

[302](#)

Ibid., grifo nosso.

[303](#)

Ibid., pág. 158.

[304](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 161.

[305](#)

Ibid., pág. 162.

[306](#)

Ibid.

[307](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 162.

[308](#)

Ibid.

[309](#)

Novamente, as tabuinhas são reproduzidas em *Miscellaneous Babylonian Texts* de Barton.

[310](#)

Observe que esta primeira explicação levanta a questão de que eles mesmos insistiram anteriormente que não tinha evidências, ou seja, um projeto de hibridização anterior que levou à criação do homem Cro-Magnon.

[311](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, pp. 162-163.

[312](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 163. Cito a tradução dos O'Briens porque, em sua opinião, o semblante Brillhante ou Brillhante era uma característica fisiológica distintiva dos Anunnaki.

[313](#)

Ibid.

[314](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, O Gênio dos Poucos, p. 163.

315

Ibid., pág. 164.

316

William Bramley, *The Gods of Eden* (Avon: 1990), pp. 176–177, ênfase de Bramley.

317

Veja os artigos de Richard C. Hoagland, “A Moon with a View” e “For the World is Hollow, and I Have Touched the Sky,” www.enterprisemission.com.

318

James Shreeve, *A Guerra do Genoma*, p. 227.

319

Ibid., pág. 228.

320

Alguns podem ser tentados a argumentar que a doutrina medieval da expiação legal e o resgate do homem do diabo são mais um resíduo dessas antigas concepções legais. No momento em que escrevo, no entanto, este autor não pode encontrar nenhuma ligação conceitual ou textual direta entre os textos antigos e a doutrina medieval, além, é claro, dos próprios textos da lei do Antigo Testamento. Argumentar tal caso exigiria uma reinterpretação maciça da evolução do próprio texto da Torá, e uma pressuposição de que a edição maciça está em evidência com o propósito de obscurecer referências externas às culturas mesopotâmicas e sua influência sobre ela. Tal tarefa está bem fora do escopo deste livro.

321

John C. King e Dennis R. Bahler, “A Framework for the Study of Homophonic Ciphers in Classical Encryption and Genetic Systems”, *Cryptologia*, janeiro de 1993, Volume XVII, Número 1 (45-54), p. 53.

* Dr. Martin Schönberger, *The I Ching and the Genetic Code: The Hidden Key to Life* (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), pp. 31-33.

322

Ver as observações do biólogo Gunther S. Stent em Dr. Martin Schönberger, *The I Ching and the Genetic Code: the Hidden Key to Life* (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), p. 147.

[323](#)

Dr. Martin Schönberger, *The I Ching and the Genetic Code: The Hidden Key to Life* (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), p. 61.

[324](#)

Ibid., pág. 10.

[325](#)

Dr. Martin Schönberger, *The I Ching and the Genetic Code: The Hidden Key to Life* (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), p. 48. Deve-se notar que dentro do sistema do I Ching, o sistema começa com uma espécie de “masculinidade primordial” ou “yang” (qvp 46), representando o céu. Dada esta unidade masculina primordial, o próprio I Ching, em outro paralelo com as visões científicas modernas, representa um sistema baseado em uma simetria quebrada no meio físico (qvp 45), a partir do qual um dipolo de base - yang e yin, uma divisão subsequente da parte feminina do masculino
— emerge.

[326](#)

Schönberg observa: “Não é possível que no código do DNA – atribuído com significado, significado, expressão, informação, impulso e vida – possamos ver e reconhecer em primeira mão estruturas espirituais e materiais em erupção no hyle, o material?” (Dr. Martin Schönberger, *The I Ching and the Genetic Code: the Hidden Key to Life* [Santa Fe, New Mexico: Aurora Press, 1992], p. 43.) Nesta visão, a pessoa humana é, por assim dizer, transduzida em existência material a partir do meio físico, tornando a própria pessoa um fenômeno não-local. (Veja também suas observações na p. 113.)

[327](#)

Ibid., pág. 147.

[328](#)

Ibid., pág. 9.

[329](#)

Ibid., pág. 17.

[330](#)

Ibid., pág. 21.

[331](#)

Ibid., pág. 60.

[332](#)

Dr. Martin Schönberger, *The I Ching and the Genetic Code: The Hidden Key to Life* (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), p. 71.

[333](#)

Ibid., pp. 19, 83.

[334](#)

Ibid., pág. 34.

[335](#)

Ibid., pág. 15.

[336](#)

Essa visão lembra uma declaração encontrada no conjunto Cooper-Cantwheel de documentos MAJIC-12 UFO, onde é explicitamente declarado: “As leis da física e da genética podem ter uma gênese em uma ordem estruturada mais elevada que [sic] uma vez pensou anteriormente”. Veja meu *Reich of the Black Sun* (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2004, p. 295).

[337](#)

Este é um tópico muito amplo, tocando diretamente nas antigas doutrinas herméticas e esotéricas do homem, mais especialmente a do “homem como microcosmo”, e espero explorar esses tópicos em um livro futuro.

[338](#)

Veja meu *The Cosmic War: Interplanetary Warfare, Modern Physics, and Ancient Texts* (Kempton, Illinois: Adventures Unlimited Press, 2007), pp. 204–273.

[339](#)

Ibid., pp. 204-233.

[340](#)

EU: uma das palavras usadas para as Tábuas dos Destinos.

[341](#)

Joseph P. Farrell, A Guerra Cósmica, p. 236.

[342](#)

Ibid., pág. 237.

[343](#)

Ibid., pág. 252.

[344](#)

Há um contexto mais geral no qual essas observações também podem ser colocadas. Muitos comentaram sobre a semelhança qualitativa entre os primeiros ideogramas chineses e os cuneiogramas da Mesopotâmia, sugerindo algum tipo de conexão mais profunda, embora desconhecida, entre as duas civilizações.

[345](#)

Dr. Martin Schönberger, The I Ching and the Genetic Code: The Hidden Key to Life (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), p. 51.

[346](#)

Dr. Martin Schönberger, The I Ching and the Genetic Code: The Hidden Key to Life (Santa Fé, Novo México: Aurora Press, 1992), p. 52.

[347](#)

Farrell, The Cosmic War, pp. 270-271.

[348](#)

Para uma discussão mais completa dos espelhos conjugados de fase e suas propriedades mortais, veja meu The Cosmic War, pp. 124-131; 254-263.

[349](#)

Citado em David Hatcher Childress, “The Egyptian City of the Grand Canyon”, World Explorer Magazine, Vol. 4, No. 8, pp. 22-28, ênfase adicionada.

[350](#)

David Hatcher Childress, “A Cidade Egípcia do Grand Canyon”, World Explorer Magazine, Vol. 4, nº 8, p. 22.

[351](#)

Ibid., pág. 28.

[352](#)

Philip Coppens, “Canyonitis: Seeing Evidence of Ancient Egypt in the Grand Canyon,” www.philipcoppens.com/egyptiancanyon.html, pág. 1.

[353](#)

Ibid.

[354](#)

Philip Coppens, “Canyonitis: Seeing Evidence of Ancient Egypt in the Grand Canyon,” www.philipcoppens.com/egyptiancanyon.html, pág. 1.

[355](#)

Ibid.

[356](#)

Ibid.

[357](#)

Philip Coppens, “Canyonitis: Seeing Evidence of Ancient Egypt in the Grand Canyon,” www.philipcoppens.com/egyptiancanyon.html, pág. 2.

[358](#)

Ibid.

[359](#)

Ibid., pág. 3.

[360](#)

QvJasonColavito, “Arqueologia Cobrir?” jcolavito.tripod.com/lostcivilizations/id8.html, pág. 1.

[361](#)

DavidHatcherChildress, “Arqueologia Coberturas” www.unexplainable.net/artman/publish/article_1727.shtml, pág. 2.

[362](#)

DavidHatcherChildress, “Arqueologia Coberturas” www.unexplainable.net/artman/publish/article_1727.shtml, pág. 2.

[363](#)

David Hatcher Childress, “Encobrimentos Arqueológicos” www.unexplainable.net/artman/publish/article_1727.shtml, pág. 3, ênfase adicionada.

[364](#)

Ibid.

[365](#)

Richard C. Hoagland e Mike Bara, Dark Mission: The Secret History of NASA (Port Townsend, Washington: Feral House, 2007), p. 121.

[366](#)

Ibid., pp. 146-147.

[367](#)

Richard C. Hoagland e Mike Bara, Dark Mission: The Secret History of NASA (Port Townsend, Washington: Feral House, 2007), pp. 144–153.

[368](#)

DavidHatcherChildress, “Arqueologia Coberturas” www.unexplainable.net/artman/publish/article_1727.shtml, pág. 4.

[369](#)

Michael A. Cremona e Richard L. Thompson, Arqueologia Proibida: A História Oculta da Raça Humana (Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing Inc., 1996), p. 19.

[370](#)

Ibid., pág. 23.

[371](#)

Ibid., pp. 18–19, itálico no original, ênfase em negrito adicionada.

[372](#)

Michael A. Cremo e Richard L. Thompson, *Arqueologia Proibida: A História Oculta da Raça Humana* (Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing Inc., 1996), p. 22.

[373](#)

Michael A. Cremo e Richard L. Thompson, *A História Oculta da Raça Humana: A Versão Condensada da Arqueologia Proibida* (Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing, 1999), p. 105.

[374](#)

Ibid., pág. 106.

[375](#)

Ibid., pp. 106-107.

[376](#)

Ibid., pp. 107-109.

[377](#)

Ibid., pp. 109-110.

[378](#)

Ibid., pp. 110-113.

[379](#)

“Tumba de Gilgamesh Acredita-se que foi encontrada”, BBC News, terça-feira, 29 de abril de 2003, 8:578

GMT, [news.bbc.co.uk/2hi/science/nature/2982891.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/2982891.stm), pág. 1.

[380](#)

Adrienne Mayor,

Fóssil Lendas dos Primeiros Americanos

(Princeton University Press, 2005),

p. 36.

381

Fragmentos de Berossus, www.sacred-texts.com/cla/af/af02.htm, pp. 1–2, ênfase adicionada.

382

Fragmentos de Berossus, www.sacred-texts.com/cla/af/af02.htm, pp. 3–4, ênfase adicionada.

383

Para a interpretação deste épico como um épico de guerra e não um épico de criação (a visão acadêmica padrão), e como uma história contendo muitas pistas tecnológicas tanto para a existência de uma tecnologia sofisticada de física e genética nos tempos antigos, veja meu *The Giza Death Star Destroyed*, pp. 37-49, e meu *The Cosmic War*, pp. 1540-162.

384

Fragmentos de Berossus, www.sacred-texts.com/cla/af/af02.htm, pág. 9, ênfase adicionada.

385

Mayor também publicou um estudo fascinante sobre guerra biológica e química nos tempos antigos, intitulado *Greek Fire, Poison Arrows, and Scorpion Bombs: Biological and Chemical Warfare in the Ancient World* (Overlook Duckworth, 2009).

386

Adrienne Mayor, *The First Fossil Hunters*, p. 195.

387

Para uma discussão mais completa das possíveis bases científicas por trás dos antigos mitos dos “raios divinos”, veja meu *The Cosmic War*, pp. 28-66.

388

Prefeito, *Os primeiros caçadores de fósseis*, pp. 195–196.

389

Prefeito, *Os primeiros caçadores de fósseis*, p. 196, grifo nosso.

[390](#)

Ibid., pág. 265. Mayor cita Josefo, Antiguidades dos Judeus, 5:23, no qual descreve os gigantes como tendo “corpos tão grandes e semblantes tão completamente diferentes dos outros homens, que eram surpreendentes à vista e terríveis aos ouvidos”. Observe cuidadosamente que Josefo insinua que os gigantes são outro tipo de homem.

[391](#)

Ibid., citando Manilius' Astronomy, 1:424-31. Manilius afirma que os gigantes eram “raças de criaturas deformadas de rosto e forma não naturais” e que foram destruídos há muito tempo durante o tempo “quando as montanhas ainda estavam sendo formadas”.

[392](#)

Ibid., pág. 263.

[393](#)

Ibid., pp. 261-262.

[394](#)

Ibid., pág. 263.

[395](#)

Veja as declarações de Números 13:33: “E vimos ali os gigantes, os filhos de Anaque, [que vêm] dos gigantes;

[396](#)

Prefeito, Os primeiros caçadores de fósseis, p. 264.

[397](#)

Ibid., pág. 16.

[398](#)

Ibid., pág. 34.

[399](#)

Ibid., pág. 33.

[400](#)

Ibid., pp. 37, 41.

[401](#)

Prefeito, Os primeiros caçadores de fósseis, pp. 113–114.

[402](#)

Adrienne Mayor, Fossil Legends of the First Americans, p. 36.

[403](#)

Ibid., pág. 33.

[404](#)

Ibid., pág. 37.

[405](#)

Ibid., pág. 36.

[406](#)

Adrienne Mayor, Fossil Legends of the First Americans, p. 41.

[407](#)

Ibid., pág. 34.

[408](#)

Ibid., pág. 36.

[409](#)

Ibid., pág. 40.

[410](#)

Existem, é claro, as datas “antecipadas” e “tardias” para o Êxodo e, portanto, a Conquista, na erudição bíblica padrão, mas, mais recentemente, uma escola de pensamento – a “Nova Cronologia”, liderada por seu principal campeão, David Rohl. – surgiu para empurrar a data do Êxodo cerca de três séculos para trás na história, ca. 1700 aC

[411](#)

Prefeito, Fossil Legends of the First Americans, p. 34.

[412](#)

Prefeito, Fossil Legends of the First Americans, p. 38, grifo nosso.

[413](#)

Ibid., pp. 89-90, ênfase adicionada.

[414](#)

Prefeito, Lendas Fósseis dos Primeiros Americanos, pp. 74–75.

[415](#)

Prefeito, Fossil Legends of the First Americans, p. 88.

[416](#)

Ibid.

[417](#)

Ibid., pág. 80.

[418](#)

Ibid.

[419](#)

Ibid.

[420](#)

Ibid.

[421](#)

Ibid., pág. 79.

[422](#)

Ibid., pág. 78.

[423](#)

Ibid., pág. 77.

[424](#)

Ibid., pág. 78.

[425](#)

Com relação a essa observação, também é importante lembrar que muitas dessas nações nativas americanas também tinham lendas e tradições que afirmavam explicitamente que se originaram “em outro lugar”, e em alguns casos essas lendas também implicam uma origem totalmente fora deste planeta. Outras tradições nativas americanas da Meso e da América do Sul também afirmam explicitamente que suas culturas são culturas herdadas e o produto de algum “deus civilizador” de quem derivaram sua sofisticação científica e cosmológica (veja meu *The Cosmic War*, pp. 279-285). .

[426](#)

Michael A. Cremonese e Richard L. Thompson, *Arqueologia Proibida: A História Oculta da Raça Humana*, p. 19.

[427](#)

Bryan Sykes, *The Seven Daughters of Eve: The Science that Reveals Our Genetic Ancestry* (WW Norton & Co., 2002), p. 10: Sykes observa que é professor de Genética e do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Oxford. O livro de Sykes é uma leitura excelente e agradável e um componente essencial para quem deseja examinar as alegações de textos antigos sobre as origens humanas.

[428](#)

Sykes, *As Sete Filhas de Eva*, p. 1.

[429](#)

Ibid., pág. 2.

[430](#)

Ibid.

[431](#)

Ibid., pp. 8-9.

[432](#)

Ibid., pág. 33.

[433](#)

Ibid., pág. 34.

[434](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 34.

[435](#)

Ibid., pág. 36.

[436](#)

Ibid., pág. 37.

[437](#)

Ibid.

[438](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 39.

[439](#)

Ibid. Vale a pena ler em detalhes a explicação mais técnica de Sykes.

[440](#)

Ibid., pp. 39-40.

[441](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 40.

[442](#)

Ibid., pp. 41-42.

[443](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 43.

[444](#)

Ibid., pp. 48-49.

[445](#)

Ibid., pág. 49.

[446](#)

Ibid.

[447](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 110.

[448](#)

Ibid., pág. 50.

[449](#)

Ibid., pág. 111.

[450](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 117.

[451](#)

Ibid., pág. 126.

[452](#)

Ibid., pág. 127.

[453](#)

Ibid., pág. 53.

[454](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 54.

[455](#)

Ibid., pág. 55.

[456](#)

Veja as discussões de Sykes nas pp. 137–141.

[457](#)

Ibid., pp. 142-143.

[458](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 143.

[459](#)

Ibid., pág. 187.

[460](#)

Ibid.

[461](#)

Sykes observa que, em raras ocorrências, uma em cada vinte mil mulheres nasce com o cromossomo Y, o que as torna, em média, mais altas, mas também significa que seus ovários e útero não se desenvolvem adequadamente, tornando-as inférteis. A análise do cromossomo Y nessas pessoas infelizes mostra que ele contém uma mutação que impede seu bom funcionamento.

[462](#)

Veja as pp. 188–189 para uma discussão mais completa.

[463](#)

Sykes, *As Sete Filhas de Eva*, p. 190.

[464](#)

Ibid., pág. 193.

[465](#)

Ibid., pág. 196.

[466](#)

Ibid., pág. 200.

[467](#)

Sykes, *As Sete Filhas de Eva*, p. 202.

[468](#)

Ibid., pág. 212.

[469](#)

Ibid., pág. 213.

[470](#)

Ibid., pág. 220.

[471](#)

Ibid., pág. 233.

[472](#)

Ibid., pág. 221.

[473](#)

Ibid., pág. 234.

[474](#)

Ibid., pág. 232.

[475](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 243.

[476](#)

Ibid., pág. 251.

[477](#)

Ibid., pág. 259.

[478](#)

Ibid., pp. 260-261.

[479](#)

Ibid., pp, 269-270.

[480](#)

Sykes, As Sete Filhas de Eva, p. 273.

[481](#)

Ibid., pág. 274. A origem das populações européias no Oriente Médio levanta suas próprias questões especiais para pesquisadores alternativos, uma vez que as lendas que indicam uma possível origem geneticamente modificada da humanidade derivam, em parte, de lá, e são essas lendas que contêm a maior quantidade de detalhes sugestivos de tal engenharia. O problema é complicado e confuso por indícios de conexões entre a antiga Suméria e os indo-arianos

culturas da Índia... mas essa relação é, talvez, o assunto de outro livro e investigação.

[482](#)

Ibid., pág. 274.

[483](#)

Ibid., pág. 276.

[484](#)

Ibid., pp. 276-277.

[485](#)

Ibid.

[486](#)

Sykes, *As Sete Filhas de Eva*, pp. 277–278. Sykes observa que essa colonização teve que ser pelo Oriente Médio e não pelo estreito de Gibraltar porque este último era um canal de águas profundas, dificultando a colonização da Europa por essa rota.

[487](#)

Christian e Barbara Joy O'Brien, *O Gênio dos Poucos*, pp. 156–157; ver capítulo 5.

[488](#)

"Evolução humana,"

Wikipédia, www.en.wikipedia.org/wiki/Human_evolution, págs. 4–5.

[489](#)

[489](#)

Ibid., pág. 1.

[490](#)

Ibid., pág. 5.

[491](#)

Ibid., pág. 6.

[492](#)

"Evolução humana,"

Wikipédia, www.en.wikipedia.org/wiki/Human_evolution,pág. 7.

[493](#)

Ibid.

[494](#)

Ibid.

[495](#)

Ibid., pp. 7-8.

[496](#)

Prefeito, Fossil Legends of the First American, p. 38, ver pág. 234.

[497](#)

Michael A. Cremo e Richard L. Thompson, A História Oculta da Raça Humana (Los Angeles: Bhaktivedanta Book Publishing, 1999), p. xix, ênfase adicionada.

[498](#)

Ibid., pp. 103-122.

[499](#)

Ibid., pág. 105.

[500](#)

Cremo e Thompson, A História Oculta da Raça Humana, p. 106.

[501](#)

Cremo e Thompson, A História Oculta da Raça Humana, pp. 106-107.

[502](#)

Ibid., pág. 107.

[503](#)

Ibid.

[504](#)

Ibid., pág. 109.

[505](#)

Ibid., pág. 110.

[506](#)

Ibid.

[507](#)

Cremona e Thompson, A História Oculta da Raça Humana, p. 110.

[508](#)

Ibid., pp. 110-111.

[509](#)

Ibid., pág. 113.

[510](#)

Ibid., pp. 114-115.

[511](#)

Ibid., pág. 117.

[512](#)

Ibid., pp. 120-122. Cremona e Thompson colocam uma foto do objeto na p. 121. Também me referi a ela em meu livro anterior, *The Cosmic War*, pp. 408-409. Examinei o inventário de artefatos inconvenientes de Cremona e Thompson nas pp. 399-412 desse livro. Com respeito às curiosas “bolas” usinadas sul-africanas, também noto sua peculiar semelhança com a lua aparentemente artificial de Saturno, Jápeto (ver *The Cosmic War*, p. 409).

[513](#)

Farrell, *A Guerra Cósmica: Guerra Interplanetária, Física Moderna e Textos Antigos*, pp. iii–iv.

[514](#)

Farrell, *The Cosmic War*, pp. 4-27.

[515](#)

Veja a discussão em The Cosmic War, pp. 15–18.

[516](#)

Veja a discussão em The Cosmic War, pp. 150–166.

[517](#)

Para o texto completo da Lista dos Reis Sumérios e minhas conclusões, veja The Cosmic War, pp. 192-203.

[518](#)

Richard C. Hoagland, “Uma Lua com Vista”, www.enterprisemission.com, Parte Seis. O documento inteiro deve ser consultado para uma compreensão completa dos argumentos do Sr. Hoagland. Para uma versão resumida, veja meu The Cosmic War, pp. 390–398.

[519](#)

Richard C. Hoagland, “LikeaDiamondinthe Céu...”, www.enterprisemission.com.

[520](#)

Richard C. Hoagland, “Pois o mundo é oco e eu toquei o céu”, www.enterprisemission.com.

[521](#)

Richard C. Hoagland, The Monuments of Mars: A City on the Edge of Forever (Berkeley, Califórnia: Frog Ltd., 2001), especialmente pp. 87-198.

[522](#)

Richard C. Hoagland e Mike Bara, Dark Mission: The Secret History of NASA (Port Townsend, Washington: Feral House, 2007), especialmente pp. 113–198.

[523](#)

Ibid., pág. 5.

[524](#)

Ibid., pág. 6.

[525](#)

"Evolução humana,"

[an_evolution](#),pág. 7.

Wikipédia,www.en.wikipedia.org/wiki/Human_evolution

[526](#)

Ibid.

[527](#)

Ibid.

[528](#)

Ibid., pp. 7-8.

[529](#)

E em casos raros de fêmeas humanas, como foi visto no capítulo anterior.

*Genes, gigantes, monstros e homens: as
elites sobreviventes da guerra cósmica
e sua agenda oculta*

© 2010 por Joseph P. Farrell

Todos os direitos
reservados livro A
Feral House

eISBN: 978-1-936-23909-2